

REVISTA DA SEMANA

15-12-45

Cr. \$ 5,00 em todo o Brasil



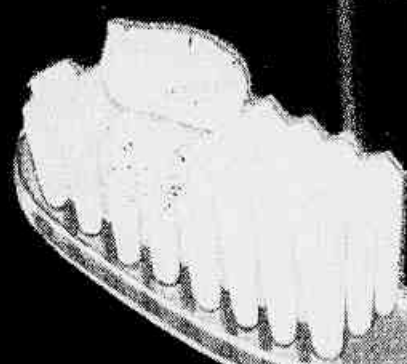
EDIÇÃO DE NATAL

LITERATURA — MODAS — GRANDES REPORTAGENS — COLABORAÇÕES ESPECIAIS — TEATRO — CINEMA — CURIOSIDADES INTERNACIONAIS — ARTES PLÁSTICAS — HUMORISMO — O ANO DE 1945 EM REVISTA



KOLYNOS

É MAIS ECONÔMICO
porque
É CONCENTRADO!



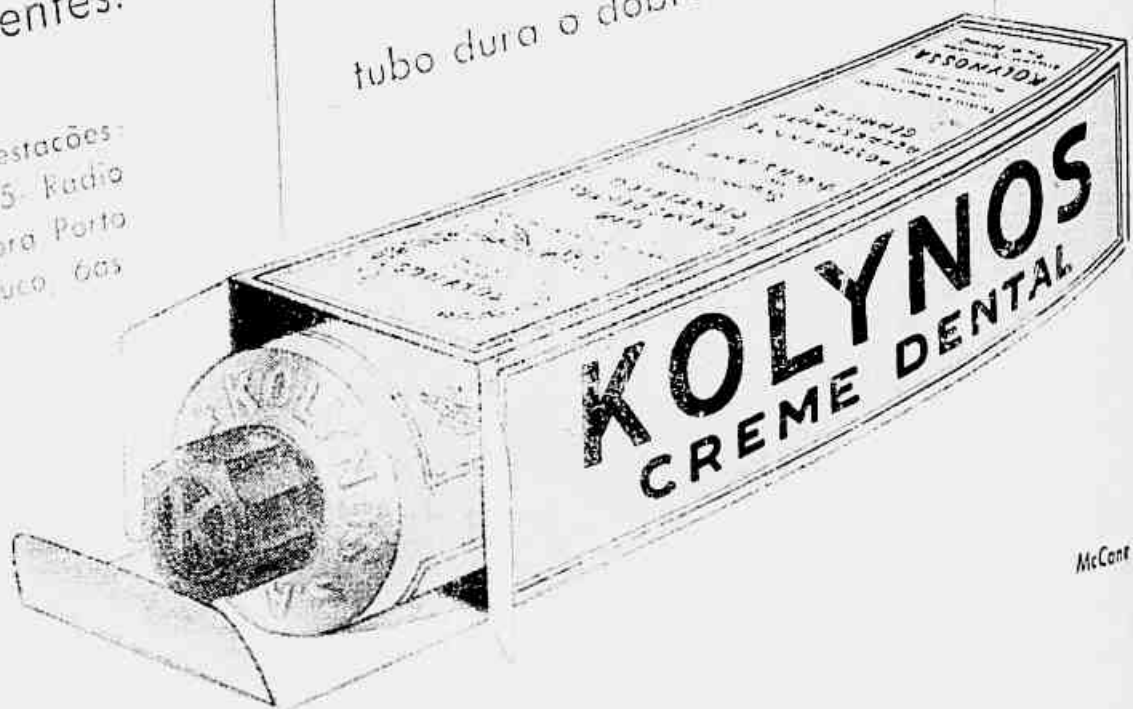
COM efeito: uma pequenissima quantidade de KOLYNOS na escova seca produz uma espuma tão abundante que dá para alcançar o dente mais inacessível, e deixá-lo limpo e brilhante. Faça triunfar o seu sorriso com Kolynos, e não se esqueça de que o dentista é também amigo dos seus dentes.



Ouça "Radio Almanaque Kolynos" pelas seguintes estações:
Radio Nacional, do Rio de Janeiro, 2as. feiras as 21.35; Radio
Tupi, de São Paulo, 3as. feiras, as 20.30; Radio Difusora Porto
Alegrense, 5as. feiras, as 20.15; Radio Clube de Pernambuco, 6as
feiras, às 21.00.

1 CENTÍMETRO
DE KOLYNOS BASTA!

Sim, 1 centímetro de KOLYNOS em sua escova é bastante para realçar seu sorriso, pois KOLYNOS é um creme dental concentrado e completo. Um tubo dura o dobro do comum!



Sumário

EDIÇÃO DE NATAL

ANO XLVI ★ N.º 50

15 — 12 — 1945

REPORTAGENS

Nestes dias tumultuosos (Celius Aulicus) ..	10/17
Figuras e Fatos	30/31
Harry Truman na intimidade	35/37
A revolta da Armada em 93	43/50
Conversando com Peggy Ann Garner (Sagramor de Scuvero)	94/95

LITERATURA

E já vai tarde... (Celestino Silveira)	9
Por que cantam as águas do mosteiro de Holywell (Zenaide Andréa)	18
O casquinho verde (P. M. Rodrigo Cid) ..	19
Bicentenários Unidos (Escragnolle Doria) ..	22
"Merry Xmas" (Edmundo Lys)	26
O Suave Milagre (Eça de Queiroz)	39
A Porta Aberta (H. H. Munro)	42
A Festa (Miguel Torga)	52/53
Os tristes versos de Casemiro de Abreu ...	63
Livros Novos (J. L.)	64/65
A Decepção (Geraldine Max)	66/67
Vende-se uma Senhorita (Marise Santos) ..	68/69
Dezembro (Paulo Barreto)	70/71
A Árvore do Hospital (Nenê Macaggi) ...	92/93

TEATRO

Conversa sobre Teatro (Maria Jacintha) ..	40/41
---	-------

CINEMA

Crônica (C.)	21
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	54/59

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Lú)	23
Quatro Modelos	96/97
Figurinos avulsos	117/118

CURIOSIDADES

Aconteceu em 1945	4/6
Presentes de Papai Noel	24/25
O Tributo de 45 Milhões (N. Pithan e Silva)	51
As ruínas de St. Lô	98/99

TRICROMIAS

Greer Garson	59
Crepúsculo Doloroso (Maria Margarida) ..	60
Ouro Preto (D. Ismailovitch)	61
Carmen	62

SECÇÕES

A Semana em Revista	8
Música	20

APROXIMA-SE o período de festas. Vamos comemorar, enfim, o Natal da Paz, que também pode ser denominado, com inteira justiça, o Natal da Vitória. Aqui está a Edição de Natal da REVISTA DA SEMANA, oferecida aos leitores com os nossos sinceros votos de Feliz Natal. Dias melhores para o mundo. Dias mais compensadores. E que a Paz, a verdadeira, a única, volte a presidir a nossos destinos. E que os faça presidir por muitos, muitos e bons...

NA CAPA

Jinx Falkenburg, um rosto bonito que apareceu bastante em 1945. (E' da Columbia.)





JANEIRO — Chegou ao Rio o coronel Fulgencio Batista. O antigo Presidente de Cuba, que durante anos governou o seu país discricionariamente, aderiu de corpo e alma à Democracia e passou o poder ao seu sucessor, dentro do maior espírito de cordialidade. A fotografia acima foi conseguida na Associação Brasileira de Imprensa, logo após a sua chegada ao Rio.

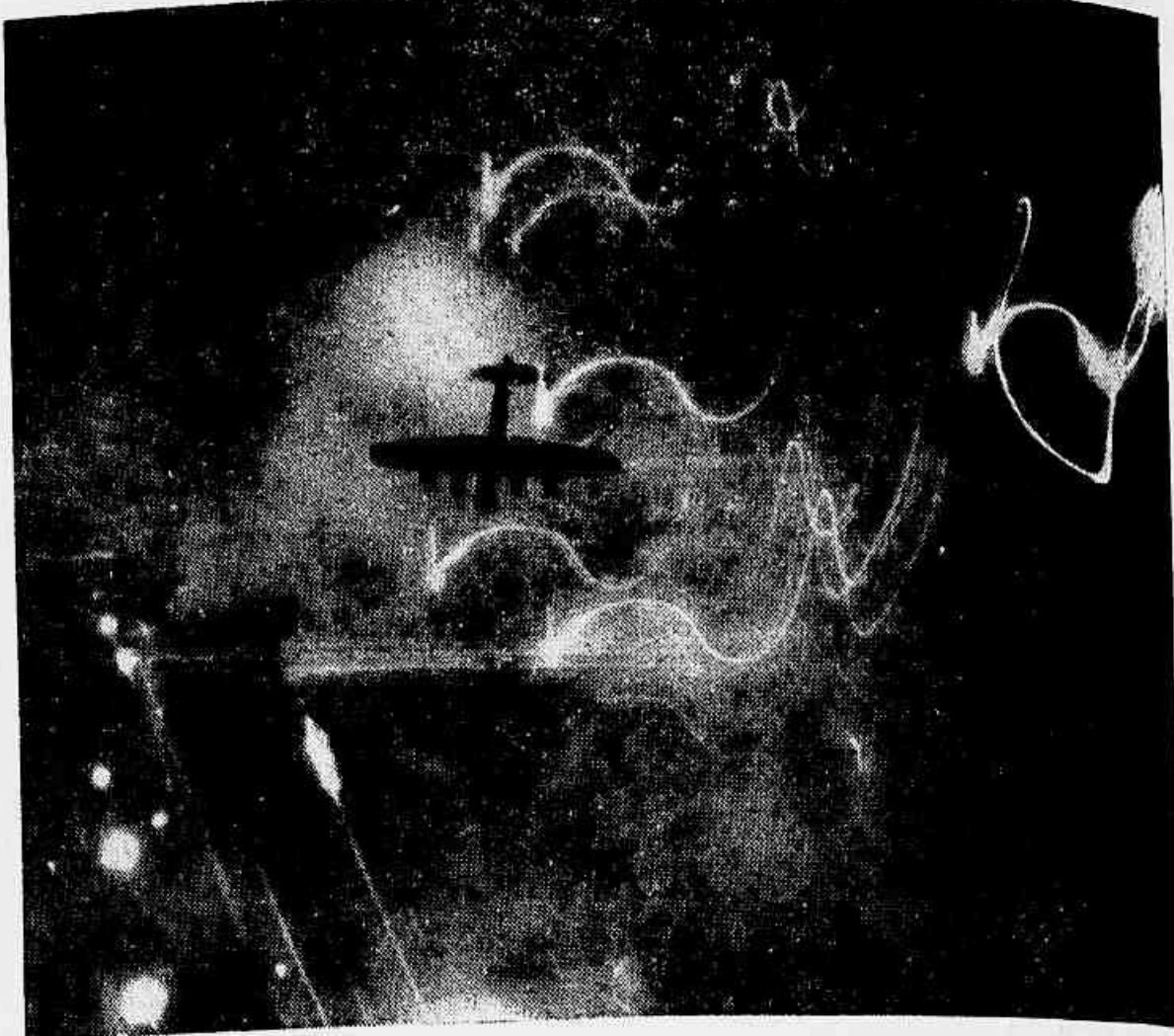
JANEIRO

ESTAMOS em primeiro de janeiro de 1945. Entrou um novo ano cheio de esperanças. Arrancámos ontem a última fôlha do calendário de sangue do ano de 1944. A última badalada da última hora dêsse ano de desgraça morreu no ar sem prantos que a lamentassem.

Entrou o ano de 1945 e os russos entraram em Budapest. — Luta-se tenazmente em todos os setores da Europa. — As estatísticas relâmpagos de New York revelam que em acidentes verificados durante as comemorações do Ano Novo morreram 217 pessoas. — Agora estamos no dia 2. Portugal cedeu aos Estados Unidos as bases dos Açores. — Tito avança sobre Bel-

grado. — Chove no Ceará, sim, senhores. Algumas localidades chegam a inundar-se. — No dia 4 chega ao Rio o general Fulgencio Batista, que é agora um grande democrata. — A Hungria assina armistício com a Rússia. — 5) Notícias de Lisboa informam que os japoneses evacuarão Timor assim que se aproximem as tropas portuguesas; será? — O general Tito invade a Áustria. — Morre Ricardo Jimenez, presidente de Costa Rica durante 12 anos. Ainda não foi inventada até o momento a expressão "curto período". — 6) Desembarcam os americanos em Luzon. — Tóquio foi bombardeada. — Em Cincinatti, nos Estados Unidos, a reportagem descobre a sra. Alverna Babbi, que dirige automóvel, pilota avião,

MAIO — O dia 8 de maio assinalou a data mais festiva do ano: a Vitória. A população do Rio de Janeiro saiu toda para a rua, comemorando entre cantos e festas a grande data. A avenida Rio Branco apresentava o aspecto mais alegre de sua existência. Na foto aparece a grande massa popular empunhando bandeiras e saudando os pavilhões das Nações Unidas.



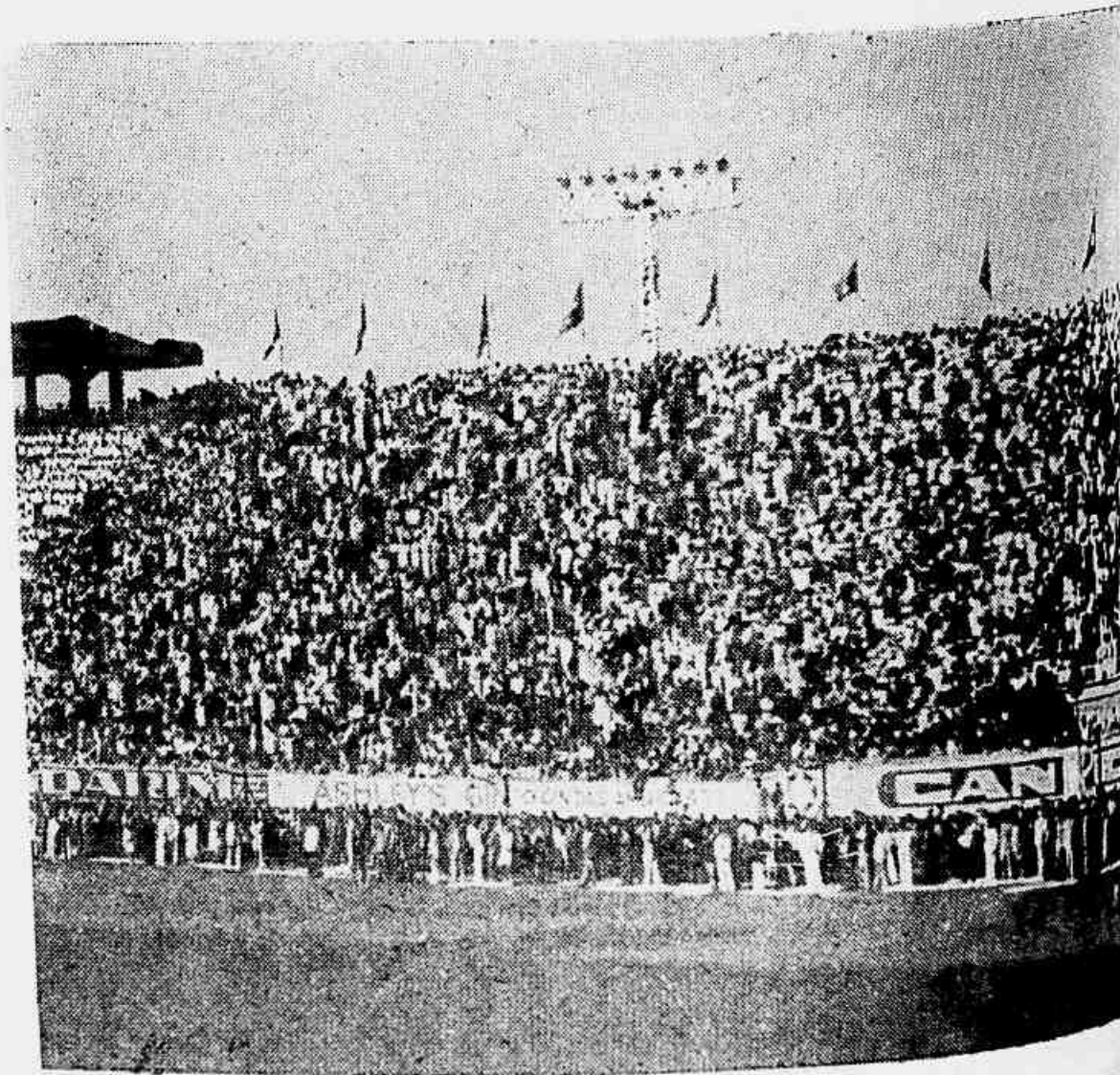
FEVEREIRO — A guerra aérea prossegue com intensidade e violência jamais verificadas. A RAF ataca todos os pontos estratégicos da Alemanha, destruindo estaleiros e usinas. Berlim e Hamburgo estão reduzidas a um montão de ruínas. Na foto aparecem os quadrimotores do Comando de Bombardeio, entre foguetões lançados para fazer luz sobre os objetivos.

ACONTECEU

nada e dirige motocicleta sem ter as duas pernas, que lhe foram há muito amputadas. Quanta gente no Brasil, com quatro pernas, que não faz nada disto! — 7) Na direção de Bratislávia, investem os russos pela Eslováquia a dentro. Os exércitos patrióticos os auxiliam. — 8) Tebas foi ocupada hoje pelos ingleses. Tebas ocupada! Isto até cheira a história. — Os alemães iniciam violenta contra-ofensiva em Strasburgo. As metralhadoras da Wermatch lançam o seu canto de cisne. — Dia 10) As tempestades de neve continuam a castigar os soldados do 5.º Exército Americano. Entre eles

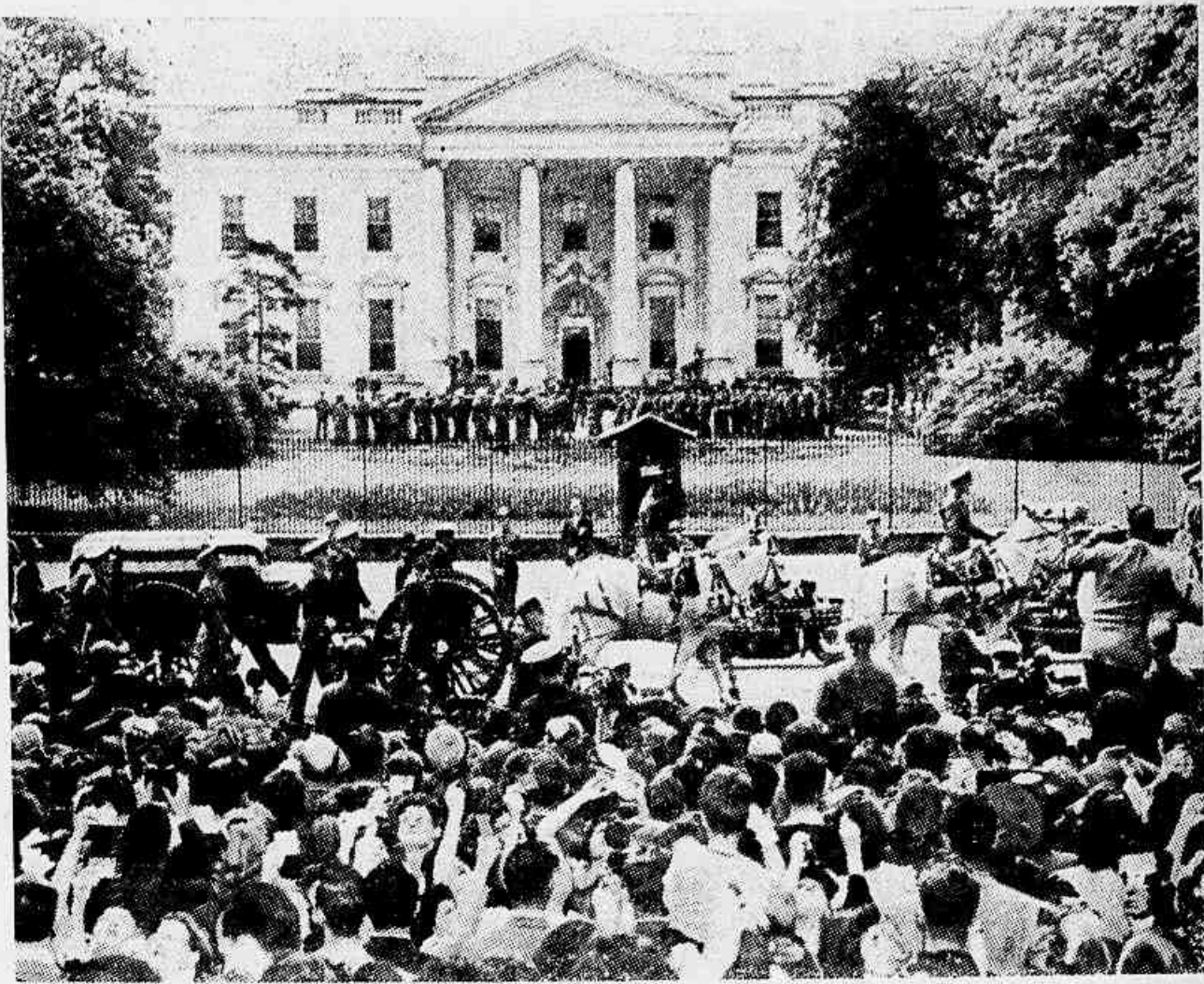
se encontram os nossos pracinhas, nascidos e criados na terra tropical do Brasil, que enfrentam agora o frio dos Apeninos e o rigor dos combates com a mesma serenidade com que trabalhavam nos seus campos natais. — Foi repelida a contra-ofensiva da Alsácia-Lorena. — A F. A. B. entra em ação no norte da Itália. Os "mestiços depravados" estão mostrando aos dolicocéfalos louros de Hitler o valor e o heroísmo das "raças inferiores". — Morre no Rio Abadie Faria Rosa. Não precisamos dizer quem foi ele, pois todos os que ouviram falar em teatro o conhecem sobejamente. — In-

JUNHO — Todas as atenções estão voltadas para os grandes comícios políticos que estão tendo lugar, em prosseguimento à campanha eleitoral dos candidatos à Presidência da República e à Câmara Federal. Nas praças públicas e nos estádios, grandes multidões se aglomeram, vivendo os seus "leaders". Cresce o entusiasmo do povo pelas eleições presidenciais.





MARCO — Morreu Francisco Braga, autor do Hino à Bandeira. Morreu bem velhinho, mas ainda em perfeito gozo de sua lucidez e de sua inteligência. A sua música, serena, perdura ainda e perdurará enquanto houver um moço no Brasil. Francisco Braga mesmo depois de morto conservou a expressão de serenidade, que era uma das principais características suas. No clichê o maestro na câmara ardente.



ABRIL — Diante da Casa Branca passa o esquife que conduz à câmara ardente o corpo de Franklin Delano Roosevelt. A morte do grande estadista talvez tenha sido a mais dolorosa notícia que abalou o mundo este ano. Conduzido por uma carreta de artilharia, o seu corpo foi levado da estação ferroviária a "White House", onde foi visitado por todos os habitantes de Washington. E o mundo chorou...

EM 1945

formam que os nazistas "encanaram" Franz Lehar. Não se sabe por que; talvez, segundo Hitler, "A Viúva Alegre" seja música subversiva. — 11) Terminou hoje a guerra civil na Grécia. "Elas" obtiveram o que queriam. E eles estão satisfeitos. — 12) O rei Pedro da Iugoslávia dá o seu primeiro palpite, declarando-se contrário ao plano de regência de Tito. Tito resolve então optar pela república. — 13) Um dia aziago para a Alemanha: ao longo de uma frente de 960 quilômetros, os

destinada a divertir os que têm que chegar cedo em casa. Todos os casados da Colômbia aderem à turma da "matinée". — No dia 16 o Chile derrota o Equador por 6x3, no Campeonato Sul Americano de Futebol; isto vai para lembrar que ainda existem Chile e Equador. — Dia 17) O Chile se faz novamente lembrado: a terra treme próximo a Valparaíso. — Tremeu também a terra em Varsóvia, com a explosão das granadas russas. Mas hoje a paz voltou à Capital polonesa. A cidade de Chopin foi

instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros quer tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente no dia 31 de dezembro corrente, de modo a ser conhecido o resultado em janeiro ou fevereiro de 1946.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.

que se propõe a salvar a democracia. Salve êle! — 19) Osaka foi pesadamente bombardeada. Começa o "tempo quente" no Japão. O "filho do sol" entretanto está suando frio. — Budapeste acaba de ser totalmente ocupada pelos russos. Já não existem nazistas na cidade. Essas pestes estão dormindo agora na paz de Buda. — Osaka torna a ser bombardeada. Na Formosa também a coisa está feia, com as constantes visitas da aviação americana. — 25) Os jornais dão notícia de um atentado contra Himmler, que escapou ileso. Que pena! — Chegou ontem ao Rio o novo embaixador americano, Alf Berle Junior. — ameaçam atacar

os novos tipos
"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

de bombas voadoras V-4. — Tóquio é pesadamente bombardeada pelos aviões "yankees". Tudo vai mal para o Japão, graças a Deus. — No dia 27 os americanos voltam a mandar mensagens verticais a Tóquio. — 28) Morre Filinto de Almeida. Vaga na Academia.

O mês de janeiro termina como sempre no dia 31, sem grandes novidades. Parece que a guerra está prestes a acabar. Todos começam a esperar o "mundo melhor".

FEVEREIRO

Começou o mês de fevereiro. Apesar da guerra, o Carnaval está pondo a cabeça de... Minguado, tímido. Mas (val. No dia 1.º dos Unidos)

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato officio, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 31 do corrente mês.

AVISO IMPORTANTE

Pedimos às pessoas que queiram concorrer à segunda apuração do nosso concurso de contos, o obséquio de, quando trouxerem pessoalmente os seus originais, entregá-los diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma, à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar, afim de evitar possíveis extravios.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

AI AMÉRICA, AMÉRICA



Já se está pensando em sucessão presidencial nos Estados Unidos. Truman terá fatalmente que deixar a Casa Branca no fim do quadriênio, se não se lembrar de candidatar-se também ao mais alto posto da Nação. Os republicanos e democratas já preparam as convenções dos partidos que devem escolher entre os seus membros um candidato à cadeira do gabinete onde se sentaram Lincoln e Roosevelt. Se este último ainda estivesse vivo, seria com certeza um deles. E venceria também com certeza.

Mas Roosevelt está morto. Esta é a verdade dolorosa: Roosevelt morreu. Nunca mais a sua voz serena de pensador e de político se fará ouvir, através da extensão vastíssima dos quarenta e oito Estados da União. Nunca mais se verá em torno de um mesmo ideal homens de todas as ideologias e de todas as crenças. Nunca mais os negros votarão num candidato democrata. E assim voltaremos ao passado: os prefeitos, financiados pelos "gangsters" e "kidnappers",

comprarão votos às mancheias; os grandes industriais aplacarão as greves com as suas polícias particulares. Henry Ford estará sentado em seu gabinete austero, olhando de longe as fábricas que fumegam e vendo passar os operários que não podem fumar. Hoover porá a cabeça de fora e falará de um novo sistema de proteção a Cuba. Os negros voltarão ao Harlem, se não quiserem voltar à força. Os "kun-kun-klan" estarão bem alertas, embugados na noite, à espera de uma provocação para recomençar a chacina. E a "legião negra" espantará os trabalhadores estrangeiros debaixo dos ciprestes dos cemitérios. E' provável até, América, que o Senado vote de novo a lei seca. Ai estão de novo os seus filhos pensando na sucessão presidencial. Arranje para você um homem que seja verdadeiramente um namorado seu, como o foi Franklin Delano Roosevelt. Passe em revista os seus cento e trinta milhões, América, e escolha um dentre eles que seja capaz de seguir o que fez aquele. Escolha entre todos, América, que, muitas vezes, nos recantos mais apagados do celeiro é que se encontra o trigo melhor. Escolha, América, com muito cuidado, que um pequeno engano pode lhe ser fatal. Olhe o que aí está e veja se este é o mundo melhor que tanto nos foi prometido. Olhe e lembre-se de seu grande filho, América, lembre-se de Franklin Roosevelt. Do contrário, não sabemos o que será de nós e o que será de você, ai, América, América...

O NOIVO INCÓGNITO



Corre novamente a notícia do noivado de Carmen Miranda. Alguns jornais chegam mesmo a dar o nome do noivo: José Carlos Niemeyer, piloto aviador. No Ministério da Aeronáutica porém não consta o registro de piloto algum que tenha esse nome. No entanto os cronistas de cinema continuam a insistir no assunto. Carmen desmentiu uma vez. Um jornal desmentiu outra. Mas agora o mesmo órgão volta a dar notícias desse noivado estranho. Que haverá com certeza? A ilustre falsa baiana terá mesmo o seu romance aéreo, ou tudo não passa de um boato falso ou de um truque de publicidade? Se é verdade o noivado, por que esse noivo não aparece? E se Carmen se casar, continuará no cinema ou nos livros de seus filmes de uma vez para sempre? A história se complica e cada vez se entende menos do assunto. O caso parece-se até com um enredo de comédia barata, dessas que Hollywood fabrica em séries para o paladar do público das poeiras. Um qui-pro-quo dos diabos. E a gente fica esperando que tudo se esclareça e que no fim o noivo e a mocinha vivam felizes por muitos anos, unidos pelo

padre e pelo juiz. E, enquanto se espera, novos filmes de Carmen Miranda vão chegando dentro das latas redondas. E a cada filme novas decepções. Antigamente, quando Hollywood ainda era para os brasileiros uma miragem longínqua, a voz de Carmen Miranda tinha para nós, que a ouvíamos através dos rádios de café, em vésperas de Carnaval, um encanto todo próprio e uma graça toda especial. Ela era então quase uma adolescente, irrequieta e graciosa. Depois o cinema a chamou. Foi, e dizem que venceu. Cantou em filmes, aprendeu a arrancar o inglês. E voltou enrolada em celulóides horríveis. Puxava nos "rr", exagerava o seu exagêro natural. E quanto mais ela exagerava, mais subia no conceito dos diretores de Hollywood. E quanto mais subia no conceito dos diretores, mais caía no conceito dos brasileiros. Além disto, muitos anos se passaram sobre a sua glória de cantora. Não era mais a moça irrequieta e graciosa. Era uma mulher feita que se portava como uma menina diante da "camera". Agora correm rumores de que ela vai se casar. Felicidades, Carmen Miranda. Case-se mesmo e seja feliz. Case-se e abandone o cinema. Você já está mesmo em idade de pensar em coisas sérias e deixar de cantar as musiquinhas idiotas que o cinema arranja para você. Case-se, que talvez algum dia a sua filha seja uma menina-e-moça alegre e graciosa que canta no rádio. E nós teremos muito gosto em ouvi-la.

PINTORES



Já veio tarde... O salão de 1945 inaugurou-se segunda-feira, sem grande alarde. Os próprios expositores estavam desanimados, pensando já que a coisa não iria adiante. Mas foi. Os quadros e as esculturas estão, como sempre, colecionados com carinho, em duas seções: acadêmicos e modernos. Todo mundo sabe que os artistas brasileiros são muito bonzinhos, muito educados, muito cheios de ética, etc. Mas não convém nunca juntar as duas correntes. Ninguém pensa em briga, ninguém pensa em insultos. Todos são unânimes em acreditar na serenidade dos ânimos dos nossos artistas. A separação é apenas uma questão de catálogo. Quem disse que era para evitar desinteligência? Ninguém pensou nisto. Que absurdo! Quem acredita que um moderno fale mal de um acadêmico, ou vice-versa? Ninguém. Pelo contrário: os adeptos de uma corrente sempre têm para os da outra as palavras mais carinhosas de admiração e respeito. Isto são apenas considerações em torno de um antagonismo cordial e elegante, que existe no Brasil entre acadêmicos e modernos. Agora o salão: Pelas paredes se penduram velhos conhecidos, em quadros novos. Há coisas boas e há coisas... Bem, continuemos a explanação. Não sabemos por que nos vem agora à memória uma marchinha popular:

"Pintor quando arranja inspiração
Faz uma coisa qualquer,
Ganha um prêmio no salão."

Sabemos que esta quadrinha é inconsequente e ingênua e que não tem nada a ver com o salão de 1945. Temos confiança no júri, que representa o que há de mais sério e mais reto em nossas artes. Continuemos pois com a nossa visita à admirável mostra de arte: quadros, esculturas... Nada mais. Também nós não viemos ao salão para assistir a baillados. Vamos ver o que há de novo por aqui. Nada de novo. O catálogo parece um comunicado oficial a Berlim em dias de fim de outubro de 1918: nada de novo.

Os pintores, com exceções, é claro, são os mesmos. Até alguns modelos são nossos velhos conhecidos. Aquêlê pato, por exemplo, parece que o vimos aqui mesmo o ano passado. Ele está um pouco diferente agora, parece que caiu mais para um lado. Mas é o mesmo palmípede, não há dúvida. O seu autor também é o mesmo. Que grande coração! Que amor pelos animais! Barrou São Francisco. Será mesmo amor pelos animais, ou o quadro é a tradução gráfica da filosofia popular que diz que "poleiro de pato é no chão". Ou será ainda uma sátira ao Botalogo? Não o sabemos. Admiramos entretanto a notável eficiência da geladeira do pintor, que durante todo um ano conseguiu conservar um pato morto. Com pena e tudo.

PALHAÇOS



Nem sempre é alegre a vida do palhaço. Lembra-vos do caso daquele "clown" que foi fazer uma consulta ao doutor. Era uma poesia bonita, se era. Principalmente se reitada pela Lurinha, filha do tabelião, entre a "Lua de Londres" e o "Pequeno Morto". Mas morreu a poesia e ficaram os palhaços. Há muito que não os vemos, pois os circos são raros hoje nas grandes cidades. Agora, por exemplo, a respeito das eleições, apareceram no noticiário alguns palhaços. Eis o caso: Em Iguazú, uma ilha que todos os baianos sabem que fica na boca da baía de Todos os Santos, entre um marul e outro da barra, estava armado um circo, na única cidade existente naquele bloco de terra. E ali, como em todos os outros municípios do Brasil, houve eleições no dia 2 de dezembro. Mas ali como não aconteceu em todos os outros pontos do território nacional, houve "marmelada" na boca do subgêlo. Os artistas do circo não tiveram conhecimento das eleições, nem pensaram em se classificar como eleitores. Continuaram a dançar ao arde-bombo e a palrar

de um trapézio para outro, a quinze metros de altura, sem rédes, senhores, sem rédes! Chegou por fim o dia das eleições. Um cabo eleitoral apareceu no circo e resolveu que todos os que ali trabalhavam deviam votar, mesmo que não estivessem alistados. Conduziu a turma toda para a seção mais próxima. Foi a moça do arame, foi a graciosa menina do cavalo branco e dos cabelos negros, foram os "clowns", foram os bacalhous. Nem os amarra-cachorros escaparam. Foram também obrigados a cumprir o seu dever de cidadãos brasileiros, apesar da profunda nitidamente macarrônica de seu português inatível. Na seção, mesmo contra os protestos dos Escals de diversos partidos, a turma toda meteu suas cédulas no saco. Feito isto, o cabo eleitoral puxou a urna para cima da mesa e, entregando-a ao presidente, declarou: "Tal pode contar os votos".

Isto era o que ele queria. Puxou a urna direitinho, pensando com certeza numa boa colocação quando o seu chefe viesse. Mas os votos não foram contados. O cabo eleitoral mostrou ser de circo, mas nesta hora deve estar com cara de boia. O fato tornou-se público e os votos foram anulados. O Tribunal Eleitoral da Bahia não deixou que as eleições se transformassem numa palhaçada. Todos os candidatos foram prejudicados pela fraude.

Marcha nem sempre dá certo puxar a urna

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A revista das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Paris de 1931 e as Grandes Prêmios das Exposições de São Paulo e de 1935, e da Feira Internacional de S. Paulo em 1935.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA

Porte simples: Um ano — Cr\$ 20,00. Sem meses — Cr\$ 25,00.

Registrada: Um ano — Cr\$ 25,00. Sem meses — Cr\$ 30,00.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 30,00. Sem meses — Cr\$ 35,00.

O número avulso custa Cr\$ 1,00 em qualquer parte de país e sempre encoberto Cr\$ 1,50.

Vendas de Manuscritos: 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rua de Janeiro, 15 — Caixa 21-222. Correio: 15-1555. Telefone: 15-1555. Publicidade: 15-1555. Fotografia: 15-1555. Postal: 15-1555. Subscrição em S. Paulo: Rua de Janeiro, 15 — Caixa 21-222. Correio: 15-1555. Publicidade: 15-1555. Fotografia: 15-1555. Postal: 15-1555.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia Times Bldg., New York City. Na América Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 424, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Pressa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 5109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos misturados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 100 PÁGINAS

O preço de circulação da REVISTA DA SEMANA está determinado só pelo custo de impressão e distribuição. Não nos responsabilizamos pela devolução de exemplares não vendidos.



BEM pesado, medido e calculado, não há razões de queixa do ano que aí está de malas prontas. Muitas coisas que nós desejávamos eliminadas, o foram, enquanto outras coisas boas pelas quais tanto suspirávamos, aconteceram. Terminou a guerra e com ela a ditadura, dois presentes do céu, um para o mundo, o outro para o Brasil. Morreram Mussolini, Laval, outros comparsas, e dizem que também Hitler. Vieram as eleições e regressaram os "pracinhas". Alegria, muita alegria, nos arraiais brasileiros. E por aí adiante. Até Carnaval vamos ter!

Por que admitir que o ano velho já vai tarde? Ele vai na hora exata, depois de ter dado, brilhantissimamente, conta do seu recado. No entanto a gíria do ano está sendo aplicada em relação ao adeus de 1945. É curioso: quem mais a aplica é quem melhor se aproveitou dos seus suculentos trezentos e sessenta e cinco dias. O cavalheiro de indústria, que pôde enfim realizar seu supremo ideal e comprou um carro depois de terminado o racionamento de gasolina. O outro que reuniu os capitais necessários para morar em casa própria à custa do câmbio negro. O que teve sobras para comprar um sítio em Pati. O que pôde, enfim, casar-se, livre e desembaraçado do compromisso militar.

Até os jovens que um ano antes embarcavam, de coração apreensivo embora de ânimo

JÁ VAI TARDE

bem alto, rumo aos campos da Itália, voltaram quase todos mais fortes, bem nutridos e com uma reserva pecuniária nada desprezível. Por que dizer então que 45 já vai tarde?

Simples questão de vício. Vício de ser do contra. Mas para uma gíria, outra gíria aparece. Talvez muitos aproveitadores dêste ano da Vitória merecessem que alguém lhes murmurasse baixinho, ao ouvido, para o vizinho não escutar:

— Meu velho, esta sopa vai acabar...

(Resta saber se vai mesmo acabar ou se continuará.)

★

Houve, evidentemente, também ocorrências amargas. A morte do Presidente Roosevelt aconteceu êste ano, e melhor fôra que não acontecesse nem nos anos mais próximos. Muitas famílias brasileiras assistiram ao desfile dos "pracinhas" com os olhos marejados de lágrimas, chorando a ausência do filho, do

pai, do irmão ou do espôso que ficou no campo santo de Pistoia. Quando ia mais aguerrido o desfile na Avenida e o cordão de isolamento era quebrado pelo delírio das moças dispostas a arrancar do uniforme dos moços um "souvenir" da guerra, vimos na Galeria Cruzeiro uma pobre mulher batendo palmas, espremida na multidão:

— E' seu filho que está passando?

— Meu filho, não. Meu neto, mas...

E rindo e chorando:

— ...mas não veio. Ficou na Itália. Foi porque êle e outros quatrocentos ficaram que êstes podem voltar assim, triunfadores... Deus os abençoe!

E a avozinha que perdeu o neto em Monte Castelo continuou batendo palmas, espremida na multidão, de mistura com os parentes felizes dos que voltavam. Mas sufocando a dôr grande do luto. Tipo perfeito da avozinha brasileira, de cuja existência ninguém tomava conhecimento.

Sim, para ela 1945 já vai tarde. E antes não tivesse vindo. O neto continuaria vivo.

★

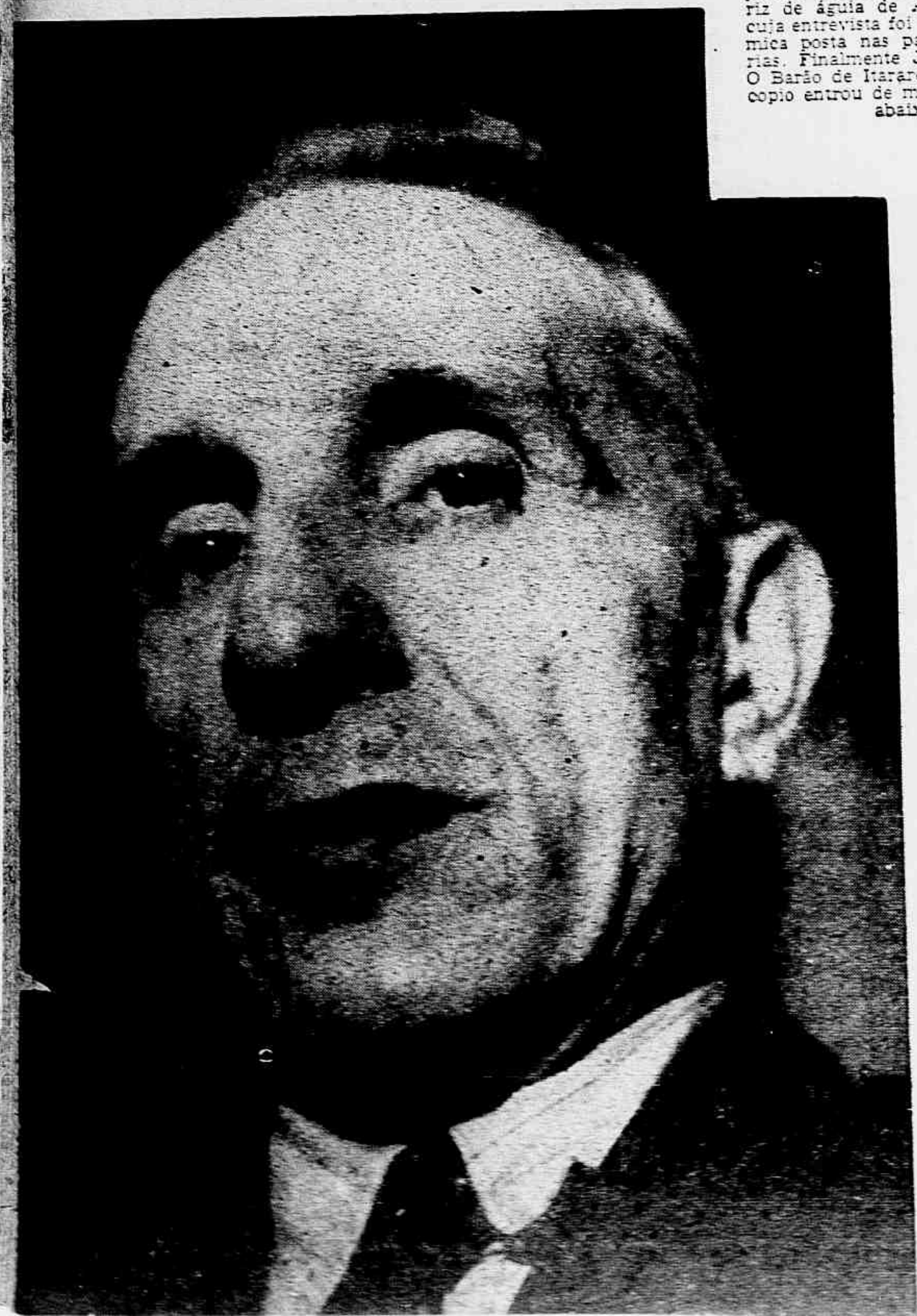
A fúria com que recebemos, de alma e coração escancarados, um novo ano, é uma incoerência. Ninguém se lembra da velhice até

CELESTINO SILVEIRA

(Continua na pág. 116)



Da esquerda para a direita e do alto para baixo: Belmonte, pai de Juca Pato, que declarou à REVISTA DA SEMANA: "A caricatura é uma arma e deve ser usada na luta". Erico Verissimo, que elogiou os Estados Unidos, falou do grande exemplo americano, tomou uma xícara de café e embarcou para o Rio Grande do Sul. O nariz de águia de Agripino Grieco, cuja entrevista foi uma bomba atômica posta nas panelinhas literárias. Finalmente Joracy Camargo. O Barão de Itararé diria que Procopio entrou de meia cara na foto abaixo.





FLAGELO NA CIDADE DAS HORTÊNSIAS — O povo de Petrópolis desce para o leito do Piabanha, que corre barrento e caudaloso, para lavar os utensílios que a inundação soterrou sob a lama. Numa noite de domingo para segunda-feira, as chuvas torrenciais inundaram os bairros altos. Os enxurros correram fortes e os encanamentos de Caxambu não resistiram à pressão hidráulica, rompendo-se estrepitosamente. A água desceu como uma avalanche, encontrando pela frente uma cidade sem diques. As edificações dos bairros ricos, sólidas e grandes, nada sofreram. Mas nos subúrbios os barracões proletários foram tragados pela força da torrente. Mais de trinta mortos, entre os quais mulheres e crianças...

NESTES DIAS TUMULTUOSOS

O "CARNET" DE UM REPORTER PASSADO EM REVISTA — PAPEIS ESPARSOS LEMBRAM REPORTAGENS MOVIMENTADAS DE UM ANO INTEIRO — NOTÍCIAS SENSACIONAIS E VULTOS FAMOSOS — AS RELIGIÕES DO RIO — RUAS DA CIDADE

Escreveu Celius Aulicus

Fotografou Arnaldo Vieira

PAPÉIS sobre a mesa... muitos papéis, que se agitam e tremem quando o vento quente entra pelo vasculante, trazendo de fora a poeira da rua. Papéis soltos, papéis amigos. Entre eles, revistas velhas, fotografias que "sobraram" de velhas reportagens, provas de composições a reduzir, que o chefe da oficina foi acumulando aqui durante todo um ano. Papéis velhos, papéis amigos. Agora, depois de 52 semanas de pedidos reiterados do secretário da redação, quando finda mais um ano de trabalho, resolvemos fazer uma faxina em nossa mesa e pôr para fora toda essa papelada que se amontoou durante quase trezentos e sessenta e cinco dias. Enquanto ainda não vão para a cesta estes papéis, passemos-os em revista:

DEPOIS DO "RÉVEILLON"

Esta fotografia foi tirada numa gafeira. Estivemos ali, no baile de gala da noite de São

Silvestre, misturados com os negros, gozando o "réveillon" das domésticas e dos estivadores. Enquanto funcionava a "camera", os "swings" e os sambas abalavam a sala. Começou aí o nosso ano de trabalho. E mal a REVISTA rodava com esta reportagem, já outra estava em andamento, porque os leitores reclamavam novas emoções e queriam se esclarecer a respeito de outros acontecimentos.

Foi por isto que Celestino Silveira deixou a secretaria da redação e bateu para São Paulo, atrás do operado de Pindamonhangaba, que agitava todo o Brasil. Uma operação feita no escuro, no espaço apertado de uma sala de centro espirita, levava para Pinda as atenções de todo um hemisfério. Celestino foi e viu. Voltou e contou para os leitores da REVISTA DA SEMANA tudo o que lhe fora dado observar. Não foi nem contra nem a favor, não deu palpites: contou o que viu. E

A MULHER NUA — A reportagem feita sobre o modelo vivo da Sociedade Nacional de Belas Artes suscitou comentários os mais diversos. Muitos taxaram-nos de imorais e de escandalosos. No entanto podemos repetir, sem medo, as palavras de Eduardo III: "Honni soit qui mal y pense".

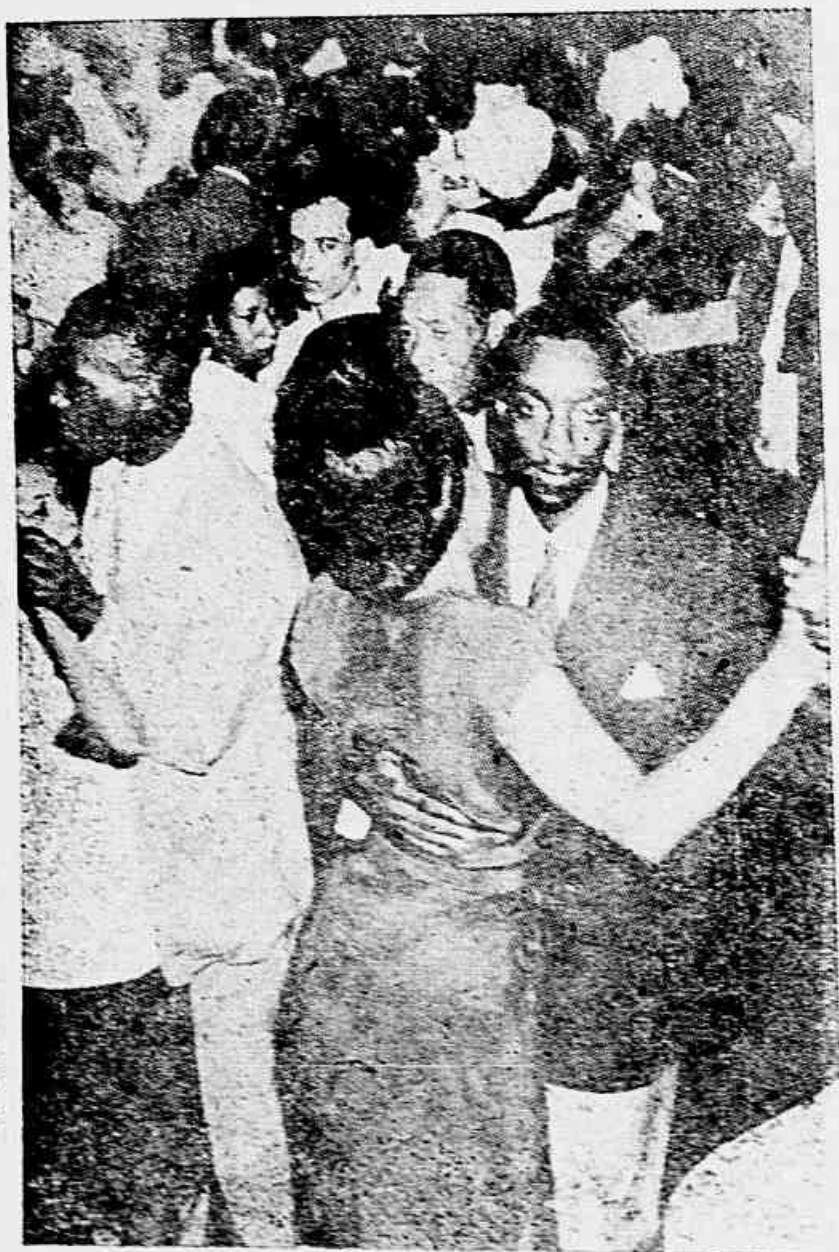




IRENE CID DE FREITAS — Esta fotografia, que nenhum outro reporter apresentou ao público, foi também considerada escandalosa. Para consegui-la burlamos a vigilância policial e conquistamos as boas graças de um auxiliar de necrópsia. Achamos que ela seja um documento importante no caso de Antonio Soares, o paranóico que assassinou a mãe de seus próprios filhos para consumir um crime perfeito.

voltou. Voltou à sua mesa de trabalho, pronto a sair para outra. E outras vieram...

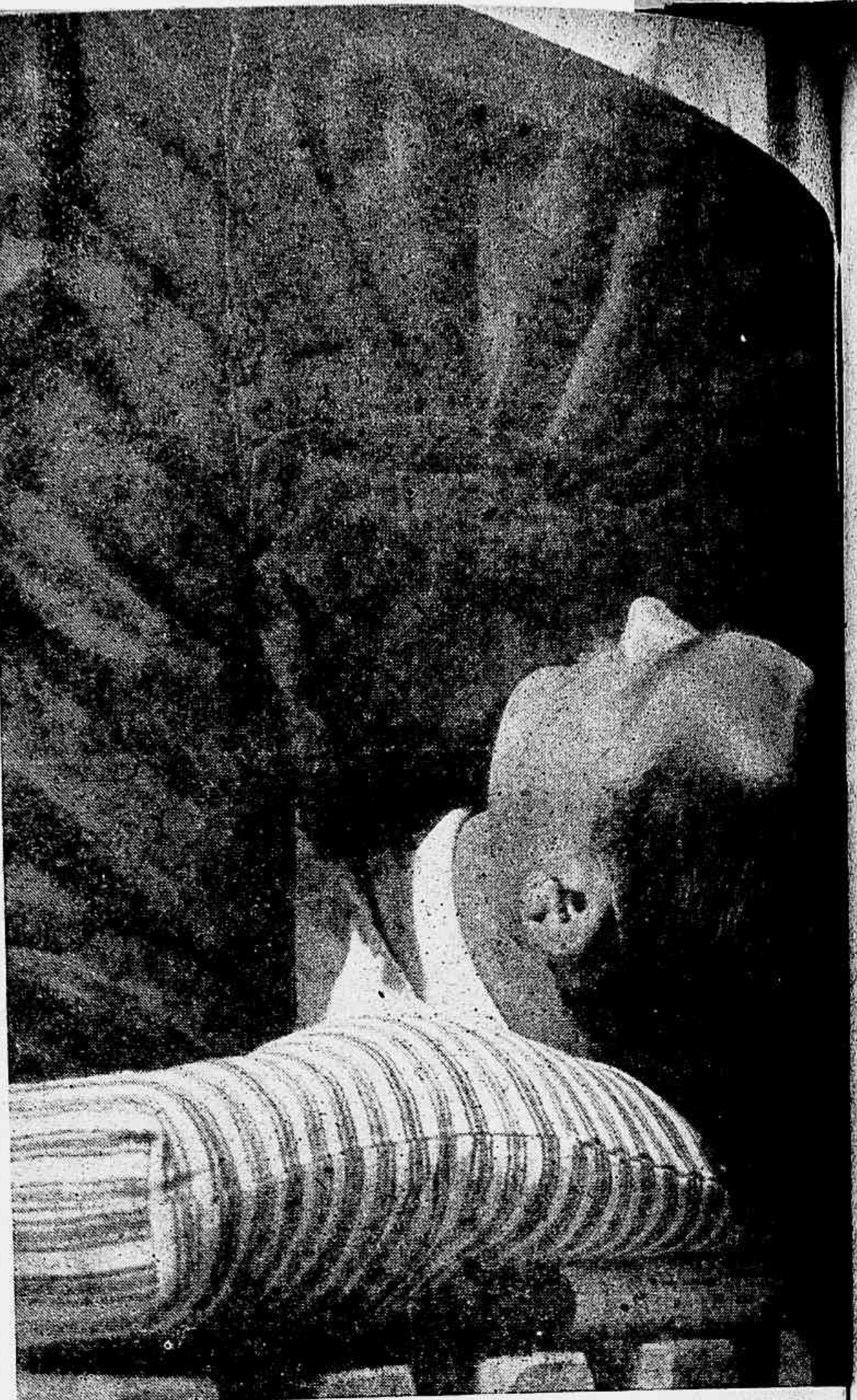
"NUI DE REVEILLON" — A noite de São Silvestre na gafeira foi uma festa animada. Ali estivemos, e depois contamos aos nossos leitores tudo o que vimos no baile dos pobres. A gafeira não é dos malandros. Os que dançam de noite trabalharam todo o dia.



A VIDA DOS OUTROS

Isto aconteceu em janeiro, quando ainda tínhamos o corpo amolecido pela ressaca do "réveillon". Foi no último número desse mês que a REVISTA publicou a sua primeira entrevista do ano: uma conversa de Agripino Grieco. Foi uma bomba. Agripino disse coisas horríveis sobre os intelectuais brasileiros. "Meteu a catana" em meio mundo, arrasou reputações velhíssimas. Não sabemos se foi um modelo de ética essa entrevista. Podemos afirmar porém que ela foi bem gozada. Muitos Pachecões que andam por aí com os "robustos talentos" forçando as paredes cranianas, tiveram os fundilhos rasgados pelas farpas das palavras de Agripino. Essa foi a primeira entrevista do ano. E outras se seguiram. Entre elas figura em plano superior a reportagem feita em São Paulo, por Celestino Silveira, com o caricaturista Belmonte, pai de Juca Pato. Belmonte falou muita coisa, mas entre elas falou uma que foi grande: "A caricatura é uma arma e deve ser usada na luta". E Belmonte continua a usar na luta a sua arma. Alto, magro e sereno, não parece um combatente. Mas é. O seu lápis é mais perigoso que uma metralhadora "Thompson". Juca Pato é mais destruidor que uma bomba atômica. Foi isto o que ficou claro na reportagem que a REVISTA DA SEMANA publicou sobre sua vida.

Outra vida que a REVISTA vasculhou foi a de Viana Moog, recentemente eleito para a Academia Brasileira de Letras. Clodomir Viana Moog (quem sabia que ele se chama Clodomir?) contou muitas coisas à nossa reportagem. Contou como fizera duas revolu-

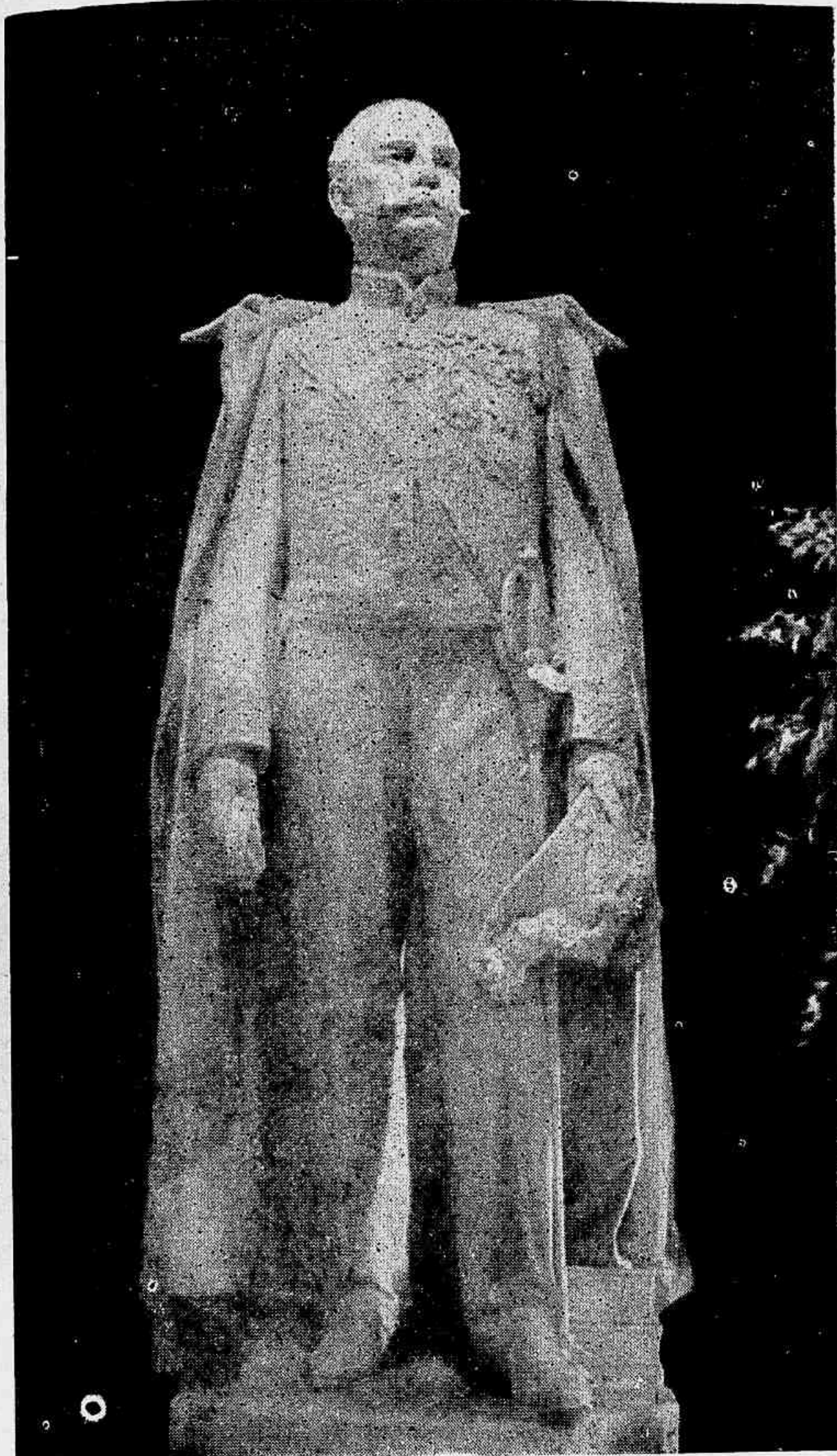


O OPERADO DE PINDA — André di Bernardi, operário, residente em Pindamonhanga, não poderia, dois meses antes de ser operado, adivinhar que o seu nome correria todo o Brasil e as repúblicas vizinhas. Submetido porém a uma intervenção cirúrgica, movimentou todos os jornais e originou os comentários mais desencontrados e divergentes. Autoridades médicas e próceres religiosos discutiram o caso.

ções sem dar um tiro. Muita gente o fez. Mas ninguém contou. E o escritor falou de outras coisas. Falou do exílio no Amazonas, expôs seus projetos. Depois vestiu o fardão e tomou posse. O seu retrato apareceu de novo na REVISTA. Confrontando agora dois retratos verificamos que ele fica melhor à paisana.

Falemos agora de Joracy Camargo, que nos concedeu uma entrevista sobre o teatro soviético. O grande fabricante de mendigos falou amplamente, mostrando-se perfeito conhecedor do assunto. Não fez "blague", não fez filosofia. Esclareceu o que era o teatro na Rússia e expôs uma série de argumentos em favor do aproveitamento do grande exemplo. Elaborou um plano de fundação de teatros ambulantes. Entusiasmou-se com as próprias palavras e traçou projetos arrojados. As suas palavras saíram à rua em letra de forma e fizeram sucesso. Todos as leram, menos aqueles a quem elas eram dirigidas. E o teatro brasileiro continuou a viver, anêmico, mirrado, mais andrajoso que os personagens de Joracy.

Joracy falou do teatro soviético. Erico Verissimo falou da América do Norte. Elogiou os Estados Unidos, fez a apologia da grande democracia "Yankee". Levantou o braço brechenho direito, desceu a pálpebra esquerda e recordou os bons dias de São Francisco em palavras saudosas. Contou como conversava com os estivadores nos botequins do porto, vestido de blusão e coberto por um chapéu velho. Disse da surpresa dos sulistas que encontravam negros à sua mesa em jantares de cerimônia. Quando acabou de falar, Erico Verissimo tomou um café, arqueou de novo as sobrancelhas e embarcou para o Rio Grande do Sul.

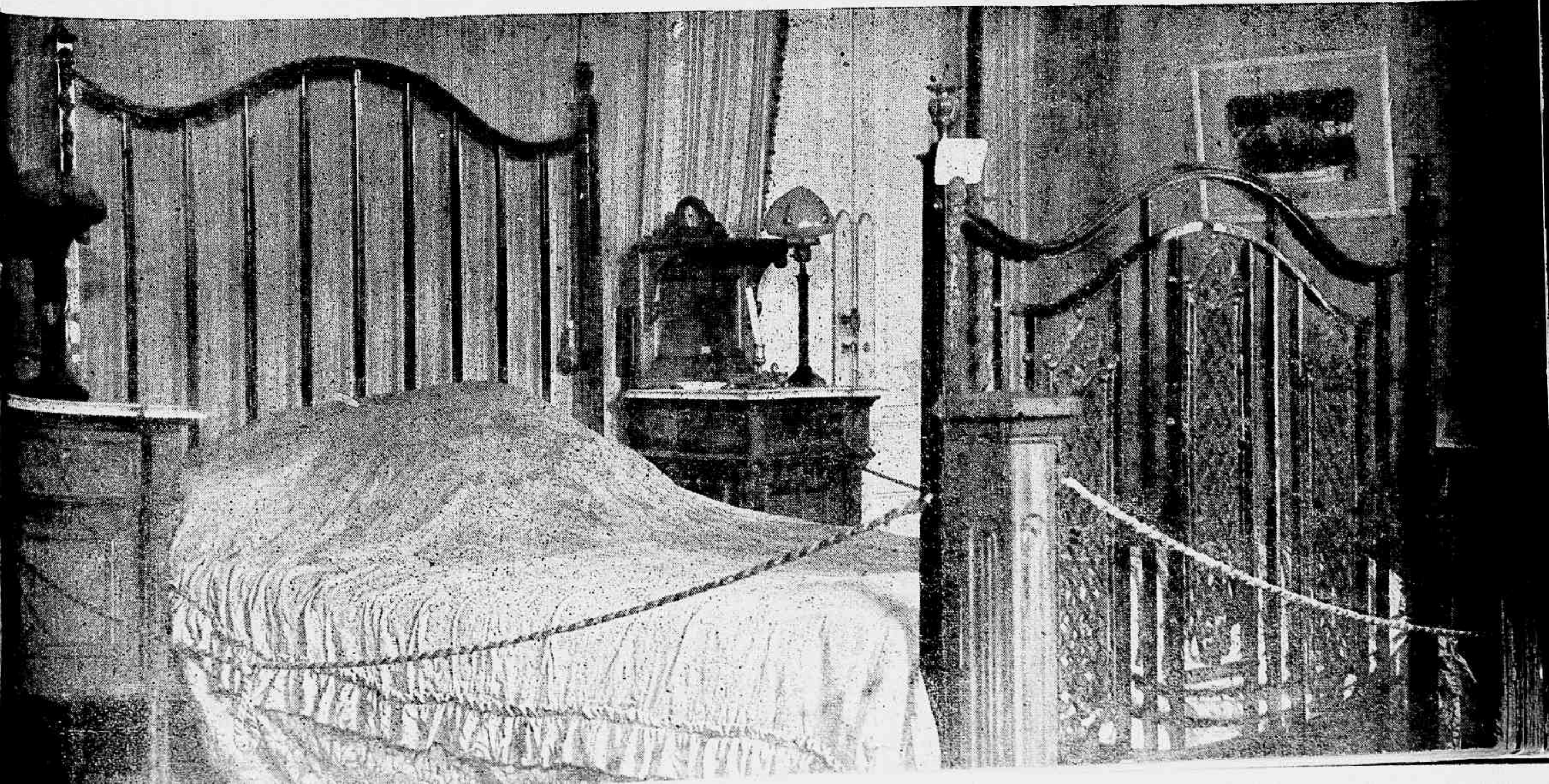


RIO BRANCO — Ao se comemorar o centenário de nascimento do Barão do Rio Branco, foi inaugurada a sua Exposição no Itamarati. Conversando com os seus organizadores, revendo velhos alfarrábios, inspeccionando as vitrines e as montras, conseguimos dados para uma reportagem retrospectiva sobre o grande diplomata. Na foto aparece a estátua de Rio Branco, cópia em gesso da existente no monumento, que figurou na entrada da Exposição.



SANTOS DUMONT — A sala Santos Dumont do museu Ipiranga é dedicada exclusivamente ao imortal brasileiro. Sobre esta sala e seu patrono, Celestino Silveira escreveu brilhante reportagem, na qual explicou como o Pai da Aviação havia previsto a guerra da Europa e como isto contribuiu para a sua morte. Entre os objetos fotografados na sala Santos Dumont estava a indumentária acima: a roupa listrada e o famoso chapéu desabado.

RUY BARBOSA — Outra reportagem retrospectiva foi feita por nós na Casa de Ruy Barbosa, na rua São Clemente. Ali, entre outras relíquias da Águia de Haya, encontrava-se o seu leito de morte. É essa cama que aparece na gravura abaixo, ladeada pelos criados-mudos do casal Ruy Barbosa, sobre um dos quais repousa ainda a vela que foi posta na mão do jurista, ao se aproximar o último segundo.



Durante o ano não foram poucas as vezes que Celestino Silveira arribou para São Paulo em busca de material para as suas reportagens. O lápis funcionava e o noticiário de grandes acontecimentos ou a história de grandes instituições eram oferecidos aos nossos leitores. O desenvolvimento da grande metrópole foi sendo registrado em todos os seus detalhes em nossas páginas, através de muitas semanas de trabalho intenso.

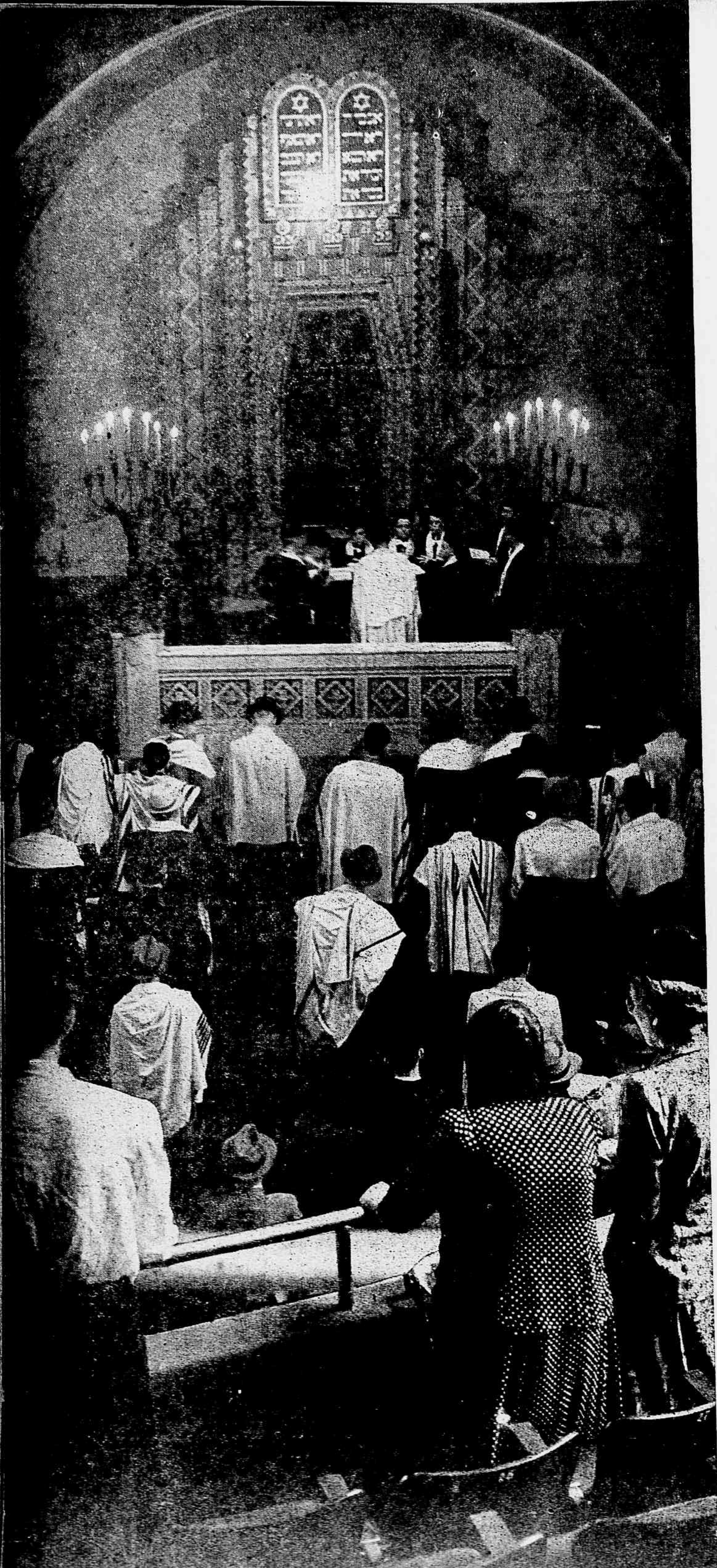
Vasculhando a poeira dos museus, foi que ele conseguiu saber como Santos Dumont havia previsto a guerra e como isto contribuiu para a morte do Pai da Aviação.

De outra feita, Celestino visitou o Hospital de Clínicas, a maior instituição hospitalar do Brasil. Correu os diversos pavilhões, revisou salas de operações, falou com os doentes, ouviu a palavra dos médicos. Presenciou operações, assistiu em dois minutos a todas as fases do ciclo da assistência humana, do nascimento à morte. Saiu emocionado e rumou para o Butantan. Visitou as cobras, soube a biografia sinistra de cada uma delas. Explicaram-lhe como se extraía o veneno e como se fabricavam com ele os soros específicos. Mostraram-lhe cascavéis de chocalhos respeitáveis e sucuris terríveis. Arnaldo Vieira ia fotografando aquele museu de peçonha e de traição. Foi assim que a REVISTA mostrou o Butantan a todo o Brasil.

DOIS MORTOS ILUSTRES

A par de seu programa de reportagens atuais, sobre todos os acontecimentos marcantes dos dias novos, a REVISTA relembrou também, durante o ano, os dias velhos de glórias e de heroísmos. Entre as nossas reportagens retrospectivas, além da referente a Santos Dumont, da qual já fizemos menção, fize

NA SINAGOGA — Na sinagoga da rua Conselheiro Jotino assistimos a toda a comemoração do dia dos mortos judeus. Nestas fotos aparece um aspecto das orações e o Jaseu (cantor) empunhando a torah (pergaminhos sagrados). Na gravura à esquerda podemos ver os meninos de coro, vestidos solenemente, acompanhando o Jaseu.



mos duas outras de grande repercussão, sobre Ruy Barbosa e Rio Branco. Elas foram dedicadas sobretudo aos nossos estudantes, pois se nos abalámos da redação para as mostras dos museus não o fizemos no intuito de fazer literatura, e sim com o propósito de difundir o exemplo dêsses dois grandes entre os moços de hoje.

Percorremos demoradamente a Exposição de Rio Branco, instalada, em comemoração ao centenário de seu nascimento, no Palácio Itamarati. Apesar da deficiência do material, conseguimos colher dados interessantes em torno da vida do grande estadista, elaborando uma reportagem ampla, com material fotográfico sugestivo.

Na casa de Ruy Barbosa, onde viveu durante vinte e cinco anos a Águia de Haya, passámos todo um dia vendo aquelas coisas velhas que nos falavam da vida e da obra de Ruy. Corremos as salas amplas da biblioteca do jurista, folheámos os alfarrábios antiquíssimos, onde gravavam-se dedicatórias amigáveis de grandes homens e ex-libris de mais de trezentos anos. Demos assim aos nossos leitores o exemplo de dois grandes brasileiros, através do que havia ficado como herança de seus enormes talentos e de seu trabalho fecundo.

DIANTE DOS ALTARES

Na esteira de João do Rio, elaborámos este ano uma série de reportagens sobre as religiões do Rio de Janeiro, percorrendo templos de várias seitas. Conseguimos entrar no Mosteiro de São Bento e ouvir as vozes mais autorizadas no assunto, em torno da história da Ordem e de suas origens. Vimos como vivem em sua reclusão os monges beneditinos e como são rezadas as orações da irmandade, das matinas às ave-marias.

Entrámos na sinagoga da rua Conselheiro Josino, no dia em que os judeus relembravam os seus mortos entre cantos fúnebres e lamentações profundas. Vimos os velhos cobertos pelas "thalets" solenes, rezando por seus irmãos mortos nos campos de batalha e nos campos de concentração.

Estivemos na Assembléia de Deus, uma seita protestante que fala a Deus através da

BENEDITINOS — Os monges de São Bento oram a Deus, pedindo paz na terra para os homens de boa vontade. Estivemos também no retiro dos monges e revelámos ao público, em todos os seus detalhes, a vida de um mosteiro beneditino. Aqui estão duas expressivas fotos do mosteiro São Bento. A oração rezada por um velho frade da Ordem e dois religiosos passeando no claustro do convento.



música. Ouvimos as lamentações do órgão choroso e escutamos os cantos de glória da orquestra heterogênea. Todos cantaram no templo, enquanto explodiam os "flashes" de Arnaldo Vieira.

De tôdas essas reportagens nos resta agora um sentimento de gratidão para com aqueles que nos abriram os seus templos confiantes no nosso espírito de imparcialidade e de respeito. Éramos um repórter e um fotógrafo, um ateu convicto e um católico. Pensamos no entanto que a REVISTA DA SEMANA conseguiu mostrar tôda a liturgia das mais divergentes religiões, sem que uma mínima nota de parcialidade ou de falta de respeito pudesse ferir a suscetibilidade dos crentes.

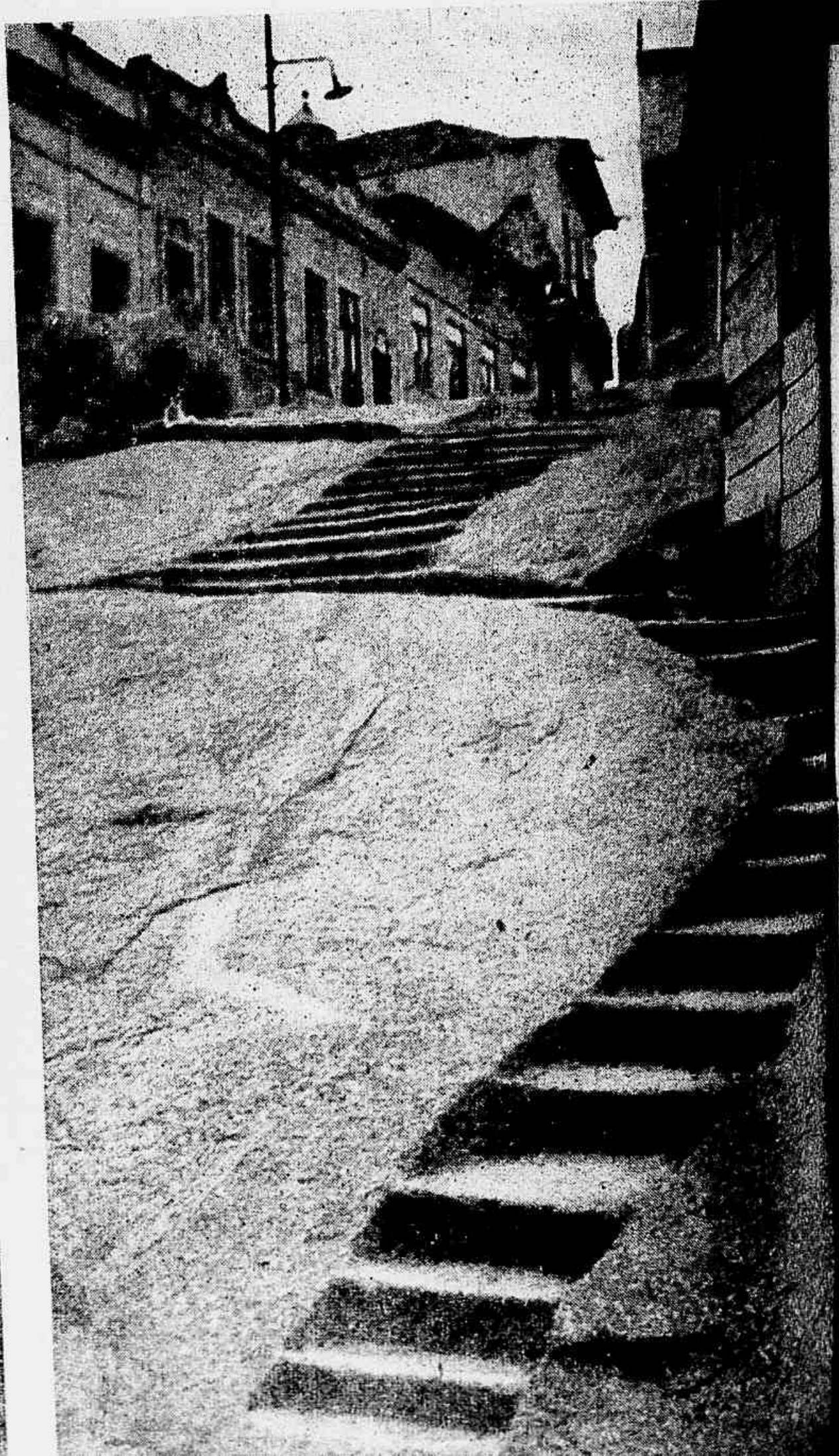
CARTAS

Agora, entre os papéis empoeirados de nossa mesa, começam a surgir cartas. Cartas da família ausente, cartas de agradecimento de entrevistados, cartas anônimas insultuosas. Muito fomos difamados e injuriados este ano. A propósito de cada fotografia, a propósito de cada legenda éramos alvo das piores injúrias e de críticas insultuosas. Quando fizemos, por exemplo, a reportagem em torno do modelo nú da Sociedade de Belas Artes, fomos acusados de sensacionalistas e imorais. No entanto nunca foi tão puro o nosso pensamento, nunca foram tão confessáveis as nossas intenções, quando nos vimos diante do modelo Léa de Oliveira, que ganhava o seu pão honesto.

BUTANTAN — Durante uma de suas viagens a São Paulo, Celestino Silveira visitou o Instituto Butantan, fazendo em torno dos trabalhos desenvolvidos naquele centro científico uma reportagem que alcançou a mais ampla repercussão. Esta foto nos mostra um dos auxiliares do serpentário daquele instituto no momento em que era atacado por perigosa coral.

EM SÃO PAULO — A capital paulista cresce em todos os sentidos. Principalmente para cima. O clichê abaixo, que ilustrou uma das interessantes reportagens publicadas na REVISTA DA SEMANA sobre a Paulicéia, mostra uma rua da grande metrópole, com o seu indefectível "grilo". Ao fundo, o majestoso edifício do Banco dos Estados aparece nítido.

O RIO DESCONHECIDO — Em duas reportagens sucessivas mostramos aspectos pitorescos do Rio de Janeiro, quase todos desconhecidos da grande maioria dos habitantes da Cidade Maravilhosa. No clichê aparece um aspecto de uma das ruas que divergem do largo da Prainha, na Saúde. Nada pode nos fazer lembrar o Rio de Janeiro, nesta rua talhada na pedra.





NO HUMBRAL — A "Semana Anti-Tuberculosa" foi registrada em nossas páginas. Elaboramos então uma reportagem com material conseguido no Hospital São Sebastião, onde estivemos toda uma manhã. A fotografia nos mostra um doente que chega para ser internado. Um mundo de esperanças abre-se diante do infeliz enquanto a enfermeira e o catelão o conduzem.

mente num trabalho cansativo e longo. Os preconceitos entretanto caíram como pedras sobre as nossas costas. Onde havia arte, os retrógrados viram imoralidade. Onde havia beleza viram malícia.

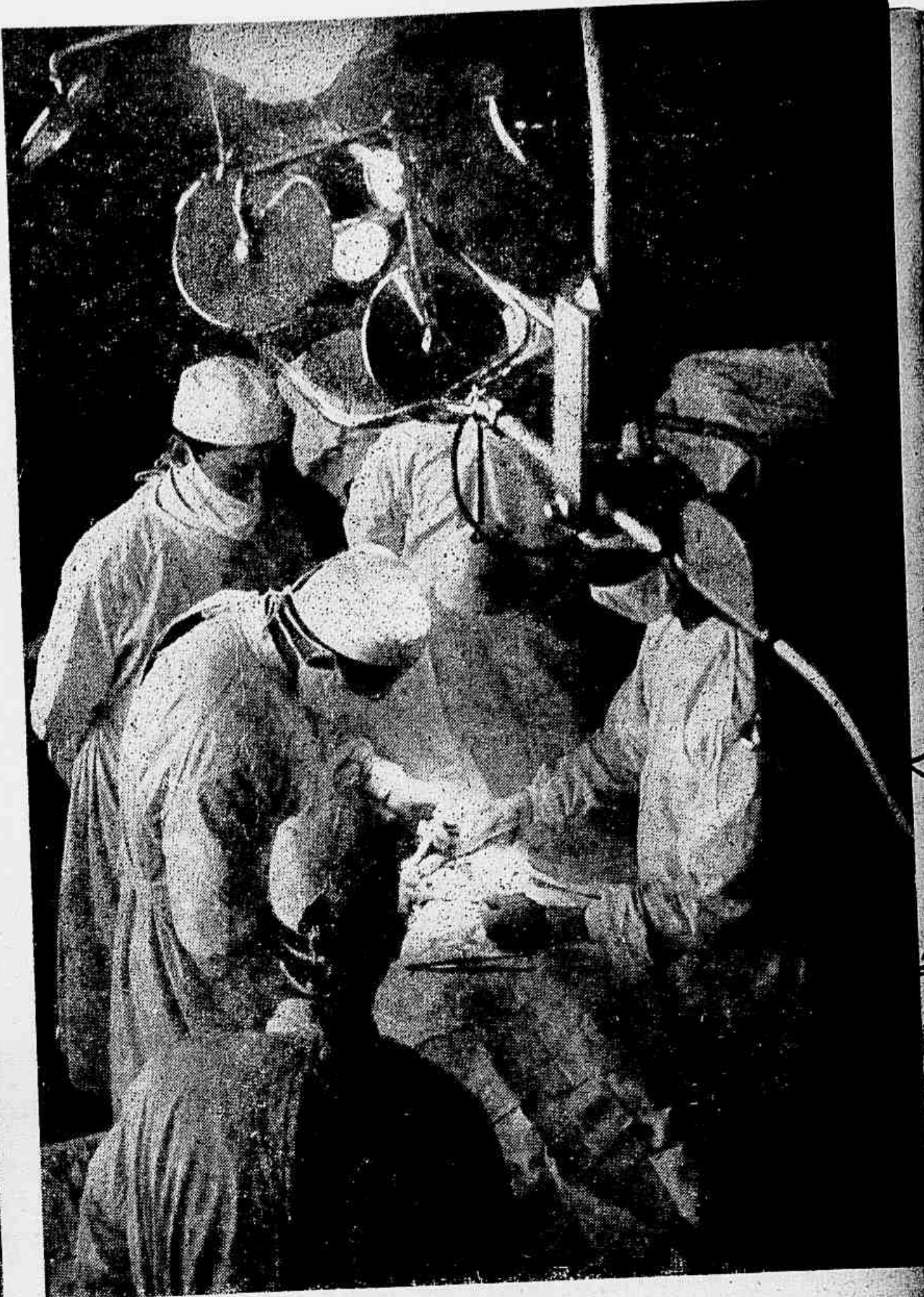
Outras cartas de admoestação e censura nos levam a lembrar as duas reportagens policiais que fizemos este ano: da primeira delas, publicada em abril, temos ainda as mais tristes recordações. Essa reportagem nos levou a Petrópolis, nos dias trágicos da inundação que sofreu a cidade serrana. O espetáculo que ali encontramos era desolador. Velhos reporters, acostumados a todos os espetáculos de miséria e dor, não pudemos deixar, entretanto, de sentir a extensão da tragédia, e de nos revoltar com a indiferença dos veranistas, que passeavam pela avenida 15, ignorando que os cadáveres de velhos, mulheres e crianças dos bairros pobres se amontoavam no necrotério estreito da aristocrática "urbs". A fotografia desses mortos causou indignação em muita gente. E eles nos culparam de sua fealdade, como se nós fôssemos os assassinos daqueles infelizes.

Outra vez a crônica policial nos tirou da redação para relatarmos, em todos os seus pormenores, o caso de Antonio Bento Soares, assassino de sua esposa Irene Cid de Freitas, um paranóico que se julgava o criminoso perfeito. Na intenção de combater o seu exemplo criminoso, abstinemo-nos de fazer comentários em torno do fato, limitando-nos a relatar o ocorrido e lembrar o velho "slogan" cinematográfico: "O crime não compensa".

OS NOSSOS GLORIOSOS FERIDOS

Com a saída dos papéis velhos vêm chegando as recordações. Outros dias vêm ao

(Continua na pág. 116)



CIRURGIA — Passagem de uma reportagem de Celestino Silveira sobre o Hospital das Clínicas de São Paulo. Na sala de operação o cirurgião, o assistente, o anestesista, todos estão com os olhos fixos no operado, cuja vida depende de suas mãos. Milhares de pessoas se salvam de uma morte certa entre as quatro paredes desta sala, graças a estes profissionais.



A VOLTA DOS HERÓIS — Foi no Hospital Central do Exército que encontramos os nossos feridos de guerra, numa manhã clara de terça-feira. Conversamos longamente com este heróico pracinhas que viram a morte a dois palmos. Ainda lembramo-nos bem das palavras do sargento Itagiba, da 3.ª Companhia do Regimento Sampaio: "A coisa foi feia em Monte Castelo"...



SERENO e vazio corria o ano da graça de seiscentos e tantos. A data certa não sabemos. Perdeu-se para sempre entre os pergaminhos que ninguém mais lê e que talvez nem existam mais. Sabemos apenas que naquelas eras remotas a História gostava de ceder



o seu lugar à lenda. E era mais interessante assim...

Nas ilhas britânicas haviam cessado de há muito as lutas entre os invasores e os Scots, mas, apesar da dureza dos combates e da fome de conquista dos príncipes, o rei Artur conseguira manter o País de Gales dono das suas fronteiras. E, quando começou esta história, os velhos de Guthinger ainda se lembravam dele e dos seus companheiros da Távola Redonda. Tanto se lembravam que à noite, quando a família se reunia ao pé da lareira, recordavam emocionados as glórias passadas, sem se esquecerem jamais de afirmar que o bravo rei, após tantas vitórias, se retirara para a ilha santa de Avallon, e que lá ainda vivia, entre as nove fadas da sua guarda de honra.

A esta altura as crianças arregalavam os olhos e queriam saber onde ficava essa ilha encantada. E eles explicavam então que ficava muito longe, tão lon-

ge que a ela não podiam ir os pecadores, mas que de lá, um dia, o bom rei Artur haveria de voltar, para governar mais uma vez o seu povo segundo as leis cristãs.

Venefrida criou-se em meio a essa atmosfera de narrativas do ciclo do rei lendário. A volta da sua morada era a paisagem fria, quase monótona, das terras do Condado de Flint, na foz tranquila do Dee. E, mais para longe, nos caminhos ermos, no dorso das montanhas rudes, nos mares sem fim, era a aventura caminhando ao Deus dará nas patas dos corcéis de guerra dos fidalgos ambiciosos ou nas quilhas das naus dos piratas. De tempos em tempos, apenas passava pelas estradas um bardo sem destino, cantando pelos povoados as suas trovas ingênuas, ou vinha bater à porta dos conventos um frade errante a anatematizar a impiedade dos homens... E assim, entre pequeninos fatos e grandes lendas, cor-

riam as horas para a boa gente do País de Gales do ano seiscentos e tantos...

A primavera voltara a Guthinger, afugentando definitivamente com o seu sol as últimas manhãs cinzentas. Cá e lá, sob a sombra dos salgueiros, uma ou outra mancha de neve ainda insistia com o seu branco em meio ao verde moço da relva recém-nascida. Por toda parte eram as macieiras fazendo bailar à brisa as suas grinaldas de flôres, as roseiras vergando os seus galhos ao peso de mil botões, a passada em festa riscando o dia com as suas plumagens multicores...

Venefrida levantava-se cedo e, mal raiava a manhã, punha-se a correr contente pelos campos, os cabelos loiros em liberdade, os olhos cheios da paisagem, os pés descalços sentindo a carícia fresca do relvado. Em

vendo-a assim tão jovem e tão bela, todos murmuravam instintivamente uma palavra de enlêvo, de ternura e de paixão. Oh! sim, era a mulher mais formosa do mundo! Tão formosa que muitos campônios julgavam ver nela um pouco de Nossa Senhora. E alguns, mais místicos do que os outros, quando a viam passar, abandonavam por momentos as suas fainas e, de joelhos, diziam contritos uma prece...

★

E assim a fama da beleza de Venefrida começou a rolar de boca em boca, por todos os burgos do País de Gales. Trovadores vieram de longe para se inspirarem no azul imaculado dos seus olhos, no oiro puro das suas madeixas, na brancura líria da sua pele e, atraídos pela sua formosura, um a um os fidalgos venceram com as suas montarias a rudeza das estradas, disputando com os seus títulos e os seus castelos o coração da mais linda donzela do século VII.

Venefrida, porém, era muda a todas as juras de amor. Sua alma não sentia os apelos da terra, porque era toda feita de misticismo. Criada em meio às crônicas do ciclo do rei Artur, dentro dela somente a fé palpitava. E, enquanto aos burgos, aos castelos, aos caminhos retornavam os enamorados com as almas sangrando de decepção, por toda parte os bardos continuavam a cantar, em novas trovas e com maior inspiração, o feitiço do seu sorriso, a graça dos seus gestos, a glória sem par da sua beleza...

Que importava tudo isso, entretanto, a Venefrida? Olhos postos no crucifixo, a alma embalada pela fé, chorando de alegria, ela não hesitou em entregar certa manhã o oiro dos seus cabelos à tonsura, morrendo para os homens dentro dos corredores sombrios de um claustro. E no dia seguinte mais uma vez veio se juntar às vozes que no côro cantavam hossanas ao Senhor — uma voz mais bela do que as outras; uma voz que tinha o calor daquela primavera soberba que enchia de luz, de som e de côres a paisagem; que fazia murmurar os arroios; que aninhava beijos e juras de amor nas clareiras dos bosques...

★

O amor, porém, não morreu ante os muros de um convento. E, sob a janela tosca da sua cela humilde, Venefrida continuou sentindo a vigília da paixão dos homens.

Não! nenhum deles se confortava com aquele reclusão, e muitos deixaram-se cair de fome

(Continua na pág. 28)

POR QUE CANTAM AS AGUAS DO MOSTEIRO DE HOLYWELL...

★ Por **ZENAIDE ANDRÉA**

O CASAQUINHO VERDE

Conto de
P. M. RODRIGO CID

Classificado no Concurso da
"REVISTA DA SEMANA"

Ilustração de
ARMANDO MOURA

O velho engenheiro sorriu satisfeito. Ele hoje enganara Márcia uma vez; portanto não haveria inconveniente em lhe mentir de novo.

Levantou-se da escrivaninha de sua mulher. Fechou cuidadosamente a gaveta, reparou na colocação de todos os objetos, apanhou uma caneta-tinteiro e saiu do escritório.

Na sala de visitas Márcia o esperava. Tinha os olhos negros bonitos contrastando com a serenidade dos cabelos brancos. Vestia de preto, usava um decote pequeno e aumentava, com a graça de seu porte, o encanto das jóias que levava.

— Demoraste muito, querido.

— Fiquei reparando nos bibelôs antigos, nos meus presentes do passado...

— Sempre romântico...

— Cada vez mais apaixonado!

Márcia sorriu. Apanhou a caneta-tinteiro que Carlos lhe estendia. Colocou-a na bolsa. Arrumou o chapéu defronte a um espelho e dirigiu-se à porta que Carlos abria.

— Irás buscar-me em casa de Lucy?

— Não, querida. Hoje — e Carlos demorou um pouco, não desejando mentir — tenho um negócio importante sobre o monumento a Ruy Barbosa. Lembrei-me dele no teu quarto. Só poderei voltar à noite.

— Que pena! Deves deixar estes trabalhos, querido. Vamos viver um para o outro?

— Sim, hoje será a última vez que não te acompanho.

Márcia se foi. Carlos ficou parado no portão da casa, seguindo com os olhos o vulto da esposa. Uma expressão de alegria brincava-lhe no rosto. Sorriu. Era engraçado: sempre falando a verdade, sempre honesto e sincero, durante trinta anos... Agora... Bem, ele não deveria ter feito aquilo!... Quebrara um juramento... Mas... Fôra tão bom! Despertara-lhe, inesperadamente, a vida dentro dele e mostrara-lhe que, apesar de seus

cabelos brancos, de seu ventre um tanto volumoso (não muito para a idade, é fato!), de seu começo de reumatismo, apesar de tudo isto, os sentimentos agradáveis e mais queridos estavam vivos! Ele podia sentir amor como sentira aos vinte anos!

Márcia sumiu-se na esquina. Carlos ficou parado ainda uns dez minutos para que ela fôsse bem longe e entrou correndo.

No quarto apanhou a carteira, viu se havia bastante dinheiro. Passou perfume no cabelo e pin-

gou algumas gotas no lenço. Fitou-se no espelho: impecável como sempre!

Saiu satisfeito. Tomou caminho oposto ao da mulher. Não desejava encontrá-la mas foi pensando nela. Márcia continuava carinhosa e permanecia enigmática: boa, dedicada, incompreensível. Ela sempre fôra assim: uma esfinge na aparência, uma estátua! Não confessava amor nem paixão. Todavia, nas pequeninas coisas mostrava-se viva e apaixonada. Verdade

Continua na pág. 87.



M U S I C A

Sociedade do Quarteto

Na interpretação de Mariuccia Iacovino, ouvimos, no último concerto da Sociedade do Quarteto, um duo de Mozart para viola e violino, admiravelmente executado com Santino Parpinelli, e mais dois quartetos, um de Beethoven e outro de Debussy.

A coincidência do encontro no mesmo programa da melodia cristalina de Mozart e das sonoridades generosas e apaixonadas de Beethoven faz lembrar o encontro dos dois gênios em Viena, quando Beethoven ainda era jovem e desconhecido, ao passo que Mozart ditava a moda em assuntos musicais.

Conta Specht, em sua obra sobre o mestre de Bonn, o ligeiro incidente ocorrido então que terminou num cordial abraço.

Beethoven, informa-nos o biógrafo, estava de passagem em Viena, que era, por assim dizer, domínio de Mozart. Facilitado por amigos, teve lugar o encontro dos dois, tendo Mozart acedido, com ares benevolentes, em dar uma opinião sobre a música do novo compositor. Sentado ao piano, tremendamente consciente da responsabilidade daquele momento, Beethoven improvisou, com rara felicidade, uma série de variações sobre um tema inventado ali mesmo.

Mozart, entretanto, apesar da sua cortesia e dos não poucos elogios que fez ao talento do jovem compositor, mostrou claramente que duvidava que tema e variações houvessem sido realmente improvisados.

— Muito talento — disse — muito talento mesmo. Sem dúvidas essas variações bri-

lhantes não terão sido obra improvisada. Para conseguir esses efeitos deslumbrantes é necessário tempo. Ele terá, certamente, preparado isso com cuidado.

Apressou-se, depois, em acrescentar: — Não há nada de mau nisso. E' assim mesmo. Poucos são os que conseguem improvisar com facilidade...

Beethoven, altivo, sentiu-se ofendido e exigiu que Mozart lhe desse um tema. O compositor consentiu, surpreso, e Beethoven arrancou do piano nova série de variações. Daquela vez não podia haver dúvida. Diante da demonstração cabal do talento do colega, Mozart abraçou-o comovido, e profetizou, solenemente:

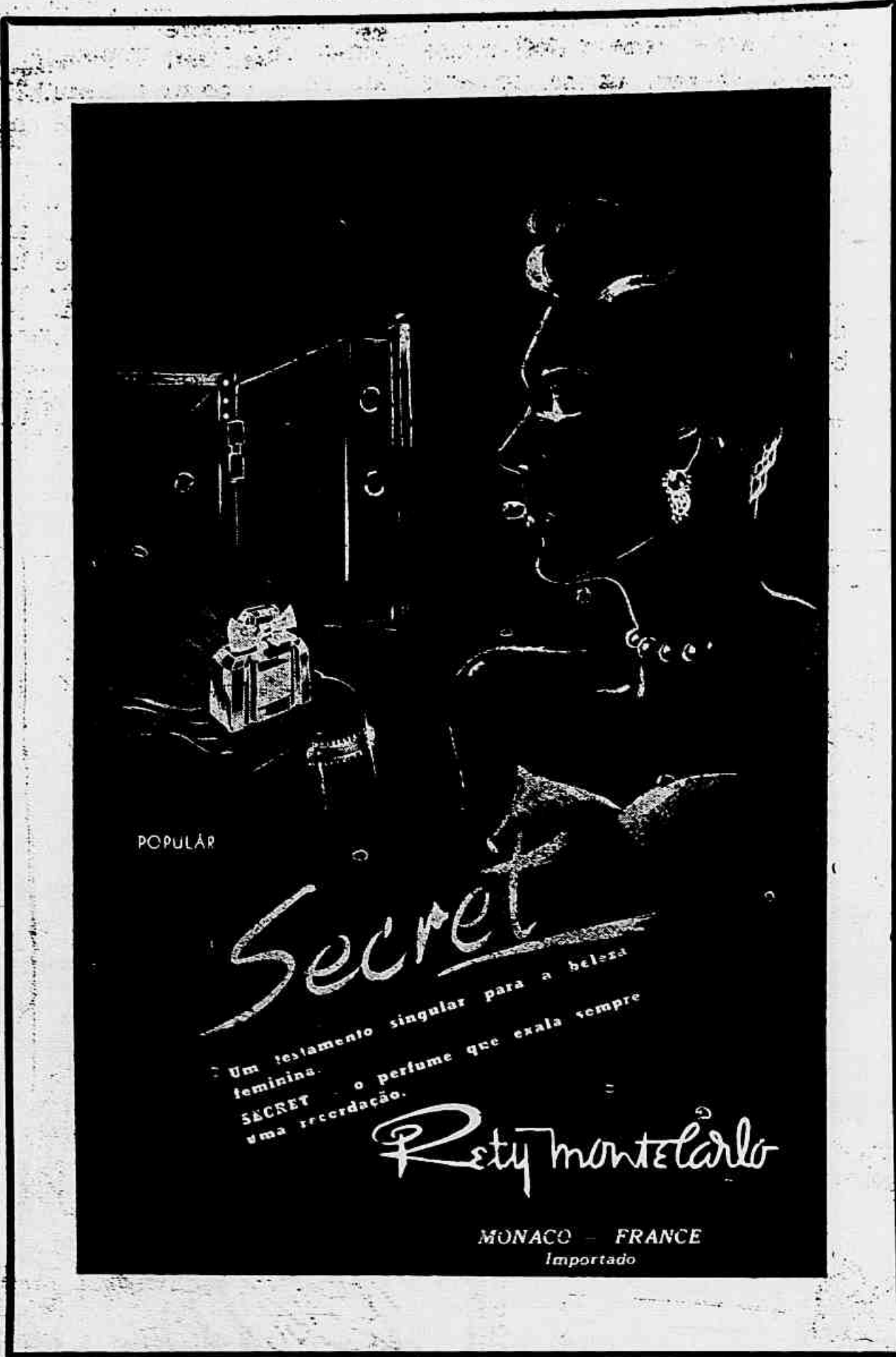
— O mundo há de falar desse rapaz! Beethoven tria, mais tarde, fazer coisa semelhante com Liszt, cujo valor negou, sem tê-lo ouvido, simplesmente porque de testava meninos-prodígios. Mais tarde, porém, confessou sua injustiça, fazendo questão de dar-lhe, publicamente, o testemunho da sua admiração.

A melodia cariciosa, os desenhos complexos dos instrumentos, a fantasia inimitável que domina sem impedir que os instrumentos percam a sua nitidez no conjunto nem a obra toda perca a sua qualidade de desenvolvimento lógico de uma idéia musical, tudo isso caracteriza o magnífico quarteto de Debussy que encerrou essa magnífica concertina, mais um da série que a Sociedade do Quarteto vem oferecendo, com programas bem escolhidos em interpretações excelentes por um conjunto homogêneo e equilibrado. — ROBERTO LYRA FILHO

NOTICIÁRIO

Está em Recife a cantora Alice Ribeiro, que deverá dar alguns recitais na capital pernambucana. Alice Ribeiro irá, ainda este ano, aos Estados Unidos.

WOLFGANG AMADEUS MOZART



POPULAR

Secret

Um testamento singular para a beleza feminina. SECRET - o perfume que exala sempre uma recordação.

Retymontelarlo

MONACO - FRANCE
Importado



Unidos pelo mesmo ideal e amparados por uma aliança fraternal de uma sublime aspiração.

Reforce o seu sistema de economia, adquirindo um título da ALIANÇA DO LAR Ltda. Ele constituirá o acerto de sua iniciativa no presente e a glória do seu triunfo no futuro.

ALIANÇA DO LAR LTDA.

AVENIDA RIO BRANCO, 91 - 5.º andar - Tel. 23-2555



C I N E M A

"O PONTEIRO DA SAUDADE"

Sem barulho, talvez sem muita confiança, a Metro mandou para a tela do seu cinema da rua do Passeio, um filme inesperadamente bom. Quando se olhava o título e o nome dos intérpretes — Judy Garland e Robert Walker — não era de esperar grande coisa. E no entanto o filme é o primeiro aproveitamento de Judy Garland, não como cantora — ela não canta mas representa, afirmando-se uma legítima comedianta. Parece que o exemplo de Deanna Durbin frutificou.

Mas o segredo maior desse sucesso da Metro deve-se à direção desse esplêndido Vincent Minelli. O assunto é explorado, porém realizado agora com muito bom cinema. Cinema que fala pela imagem, desprezando o excesso de diálogo. Aquela cena da igreja, com os olhares que se cruzam tão expressivamente, é algo de recomendável. E um magnífico bêbedo, feito por Keenan Wynn, transforma-se, de simples "ponta", em papel que por pouco rouba os protagonistas.

Esse é um filme que pode ou não agradar. Certo, desagradará ao espectador pres-

suroso, que exige vertiginosamente mais ação, mais diálogo, mais coisas que acontecem. Mas será um brinde de dezembro para os que procuram mais que o trivial do cinema de sala e cozinha. É um filme de detalhe, de técnica, onde o diretor e o cinegrafista merecem aplausos. Robert Walker, feio mas simpático. E que bom ator! Seu papel cairia na rotina se mal dirigido e mal representado.

A aparição do soldado em Nova York, o turbilhão da metrópole, a trepidação da cidade, naquela fantasmagórica Nova York, surgindo aos olhos atarantados do rapaz, tudo predispõe.

Não percam, se apreciarem o gênero. E, para suprir a ausência do canto de Judy Garland, podem contar com muita música de "fundo", agradável, bonita.

Mas o grande herói de "O Ponteiro da Saudade" chama-se Vincent Minelli, o diretor. Fixem esse nome, que certamente voltará em outros filmes. Talvez ainda melhores. O homenzinho promete. — C.

Cotação: MUITO BOM.

ROBERT WALKER e JUDY GARLAND



Souto
RIO

É O CALÇADO QUE
ACOMPANHA
O RITMO DA
VIDA MODERNA

À VENDA NA
CAPITAL E
NOS ESTADOS

CYMA
Exatidão e precisão

Precisão
infalível

ESCRAGNOLLE DORIA BICENTENARIOS UNIDOS

Ano de 1740. Na Itália e seus Estados Pontifícios, entronisa-se um papa, Benedito XIV; entronisa-se um rei na Alemanha e sua Prússia, é Frederico II. Exaltações ao trono por processos diferentes, o eleitoral de conclave e o da sucessão hereditária prevista. Diferentes também os novos soberanos a papel histórico chamados na mesma ocasião.

Antes cardinal Lambertini, Benedito XIV será *sacerdos magnus* de genio amavel, de espirito humanístico, de animo conciliador.

Frederico II será o votado ao mando inflexível, o capitão à frente das guerras para o rastro das conquistas, nas horas vagas da paz dedicado à poesia de vôo curto, entremetendo variações de flauta com a sua politica de perde-ganha.

A história universal mostra-nos Frederico II, a historia patria aponta-nos Benedito XIV.

Papa de recente data, Benedito XIV ocupou-se com o Brasil. Em terras nossas creou dois bispados — os de São Paulo e Minas — duas prelasias — as de Goiás e Mato Grosso.

Bula unica, a *Candor Lucis Eternae*, a 6 de Dezembro de 1745, creou aqueles bispados e aquelas duas prelasias a bem de melhor jurisdição de povos catolicos no Brasil.

O bispado paulista e o mineiro cresceram sem obices maiores, não assim sucedendo às prelasias de Goiás e Mato Grosso. Ambas em igual sorte desfavoravel custaram a conhecer prelados, regidos de longe pelo bispado do Rio de Janeiro, só em 1782 a prelasia goiana e a mato-grossense providas de prelados.

Na época, a Santa Sé e a Corôa Fidelissima só podiam entregar bispado e prelasias a clero português regular ou secular na inexistencia de clero nacional.

A prelasia de Cuiabá abriu exceção à regra, regida por um capuchinho italiano, frei José Maria de Macerata, isto já no Primeiro Reinado.

Quem era frei José de Macerata, que titulos tinha para a execução? Responderam os povos de Mato Grosso pedindo ao governo imperial a indicação do frade à Santa Sé. Aceitou o governo, anuiu a Santa Sé, frei José de Macerata prelado de Cuiabá.

E' vulgar terem as boas nomeações mãos depois. Teve-os a nomeação de frei José de Macerata. Certo dia, o que não vira antes, lembrou-se o governo que o capuchinho era estrangeiro. Deixasse pois a prelasia. Deixou-a frei José, afeito à obediencia, ao desapego mundano.

O monge encolheu-se no seu burel, recolheu-se ao exame de sua consciencia inteiramente. Não subira a cargo pedindo, dele desceu em silencio digno. Não morreria na lembrança de Mato Grosso, vive nos fastos da provincia.

Cuiabá conheceu bispado em 1826 para que muitos anos depois se sobrelevasse na memoria de Mato Grosso outro capuchinho, frei Mariano de Bagnaia, desarmado defensor de Miranda nos dias da invasão paraguaia no sólo mato-grossense.

Frei Mariano aprisionado padeceu martirios no poder de Solano Lopez e de seus colaboradores de tirania, certa vez encerrando o missionario em casebre onde havia cobras, que ao envez dos algozes respeitaram a vida do apostolo. Provam-o documentos.

O EDIFÍCIO DO ARQUIVO NACIONAL, ANTES SÉDE DO MUSEU NACIONAL.



Tudo merecia ser lembrado a proposito de comemoração e exposição no Rio de Janeiro em homenagem a quatro bicentenários decorrentes de *Candor Lucis* de Benedito XIV.

Comemora e expõe o Arquivo Nacional os quatro unidos bicentenários entrelaçados em 1945, comemora, expõe a instituição por iniciativa, esforço, saber fazer da diretoria Vilhena de Moraes, sempre por meio de cerimoniaes e exposições a mostrar historia patria.

Mostra agora esta successo da Igreja num Brasil de inicio cristão, onde desde Maio de 1500 se ergueram ao céu as pregações do Evangelho.

Para comprehender muita cousa de nossa historia ecclesiastica ha que recorrer a bulas, cartas pontificias, breves apostolicos a enriquecerem o Arquivo Nacional e a sua Seção Historica.

Muitos dos seus documentos se não decifram à primeira vista. Decifra-os porem a paleografia nos seus exercicios de paciencia, o bom paleografo não dispensado de ser bom paleologo.

Nos seus principios o Arquivo encontrou quem reunisse as duas qualidades.

Foi ele frei Camilo de Monserrate, diretor da Biblioteca Nacional em quartel-general de impressos, manuscritos e estampas posta no largo da Lapa.

Veio frei Camilo paleografar no Arquivo, o douto também epigrafista. Cumpria saber o que diziam documentos ecclesiasticos, sobretudo bulas, escritas em letra usada pela Dataria Romana, provindos os documentos da Secretaria da Justiça, Por meio de uma chave de decifração explicou frei Camilo o texto dos documentos sujeitos ao seu sábio investigar.

Para servir ao Arquivo deixava frei Camilo a Biblioteca Nacional onde residia e onde o seu intimo amigo, João Batista Calogeras, tanto o aconselhava a não se afastar de livros.

Fourrez-vous dans vos bouquins, repetia o grego ao francês, *vous êtes au Brésil*.

No decifrar cartas apostolicas, o paleografo poz em claro uma relativa a frei Antonio de Arrabida. Tendo, como Calogeras, ensinado historia universal no Colegio de Pedro Segundo, a carta apostolica interessando frei Antonio, bispo *in partibus* de Anemuria, despertaria em frei Camilo especial atenção. Seus olhos, sua ciencia poisaram sobre o documento ora figurando em exposição no Arquivo Nacional.

Anemuria foi o primeiro reitor do Colegio de Pedro Segundo. No momento da abertura deste, o ministro Bernardo de Vasconcellos dirigiria ao bispo-reitor um discurso notavel ainda hoje lição pedagogica.

A frei Antonio de Arrabida sucederia Joaquim Caetano na reitoria do Colegio no fim da vida, infelizmente combalido e sofrendo da vista; posto à frente do Arquivo Nacional, não foi possivel a Joaquim prestar à repartição tudo quanto ela poderia reclamar do homem classificado por Joaquim Manoel de Macedo e em que termos: "Entre os homens sabios do Brazil nenhum o excede, bem poucos o terão igualado."

Joaquim Caetano! Que vida util na modestia, que laborioso defensor dos direitos do Brasil!

A diretoria Vilhena de Moraes não patenteia exposições para que os documentos apresentados ao publico volvam às latas do Arquivo alinhadas em estantes de ferro em barreira a quanto bicho inutilisa, recorta, arabesca ou esfaréla papel.

Em complemento a exposições, a diretoria Vilhena de Moraes mandou fichar os documentos comunicados ao exame publico. A documentação vae passar adiante, chegar aos estudiosos, aos pesquisadores tantas vezes embaraçados no encalce da verdade nos caminhos que a mentira embarrica.

Para divulgação de documentos dispõe o Arquivo Nacional de suas *Publicações* cuja longa e ininterrupta série forma coleção apreciada por quantos no Brasil que passa almejam saber Brasil que foi.

A serviço de cultura bem se ajuntam as *Publicações do Arquivo Nacional* a publicações de verdadeira utilidade publica. Assim os *Anais* da Biblioteca Nacional, os do *Museu Nacional*, a *Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro*.

Nem se olvidem publicações de arquivos publicos estaduais, um o *Arquivo Publico Mineiro*, e as revistas de Institutos Historicos como por exemplo os do Ceará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, São Paulo.

Recolher, prezar, catalogar e guardar tal o papel do Arquivo Nacional em relação a tudo quanto possa interessar Brasil no seu passado.

Não se comprehendeu até hoje a necessidade de dar a um *Archivo Nacional* uma séde fixa e uma apresentação condigna.

Desde criação a sina do Arquivo foi a de mudar de casa. Localizado em casa contigua à Secretaria do Imperio na rua da Guarda Velha, ora 13 de Maio, subindo a siba no Convento de Santo Antonio, descendo a outras de antigo Recolhimento do Povo na rua dos Ourives esquina da rua da Assembléa, passou-se afinal o tão transportado Archivo Nacional para o antigo Museu de Historia Natural numa das faces da praça da Republica.

Al se acha insufficientemente acomodado o Arquivo Nacional quanto tantos pseudopalacios se tem erguido.

Ha pouco foi prometida ao Arquivo Nacional edificação que satisfaça a dignidade, a natureza e os fins da instituição.

Tarda o dia em que aigiem se convença da necessidade de recomendar o país a nacionais e mesmo a estrangeiros, e duas instituições mostram qualquer nação à altura de tal nome: um Arquivo Nacional e um Museu de Belas Artes, mas instalados como se os vê alhures.

Verdade é estar agora a gente humana a indagar o que com ela pretende fazer o atomo desintegrado.

Ha quem dele espere o completo raspar de seres vivos de sobre a crosta terrestre que os volções afilligem, os terremotos abalam e os maremotos alagam.

Por ora o atomo solto se limita a mirrar de susto a humanidade enquanto ela espera a decisão de sua sorte, dependente de laboratorios. Assim chegam os homens ao vigésimo século após Jesus Cristo.



ANGELA LANSBURY (Metro)



NOS BASTIDORES FEMININOS



das massas, nas falsas alegrias do "réveillon", no trombetear das businas, dos clarins, do rufo dos tambores.

Vamos voltar, para esses grandes desgraçados, o nosso olhar piedoso. E dizer-lhes que não desesperem. "Quanto mais isolado te sentires, tanto mais perto estarás de Deus". E, quem sabe, também daquele ou daquela a quem tanto recordas numa véspera de Natal!

Minha boa amiga, o Natal é a festa da alegria, da família, da paz, da confraternização, para quem possui motivos de alegrar-se, e possui família, e não traz conflitos na alma, e sente a retribuição de algum afeto. Para os outros o Natal é um drama... — LÜ.

MINHA boa amiga, vamos pensar por um instante no Natal dos que não têm Natal. Vamos voltar nossos pensamentos para os seres mergulhados no sofrimento. Um sofrimento que tanto pode ser físico ou moral. O enfermo do corpo, da alma ou do coração. O que sente a ausência de um ser amigo, muito ligado ao seu próprio ser. O que se encontra a sós, neste mundo imenso, sem uma voz amiga para balbuciar-lhe ao ouvido palavras carinhosas. Sem duas mãos que lhe cerrem as pálpebras quando cansar da jornada da vida. Sem o calor de uma afeição. Sem nada. Absolutamente nada. Tanto mais isolado quanto mais rodeado de gente. De gente que não o compreende. De gente que só lhe dá tédio.

A solidão da alma também pode existir no borborinho

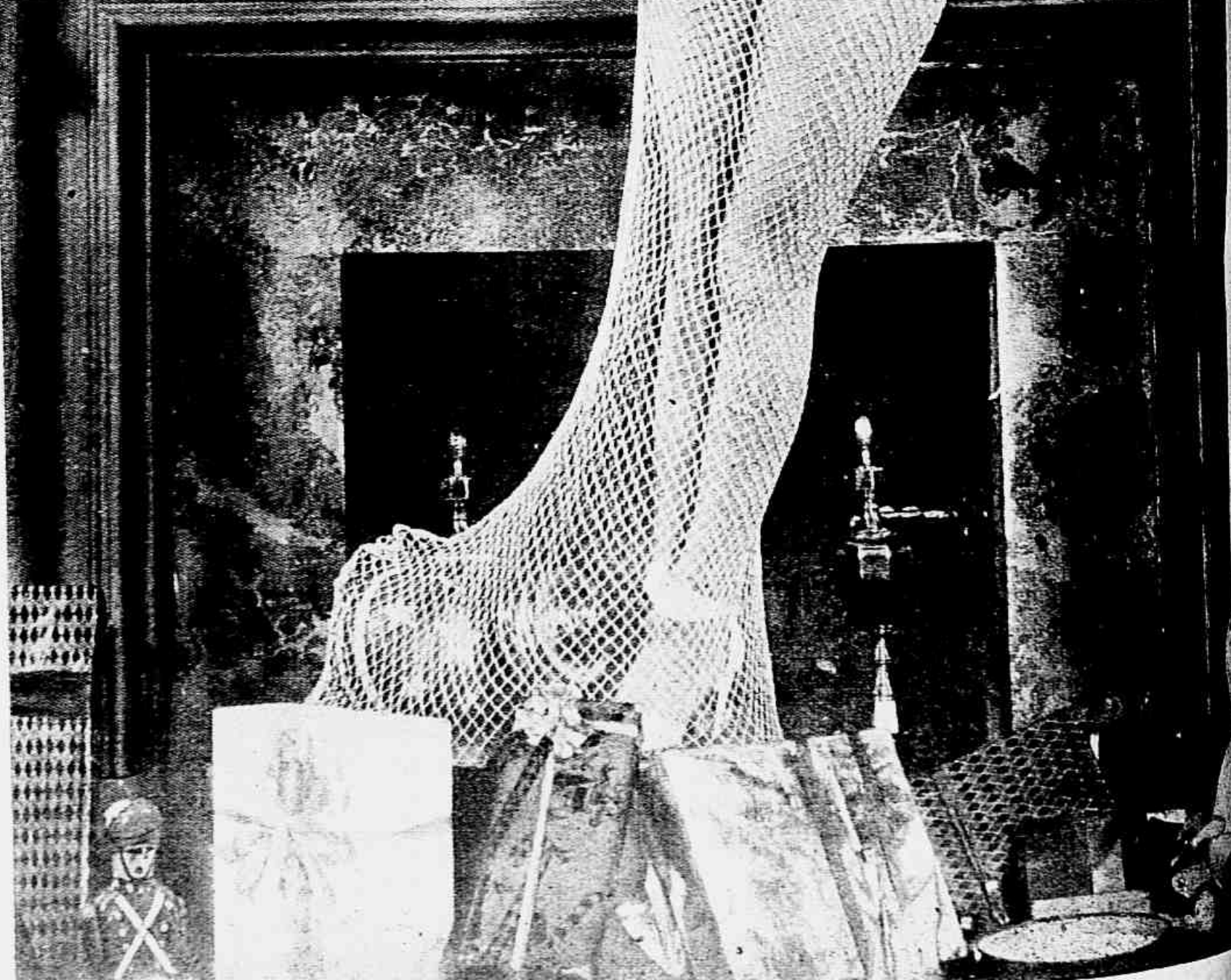
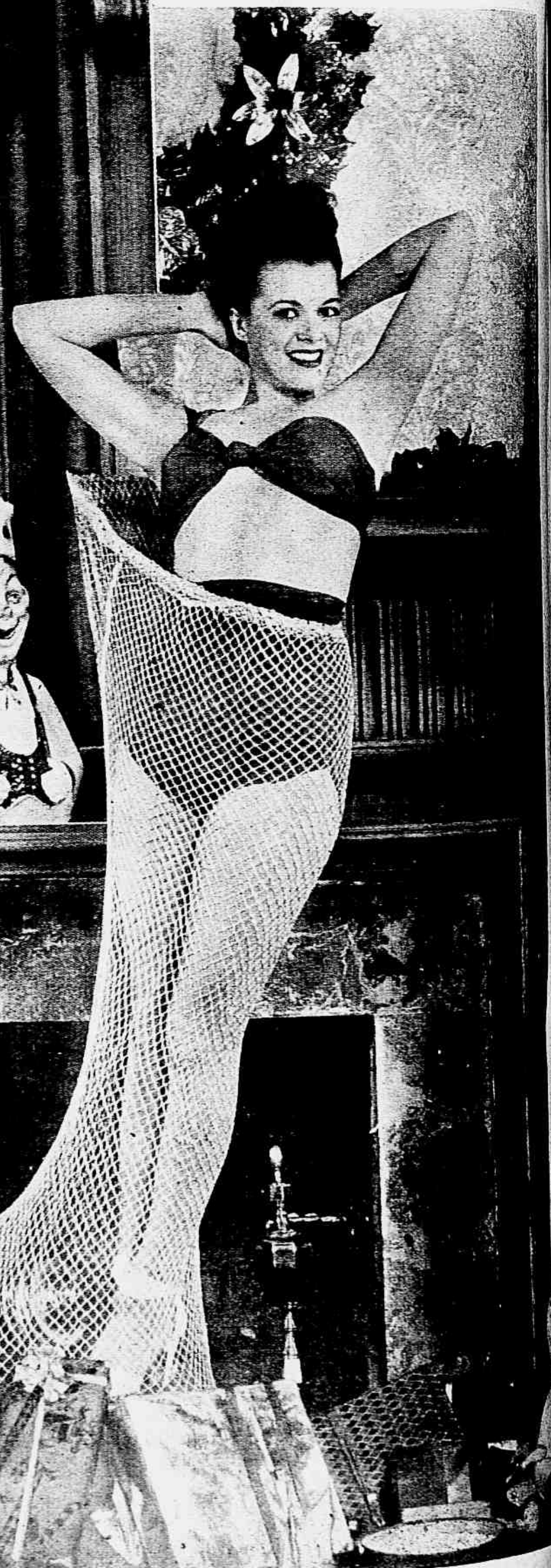
PRESENTES DE PAPAI NOEL

Papai Noel instalou sua tenda árabe de trabalho em Hollywood. E' da California que nos manda estes presentes bonitos, próprios para crianças de cinco a cinquenta anos. Talvez mesmo um pouco além dos cinquenta...

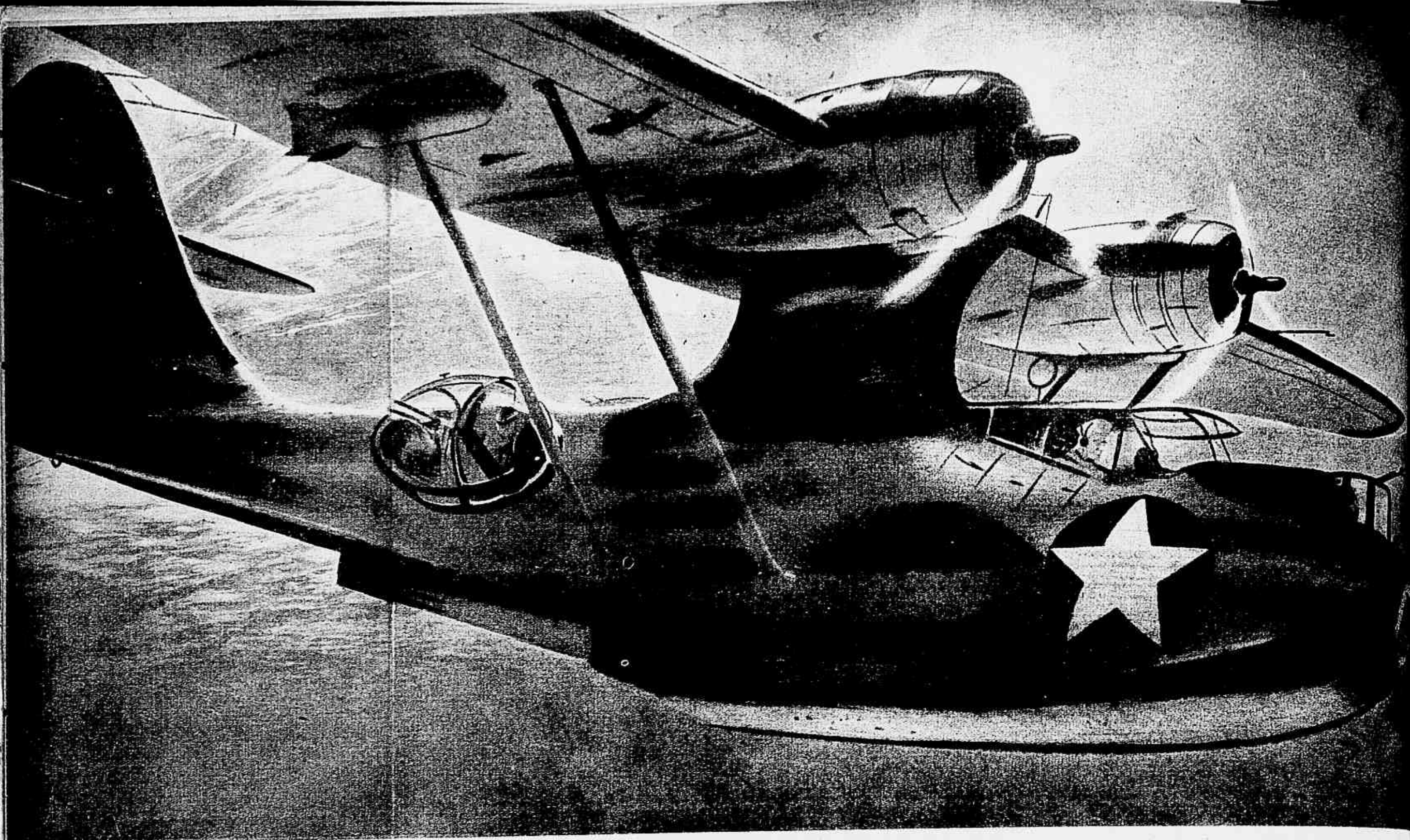
Meias rendadas, guardando mal veladamente lindas garotas de "mail-lot", brinquedos de todos os estilos — palhaços, cavallinhos, soldadinhos, caixas de loto... De tudo muito, para todos os gostos.

Presentes de Papai Noel para os garotos de todo o Brasil, menores e maiores de cinquenta anos...

E que presentes!







«MERRY XMAS»

Conto de EDMUNDO LYS

NAQUELA tarde Brent estava para a coisa e falou muito tempo, contando a sua vida antes.

Recordações. Devia ser a aproximação do Natal que acordara aquelas lembranças. Começara dezembro e chovia danadamente na base. E com chuva ou sem chuva tínhamos que largar todos os dias para a patrulha:

— Serviço miserável, éste — disse Brent, saltando do aparelho ainda trepidante das longas horas de voo e todo escorrendo da água da chuva — serviço miserável, meu velho...

— Tudo bem?

— Sim, tudo bem... Só agora, na volta, manobrando para pousar, senti que um dos motores está falhando... Talvez não possa levantar de madrugada...

— Vou avisar o Bill que dê

um jeito nissó. ...Mas vamos daí que está um tempo infame.

— Sim, estava.

Depois de ter passado pelo comando e de fazer o seu relatório, entrámos no alojamento.

— Alô, pessoal!

Os outros responderam efusivamente à saudação. Joe indagou dele se tivera que subir muito por causa da chuva. Harry caçoou como sempre:

— Quando notei que estava demorando, pensei logo que um "rato" acertara o "Camondongo"...

Brent riu:

— Não me apanharão assim... Tenho boa vista e vejo longe, meu caro... Ôlho de gato...

— Outra risca no "Camondongo"? — perguntou o piloto brasileiro da esquadrilha.

Aqui Brent deu uma bruta garga'hada:

— Com que então está pensando que êsses "ratos" andam assim fazendo ragatas à flôr das águas? Pois sim!

— Oiha que é pena não teres encontrado hoje mais um "U" para aumentar o "score" de afundamentos do "Camondongo"... voltou o brasileiro.

— Por falar no "Camondongo", vocês viram o Bill? Preciso que o Bill dê uma espiada aos motores...



Brent saiu à procura do mecânico e, tendo dado a incumbência ao Bill, voltou e continuou a conversa. Foi então que, alguém lembrando o Natal próximo, ele contou aquelas coisas:

— Natal para mim, companheiro, era tempo triste. Cheguei a ficar com medo do Natal... Vocês não podem calcular isto, com certeza foram meninos felizes... Quem foi que no outro dia perguntou se eu era dos Brent de Iowa, os Brent milionários? Foi o Joe? Não, foi você, Harry... Não pude responder, lembra-se? Tivemos que sair correndo atrás daquele "rato" que, le barriga cheia, depois do assalto às casas da restinga, ia submergir quando você o acertou direitinho, a dois palmos da praia... Pois hoje dou a resposta, "seu" Harry... Sou Brent, de Iowa, também, mas não sou dos milionários; os milionários são outros. Aliás, de cada dez pessoas que você encontra em Iowa, uma pelo menos é Brent...

Riu. Encheu de fumo o cachimbo e prosseguiu:

— Mas fui criado em Brooklyn. Foi lá que comecei a viver. Ainda pequenino, no bairro pobre de Brooklyn é que tomei conhecimento da vida... Que

Brent acendeu o cachimbo, sugou uma longa fumaça e continuou a falar...

— O velho pegava no pesado, mas a sorte não ajudava. Eu era ainda muito pequeno e não podia fazer nada. Minha mãe, acabada e sem saúde, matava-se no serviço para diminuir a miséria. Quando havia um mês de trabalho, podíamos contar que vinham depois três e quatro de desemprego. Por fim, mesmo êsse tempo de trabalho foi faltando. O velho ficou muito conhecido. Agitador, é o que diziam dele. E o trabalho ia faltando cada vez mais.

Uma pausa mais longa. Brent bateu o cachimbo no beiral da janela para esvaziá-lo:

— O Natal é que era. Via que minha mãe sofria naquela época mais que no resto do ano... por não poder me dar coisa alguma, por não termos em casa aquela "noite de Natal" que as outras casas tinham... Por não ter eu os brinquedos que os outros meninos, mesmo os garotos pobres do nosso quarteirão, também ganhavam de "Santa Claus"... Bem, nenhum da nossa turma acreditava mais em "Santa", mas compreendíamos a alegria que aquela fingida ignorância dava aos nossos pais...



Brent fez outra pausa e suspirou:

— Sei que vocês compreendem essas coisas e não me importo de confessar que sou sentimental... como você, não é, brasileiro?

O brasileiro concordou, também era fraco... E Brent seguiu narrando:

— Como dizia, o Natal era uma tristeza para mim. Está visto que eu desejava ter também um brinquedo como os ou-

(Continua na pág. 32)



"RUAS QUE CANTAM"



MAIS DO QUE UM SONHO.

URCA

RESERVA DE MESAS-FONES : 26-5550 E 26-5558

ILUSTRADA CLASSE ODONTOLÓGICA

A ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA. tem o grato prazer de comunicar que acaba de entrar em novo entendimento com a sua representada H. D. JUSTI & SON, Inc., afim de que a partir da presente data não venha a se repetir o que até hoje tem acontecido de ficar constantemente com falta de sortimento dos acreditados DENTES PEARL "acrílico iquebrável", classificados pelo escol da Odontologia no Brasil como

UMA DAS MAIORES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DOS ÚLTIMOS TEMPOS

Mais 3 produtos de sua distribuição que só os nomes bastam para uma afirmativa do seu alto valor:

PALATEX — Fabricação da Rockland Dental Co. Inc.

CIMENTO SMITH — Fabricação da Lee S. Smith & Son Mfg. Co.

COE-LOID — Fabricação da Coe Laboratories, Inc.

ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.

Rio de Janeiro

Avenida Rio Branco, 114-1.º — Telefone 42-3745

Distribuidora para o Brasil das seguintes firmas:

Acralite Co. Inc.
American Lace Paper Co.
Anestex Laboratories
Baldor Electric Co.
Burns Dental Cast. Mach. Co.
Central Dental Mfg. Co.
Clark-Cleveland Inc.
Coe Laboratories Inc.
Edward Handler & Son

Hanau Engineering Co.
H. D. Justi & Son, Inc.
Hygienic Dental Rubber Mfg. Co.
K. H. Huppert
Lee S. Smith & Son Mfg. Co.
Pelton & Crane Co.
Rockland Dental Co. Inc.
Spyco Smelting & Refining Co.
The J. Bird Moyer Co. Inc.

Por que cantam as águas do mosteiro de Holywell...

(Continuação de pag. 18)

e de frio ante as portas do claustro, depois de mendigarem em vão durante dias e noites a esmola de um olhar, de uma palavra, de um sorriso seus.

De joelhos, aterrada, banhada em pranto, ciliciando o corpo, ela rogava a Deus e a Virgem que a defendessem da tentação de tanto amor. Mas tarde da noite, quando afinal se arrastava exausta para o catre, via, com tristeza sempre maior, quão longe e cruel devia ser a sua provação. E' que depois de tanta prece, de tanto jejum e de tanto cilício, o seu corpo se tornava mais belo do que nunca e mais do que nunca a sua boca parecia ser feita para beijar...

★

Um dia, acompanhado de vistoso séquito, apareceu em Guthinger o poderoso Príncipe Caradoc. Também ele vinha conhecer a mais bela abadessa da Cristandade, e trazia na alma toda a audácia da sua juventude e à cinta a sua espada invicta. E, cercado pelos seusaios e fazendo troar as suas trombetas de guerra, varou arrogante as portas do claustro, ressoando alto, nos lagedos, os tacões das suas botas.

Era a hora do Angelus e a pe-

quenina nave do convento empalidecia pouco a pouco na tarde, à luz dos círios, enquanto aos céus subiam os hinos e as preces. Os olhos do fidalgo cortaram a penumbra em todas as direções, buscando ansiosos a mulher cuja beleza inspirava os poetas e levava os homens ao desespero. Não lhe foi difícil descobri-la. Sim, lá estava ela, ao pé do altar, cantando com as companheiras uma ária bonita ao Senhor. Não! não podia ser outra senão aquela, em cujo rosto parecia que Deus reunira todas as belezas da terra...

Caradoc tremia de emoção e as suas mãos queimavam como se estivesse com febre. Oh! uma beleza assim, pensou, não podia murchar dentro de um convento sombrio. Isto seria uma ofensa ao próprio Deus que a creara e à Vida, à Alegria, ao Amor!

E, ajoelhando-se para beijar o hábito humilde de Venefrida, contou-lhe com palavras mais quentes do que o fogo a sua paixão e o seu desespero por vê-la ali, naquele mosteiro, vestindo o manto da renúncia, quando lá fora era a primavera cheia de luz e de sol, era a promessa de um lar, eram os seus castelos famosos, à volta dos quais jorravam as fontes, em meio das mais raras flores do mundo...

A abadessa ouviu-o aterrada, o coração batendo aflito, os grandes olhos azuis presos ao crucifixo, implorando-lhe cora-

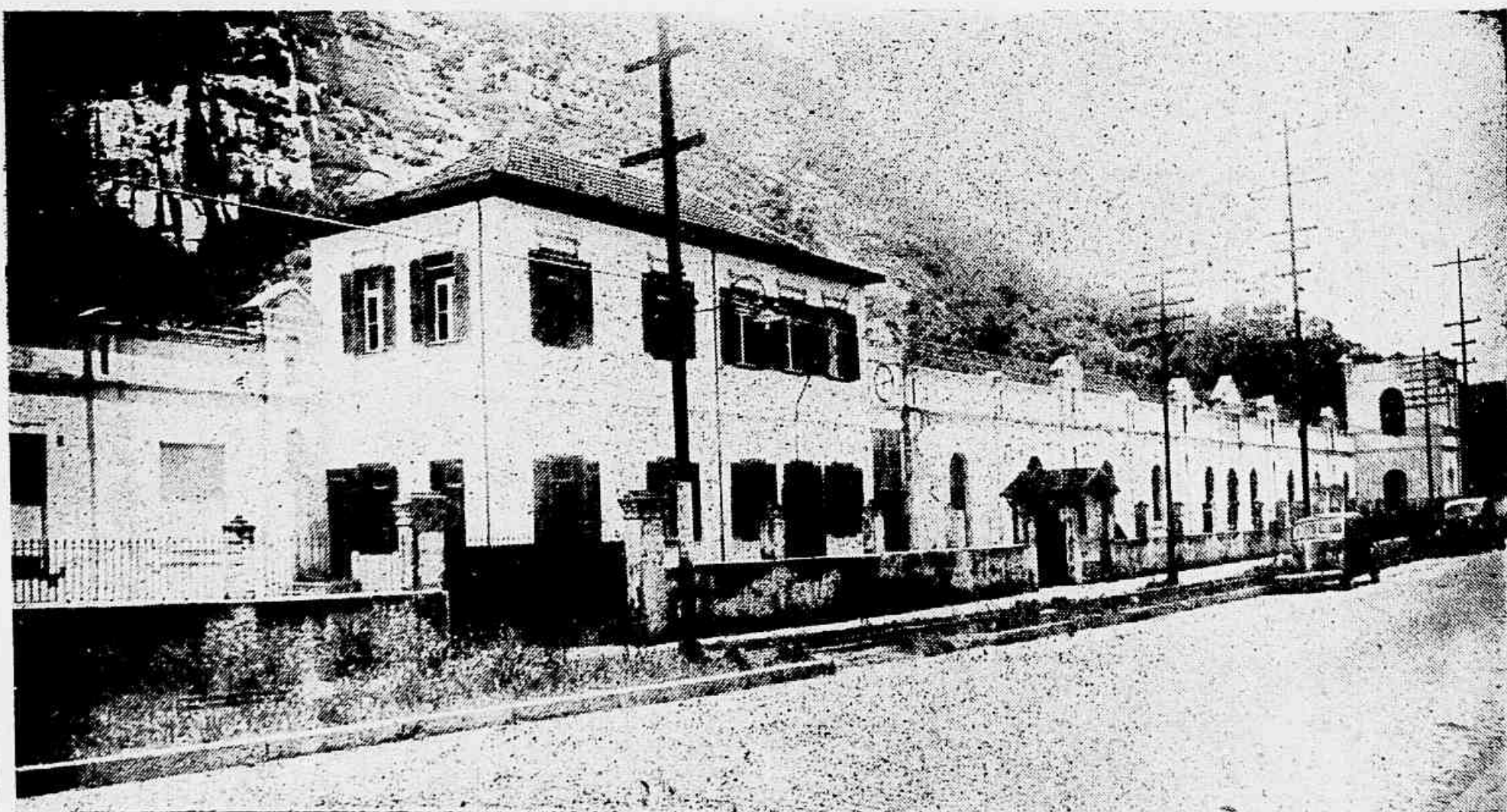
(Continua da pag. 100)

COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS COMETA

Escritório: Rua S. Bento, 15-sob.
Rio de Janeiro

End. teleg.: COMETARIO
Tel.: 23-3725

PROPRIETÁRIA DAS FÁBRICAS DO ALTO E DO MEIO DA SERRA DE PETRÓPOLIS



Vista externa da Fábrica do Alto

FABRICANTES DE BRINS DE LINHO E ALGODÃO
TRICOLINES, RISCADOS, XADREZES

Diretoria:

Dr. Pedro Montalvão Amado, Dr. Humberto Andrade
Amado, Dr. Hélio Amado

Festas com
CINZANO
 VERMOUTH

são realmente
Boas Festas



HOJE, AMANHÃ
 E TODO O ANO
CINZANO
 VERMOUTH



Escolher...

...um bom presente de Natal! Eis um problema de fácil solução para as pessoas de bom gosto.

Uma visita às famosas "SECÇÕES NOTRE DAME" as inspira para a escolha do mais elegante, o mais fino e útil presente que se possa desejar.

SEDAS e ORGANDIS, de maravilhosas padronagens.

ROUPAS e VESTIDOS — para crianças de todas as idades.

LINGERIE - CINTAS e MODELADORES
ROUPAS DE CAMA E MESA

*Notre Dame
de Paris*

A casa que mais barato vende em todo o Rio de Janeiro
OUVIDOR, 182-188

FIGURAS



Sta. Cacilda Caetano, que vem de concluir o curso de contadora na cidade de Baurú, São Paulo, filha de d. Francelina Caetano e do sr. Joaquim Caetano, alto funcionário da E. F. Nordeste do Brasil.

Flagrante tomado por ocasião da inauguração, nesta capital, do primeiro ambulatório do Instituto dos Comerciários. O ministro Carneiro de Mendonça corta a fita simbólica, tendo à esquerda o sr. Waldemar Monteiro, presidente do I. A. P. C., e à direita o sr. Onildo Leal, chefe dos serviços de Assistência Médica.



O major Waldemar Monteiro, presidente do Instituto dos Comerciários, quando inaugurava o primeiro ambulatório do I. A. P. C., nesta capital, em novembro último.



E FATOS

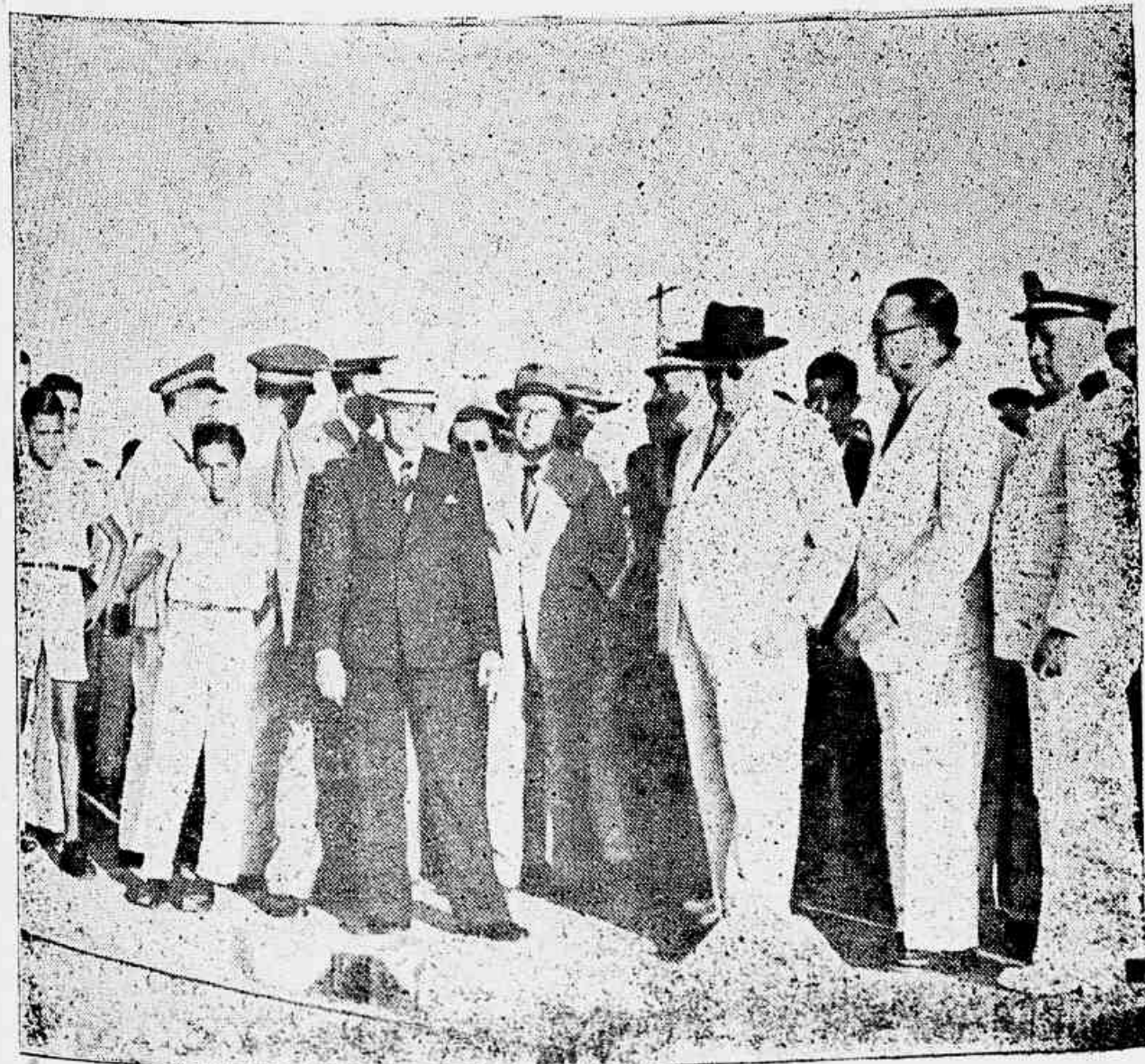


A senhora Dilke Salgado, que acaba de publicar o livro "Uma glória do Brasil", estudando a vida do seu ilustre avô, o sábio Barbosa Rodrigues.

A Casa do Estudante do Brasil inaugurou seu novo restaurante, à sua sede, à rua Santa Luzia 305. Aspecto dessa solenidade, vendo-se ao fundo o painel de Santa Rosa intitulado "Pesca e caça".



No dia 25 de novembro p. findo o sr. ministro Mauricio Joppert inaugurou o novo cais do porto de Natal, presentes o sr. Decio Fonseca, diretor de Portos, Rios e Canais, autoridades federais e estaduais. O sr. Alvim Schimmelpfeng, engenheiro-chefe das obras, que se vê na foto à esquerda do sr Joppert, fez uma exposição sobre os serviços.



Em S. PAULO...

O maior e o mais valioso
sortimento de

PRESENTES DE NATAL

em exposição nos
58 departamentos da

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de MAPPIN STORES

Praça Ramos de Azevedo, 131 - S. Paulo

"MERRY XMAS"

(Continuação da pág. 26)

tros garotos. Mas não era tanto por isso que eu sofria... O que me dava uma abertura no coração era ver o sofrimento de minha mãe, a pobre... Então eu fingia que não me importava com brinquedos... que ela não pensasse que eu ligava aquelas frioleiras... Que aquilo era coisa para meninas e para aqueles bobos do quarteirão, que achavam graça em carrinhos de corda, em jogos de papelão, em brinquedos de armar... As vezes tinha que ser muito duro, falando nisso, para que um so-

lido não me cortasse a palavra... Só de falar naqueles brinquedos, era como se os estivesse vendo, pegando aquela pencil do Dick, aquela locomotiva, brilhante, do Pol, o golfinho que a avó do Steve lhe deu, que helena... Os brinquedos têm muito mais valor quando não os podemos possuir, e eu não podia.

★

Bill entrou:

— Coisa grave, Bill?

— Não, coisa boa. Fiz uma limpeza. Tudo O. K., capitão... "So long"...

Bill fez uma continência e

saiu. E Brent voltou ao assunto que todos seguíamos com interesse:

— Assim era, ano após ano. Cada Natal era aquela agonia. Não imaginam como o Natal me fazia medo. Medo, sim. Aquela sofrimento de minha mãe era para mim insuportável. Ela já padecia tanto, já tinha uma dose tão grande de amargura... E eu me sabia o responsável por aquele desespero silencioso que ela trania no doce coração materno, nos seus olhos tristes e cheios de ternura, brilhando no rosto magro e pálido... Um cigarro, Harry? Obrigado... Gosto muito desses cigarros brasi-

leiros... Muito bom fumo, realmente...

E depois de acender o cigarro: — Aos dois anos meti a cara no mundo. O que me animava mais, palavra, era me libertar do Natal em casa... Longe, talvez suportasse melhor a miséria, não vendo a dit silenciosa de minha mãe, a revolta impassível do velho... Iria espiar as festas alheias, sem que ninguém sofresse por não ter eu a minha árvore de Natal... Poderia gostar dos brinquedos dos outros, sem fingir que os desprezava... Fui-me embora. De longe, pelo Natal, mandava aos velhos, com a pequena mesada que lhes dava o meu bonito e alegre cartão "Merry Xmas"... Sofria menos, muito menos, mas mandava contar vantagens. Dizia de festas a que não podia ir e esperava que mamãe acreditasse nelas, que pensasse que, afinal, eu tinha o meu Natal. Mas que luta, meninos! Parecia uma perseguição: nunca, pelo Natal, eu pude ter alegria. A miséria faz um sulco danado de profundo e as lembranças da infância me atassavam a alma. Além disso, o destino colaborava com o meu infortúnio: sempre pelo Natal eu estava sem dinheiro, perderei o emprego, estive doente, fora obrigado a despesas extraordinárias, qualquer coisa assim, e não podia festejar a grande noite... Não podia ir aos lugares públicos e, como era tímido para ter amigos e relações, não tinha aonde ir festejar o Natal...

★

O telefone tiniu. Era um chamado para Bill. Harry atendeu e informou que o Bill não estava conosco. Depois de pendurar o gancho, Harry informou:

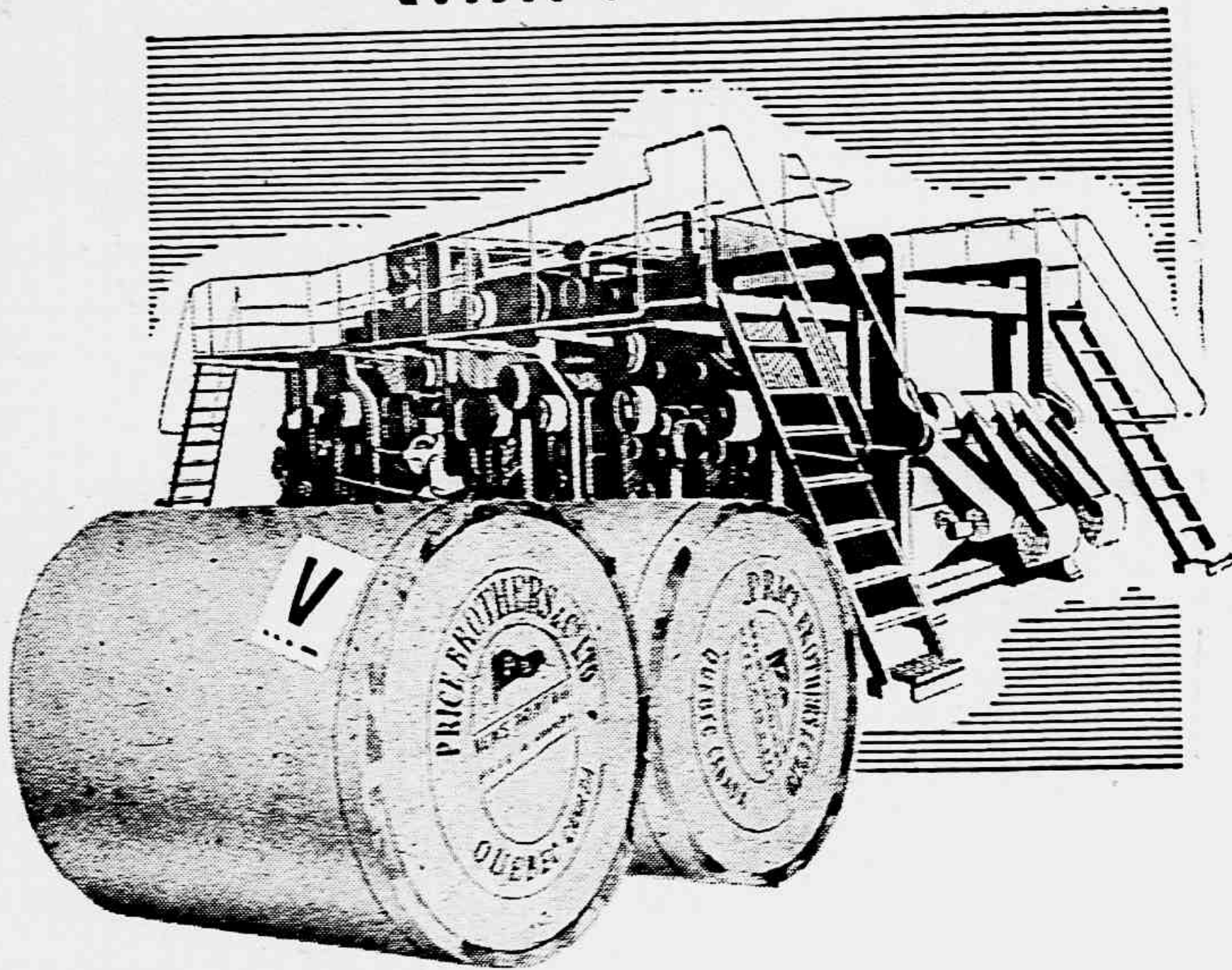
— O coronel Forbes está por conta...

Rimos. E pedimos a Brent que continuasse.

— Não estou sendo pau? Pois é isto o que o Natal me recorda... Por isto, desde que me casei resolvi que meu filho teria tudo o que o Natal não me deu... Mas a sorte continuou a perseguir-me... Nunca cheguei a ter essa alegria... Só desta vez, no terceiro Natal de John, D. Brent Junior, posso fazer o que sempre pensei: dar-lhe um Natal de

PRICE BROTHERS SALES CORPORATION

QUEBEC-CANADÁ



FABRICAM PAPEL DE IMPRENSA PARA O BRASIL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MURRAY, SIMONSEN & CIA. LTDA.

EDIFICIO CITY

AV. RIO BRANCO, 23 - 15º AND.
RIO DE JANEIRO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

rico... Porque, parece pilhéria, só na guerra consegui ser alguma coisa. O que a vida sempre me negou tenho aqui, afundando "ratos" e abatendo aviões.

Isto é duro, para quem tem um coração mole como o meu e ali o do brasileiro, mas nada posso fazer... Há três anos John D. Brent Junior só tem tido pobreza no Natal, como o pai, coitado... Eu e Betty fazíamos planos e mais planos. Vinha o Natal e bumba! Não havia dinheiro nem para uma ceia, para um pinheirinho... De amargar, meninos... Enfim...

E com um suspiro de alívio:

— Este ano, meus senhores, é que John D. Brent Junior vai ter um "Merry, Merry Xmas", um Natal de fato!

★

Lembrávamos tudo isto ao voltarmos à base, após a patrulha da madrugada... O avião de Brent não regressara. Não regressaria mais. Ele descera muito sobre o "rato", para acertá-lo em cheio, bem na torre, como gostava de fazer. Mas desta vez Brent perdera a partida. Harry, que também corria sobre o corsário nazista e o afundara com um direto, assistiu à queda do aparelho de Brent, em chamas, como um aviãozinho de celulósido caindo no mar:

— Ele não tinha que ter um Natal feliz — disse alguém, com tristeza, lembrando o companheiro tão igual sempre, que era o Brent.

Resolvemos pedir ao coronel Forbes que deixasse passar o Natal para mandar a notícia à senhora e ao menino.

O coronel Forbes acedeu.

A base enviou a John D. Brent Junior uma porção de brinquedos, uma esquadrilha minúscula, um pinheiro nevado, muita coisa. Tudo em nome de seu pai, como se fôsse o próprio Brent que estivesse mandando.

O coronel Forbes fez um correio especial para isso.

A base deu ao menino de Brent o Natal que, pela primeira vez, ele queria que o filho tivesse.

Mas nenhum de nós se consolou de o "Camondongo" não ter regressado daquele serviço de patrulha:

— Serviço miserável este, meu velho...

E era como se estivéssemos

O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

Aguardem, para o Natal, a nova edição do **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, o livro maravilhoso que a todos interessa

Preço: Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

Pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

Atende-se pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio

ouvindo a sua voz, a repetir aquele estribilho, sob o aguaceiro da madrugada de Natal,

neste dezembro de 1943, em um ponto qualquer da costa do Atlântico.

Cerveja Antártica

PILSEN-EXTRA

PILSEN-EXTRA,

a cerveja-lider do Brasil

Um produto **ANTARCTICA**

★ Continental

ANDYARA PEIXOTO



UM GRANDE
SUCESSO EM
BUENOS AIRES



Não faz muito tempo que essa conhecida cantora da música popular brasileira esteve em nossa redação, para se despedir, pois receberia um contrato da Radio Belgrano, aonde ia representar com grande satisfação o samba brasileiro.

Pela bem certos leitores, lembrando de receber vários telegramas de Buenos Aires, os quais nos informam estar constituindo um extraordinário êxito artístico a temporada da cantora brasileira na referida emissora. Esta notícia não nos surpreendeu muito, pois já estavam acostumados aos sucessos alcançados por Andyara nos teatros, cassinos e rádio-emissoras nacionais.

Andyara Peixoto é uma cantora diferente, jovem e atraente. Mas não são só os seus dotes físicos que lhe têm possibilitado uma carreira vitoriosa; é a sua voz de ótimos acordes e de inúmeras suaves melodias e vibrante a um tempo, o maior principal dos aplausos com que é recebida sempre que seu nome se anuncia.

Os argentinos sempre são interessados por tudo que se refere a uma popular brasileira, não perdendo oportunidade de conhecer um dos nossos mais categorizados intérpretes.

Andyara Peixoto, graças ao seu grande sucesso em Buenos Aires, prolongará a sua estadia através do Chile e Peru. ★



Harry Truman, na varanda de sua residência, após uma reunião senatorial, sorrindo para o fotógrafo, em companhia de sua mãe. Nada faz lembrar, neste homem, o presidente de uma grande potência.

HARRY TRUMAN NA INTIMIDADE

Eleito para vice-presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Harry Truman talvez também se surpreendesse, à notícia de que deveria substituir o grande Presidente Roosevelt durante quase todo o quadriênio de sua quarta gestão. Truman assumiu o go-

vêrno norte-americano num momento ainda impreciso, por isto que, se então já se mostrava clara e irrefutável a vitória na Europa, a guerra no Pacífico era ainda uma incógnita negra posta no caminho da Grande Democracia. O andamento dos trabalhos de produção

de bombas atômicas, dos quais era ele um dos raros possuidores do segredo, faziam adivinhar que também do outro lado a energia nuclear do urânio estava sendo igualmente estudada para o mesmo fim destruidor.

Truman não esmoreceu. Empenhou todos

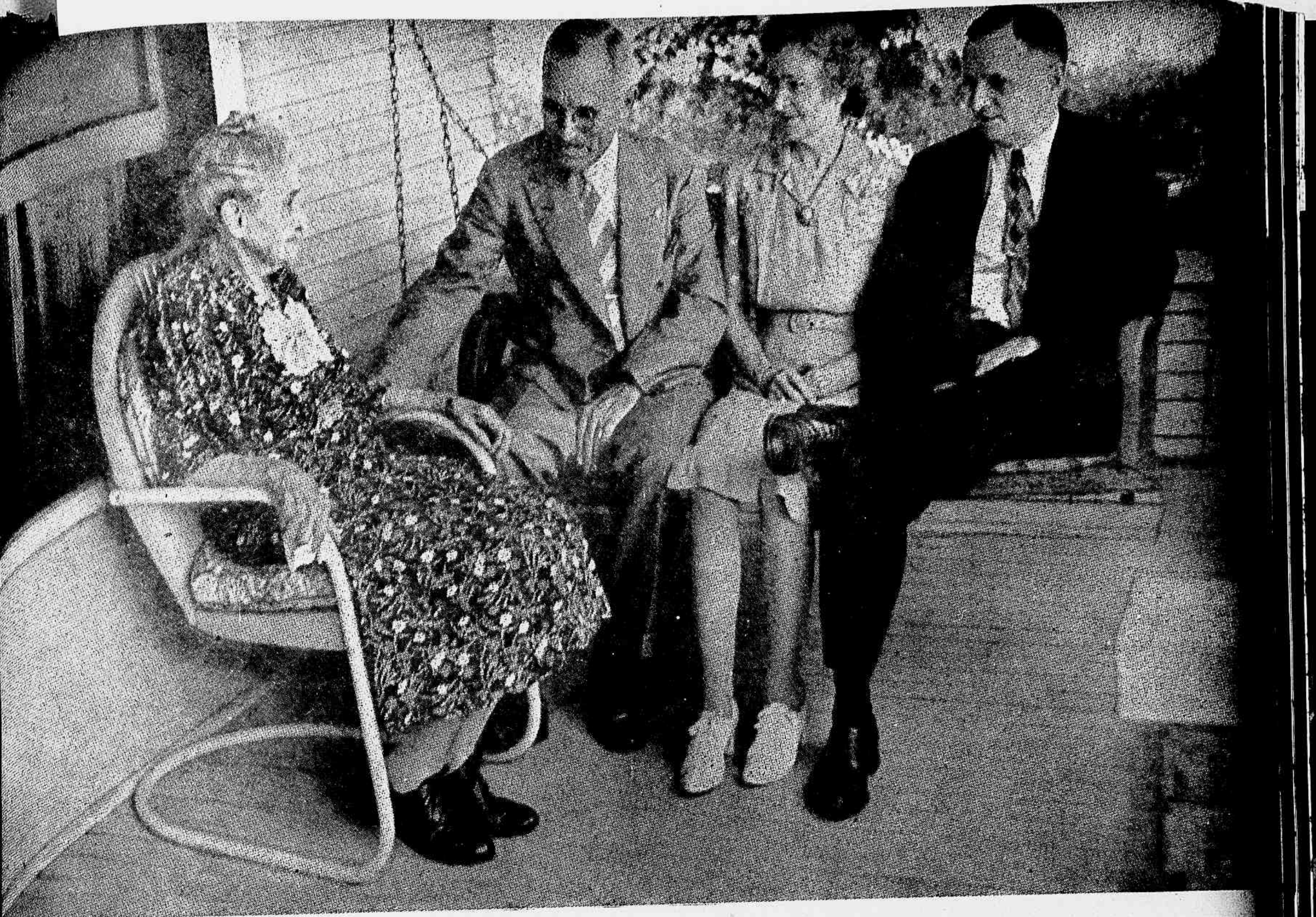
os seus esforços na direção desses trabalhos, fazendo com que fôsse o inimigo o primeiro a sentir os efeitos devastadores de uma arma atômica. Foi ele o Presidente a quem o destino reservou o privilégio de ver surgir a era atômica e de participar diretamente da história da descoberta do bombardeamento dos neutrons de urânio. Apesar de ter sido usada por sua ordem a mais poderosa e demoníaca arma de todos os tempos, Truman tem se revelado um democrata perfeito e um civilista reto, governando com serenidade e justiça, e procurando, por todos os meios, seguir a grande política interna e externa de Roosevelt.

Como o seu gigantesco antecessor, Truman é, antes de ser um grande estadista, um cidadão exemplar. É esta faceta de sua vida que queremos mostrar aqui aos nossos leitores, apresentando aspectos de sua vida privada de pai de família americano, que vive como qualquer homem do povo: sem requintes de luxo e sem etiquetas tradicionais. Nas fotos que aqui apresentamos, vemo-lo na intimidade de seu lar, em companhia de suas mãe, esposa e filha, em flagrantes que revelam a existência de uma vida familiar americana da classe média. Nada pode fazer lembrar aqui a vida do Presidente de uma das três maiores potências do mundo, do país onde saiu a energia atômica libertada. No entanto este é Harry Truman. E aquele era Roosevelt. Ambos modestos e sorridentes, desta modestia que caracteriza os grandes, dessa alegria que põe em evidência as consciências limpas. Aí está Truman na intimidade. Um homem como os outros, que gosta de se sentar na varanda em tardes de calor. Um homem que lê seus autores prediletos, comodamente instalado na cadeira predileta. Um homem enfim. E um grande Presidente.

Truman, quando ainda senador, fotografado quando deixava sua casa para um passeio em companhia de sua esposa e de sua filha Margaret. A este tempo ele nem tinha ainda sido eleito vice-presidente. Com a esposa e a filha, num passeio burguês, ele nem supunha, com certeza, que o destino lhe reservaria o lugar de primeiro magistrado da Nação Americana.

A casa de Truman é pitoresca, situada entre árvores frondosas de um jardim bem tratado, como a casa de qualquer americano amigo do conforto. Aí está ele fotografado no jardim de sua residência, ao lado da esposa e da filha, quando ainda senador federal.





A família de origem de Harry Truman, fotografada no assento movediço de uma casa de campo. O Presidente está sentado ao lado de sua irmã Mary Jane e de seu irmão Vivian.
Em baixo, a família Truman: o Presidente, Mrs. Truman e Margaret Truman, filha do casal.





JOCKEY CLUB MUNDANO

Domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos admiradores do turl mais uma reunião que, como sempre, transcorreu num ambiente de animação e alegria. As tribunas estavam repletas de elementos representativos da sociedade carioca, que ali se reuniam para gozar a emoção das carreiras e deliciar a vista na contemplação do desfile de modas. Estampamos nesta página alguns flagrantes colhidos pela nossa objetiva durante os intervalos das corridas





Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galiléia e das doces, luminosas margens do lago de Tiberíade: — mas a nova dos seus Milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre oliveiras e vinhedos, no paiz de Issachar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e de aumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo Profeta, um Rabbi formoso percorria os campos e as aldeias da Galiléia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E, enquanto descansava, sentado á beira da *Fonte dos Vergeis*, encontrou ainda que esse Rabbi, na estrada de Magdala, sarára da lepra o servo dum Decurião Romano só com estender sobre ele a sombra das suas mãos e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gassanios, onde começava a colheita do baleano, resuscitára a filha da Jaira, homem considerável e douto que comentava os Livros na Synagoga. E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha no ombro, lhe perguntassem se esse era, em verdade, o Messias da Judéa, e se diante dele refugia a espada de fogo, e se o ladavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob o Aqueducto, logo sumido na espessura das amendoeiras em fiôr. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos mezes em que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo, por toda a campina que verdeja até Ascalon, o arado pareceu mais branco de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar: as crianças, colhendo ramos de arêmonas, espreitavam pelos caminhos se além da esquina do muro, ou de sob o sycamore, não surgiria uma claridade: e nos bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão saiente certeza, os diclames antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, duma família pontifical da Samaria que sacrificara nas aras do Monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas — e com o coração tão cheio de orgulho como o seu celeiro de trigo. Mas um vento arido e abradado, esse vento de desolação que ao mardo do Senhor e pra das torvas terras d'Assur, matára os rezes mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao vento, e se estiravam na latada airisa, só deixára, em torno dos olmos e pinhais despidos, sarmentos, ramos mirrados, e a parra rorida de crespas ferrugem. E Obed agachado á soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, pal-

pava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira falar desse novo Rabbi da Galiléia, que alimentava as multidões, amedrontava os demônios, emendava todas as desventuras — Obed, homem lido, que viajára na Phenícia, logo pensou que Jesus seria um desses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Appolônios, ou Rabbi Ben-Dessa, ou Simão, o Subtil. Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrelas, para eles sempre claras e faceis nos seus segredos: com uma vara atigentam de sobre as searas os moscados gerados nos lidos do Egypto: e agarram entre os dedos as sombras das arvores, que conduzem, como todos benéficos, para cima das eiras, á hora da sésta. Jesus da Galiléia, mais novo, com magias mais viçosas de certo, se ele largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galiléia o Rabbi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias o trouxessem a Enganim, no paiz d'Assachar.

Os servos apertaram os cinturões de couro — e largaram pela estrada das Caravanas que, costeando o Lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho como uma rã muito madura, as neves finas do monte Hermon. Depois, na frescura duma manhã morna, o lago de Tiberíade resplandecia diante deles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos, de densos vergeis, de rochas de porfiro, e de alvos terreços por entre os pomares, sob o vôo das rôlas. Um pescador que desembarcava precipitadamente a sua barca duma ponta de relva, assembrada de arcedos, escutou, sorrindo, os servos. O Rabbi de Nazareth? Chl desde o mez de Ijar, o Rabbi dascera, com os seus discipulos, para os lados para onde o Jordão leva as aguas.

Os servos, correndo, seguiram pelas margens do rio, até adiante do vau, onde ele se estira num largo remenso, e descarça, e um instante depois, imovei e verde, á sombra dos tamarindos. Um homem da tribu dos Essenios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente herbas salutares, pela beira da água, com um cordão branco ao colo. Os servos humilmente saudaram-o porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e candido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E sabia da passagem do novo Rabbi da Galiléia, que como os Essenios ensinava a cura e curava as gentes e os gados? O Essenio murmurou que o Rabbi atravessára o Oasis d'Engadli, depois se adeantára para além. — Mas onde, "além?" — Movendo um ramo de fiôres

roxas que colhera, o Essenio mostrou as terras d'Além Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até ás fragas onde se ergue a cidadela sinistra de Makau. No Pôço d'Yacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egypto myrrha, especiarias e bálsamos de Gilead: e os carneiros, tirando a água com os bores de leite, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um Rabbi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancara sete demônios do peito duma terdeira, e que, á sua voz, um homem degredado pelo saltador Barabas se eiguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo acordadamente, pelo caminho dos Peregrinos até Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até ás Nascentes da Amalha. Mas Jesus, nessa madrugada, semido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcára no lago, num brel de nesca, e á vela navegára para Magdala. E os servos d'Obed, descoraçoados, de novo passaram o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sanda-

(Continua na pag. 80)

O SUAVE MILAGRE!
Conto de
EÇA DE QUEIROZ

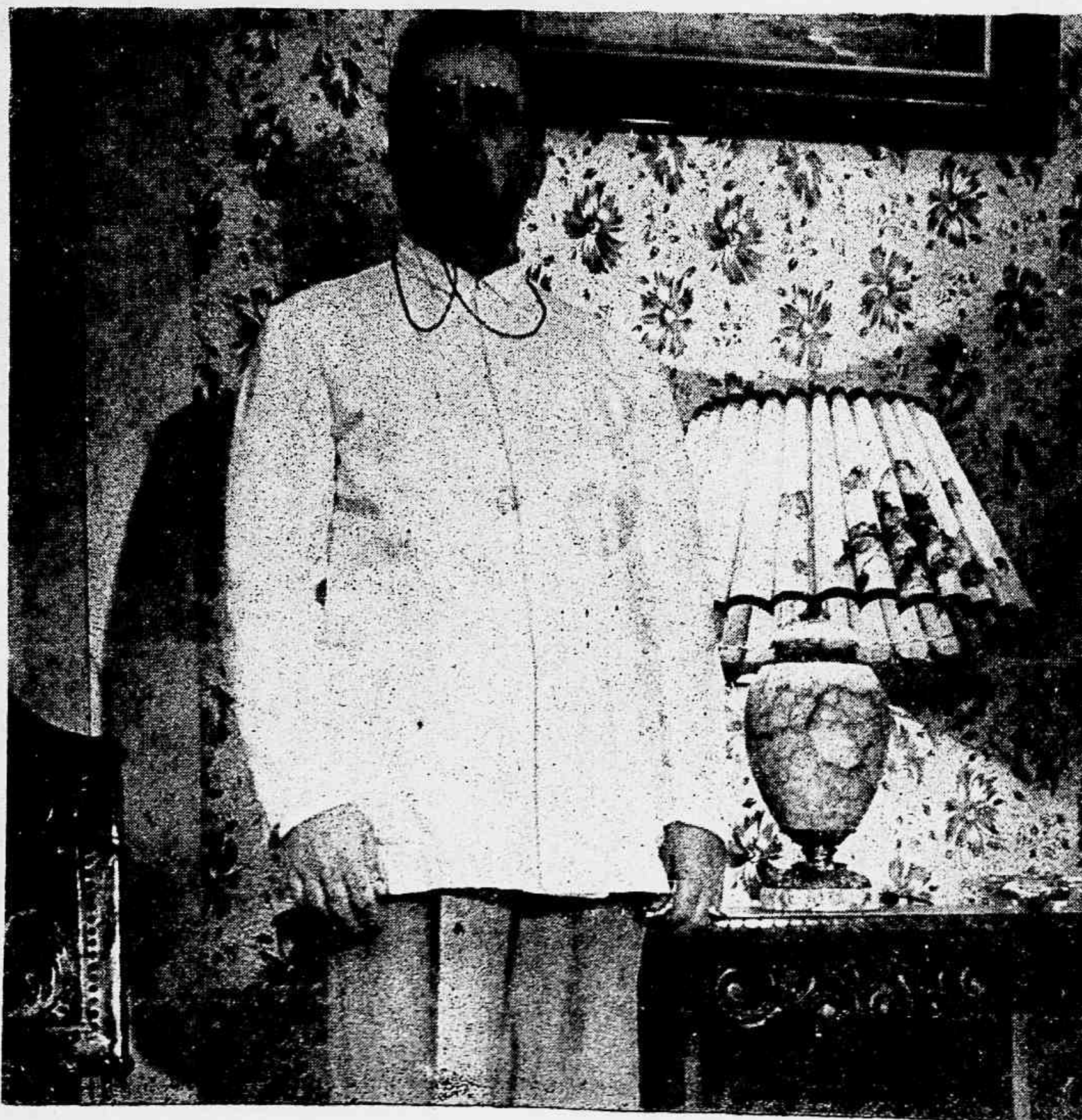


Maria Sampaio e Mario Brasini, do "Teatro das Segundas-Feiras". Cena de "Luz de Gás", representada no Fênix.

CONVERSA SOBRE TEATRO

MARIA JACINTHA

Jaime Costa em "O Grande Marido", uma de suas peças da temporada de 45 no Glória. A peça é de autoria de Eurico Silva.



I

TANTO quanto possível (e mais ainda do que seria talvez possível, num ambiente de insegurança, de incertezas, de inquietação), nada teve de incolor ou de neutro o ano teatral de 1945. Bastariam as realizações de Dulcina — suas altas criações de atriz em "A Rainha Vitória", "Chuva" e, agora, para finalizar a temporada, em "A Sereia Louca" de Casona, e sua esplêndida atuação de diretora-ensaiadora, que nos vem dando os mais artísticos espetáculos com que o Brasil mal ousava sonhar há alguns anos — bastariam o que por ela está sendo plantado e os frutos que já se anunciam, em iniciativas mais sérias prometidas ao próximo ano, para que considerássemos o ano que termina brilhantemente marcado para o teatro brasileiro.

Não se limitaram, porém, as qualidades deste ano, aos esforços bonitos e bem sucedidos com que Dulcina — incontestavelmente a nossa maior autoridade em teatro — manteve em continuação o seu programa de levantar cada vez mais alto o teatro de nossa terra, em realizações artísticas que ninguém mais, honestamente, poderá negar, porque constituíram, na verdade, uma ascensão quase mágica, só conseguida porque comandada por um espírito em que o sentido para planos mais altos é princípio e é finalidade. Houve, também, uma boa vontade coletiva das outras Companhias que aqui atuaram, e nenhuma delas daqui saiu ou por aqui passou sem, pelo menos, deixar um sucesso assinalado, como, por exemplo, Jaime Costa, em "Papá Lebonard", e os artísticos e bem escolhidos espetáculos de Maria Sampaio, no Teatro das Segundas-Feiras.

II

Mas outras coisas aconteceram para o Teatro — movimentando-o e agitando-o. Coisas que poderiam ter colhido resultados melhores, se a força construtiva de uma classe unida para defender-se não tivesse ficado perdida — diluída em festejos e passeatas ruidosas, que tiraram o sentido e a eficiência dos movimentos.

Devemos reconhecer, por elementar sentimento de decência, nesta hora crepuscular da Ditadura, que entre os grandes erros do sr. Getúlio Vargas, nesses quinze anos de governo, nunca teve o do desinteresse pelo Teatro. Realmente, pouco foi feito, mas isso se deve, principalmente, àqueles que deveriam executar os programas ou planos que diziam respeito ao teatro nacional — uma vez que o Teatro esteve sempre previsto nas verbas oficiais. Mas o Serviço Nacional de Teatro, criado para amparar e elevar o teatro, nada mais foi, nesses anos todos, do que um descalabro, ora pitoresco, ora doloroso, que enterrava, dia a dia, as energias dos mais persistentes realizadores e abalava as esperanças dos mais invencíveis idealistas.

Reconhecendo, como reconheço (sem que nunca tenha tido qualquer simpatia política pelo governo do sr. Getúlio Vargas, desde o dia em que seu aspecto policial e fascista tão fundamente passou a ferir a dignidade humana do brasileiro), reconhecendo como reconheço que a classe não poderá negar estivesse nas cogitações do ex-Presidente o Teatro como parte de seu programa de cultura (mesmo considerando errado, muitas vezes, tal programa), sinto-me perfeitamente à vontade para comentar a ineficiência dessa Semana do Teatro, não por ter sido em homenagem àquele que a classe teatral conside-

rava um seu grande amigo, mas por ter sido inócua, declamatória, desperdiçada e vazia de qualquer resultado construtivo.

Porque, nesse indiscutível e mal orientado interesse do sr. Getúlio Vargas pela arte teatral, havia um outro aspecto que a classe não poderia deixar de fixar: a pressão da censura dipiana — tolhendo, limitando, destruindo. (Mas não me venham dizer, nesta altura, que esse outro lado — o DIP — entravava também o Serviço Nacional de Teatro. O DIP não proibiria a organização de uma Escola de Teatro — ou o amparo que o Serviço Nacional de Teatro nunca soube dar ao seu Curso Prático de Teatro. O DIP não impediria cogitasse o Serviço Nacional de Teatro da construção de casas de espetáculo. O DIP não impediria, dentro de uma Escola de Teatro bem organizada, o estudo do teatro clássico, de um teatro de arte — e isso, numa hora em que outras coisas de mais definido sentido humano e social o DIP fatalmente impediria, já seria programa, já seria cultura básica que prepararia a mentalidade popular para a cultura mais ampla que os dias melhores lhe trarão, certamente.)

Era o momento de, naquela semana em que tão cordialmente os artistas se manifestaram pelo ex-Presidente, fazer-lhe ver como se anulavam as medidas que tomava, concedendo verbas para o Teatro, se do outro lado havia um órgão de opressão da liberdade criadora do escritor e do artista e o Serviço Nacional de Teatro desorientado e incapaz, era a hora talvez indicada para que a luz e o entendimento se fizessem, para que as liberdades do espírito fossem recuperadas.

Tudo quanto ficou calado, desde 1935, poderia talvez ser dito numa explicação, sem intermediários, entre Teatro e Governo. E ninguém nos poderá afirmar que, diante de uma reivindicação honesta, serena e corajosa, o Teatro não conseguisse alguma coisa além do Plano Massot — alguma coisa mais importante, mais concreta e além dos problemas previstos pelo Plano Massot.

Imaginemos o que já poderia estar feito se em lugar de se perderem sete dias em passeatas e louvações fossem esses sete dias aproveitados, por exemplo, em um Congresso Teatral, que definisse bem as reivindicações, as aspirações, a posição de luta do teatro brasi-

(Continua na pág. 85)



Dulcina e Odilon no momento culminante de "Chuva", peça extraída da novela de Somerset Maugham e traduzida por Genolino Amado. Representada no Municipal e, posteriormente, no Ginástico, com absoluto sucesso.

Bibi Ferreira fez uma temporada de repertório variado no Fênix. A fotografia mostra-nos uma cena de "A Carreira da Zuzu", posada pela "estrela" e o ator Jorge Diniz. Foi essa uma das peças que maior permanência registraram no cartaz da última temporada de Bibi.



A PORTA ABERTA --- conto de ---

H. H. MUNRO

— Minha tia já vem.
Nadel lançou um olhar distraído para a menina e assentiu.

— O senhor chegou aqui há muito tempo?

— Dois dias.

Ela estava insistindo. Evidentemente a tia tinha encarregado a menina de "fazer sala" até ela chegar. Não podia, naturalmente, adivinhar que Nadel precisava, simplesmente, de paz e sossego.

— O senhor já tinha vindo aqui?

— Nunca.

— É uma linda cidade. Cheia de recantos pitorescos.

Nadel sorriu, vendo aquela menina de uns quatorze anos, mais ou menos, falar em "recantos pitorescos". Por um momento divertiu-se imaginando em que livro ela descobrira a expressão que tanto lhe agradara, a ponto de guardá-la para uma

ocasião como aquela. Uma visita de cerimônia e ela destinada a entretê-la.

Os assuntos de conversa eram poucos e a menina pouco hábil. Fazia esforços entretanto para manter a conversa animada. O último recurso das anfitriãs em apuros, não podendo encontrar tópico para discutir, é submeter o visitante a um completo interrogatório, na esperança de que uma das respostas forneça

alimento para alguns minutos de palestra. Assim, por exemplo, se ele tivesse dito que já conhecia bem a cidade, ela poderia ter discutido as belezas do panorama...

— O senhor, se não me enganar, veio descansar?

Divertia-o a atitude forçada da menina, que assumira um ar de grande dama, imensamente majestosa, ridiculamente séria.

— Sim. Estava precisando de ar puro e alguns meses de repouso absoluto.

— Ah...

Naquela exclamação prolongada havia uma série de insinuações inconscientes. Ah... Está precisando de repouso? Como quem diz: então andou "farreando muito". Nadel apressou-se em acrescentar:

— Em virtude de excesso de trabalho, tive "surmenage"...

Novamente ela retrucou:

— Ah...

Nadel irritou-se. "Como se eu tivesse dito que vinha do hospício. É muito provavelmente isso que ela está pensando".

— Você é a única sobrinha de Mrs. Thorpe?

Ela imediatamente ajeitou-se na cadeira e começou, em tom afetado:

— Sim. Quando meus pobres pais faleceram em um desastre de automóvel, minha tia, infinitamente bondosa, recolheu-me no seu lar. Isso, naturalmente, foi antes da tragédia.

— Tragédia?

— Não soube de nada?

— Não.

— Ah! É verdade. Sua irmã, que morou nesta cidade mas partiu antes do terrível acontecimento...

Ela deu às últimas palavras, recitadas num tom misterioso, uma significação estranha.

— De fato, ela nada me disse a respeito de uma tragédia. Aconselhou-me simplesmente que viesse visitar sua velha amiga Mrs. Thorpe.

— Pobre titia!

— Que há?

— O senhor sabe como são essas coisas...

Nadel, na verdade, não sabia que coisas, mas o que parecia adequado era um assentimento com a cabeça, em tom grave, pois na fisionomia da menina estampava-se todo o terror que lhe inspirara a tragédia. Que teria acontecido?

— Titia... titia está... está...

Custava-lhe muito pronunciar a palavra. Afinal encontrou um eufemismo:

— Está fraca da cabeça...

— Oh!

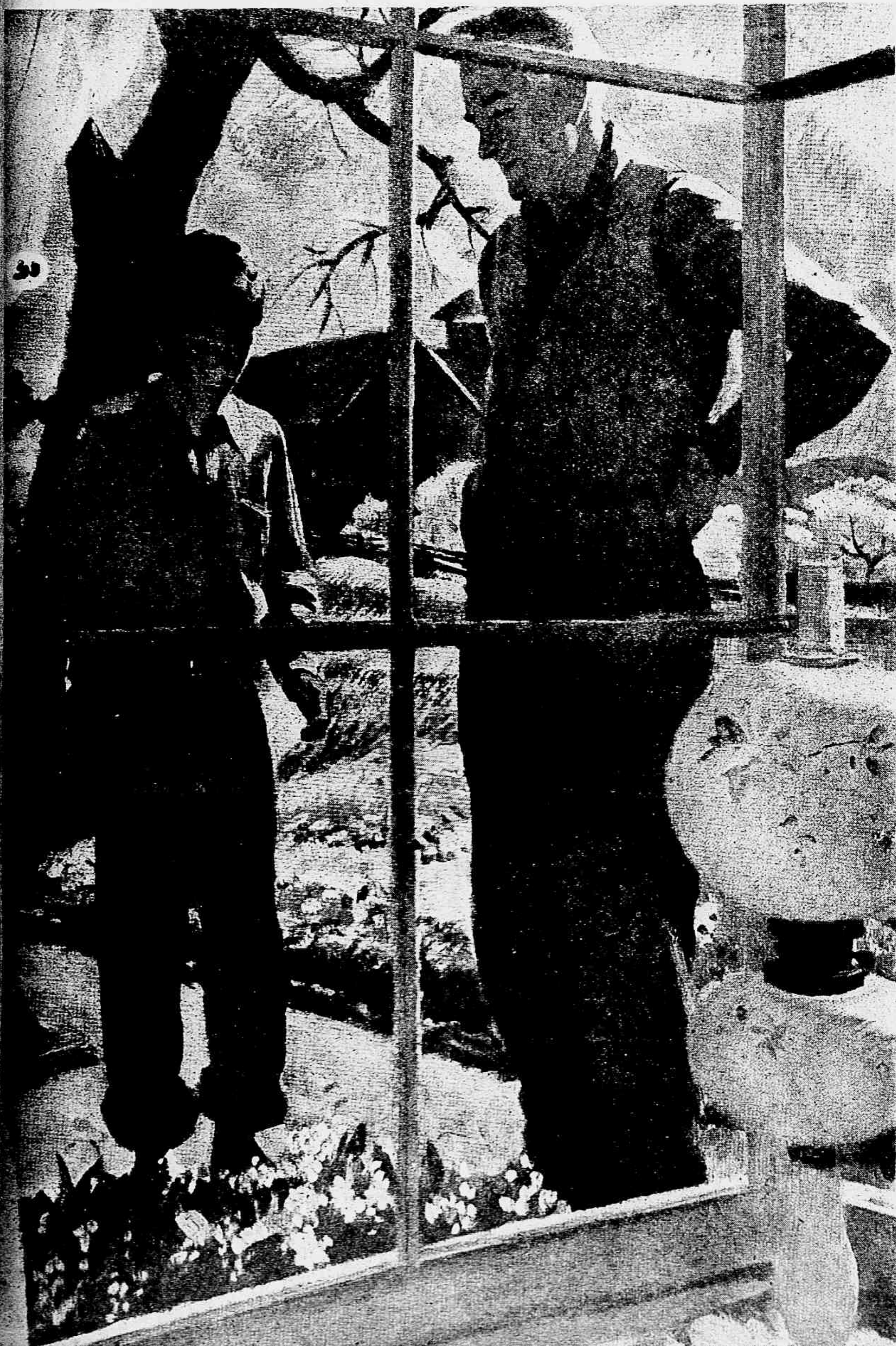
Ela apressou-se em explicar:

— Por favor, não é nada que a torne perigosa ou... ou que exija que seja colocada num asilo. Ela tem uma idéia... uma idéia fixa...

— Mas... mas como aconteceu isso?

— Essa foi a tragédia. Minha tia adorava o marido, e...

— Ele não é vivo?





NO DIA 15 DE NOVEMBRO — Aspecto da parada de 15 de Novembro de 1894, feito quando passava sob o arco de triunfo armado na rua Larga, hoje avenida Marechal Floriano, a testa da coluna do Batalhão Naval. Em primeiro plano vêem-se oficiais do Exército e algumas praças. Essa parada militar foi uma das comemorações do término da luta que consolidou a República Brasileira.

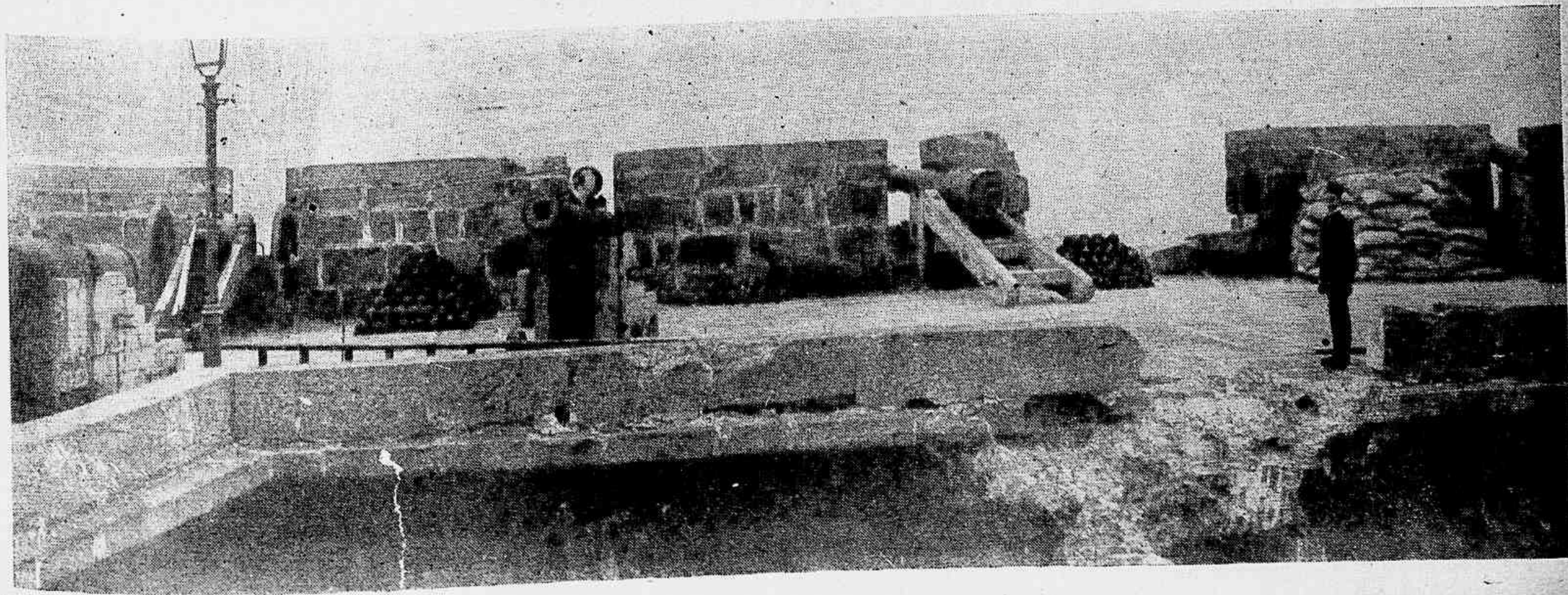
A REVOLTA DA ARMADA EM 93

Então já de todos os recursos havia lançado mão o Marechal de Ferro para apaziguar os ânimos e moderar as consequências da onda de reação que ameaçava o país. O levantamento do estado de sítio no Distrito Fe-

deral, a convocação das Câmaras foram atos que bem eloquentemente falavam de seu espírito liberal e reto. Continuou porém a inquietação a lançar sobre o cenário político nacional a sombra das confusões e dos desen-

tendimentos. A crise monetária e a carestia de vida eram elementos preciosos de que se aproveitavam os descontentes para a ofensiva gigante lançada contra o Governo Republicano. A guerra de nervos punha em eferves-

ARTILHARIA FLORIANISTA — Na Fortaleza da Lage foram intensas as atividades durante os sangrentos combates travados entre a artilharia de costa e a marinha sublevada. A gravura mostra alguns dos canhões florianistas daquela praça de guerra, fotografados num momento de calma, entre uma batalha e outra. Um dos jovens que defenderam a República aparece na foto, de pé sobre a plataforma de fogo.



CANHÕES DE FOGO CENTRAL — Este era um dos mais modernos canhões fabricados na época da revolta da Armada. Aparece aqui com a culatra aberta, pronta para receber o projétil destruidor. No chão e no coice balas a serem lançadas contra a esquadra. Esta foto foi feita no morro do Castelo.

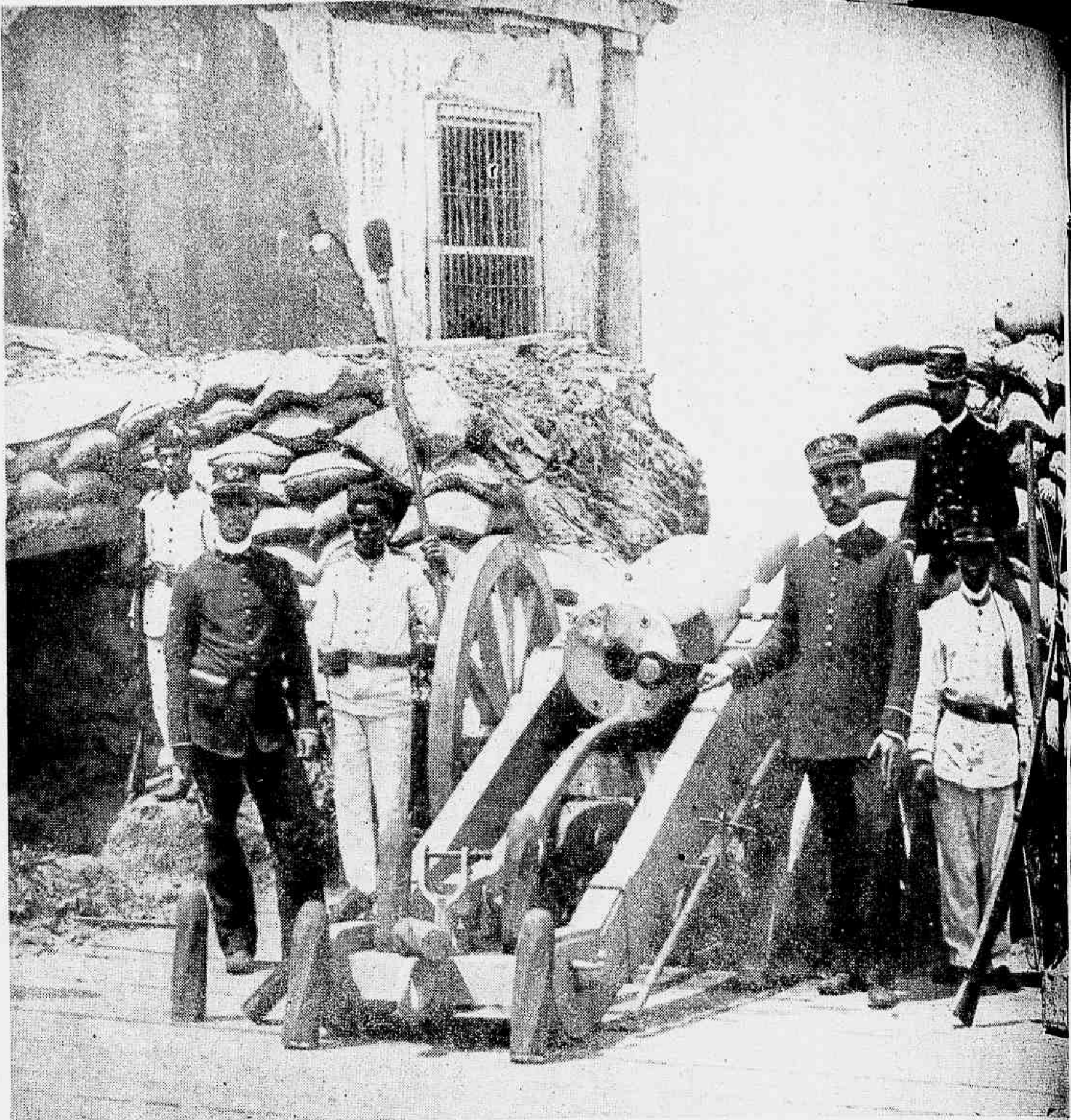
cência tôdas as paixões, e os ódios medravam em todos os setores.

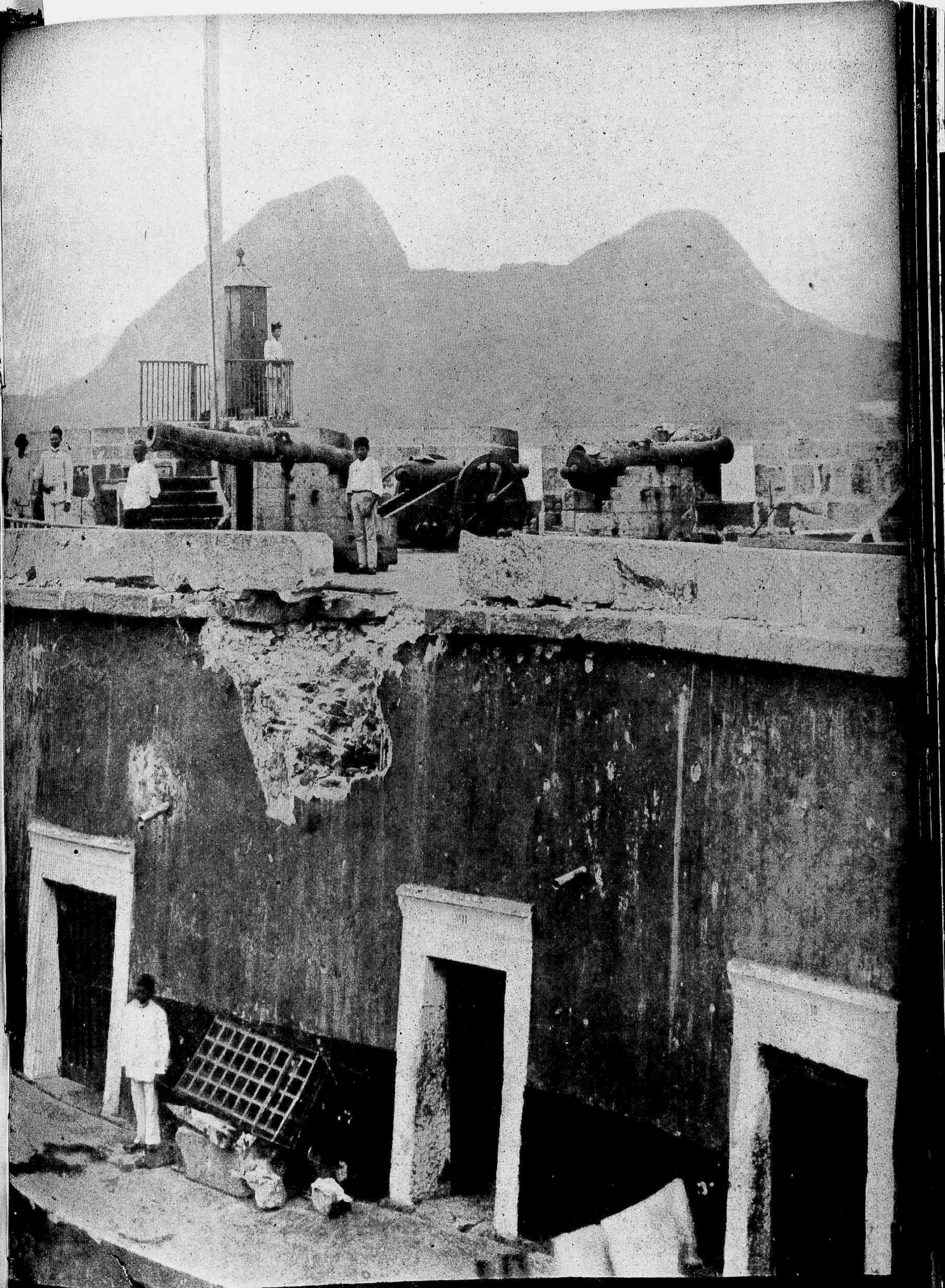
Floriano estava sitiado dentro do círculo de ferro dessas paixões e desses ódios. E não viu outro caminho para a salvação da República infante que não fôsse a estrada pedregosa e áspera da ditadura. E rumou por êle. A sua atitude resultou no inevitável — a insurreição armada. O almirante Custódio José de Melo, tomando posição firme de chefe da rebelião, lançou o seu célebre manifesto, no qual justificava o grande levante, acusando o Presidente de "haver aberto com mãos sacrílegas os cofres do erário público, para crear uma política de corrupção e subórno".

Era a guerra civil. Apossando-se da belonave "Aquidaban", Custódio de Melo levantou a esquadra. Imediatamente lhe deram adesão os couraçados "Javari" e "Sete de Setembro" e os cruzadores "República", "Trajano" e "Orion". Estava definitivamente lançada a sorte da Armada. As tripulações obedeciam ao seu chefe e por êle estavam dispostas a lutar de armas na mão para derrubar o Governo.

As forças do Exército porém mantinham-se fiéis ao grande general. E o povo, em sua maioria, emprestava também o seu apoio ao Consolidador da República. Floriano contava com forças capazes de tornar nula qual-

NAS PRAIAS DE NITERÓI — Não fôsse o apoio do povo, Floriano não teria conseguido manter-se no poder. Mas, ao seu apêlo, milhares de patriotas prontificaram-se a defender a República nos campos de batalha. Aqui vemos vários populares fazendo subir para a sua posição, junto à praia de Gragoatá, uma velha peça de calibre 70.



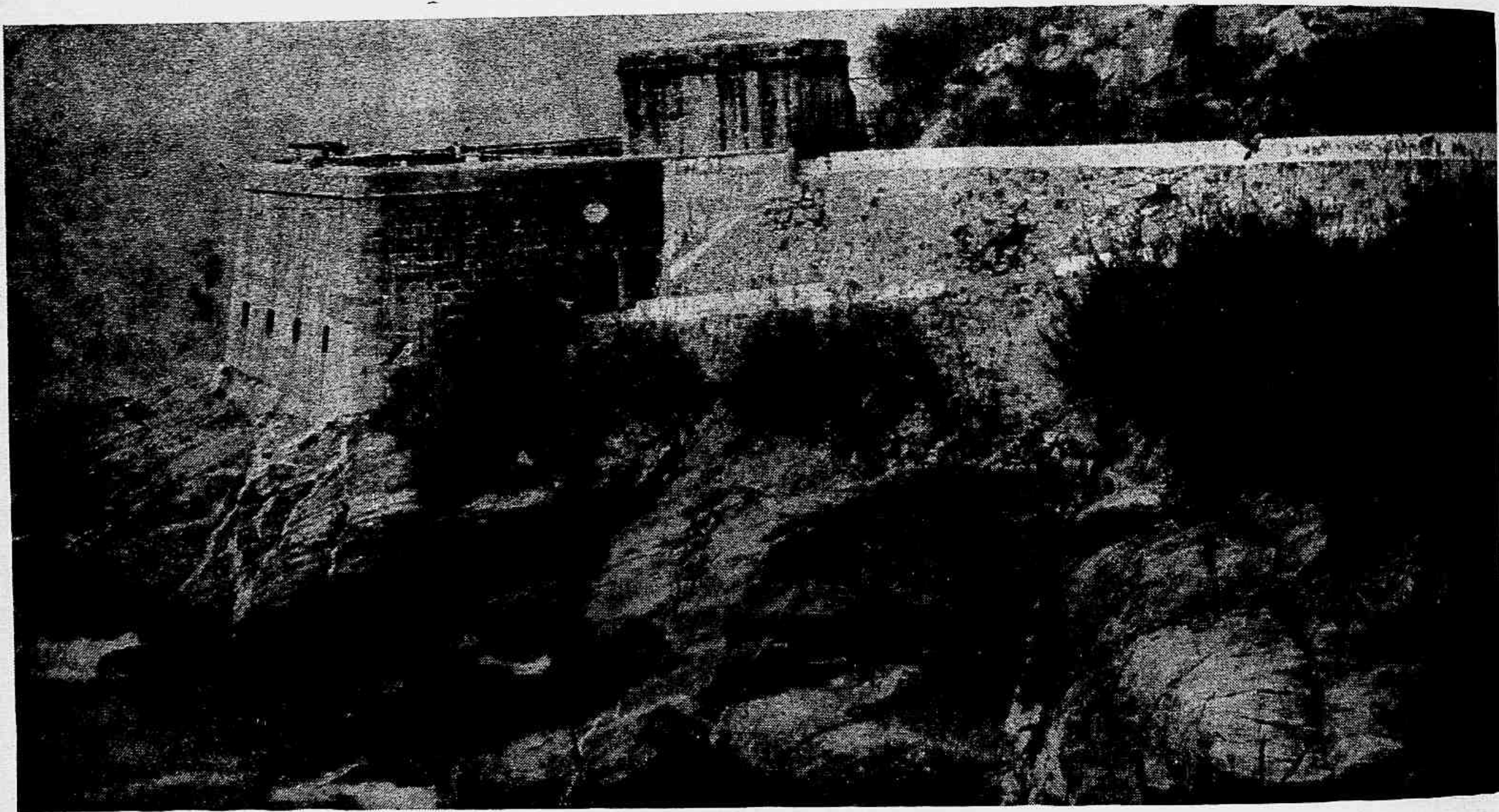


FORTALEZA DA LAGE.

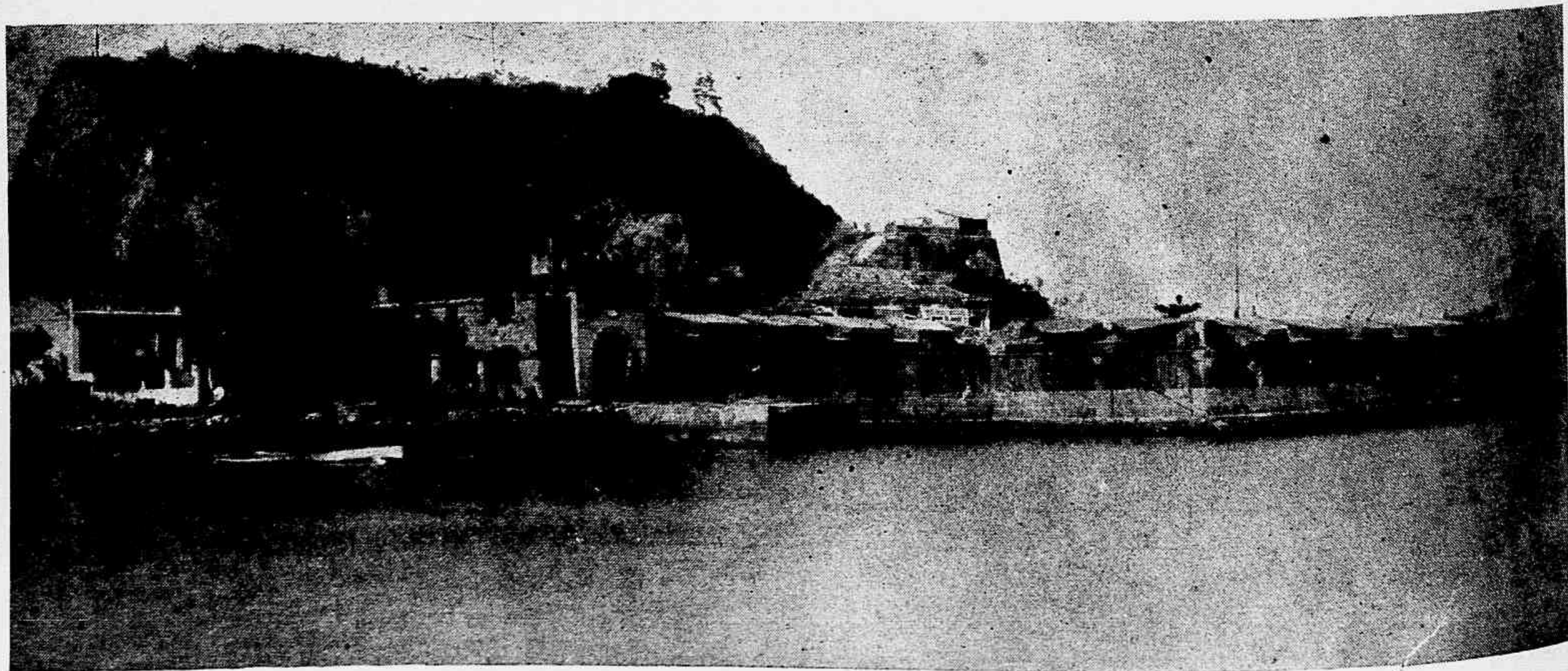
J. GUERRE

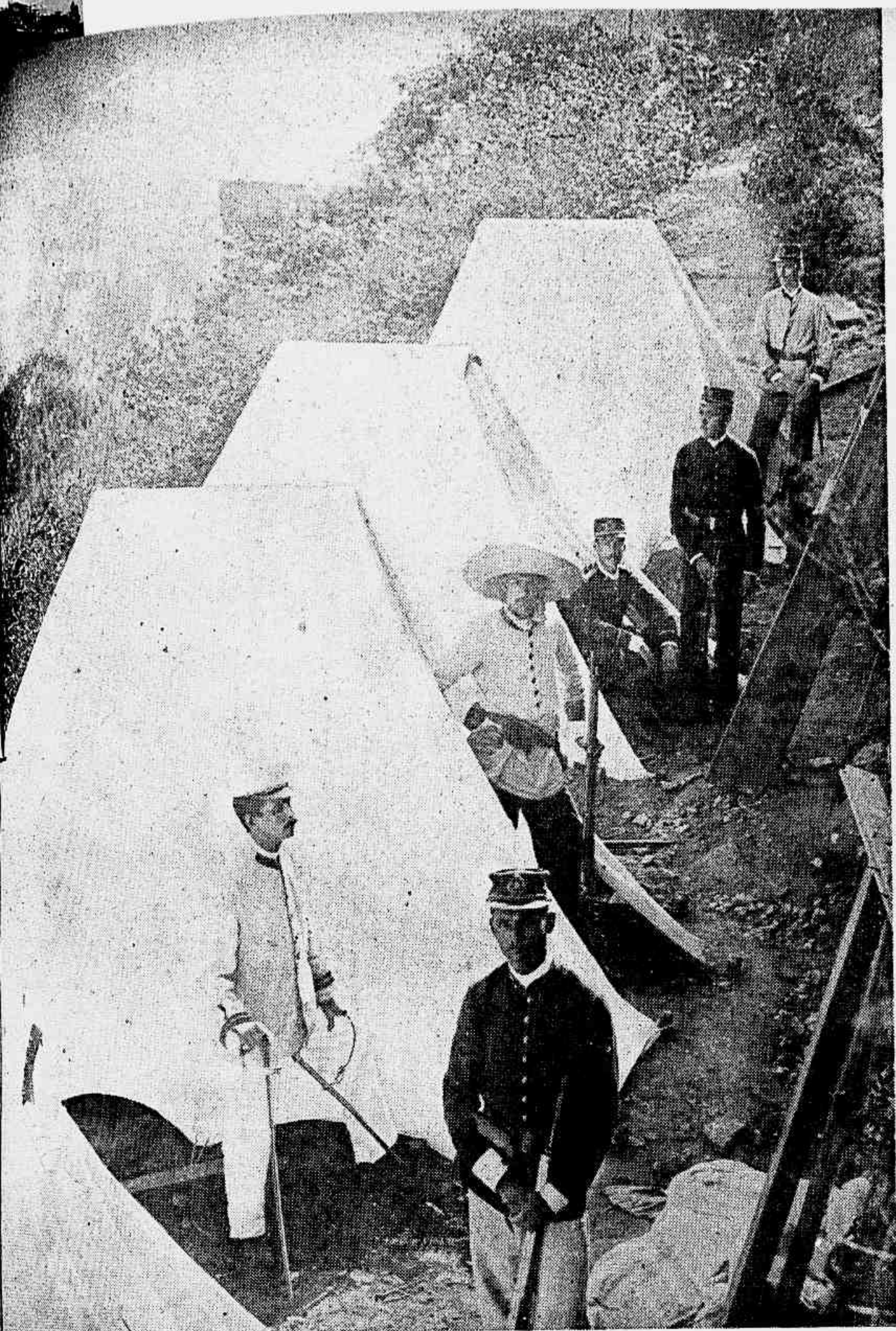


JUNTO AO CAIS PHAROUX — No antigo largo do Paço, que hoje se chama praça 15 de Novembro, estavam estacionadas, por trás dos parapeitos de sacos de areia, tropas de infantaria e de artilharia do Governo Republicano. Nesta foto aparecem oficiais e praças do Exército Regular e dos Batalhões Patrióticos que lutaram ao lado do Marechal de Ferro.

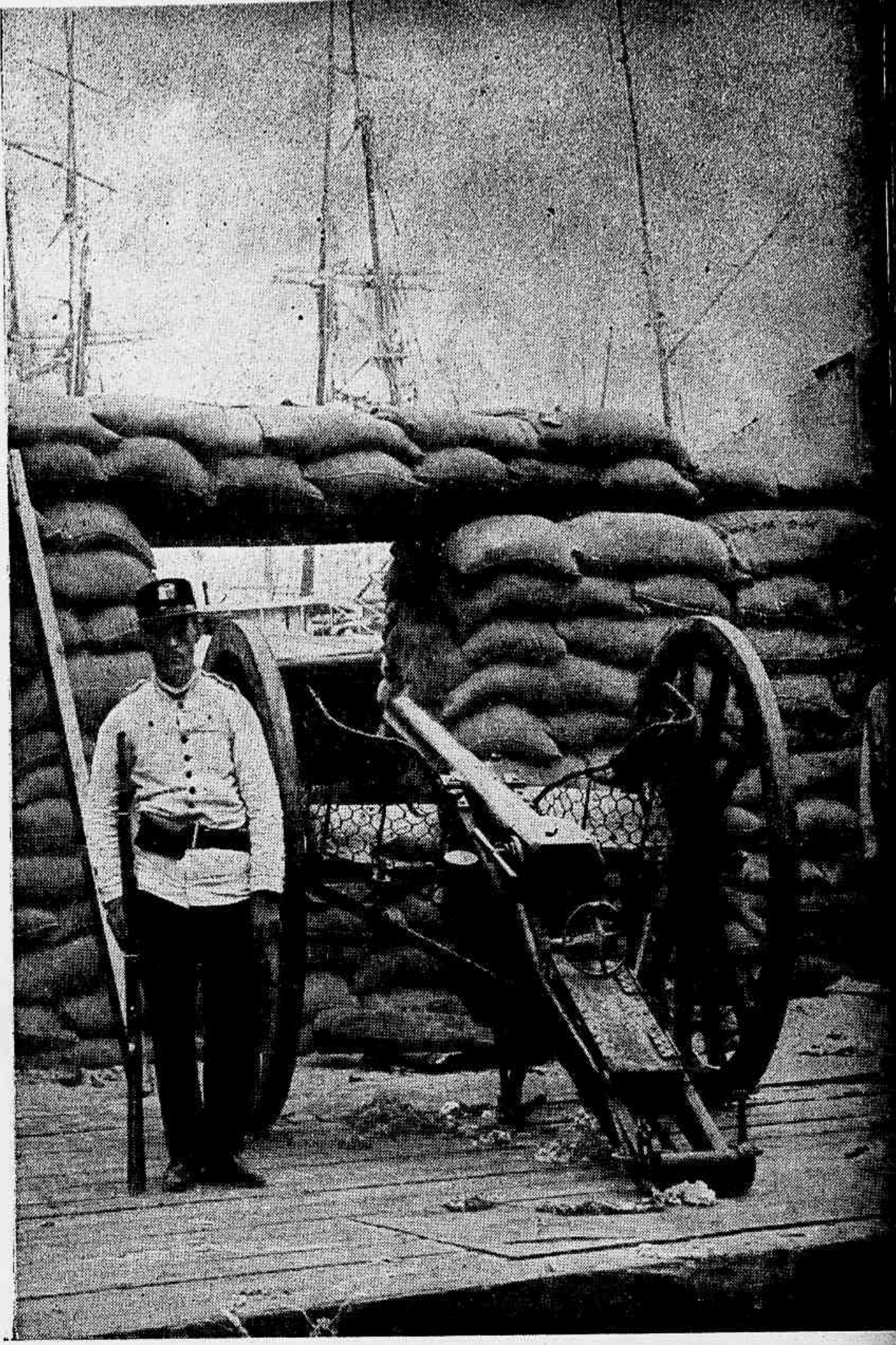


DEFENDENDO A BARRA — Dos dois lados da entrada da baía de Guanabara, as fortalezas respondiam com um fogo pesado de barragem às manobras da marinha, para se deslocar através da estreita barra. Ao alto, um aspecto da Fortaleza de São João, vendo-se uma peça de artilharia, que era então a última palavra em técnica militar. Em baixo, um aspecto da Fortaleza de Gragoatá, em Niterói, que também desempenhou papel importantíssimo na defesa da costa.



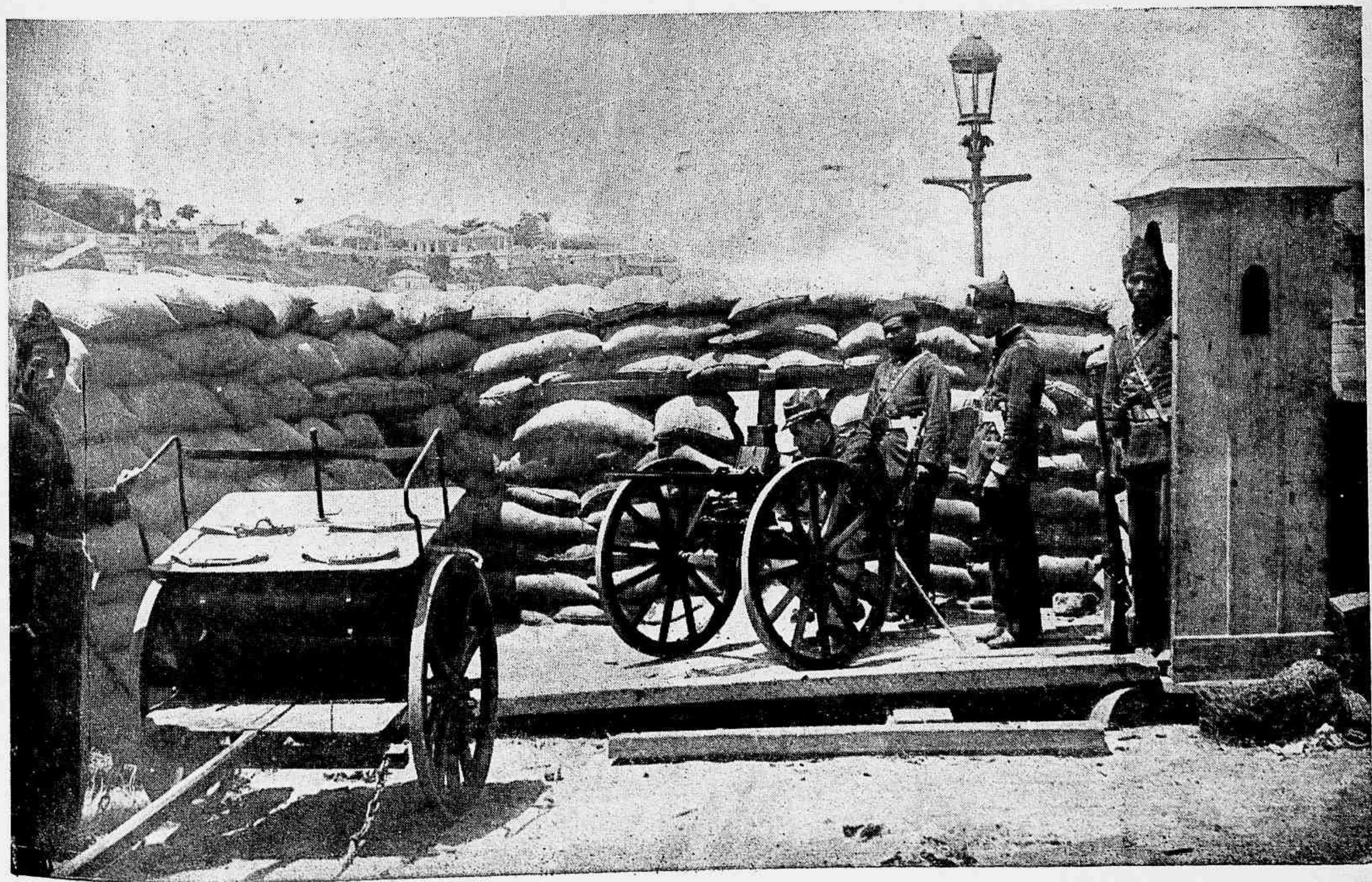


NO MORRO DO CASTELO — Em pleno centro do Rio de Janeiro, durante a revolução, o morro do Castelo apresentava um aspecto de zona de manobras militares. As barracas da infantaria legal estendiam-se por toda a faldá e, lá no alto, junto à igreja de São Sebastião, as baterias de costa rugiam contra os barcos rebeldes. Esta foto mostra um dos caminhos que levavam ao alto do morro, coberto de barracas de campanha.



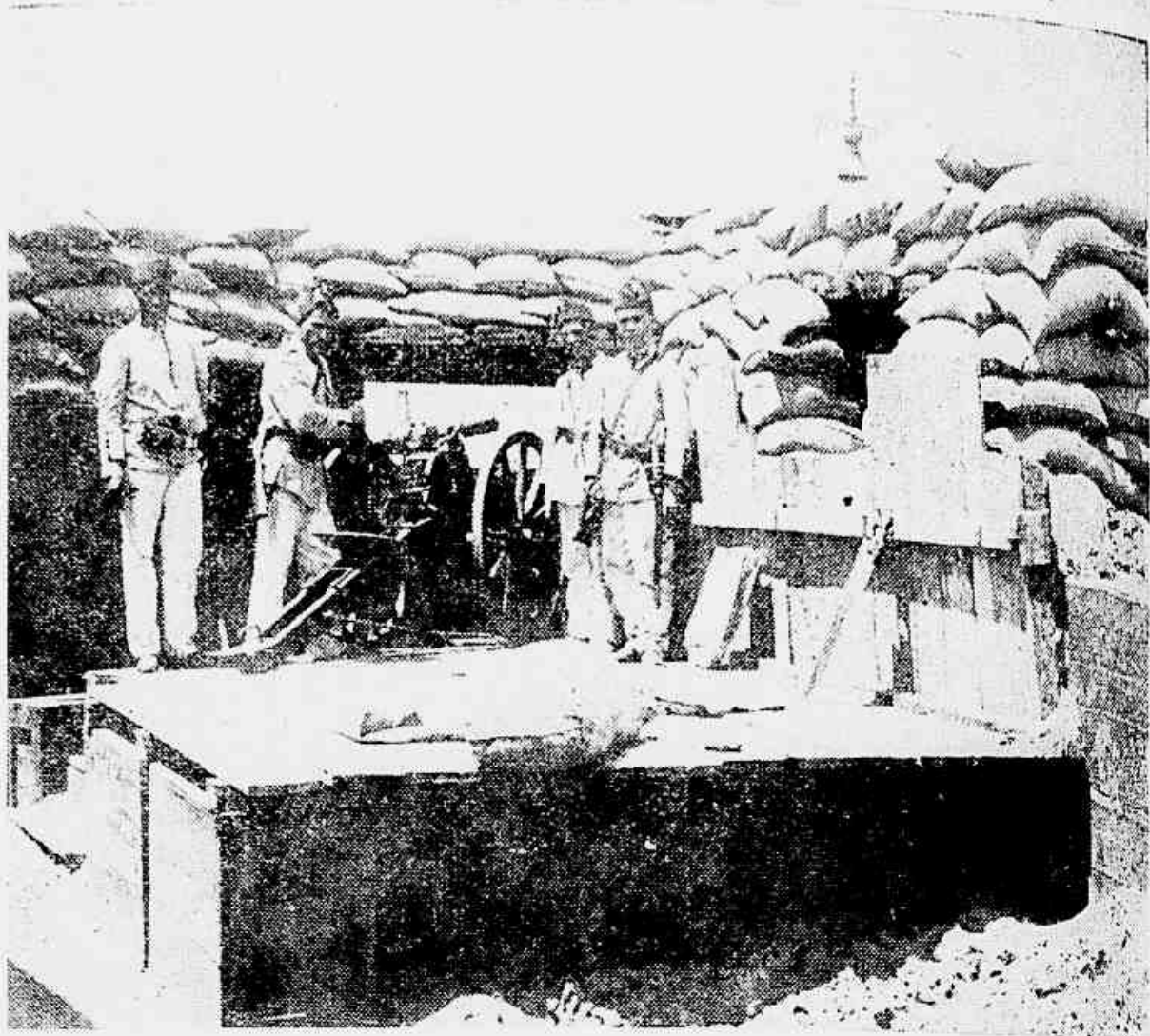
SETENTA E CINCO EM REPOUSO — Durante um momento de descanso, ainda quente das horas longas da batalha cruel, este velho setenta e cinco foi fotografado junto aos seus guardas. Por trás da seteira larga, através da qual ele cuspiu fogo sobre a esquadra, pode-se ver um detalhe de um barco legal. Esta trincheira estava armada no Arsenal de Marinha, um dos pontos mais visados pelos canhões da esquadra.

METRALHADORA ANCESTRAL — Na Saúde foram duros os combates. Aí está uma das trincheiras republicanas armadas no Cais dos Marinheiros. Naqueles tempos as metralhadoras eram armas de artilharia, tiradas por cavalos e andavam sempre juntas de uma carreta de munição. Tinham um calibre maior que as metralhadoras leves de hoje e o seu manejo era muito difícil. Aí está uma destas armas, empenhadas na luta contra as forças de Custódio José de Melo, mostrando os seus cinco canos agressivos. Um oficial empenha-se em carregar a "moderna" arma de guerra.





PRAIA DE SANTA LUZIA — Em frente à ilha de Villegaignon, na praia de Santa Luzia, eram intensas as atividades das tropas florianistas. Ali está uma das trincheiras erguidas no local, podendo-se ver uma terrível metralhadora de cinco canos pronta para a ação. Ao fundo, sob o "camouflage" de um telhado de madeira, uma sentinela legal perscruta o horizonte. Todo o Rio de Janeiro era uma praça de guerra, cada esquina era um posto avançado.



SOLDADOS DE FLORIANO — Nunca um homem entusiasmou tanto a mocidade brasileira como o Marechal de Ferro. A sua coragem e a sua honestidade conduziram os moços instintivamente para o seu lado, certos de que ele saberia salvar a República. Ali estão, numa trincheira da Aliança, quatro combatentes da causa republicana: dois velhos soldados e dois "rapazes de Floriano"; dois homens feitos e dois adolescentes imberbes irmanados na luta.

quer tentativa de desembarque por toda a extensão do litoral.

Mas cada novo dia assinalava adesões às hostes do almirante Custódio José de Melo, que no fim contava com todos os valores da Armada, onde era grande o seu prestígio de chefe. Além disto, a ala reacionária dos políticos monarquistas, vendo na revolta um meio fácil e magnífico de sabotar a obra da República, apoiaram com a força de sua influência e de seu dinheiro as guarnições sublevadas. E Floriano viu-se cercado e bloqueado pela esquadra, sem forças navais para lhe dar combate. Não fôra a atitude firme e heróica do Exército, as tropas de desembarque teriam por certo se apossado da Capital e de todos os pontos estratégicos da costa, ganhando assim o caminho seguro do interior, onde os ânimos exaltados pela confusão reinante teriam por certo rasgado estradas largas às suas hostes.

Mas a mocidade do Brasil estava com o Marechal de Ferro. Na Escola Militar, o nome do grande "leader" era venerado com fervor.

Não havia moço daquele tempo que não trouxesse como um símbolo de bravura, prêso ao peito, o retrato do Presidente. E foi essa mocidade que salvou a República. Foram eles, os jovens que acorreram às primeiras horas, ao toque de clarim que os chamava, congregando-se nos batalhões patrióticos, força irregular que desempenhou um papel importantíssimo nos combates que se feriram durante a insurreição.

Quando estalou o movimento, Floriano mostrou-se impassível e frio. Se a sorte estava lançada, cumpria combater os rebeldes. E, apoiado pelo Exército, assumiu em pessoa o comando das forças legais, mostrando-se então, sobre o grande e valoroso soldado que já se revelara na campanha do Paraguai, o general impassível e sereno, cuja estratégia assombrou o mundo.

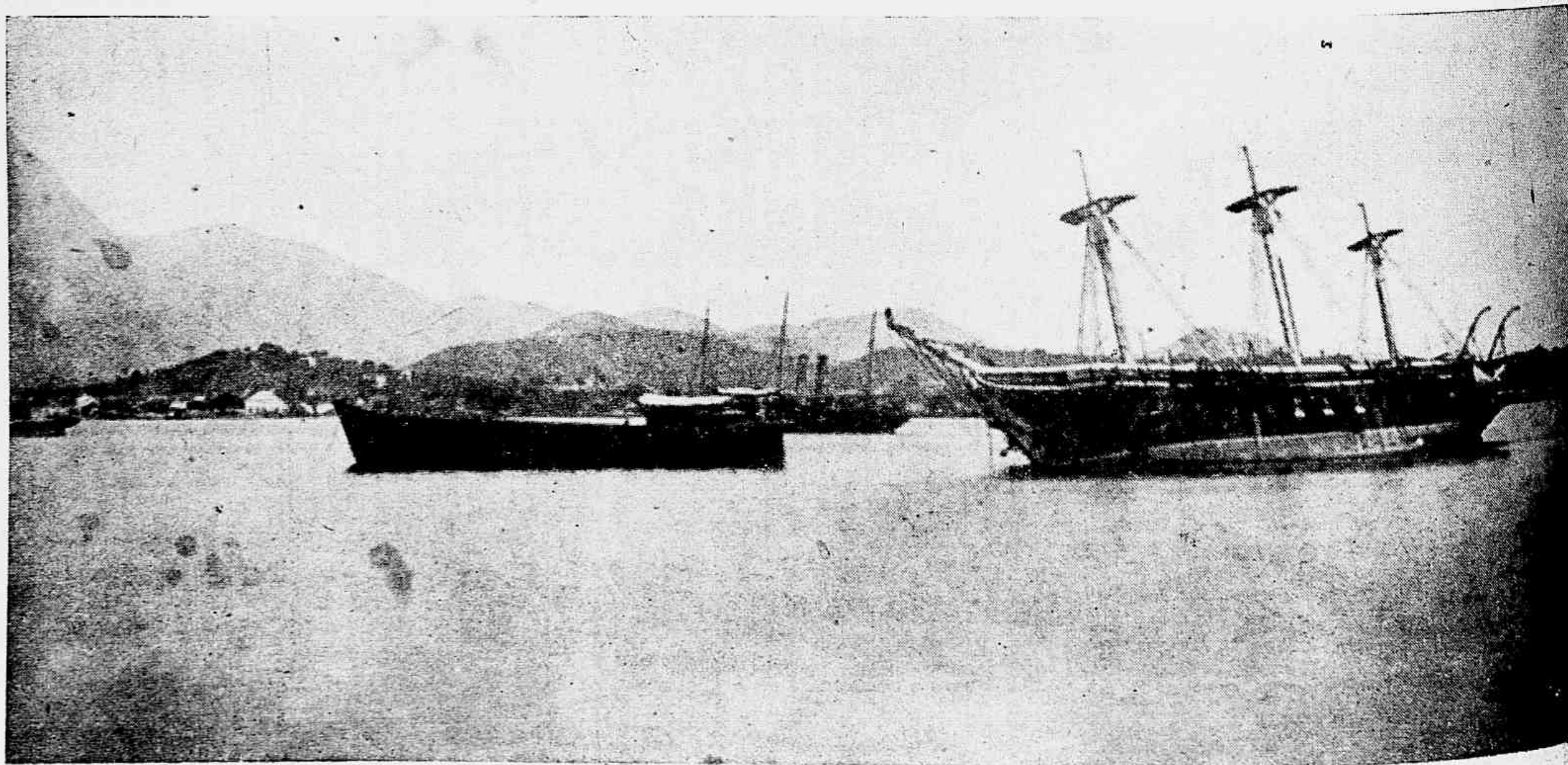
Mas o que a revolta da Armada pôs verdadeiramente em evidência foram a coragem, o destemor e o caráter do Marechal de Ferro. A esquadra rebelde cercava o Rio de Janeiro

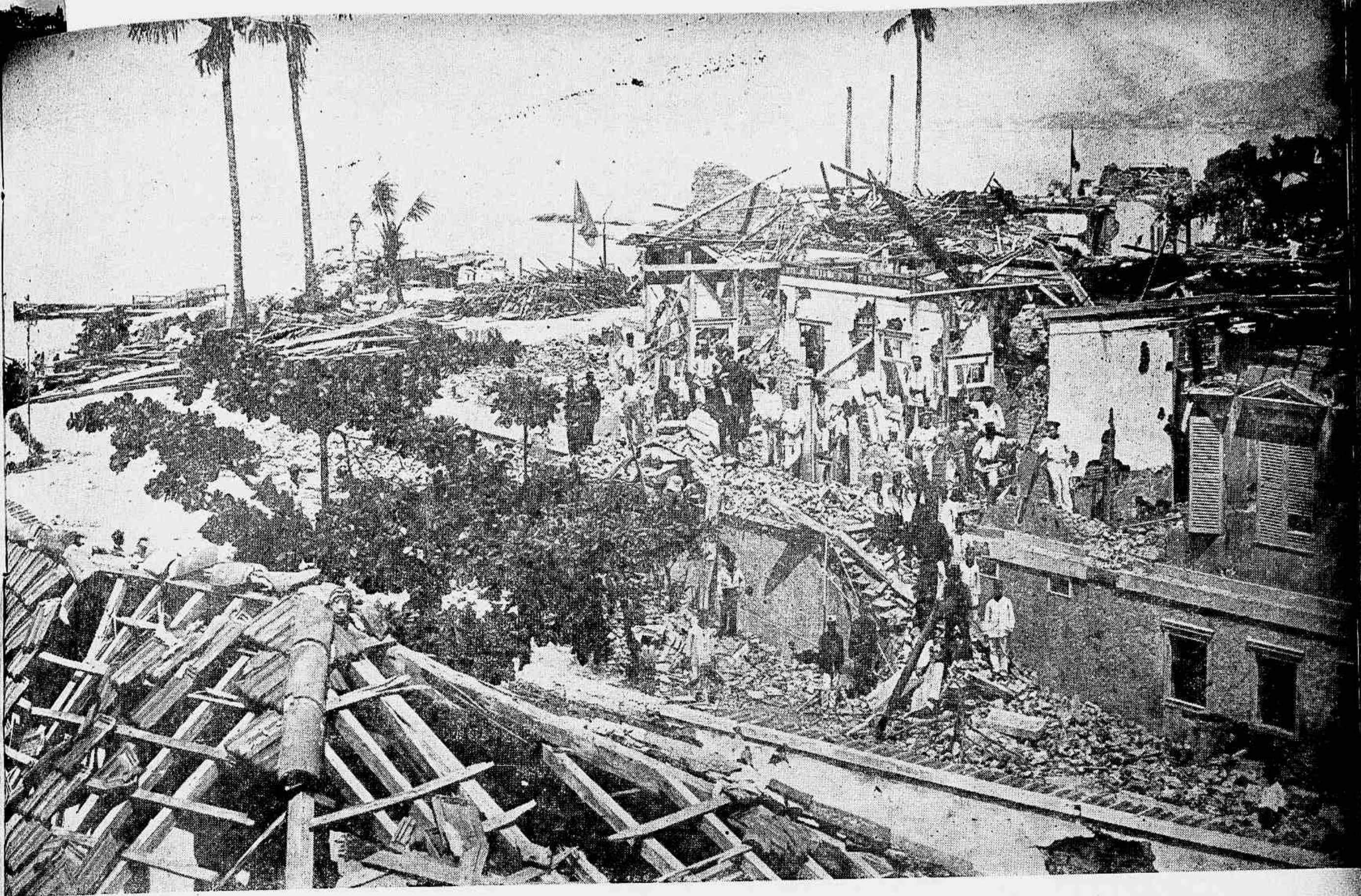
A Guanabara bloqueada era uma ameaça constante à navegação e ao comércio. Mas nada fazia tremer o Marechal Floriano Peixoto. Convocou para o serviço da República todos os jovens e todos os idealistas. Os moços da Escola Militar guardavam os postos de perigo. A artilharia de costa movimentou-se por todos os pontos elevados das imediações da cidade. Os fortes abriram fogo contra os navios surtos na baía. A esquadra respondeu ao canhoneio. Começou o combate. Os bombardeios se sucediam, os ataques e contra-ataques se alternavam. O Rio era uma praça de guerra. E Floriano, impassível, comandava o seu exército.

Um dia vieram dizer-lhe que um dos fortes do Rio, por ser muito visível aos artilheiros da esquadra, estava sendo alvo constante das granadas inimigas. Floriano respondeu lconicamente: "Pinte-se de verde, e viva a República!". Foi assim que um general brasileiro descobriu a "camouflage", uma das mais eficientes armas defensivas da guerra moderna.

E a luta prosseguiu. Floriano comandava.

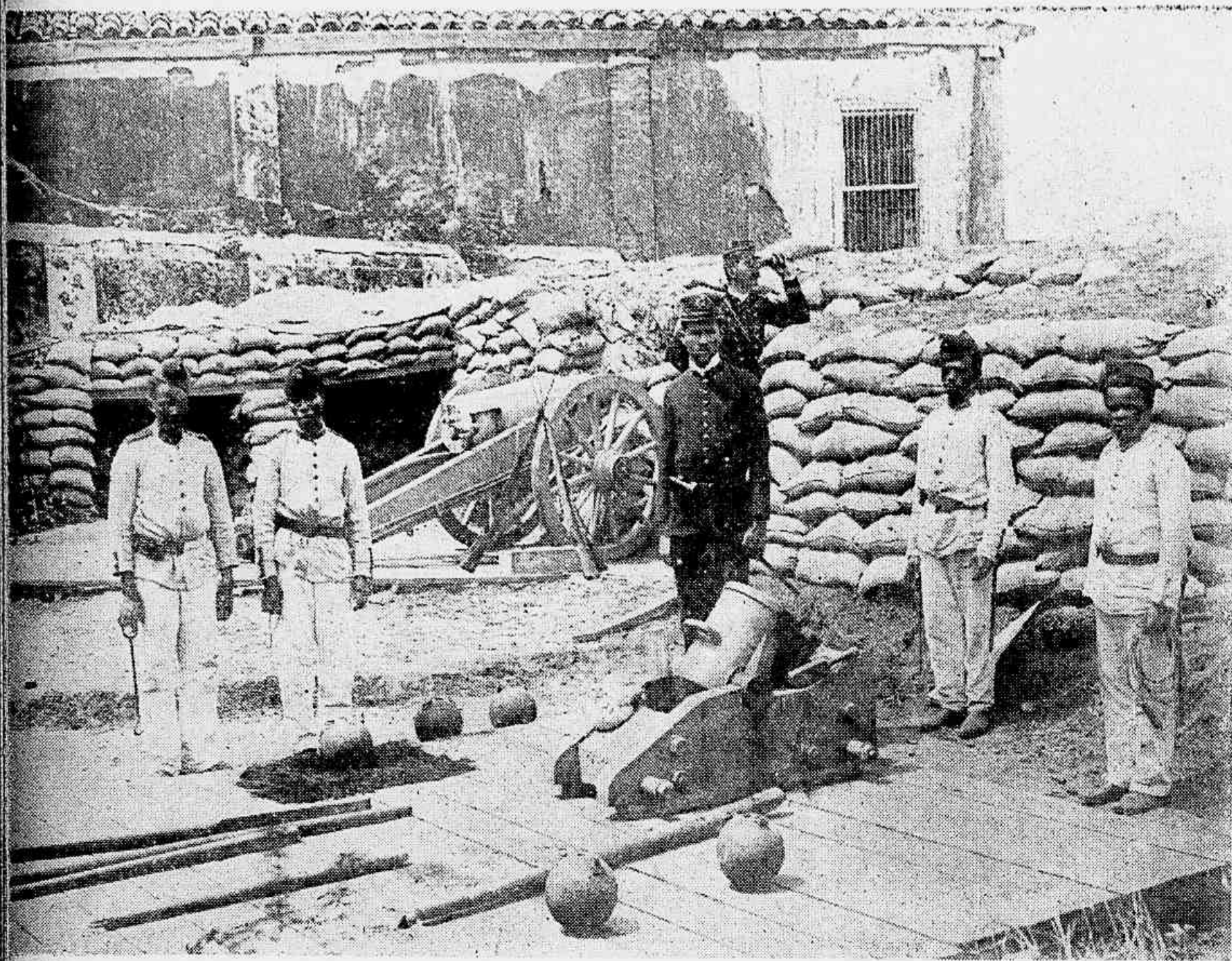
NA GUANABARA — Nos dias trágicos da revolta da armada, os canhões rugiam por toda a extensão da cidade, e a esquadra sublevada era bombardeada incessantemente. Vários vasos de guerra foram atingidos pelos disparos da artilharia de Floriano. Na gravura abaixo vemos um aspecto da Guanabara, tomado durante a campanha. Ao fundo, um barco rebelde com a bandeira içada. A esquerda, um batelão de que se serviram as forças navais para tentar o desembarque. Em primeiro plano, um navio atingido pelo fogo legalista começa a adernar.





OCUPAÇÃO DAS ILHAS — Ao alto temos um aspecto da ilha de Villegaignon, tomado após os árduos combates entre a esquadra e as baterias legalistas. Esta foto foi feita após a ocupação da praça pelas forças florianistas. O bombardeio destruiu completamente todas as edificações, fazendo das ruas e das casas um montão de destroços. Assim também aconteceu na ilha das Cobras, onde se encontravam aquarteladas unidades da marinha. No clichê abaixo um detalhe dessa ilha, após o duro bombardeio que sofreu.





EM OBSERVAÇÃO — No alto do morro do Castelo, o oficial comandante de uma bateria perscruta o horizonte com um binóculo. Um canhão pesado dorme silencioso durante um curto repouso. Vê-se em primeiro plano uma bombardarda, com sua munição espalhada em torno. Ao fundo vê-se um detalhe de um edifício pertencente à Igreja de São Sebastião.

AGUARDANDO A ORDEM DE FOGO — Toda a artilharia da guarnição do Rio de Janeiro foi mobilizada e posta no litoral. Por toda parte da cidade e nos mais longínquos arrabaldes litorâneos espalhavam-se os canhões legais, que guardavam as costas contra os desembarques das forças rebeldes. Toda a mocidade do Brasil estava ao lado de Floriano, e muitos canhões foram manejados por rapazes da Escola Militar e voluntários dos batalhões patrióticos. Nesta foto aparece um dos canhões da famosa e heróica Bateria Fonseca Ramos.

Não era um guerreiro de gabinete. Quantas vezes, embuçado num manto largo, percorria as linhas de fogo, fiscalizando as sentinelas perdidas, que o viam passar como a própria imagem da República! Quantas vezes da sacada do palácio presidencial ouvia o sibilo das granadas, impassível e sereno. E numa destas vezes, quando o seu secretário lhe advertiu que aquilo era o barulho das balas, o marechal respondeu-lhe: "Sim? Pensei que fôsse o vento". Assim era Floriano. Impassível, reto, frio, bom. Sobretudo bom. E foi a sua bondade que venceu a revolta, pondo a coragem nos corações jovens, que se fizeram trincheiras da República para defender o seu governo.

Hoje quase nada nos resta desses tempos. Apenas as frases soltas e fotografias amareladas. São essas frases e essas fotografias, relativas à revolta de 93, que aqui oferecemos aos nossos leitores, como um pequeno e modesto tributo à História de Floriano Peixoto, a figura impoluta do Marechal de Ferro, honra e orgulho de uma Nação.



A FESTA

Conto de MIGUEL TORGA
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

Tinha cada um o seu sonho para a festa de Santa Eufêmia.

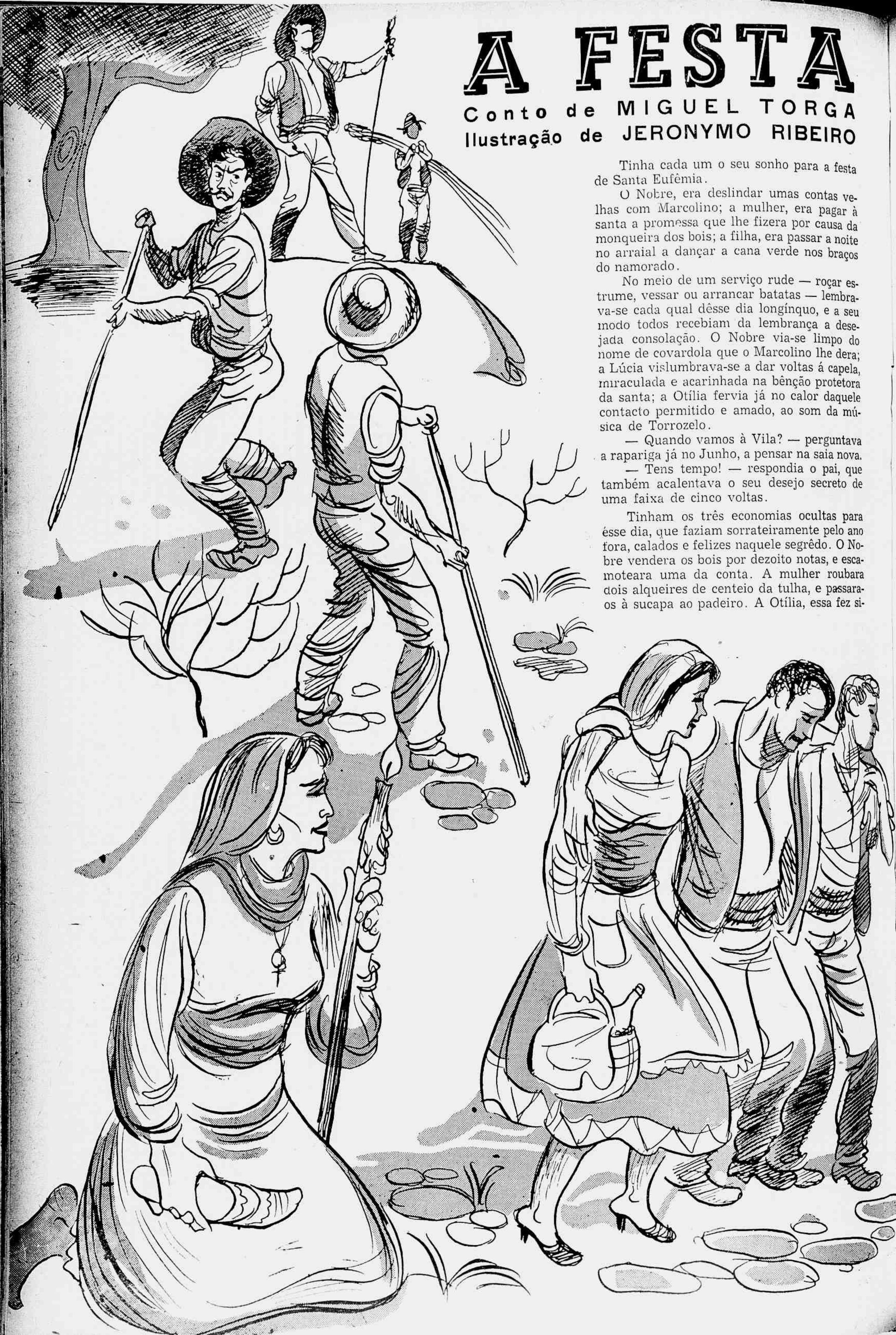
O Nobre, era deslindar umas contas velhas com Marcolino; a mulher, era pagar à santa a promessa que lhe fizera por causa da monqueira dos bois; a filha, era passar a noite no arraial a dançar a cana verde nos braços do namorado.

No meio de um serviço rude — roçar estreme, vessar ou arrancar batatas — lembrava-se cada qual desse dia longínquo, e a seu modo todos recebiam da lembrança a desejada consolação. O Nobre via-se limpo do nome de covardola que o Marcolino lhe dera; a Lúcia vislumbrava-se a dar voltas á capela, miraculada e acarinhada na bênção protetora da santa; a Otília fervia já no calor daquele contacto permitido e amado, ao som da música de Torroze.

— Quando vamos à Vila? — perguntava a rapariga já no Junho, a pensar na saia nova.

— Tens tempo! — respondia o pai, que também acalentava o seu desejo secreto de uma faixa de cinco voltas.

Tinham os três economias ocultas para esse dia, que faziam sorrateiramente pelo ano fora, calados e felizes naquele segredo. O Nobre vendera os bois por dezoito notas, e escamoteara uma da conta. A mulher roubara dois alqueires de centeio da tulha, e passara-os à sucapa ao padeiro. A Otília, essa fez si-



nal ao comprador do vinho, e na mediação intrujou o pai num almude.

Os sonhos diferentes de cada um implicavam despesas individuais, que a casa não precisava de conhecer. O Nobre queria ter com que pagar de beber à farta aos amigos, diante dos quais se sentia na obrigação de lavar a honra, mas desejava fazê-lo sem prestar contas à mulher. Esta, por sua vez, tencionava dar uma boa esmola à santa, além das cinco voltas da promessa, e não via razão para o homem entrar nestes pormenores da sua fé. A moça prevenia-se para tôdas as eventualidades. Se o rapaz a brindasse com uma limonada, precisava ela de lhe oferecer pelo menos uma cerveja. Amor com amor se paga...

Sabiam de resto todos que nenhum dêles estava descalço à espera do que as circunstâncias permitissem. Mas calava-se cada qual com o seu pecúlio, fechando os olhos à suspeitosa fonte dos proventos alheios. Era um jôgo infantil que a família inteira jogava harmoniosamente.

E assim prevenidos e vestidos de novo ou de lavado, os três subiram a serra no dia devido, à tardinha, para o arraial.

A romaria da Santa Eufêmia é num descampado de fragões, à sombra de meia dúzia de castanheiros da idade do mundo.

Filhos de tôdas as mães, cabritos assados de quantos rebanhos pastam na montanha, andores armados por três freguesias, duas músicas, sete padres, pregador de Murça — só mesmo quem vem obrigado por grandes tenções é que se não perde entre tanta balbúrdia. Os três, porém, iam com horário certo e destino marcado. Nada os faria arredar do seu caminho.

— Bem, eu tenho que cumprir a promessa... — disse a Lúcia depois da merenda, a arranjar liberdade.

Era muito devota de Santa Eufêmia, e gostava de fazer as suas rezas com vagar, a sós, numa intimidade lá dela.

— Eu também tenho que falar aí com umas pessoas... — preveniu o homem, que não se confessava em matéria de zaragatas.

— Fico então sozinha... — disse a rapariga, a fingir solidão. — O que vale é que sempre hei de encontrar alguém da nossa terra...

— Diverte-te, mas tem juízo... — avisou a mãe.

Olhe lá não me comam!

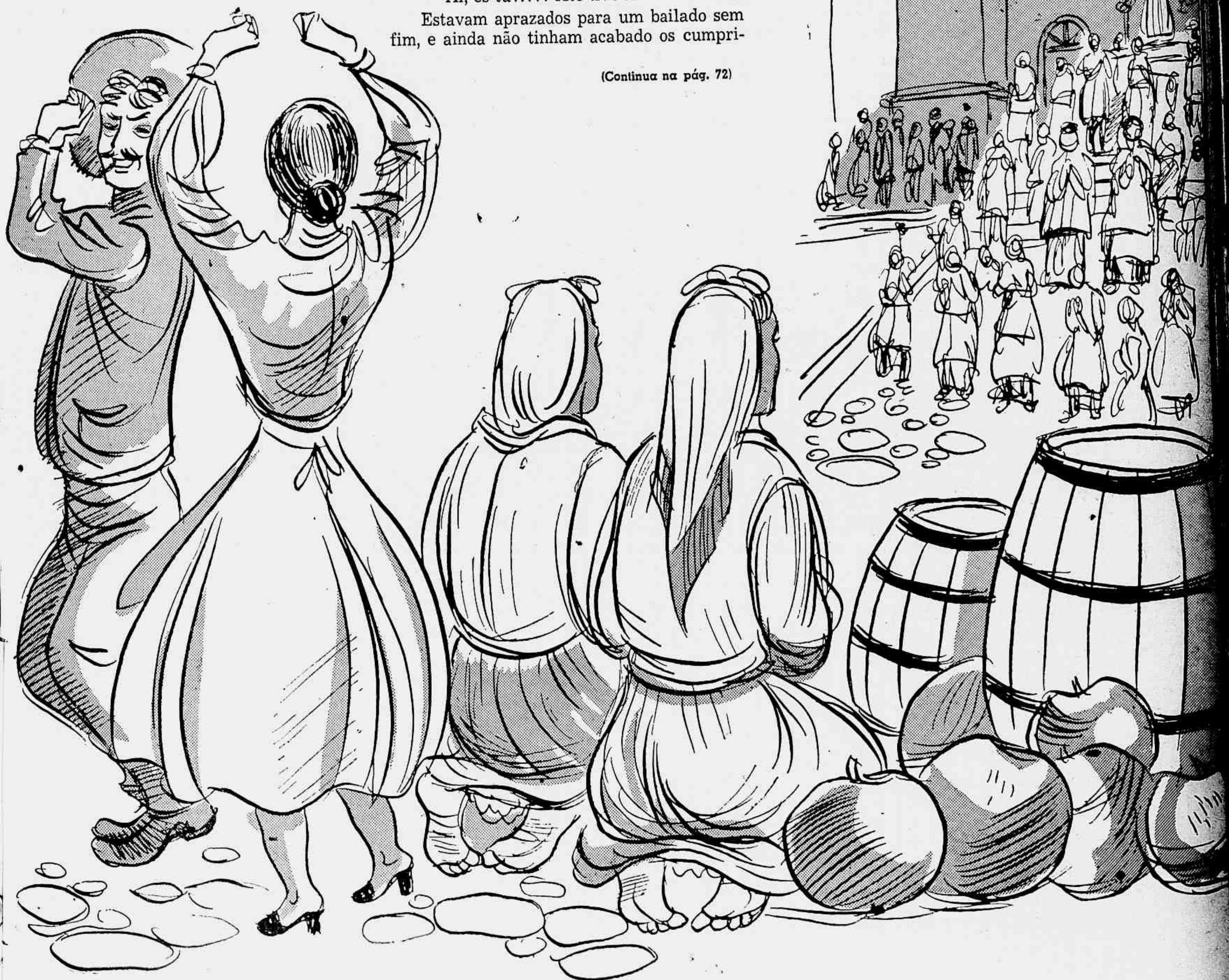
Partiu cada qual para seu lado, o pai em direção às pipas de vinho, a Lúcia para dentro da capela, e a filha direita à música como um tiro.

Ora viva! — disse à rapariga o Leonel, antes de ela lhe pôr os olhos.

— Ai, és tu?!... Até tive medo...

Estavam aprazados para um bailado sem fim, e ainda não tinham acabado os cumpri-

(Continua na pág. 72)





A REVISTA EM HOLLYWOOD

Hollywood, dezembro. (Por Luiz Serrano, correspondente especial da REVISTA DA SEMANA). — Alguns dos mais destacados elementos da colônia cinematográfica timbraram em enviar votos de Boas-Festas aos nossos leitores, através de suas mais recentes fotos, devidamente autografadas. Procuo agora desincumbir-me dessa agradável tarefa, o que faço com a maior satisfação, agradecendo, de público, as homenagens que me têm dispensado, e à REVISTA, os "astros" e "estrêlas" da constelação de Hollywood. Outras fotos, que não podem sair neste número, serão publicadas nos vindouros, pois são sem conta as que tenho em meu poder, ou já prometidas. Certamente, os leitores hão de apreciar essa manifestação de apreço e o significado dessa homenagem partida de um selecionado grupo de artistas queridíssimos.



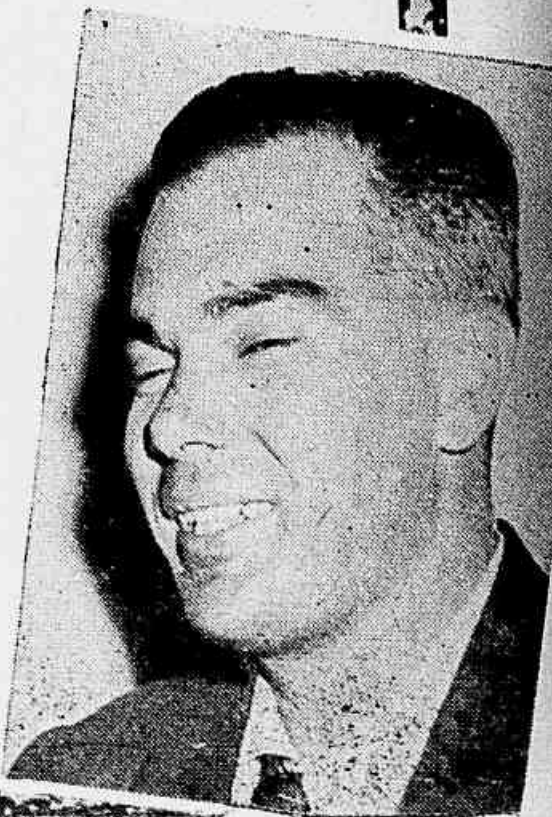
Na página à esquerda: Walter Pidgeon, Deanna Durbin, Ida Lupino e Paul Henreid associando-se a essa mensagem de Feliz Natal e Ano Novo.

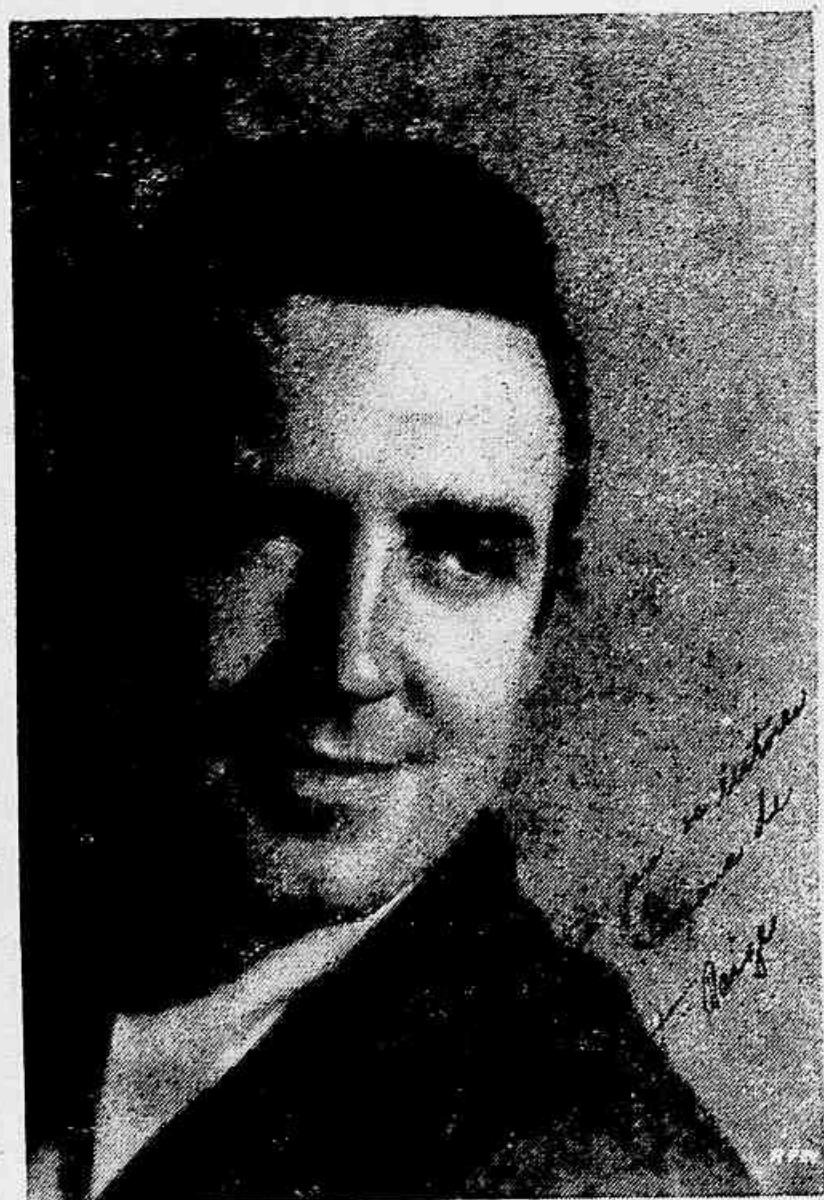


Bette Davis deseja as mais felizes "Christmas" aos nossos leitores, e Clark Gable, em vésperas de seu reaparecimento após-guerra, também se congratula com as Boas-Festas para seus fãs brasileiros. São duas figuras culminantes de Hollywood mantendo, bem alto, sua popularidade e suas tradições.



Luiz Serrano, correspondente em Hollywood da REVISTA DA SEMANA, a quem devemos a remessa das fotografias especiais que ilustram estas e as quatro páginas seguintes.





Nesta página, a começar do alto e da esquerda: Joan Leslie, Lauren Bacall, Laraine Day, Robert Paige, Xavier Cugat, Lina Romay, Esther Williams e Maria Montez. Na página em frente, ao alto: Dennis Morgan, Ann Southern; em baixo: Joan Crawford e Errol Flynn. Alguns redigem os autógrafos em inglês, enquanto outros timbram em fazê-lo em nosso idioma, incluindo-se entre eles Xavier Cugat, Errol Flynn, Lina Romay e Robert Paige. Entretanto apenas Errol Flynn já visitou o Brasil, onde, por sinal, desembarcou pronunciando algumas palavras em português. Mas todos procuram, mesmo de longe, aprender as frases clássicas de saudação para melhor impressionar seu público. Em alguns casos nosso correspondente serviu, aos "astros", de professor das primeiras letras em idioma do Brasil... E aqui está o resultado, muito agradável, sem dúvida, para os leitores e fãs dessa gente famosa da cidade do celulóide.







Revista Da
Semana
love,
ogaret O'Brien



Votos de
Felicidade
para a
Revista da Semana
Carlos Henrique



Revista da Semana
Los
Sturbo



For Revista
da Semana
D'Almeida
Luis
para

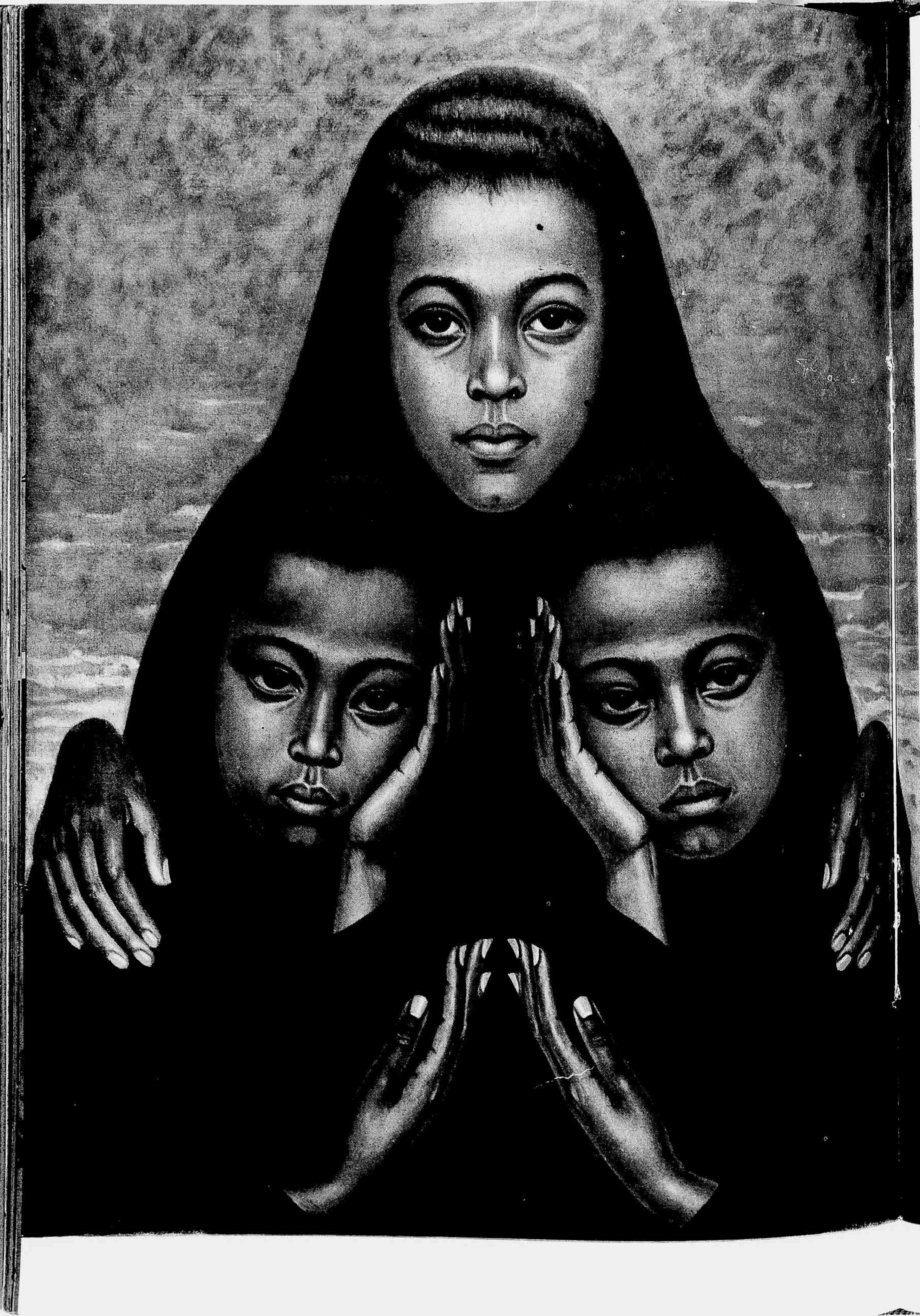


For Revista da Semana

Sincerely,

Greer Garson.

Na página à esquerda: Margaret O'Brien, uma das boas revelações desta temporada; Carlos Ramírez, cuja visita ao Rio constituiu outro grande sucesso; José Hualde e Lana Turner, ambos anunciando uma viagem ao Brasil no ano próximo. Nesta página, Greer Garson, que ainda se manteve em grande cartaz.



O MESTRE E A DISCÍPULA

O mestre, D. Ismailovitch, o pintor e retratista russo que de tal maneira se radicou ao Brasil, depois de ter viajado quase todo o mundo, a ponto de adotar a nossa nacionalidade. A discípula, Maria Margarida, artista que se impõe pela sinceridade e expressão de suas telas, e pelo conteúdo humano das mesmas irradiado.

Eles vivem o seu mundo à parte, para as divagações de sua arte, para os esboços e os trabalhos definitivos que vão apresentando. Eles participam do movimento artístico de maior força do país. Viajam e pintam, pintam e viajam. Expõem seus quadros periodicamente e continuam estudando, viajando e pintando.

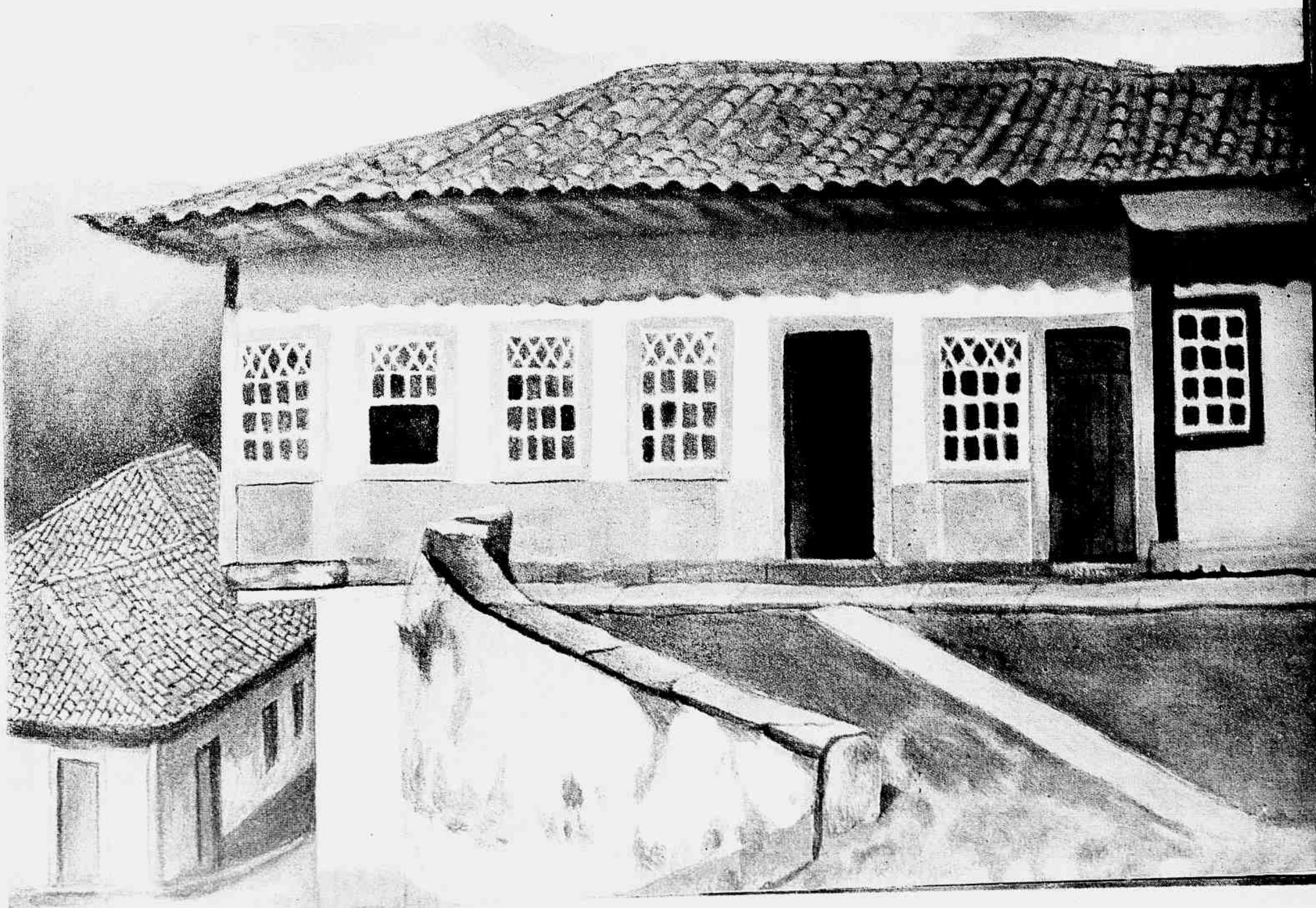
Aqui estão dois de seus mais recentes estudos, ambos inéditos. Na página ao lado, um expressivo óleo de Maria Margarida, denominado "Crepúsculo Doloroso". E na gravura abaixo, "Aspecto de Ouro Preto", quadro da série produzida por Ismailovitch após a sua recente viagem à Cidade-Museu. Este, entretanto, é também inédito e só em janeiro será exposto ao público, de par com outros em preparação.

No "clichê" à direita, o mestre e a discípula em um flagrante batido pela REVISTA no seu atelier da rua São Clemente, onde Maria Margarida e Ismailovitch elaboram seus trabalhos e onde se encontra uma preciosa pinacoteca, constituída por objetos de arte do mais alto mérito. A obra desses dois pintores vai, assim, prosseguindo sem quebra de continuidade. E a crítica, os amantes do belo, os apreciadores de arte plástica os incentivam com seus aplausos e suas referências por demais justas.

Ismailovitch e Maria Margarida — o mestre e a discípula. Um mestre que se orgulha do aprendizado e da consagração da discípula. Uma discípula que se preza do artista a quem deve o rumo seguro e tão bem sucedido de sua carreira.



ARTES PLÁSTICAS





O mesmo e curioso fenômeno que já vimos antes, vem a repetir-se em 1945, com Carmen Miranda. Seus filmes não a ajudaram muito, ou mesmo nada, e no entanto sua popularidade permaneceu intacta, quer no Brasil, quer nos Estados Unidos. Atualmente ela está de volta ao Brasil, para filmar.

MINHA MÃE!

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie!
V. Hugo.

Da pátria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dôr,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha mãe! —

Nas horas caladas das noites d'estio,
Sentado sozinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— O filho querido do meu coração!
— Minha mãe! —

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava,
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
— Minha mãe! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando êsses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sôpro de Deus?
— Minha mãe! —

Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as carícias do anjo de amores,
Da estrêla brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mãe! —

Por isso eu agora na terra do exílio,
Sentado sozinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— "O filho querido do meu coração!" —
— Minha mãe! —

FRAGMENTO

.....
O mundo é uma mentira, a glória — fumo,
A morte — um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que se esvai na campa!
O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos lábios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se belo d'ilusões douradas;
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhes as flôres do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortúnio!
Depois — louco sublime — êle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as máguas,
Cria fantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, luta e se afadiga em balde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato — quer achar por fôrça
Pérola fina em lodaçal imundo!
— Menino louro que se cansa e mata
Atrás da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal voa e se perde!...
.....
.....

OS TRISTES VERSOS

DE CASIMIRO DE ABREU

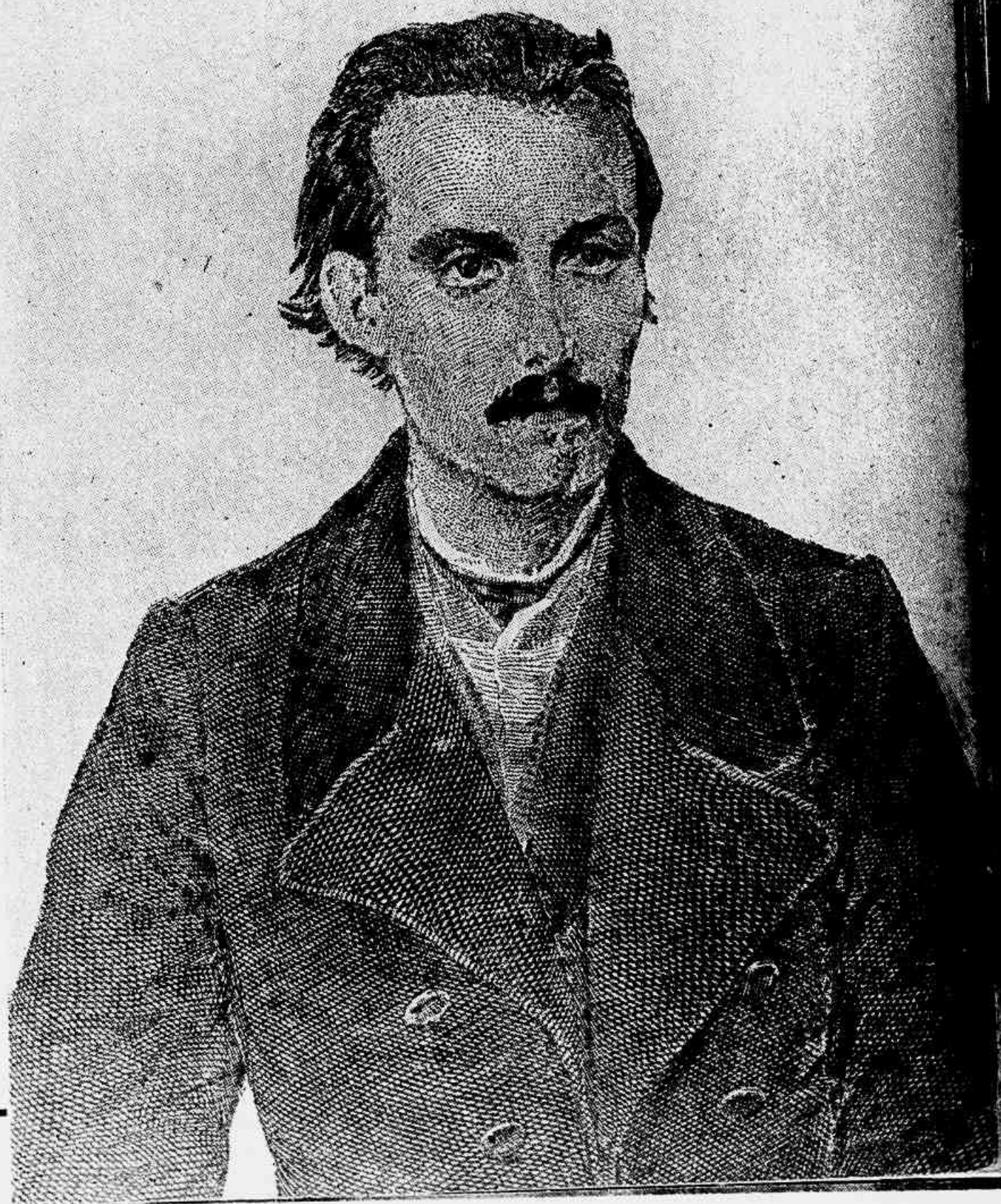
★

D E U S!

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramava,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse à minha mãe nesse momento:
"— Que dura orquestra! Que furor insano!
Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?"

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus
E respondeu: — "Um Sêr que nós não vemos
E' maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! meu filho, é — Deus!"





O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

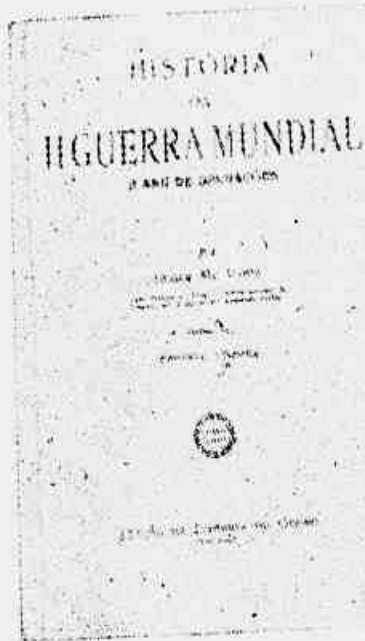
REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

HISTORIA DA II GUERRA MUNDIAL, por Edgar Mc Innis, tradução de Ernesto Vinhaes (2.º volume) — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Vem a ser esse volume o segundo da obra empreendida pelo publicista norte-americano Edgar Mc Innis. Já a propósito do primeiro tomo, apreciámos a índole de tal empreendimento e os intuitos a que ele obedecia. Referia-se então o escritor, na sua tarefa ao mesmo tempo de historiador, sociólogo, narrador e, em assuntos de política internacional, famoso comentarista, aos antecedentes e ao primeiro ano do conflito preparado, organizado, e tornado inevitável pelos alemães. Esses capítulos despertavam especial e superior interesse. Tratava-se de esclarecer causas e razões das que os telegramas das agências e os documentos fornecidos pelas chancelarias não chegam propriamente a explicar. Já não é pouco nem, muitas vezes, deixa de ser perigoso levar os fatos ao conhecimento do público. Quanto a expô-lhes a origem autêntica ou a exata maneira como se produziram, ninguém, no momento, pensa em exigir semelhante coisa. Mais tarde é que se obtêm as verificações, as demonstrações. Assim fez, a seu tempo, Edgar Mc Innis. Assim continua agora a fazer dando conta do segundo ano das operações militares, isto é: de setembro de 1940 a setembro de 1941.

Estão aí incluídos, além de numerosos acontecimentos de menor monta ou influência: o discurso de Hitler assegurando que a Alemanha poderá sustentar uma guerra longuíssima e prometendo invadir a Grã-Bretanha; o ataque pela R. A. F. aos portos de invasão; a investitura de Goering no comando direto dos ataques aéreos à Inglaterra; a invasão do Egito pelas tropas italianas; assinatura do pacto de Berlim entre a Alemanha, a Itália e o Japão; a retirada de Chamberlain da política; desembarque do general D. Gaulle no Camerum; Churchill dirige um apelo à França para que não auxilie a Alemanha; encontro de Hitler com Pétaim; o Gabinete francês aprova uma colaboração mais estreita com a Alemanha; o primeiro ataque da aviação britânica a Nápoles; o bombardeio de Munich pela R. A. F. durante um discurso de Hitler; efectua-se um dos mais pesados ataques alemães a Londres; adesão da România e da Eslováquia ao Pacto de Berlim; demissão de Laval do governo francês; o primeiro de tres ataques noturnos contra Bremen; ataque inglês a Messina; Gênova bombardeada pela esquadra britânica; a adesão da Bulgária ao Eixo e a sua reprovação pela Rússia; assinatura pelo presidente Roosevelt da lei de Empréstimos e Arrendamentos; ofensiva das tropas do Eixo na Líbia; assinatura do Pacto de não agressão entre o Japão e a Rússia; voo de Rudolf Hess para a Inglaterra; afundamento do *Hood* pelos alemães e do *Bismarck* pelos ingleses; congelação pelo presidente Roosevelt dos créditos do Eixo nos Estados Unidos; fechamento dos consulados alemães e italianos nos Estados Unidos; discurso de Roosevelt para que sejam empregados todos os esforços no sentido da derrota de Hitler.

OURO, INCENSO E MIRRA, ensaios literários e outros trabalhos de Lucillo Bueno — Rio de Janeiro, 1945.



O diplomata Lucillo Bueno, que não entrou na carreira por decreto mas subiu os postos um a um até ao de embaixador, nem por isso se esqueceu de haver começado jornalista. Jornalista do tipo homem de letras. Até ao fim da sua vida tão activa e tão brilhante, se ocupou do assunto livros, se interessou de veras pelas correntes e todos os movimentos relacionados com a arte de escrever. Não o fazia apenas para dar uma variante aos labores ou certo alívio às responsabilidades oficiais. A literatura não constituía para ele meramente uma distração, um recurso para aproveitar as horas vagas. Em verdade os homens como Lucillo Bueno não têm horas vagas. O seu espírito está sempre estudando ou criando e as suas mãos reglizando ou aguardando com impaciência o momento de poderem produzir. Assim o autor do presente livro o não compo simplesmente por passatempo, mas atendendo a uma preocupação dominante da inteligência, da sensibilidade, do gesto, daquilo que constitui a essência mesma da individualidade.

Em outras condições de existência, Lucillo Bueno formaria uma bagagem literária capaz de encher uma bela estante. Deveres e preocupações do cargo o impediram de se entregar de maneira constante e capital ao seu enlevo estético. Por isso mesmo estas páginas trazem datas afastadas e nem sempre talvez assumam o desenvolvimento e o alcance que o escritor lhes desejava dar. Em todas elas, porém, se afirma uma superioridade de pensamento e sentimento, servida por ampla e caprichosa cultura. Alguns estudos versam temas de história, doutrina social ou diplomacia; a maior parte dos capítulos, porém, se cuida de livros ou obras completas, empreendimentos de teatro, correntes orientadoras da poesia, do romance, do teatro, da crítica. Alguns dos autores brasileiros de quem o autor se ocupa desaparecem dos nossos olhos, mas permanecem na nossa admiração. Além dum panefrico de Olavo Bilac, há capítulos que tratam de comédias de Medeiros e Albuquerque, de Thomaz Lopes, Oscar Lopes e do ardoroso movimento dum época em prol do bom, do verdadeiro teatro no Brasil. Outras páginas de louvor profundamente convicto, consagradas a Joaquim Nabuco, trazem como título o motivo que as inspirou: "Um juízo dinamarquês sobre Joaquim Nabuco". E não menos valiosos pela elevação dos conceitos ou o apuro do estilo se nos apresentam os ensaios sobre Goethe, Schiller, Wagner, de Georg Brandes, elogiado em mais de um artigo por José Veríssimo, e do poeta dinamarquês, tradutor da *Cria dos Cardeais* e outras obras famosas da nossa língua, Sophus Michaelis.

LÂMPADAS VOTIVAS, versos de Pêricles Santos — Edição patrocinada pela Sociedade de Cultura Geral, de Taubaté — 1945.

Este livro é todo de amor. Uma ou outra página descritiva; um trecho de paisagem; um pouco de reflexão filosófica sobre a vida em geral ou a do poeta em particular; em tudo fugaz de ecleticismo; outro momentâneo traço de ironia — nada disso chega a atestar a índole predominante da obra. E nos desvios mesmos da inspiração passional, aquele caráter transparece como a luz da lua na superfície das águas. O Sr. Pêricles Santos é um amoroso abstrato e só ele permanece porque só ele é sincero. O Sr. Pêricles Santos é um amoroso abstrato. Por isso mesmo transforma, para as almas às exigências do seu sentimentalismo, as coisas cuja realidade lhe não poderia corresponder. Assim exalta "a beleza pura e simples das cravidades", uma das flores mais caprichosas, mais reconditadas, mais orgânicas da nossa formosura. Frase de Menckes vem em exemplar de e fêla, que torna o colo de certa dama, um bicho nã renã, adrega, a lãmente cravado na pele delicadíssima. Não importa. O poeta das *Lâmpadas votivas* simplifica e purifica para seu uso

Novos

próprio o feitiço como a expressão das orquídeas — e faz muito bem. Sirva o trecho, que a seguir reproduzimos, da peça inicial, *Oração ao Belo*, como definição e exemplo do livro inteiro:

*Amar profundamente as linhas harmoniosas
de um corpo de mulher ou de um buquê de rosas;*

*uma estétua pagã modelada por Fidias
ou a beleza pura e simples das orquídeas;*

*as cores sem igual das pinturas antigas,
os seios virginais das jovens raparigas;*

*o aroma de jasmim de uma linda corbelha
ou o sorriso em flor de uma boca vermelha;*

*uma suave canção por fresca voz cantada,
a poesia na forma e fundo burilada.*

*E se não posso, entanto, o Belo realizar,
contenta-me, feliz, em o poder amar;*

*amar profundamente, em mística emoção,
com meu amor sensual, olímpico e pagão.*

TRADIÇÕES CLÁSSICAS DA LINGUA PORTUGUESA, pelo Rev. Pedro Adrião — Editor,
J. Pereira da Silva — Porto Alegre, 1945.

PADEIRIA ADRIÃO

Tradições Clássicas

Lingua Portuguesa

Esta obra deve ser olhada com respeito e folheada com uma espécie de devoção. Representa longo, esforçado, paciente e sapiente trabalho. E, além dessas virtudes, oferece a do culto da boa e pura arte de escrever. O Rev. Pedro Adrião pertence à nobre categoria dos que sabem amar e honrar a língua portuguesa, esta língua, como disse o notável dicionarista Francisco Fernandes, "tão grandiosa, tão opulenta mas, infelizmente, tão esquecida e maltratada". Maltratada, principalmente. Maltratada a ponto de aqueles mesmos capazes de a defender acabarem consentindo, dalgum modo aprovando as injúrias que a escassez de inteligência e o excesso de ignorância lhe vão infligindo. E, por questão de moda, para prestar homenagem a certos triunfadores do momento no sucesso das livrarias, para lograr igual êxito de venda e de novos contratos — os que mais ilustrados se dizem e, pela situação, pela influência, o deveriam ser descem, sem nenhum zelo da dignidade autoral, a escrever como fala a gente mais alheia às regras da gramática e que menos sonha em exercer a literatura.

Com trezentas e cinquenta páginas a obra presente se divide em três partes, subdivididas em numerosos capítulos. Opulência léxica, Genuinidade e Variedade sintática. Todas as regras ou observações enunciadas trazem abundante abonação. O autor organizou, quer as citações concordantes quer as contraditórias, com excelente método além do escrúpulo mais exemplar. Tanto quanto se pode avaliar do primeiro manuseio e sem nenhuma pretensão de análise ou de juízo superior, a sua tarefa foi completa e definitiva. Para diversas questões que de momento nos ocorreram, encontramos nestas páginas a solução de que precisávamos e que nos esclareceu, sem resto de dúvida quanto à nossa convicção ou à nossa predileção. E, para se fazer idéia da amplitude das *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, bastará saber que a erudição nelas representada por centenas de obras ilustres vem do século XVI até nossos dias.

Nas "abas" e no dorso do volume vêm juízos sobre o classicismo, colhidos em livros ou escritos avulsos de Machado de Assis, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, João Ribeiro, Mario Barreto, Eduardo Carlos Pereira, Ronald de Carvalho, José de S. Nunes e Cláudio de Souza. São deste membro eminente da Academia Brasileira de Letras as linhas que se seguem:

"Prejudicial, nefasta, perigosa é a clasicofobia que se esboça em nosso meio, por que irá ajudar o trabalho de desnacionalização que o imigrante vai operando em nossos costumes, em nosso traje, em nossa vida íntima e até em nosso falar."

MÉTODO TÉCNICO de Madame Bastos — Editora Henrique Velho — Rio de Janeiro, 1945.

Madame Bastos entende de corte e alta costura como qualquer bom escritor poderá entender de literatura. Há, porém, grande vantagem em favor da autora do presente livro: é que, se os escritores, em geral, não sabem fazer vestidos, muito menos ensinar outrem a fazê-los, ela, Madame Bastos, sabe escrever, e, desde que lhe apareçam discípulos, será muito capaz de os ensinar a escrever. Disso não dão prova as páginas que temos à vista. As produções para a livraria são-nhe já consagradas. Ela mesma, em curto mas expressivo antelóquio, nos declara: "Ao lerdes os ensinamentos expostos nesta minha consagrada obra, encontrareis os mesmos princípios apresentados na minha fiel e conhecida escola". Vê-se que, assim como dirige uma escola de costura, poderia Madame Bastos cheliar uma escola literária. Com toda a sinceridade e toda a seriedade atestamos que, para isso, disporia ela de dotes iguais, se não superiores, aos de certos adeptos do modernismo que por aí andam, compondo prosa que lhes valeria, em exame de instrução primária, serem reprovados... com distinção e, em cultura, dando cinzas de toda sorte. Pretendem estes homenzinhos orientar ou basejar correntes de literatura, de arte em geral... Evidentemente Madame Bastos está muito mais habilitada para isso.

"O Método Técnico de Madame Bastos — continua a referida nota liminar — título deste meu trabalho, foi feito com o esforço e a luz divina da inspiração que me soprava a mente, para esclarecê-la e apoderar-me dos direitos que me davam". O volume, de grande formato, vai a cerca de duzentas e cinquenta páginas. Além da inspiração divina de que fala a autora, há nelas, positivamente, a feição magistral. Tudo está exposto de maneira que os profanos mesmos compreendem ou julgam compreender perfeitamente. E, diante de certos capítulos, sabe Deus a pena que sentimos de não ter à mão uma tesoura e alguns metros de tecido — para experimentar.

J. L.

BOLETIM GEOGRÁFICO — Recebemos os números 22 e 23 do "Boletim Geográfico" publicação do Conselho Nacional de Geografia. São as edições referentes a Janeiro e Fevereiro de 1945. E trazem como sempre informações, notícias, bibliografia e legislação.

ESTA e a única apresentação
de água de colônia

JEAN MARIE FARINA



Exizam

a marca

franceza

de

ROGER & GAILLET

PARIS ★ RIO



Tenha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos sãos e juvenis completa a elegância. E o mundo a notará como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades
vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

A DECEPÇÃO



TINTURA FLEURY
DA JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:
Pegue do nosso serviço técnico todas as informações e o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 41 - Sub. 10
Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro



Hydrex O CHUVEIRO ELETRICO
QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático,
econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas
e perfeitas pela casa

PAN • LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A
QUALQUER CHAMADO OU
PEDIDO TELEFÔNICO
DE INFORMAÇÕES

QUE BANHO DELICIOSO!

PAN • LUX
MARCA REGISTRADA

**VENDAS A VISTA E A LONGO
PRAZO PELO SISTEMA
S. E. R. V. E. LTDA.**
Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho
compostas mescladas

LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**

FARINHA NUTRITIVA WITTROCK
Indicado no "GUIA das MÃES" do Dr. WITTROCK

A melhor para engordar e fortalecer as crianças. É o alimento ideal para os convalescentes de todas as idades.
Pedidos a ARAUJO FREITAS & CIA. — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41A - RIO
À VENDA NAS DROGARIAS

Zeferino, naquela manhã fria e gosando ainda o calor da cama, pensava que já fazia quinze anos que servia como empregado aos Vasconcelos. Lembrou-se ainda da casinha modesta onde passara a infância antes de entrar para aquele emprego. Era uma casa singela e tranquila com as paredes caiadas de branco e as portas e janelas azues da cor das boninas do campo. Pouco adiante erguia-se a Capelinha de Santa Rita, à beira da estrada velha que conduzia a Itaipicirica.

Bem ao fundo da vasta campina seguia um córrego triste onde ele passava as tardes, quando menino, abaixado, com a calça arregaçada até em cima para apanhar numa peneira os camarões de água doce que se entranhavam no barro limoso da margem. Amontoava-os numa lata de banha vazia para servirem depois de isca lá no brejão onde ele levava horas inteiras com a vara estendida. Se apanhava uma meia dúzia de bagres, voltava feliz a correr para que a mãe adotiva, a Chica Serreira, os preparasse para o jantar. Outras vezes abaixava-se por sob os ramos das laranjeiras e seguia um trilhinho no meio do mato até encontrar o ninho da galinha caijó. E era um gosto quando descobria uma ninhada de ovos e os levava para que a mãe Chica fizesse um grande bolo de fubá, assado no forno, assentado à sombra da jaqueira. Trazia nítido na mente o instante em que, certa vez, quase fôra picado por uma caninana, de papo amarelo, que se achava enroscada no ninho da galinha. Ficára branco de susto. Tinha um gosto imenso de correr no meio da mata e desmanchar as arapucas armadas pelo Bentinho; e com que alegria soltava a juriti assustada que, meio tonta ainda de tanto debater-se na armadilha, voava livre, ganhando a imensidão. Vinha-lhe também a recordação do que se passou quando tinha doze anos.

Mãe Chica o fez lavar-se e vestir o "pareinho" de brim branco. Ia levá-lo à fazenda do coronel Vasconcelos, lá em C-tia, para empregá-lo. Já falara com Dona Maria Rosa de Vasconcelos, recém-casada por esse tempo. Chica Ferreira o levou pelo enorme alpendre à presença de Dona Maria Rosa que estava recostada numa cadeira de balanço. Quando ele viu a bela senhora ficou encabulado e morto de vergonha. Ouviu atordoado quando Chica adeantando-se disse:

— Esse menino é o Zeferino. Eu erio ele desd'esse pórtinho — e fazia um gesto abaixando-se para mostrar o tamanhinho dele quando ela o recebeu para criar.

A senhora, ao vê-lo tímido e murchinho, o cabelo esticadinho de gordura e a roupa muito limpa apesar de remendada e apertadinha no corpo, disse lançando-lhe um olhar indiferente:

— Está com a cabeça baixa. Parece que tem medo até de olhar! E por aizer alguma coisa:

— Como se chama você?

Zeferino embateu.

— Será que não tem língua?

Mãe Chica o cotucara repreendendo-o:

— Levanta a cabeça e óia a patrão.

Diz o nome, bôbo.

Erguera a cabeça e vira bem de frente a linha senhora de pele branca e lisa, tão branca como a Senhora do Carmo, lá da paróquia. As jóias faiscavam nos dedos de dona Maria Rosa e seus cabelos, muito louros, para ele eram como algo jamais visto e irreai. Cada vez mais tímido, ficou assustado quando ela o olhou com uns olhos verdes e frios, um olhar gélido e indiferente que

lhe esfriou a alma tolhendo-lhe a voz e paralisando a garganta. Poz-se a torcer a ponta do paletó.

— Ocê num fala peste. Lá em casa ocê é pió que maitacal!

Ele espirrou com a voz esganiçada o seu nome.

— Não sei de que me servirá esse caipirinha. Tão chucro! Emfim, Vou levá-lo. — e disse indolentemente à Chica, acariciando um grande galgo que chegou deitando-se a seus pés:

— Darei ordem para que o administrador dê a você todos os meses vinte mil réis. Póde ir. — Chica agradeceu e saíram.

Ele voltou atordoado, ouvindo ainda as pragas de Chica que se indignara com o desageitamento do menino.

— Oê já tá grande. Eu num posso mais cuidá de ocê. Tu já póde me ajudá pois eu tô véia.

Ele relutara em seguir para a cidade em companhia daquela senhora que tanto o assustara. Porém Zeferino sempre fôra docil e obediente. Mais docil até que o galgo que a senhora tinha aos pés quando eles a visitaram.

Lembrava-se ainda como fôra difícil no começo habituar-se a andar no palacete do Morro dos Ingleses que se lhe afigurava mais suntuoso do que a igreja, com o chão polido e cheio de tapetes. Na igreja pelo menos não vira ele tantos espelhos e isso o amedrontava mais. Por todos os lados ele se via espremidinho na roupa de brim. Também foram poucas as vezes que entrou nos vastos salões, logo ao começo. Sempre que se desocupava permanecia na copa, cosinha ou dependência dos empregados, chorando às escondidas de saudades da sua casinha lá da Vila. A única ocupação que dona Maria Rosa encontrou mais compatível, dada a inaptidão do caipirinha, foi a de que ele cuidasse dos cães e gatos. Como não vinham filhos ela dedicava-se exageradamente a criar gatos e cães de raça — Zeferino trabalhou durante os primeiros anos sem receber sequer um tostão, pois Chica Ferreira alegava que o criaria e necessitava do seu auxílio. A docilidade e o gênio humilde de Zeferino serviram para torná-lo o empregado mais útil e servicial da residência. Com o tempo aprendera a servir no interior do palacete e era ele quem tinha agora um cuidado todo especial ao escovar as poltronas de veludo, em lavar os vidros, os lustres e a polir os sapatos do patrão. Em suma: era um empregado perfeito. Só não se habituara até agora a uma coisa: ao gênio explosivo da patrão que o marcara desde o começo para descarregar nele o seu mau humor.

Ele guardava nos recessos uma revolta contra aquela injustiça. Já estava um homem e para dona Maria Rosa ele continuava a ser um "bôde expiatório" sendo que tudo de mau que ali acontecesse lhe seria fatalmente atribuído pela patrão. Quando o lustre grande do salão desprende-se e caiu inesperadamente, ela disse logo que a culpa era do Zeferino que não zelava pelos objetos de valor, como se ele pudesse adivinhar que ia partir-se o eixo que prendia o suporte das lâmpadas! E foi assim quando a Catarina, copeira que estava na casa desde pequenina, fugiu com um soldado. "A culpa é do Zeferino que não me avisou de que a pequena tinha um namorado" dissera a senhora. Até mesmo quando o galgo ficou com aquela doença que o impedia de andar, Zeferino ouviu-a dizer: — a culpa é do Zeferino.

E tudo pelo azar que tivera naquela noite! Toda essa implicância em cima do lombo ele a trazia desde a

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

EXIMIO CONTRA-MESTRE **H. W. CHAPETA**

Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202

TELEFONE 45-3234

Conto de GERALDINA MARX

noite em que, tendo os demais empregados saído de folga, sentara-se na copa lendo o jornal. Ouvira a campainha do andar superior, e que correspondia ao quadro da copa, tocar fortemente. Subira e para não transgredir a recomendação da patroa de que não devia estragar os tapetes, pisava de leve e miúdo atingindo assim o corredor ao alto da suntuosa escadaria. A campainha continuava a tocar sem parar e o chamado vinha do gabinete de toalete da senhora. De frente à porta ele esperou mas, à insistência do chamado, abriu-a e ficou pasmado com o espetáculo. Dona Maria Rosa, a sua patroa, a linda esposa do coronel Vasconcelos, estava abraçada a um estranho, tão íntima e ternamente abraçada que nem sequer notara que seu esbelto corpo encostara-se à parede comprimindo o botão da campainha e fazendo-a repercutir lá no quadro de chamadas instalado na copa. Por certo ela não notara visto como o som da campainha não era ouvido dentro do gabinete.

A patroa fuzilara-o com o olhar e ele retirara-se envergonhado. E, se ela não simpatizava muito com o criado até ali, desde então passou a detestá-lo. No entanto a docilidade de Zeferino facilitara muito as coisas, e jamais ele pensaria em revelar o segredo de que se apossara casualmente naquela noite. Nem se aproveitaria disso para tirar vantagens visto possuir um sentimento profundo e arraigado de lealdade absoluta para com a patroa. Ela assim não o entendeu e não suportava o olhar do Zeferino. Sabia que ele não a denunciaria mas tinha-lhe raiva e daí o mau humor, a irritada maldade com que o culpava sempre tornando-o o causador de qualquer fato desagradável. Ela o achava presago e agouroso. E ele aguentava pacientemente. Não se rebelava, respeitando ainda mais a ira da patroa. O servilismo e a timidez provinciana que trazia com ele desde o berço o faziam humilhar-se e sofrer sem reclamar.

Era precisa paciência! Todavia esperava poder livrar-se daquelas humilhações continuadas. Recebia agora o seu ordenado pois a Chica Ferreira finara-se há cinco anos. Ele alimentava uma esperança secreta que não revelava a ninguém. Um dia conseguiria um pecúlio razoável que lhe permitisse voltar à querida terra que nunca esquecia. As últimas férias ele as passara visitando a Vila de Santa Rita. E reacendera-se no seu espírito o amor pelo lugarejo e a vida tão pacífica que desfrutaria ali. Privava-se até do mais necessário para juntar dinheiro e voltaria um dia. Adquiriria um terreno e nele construiria o seu rancho. Depois trabalharia naquilo que fosse adequado às suas aptidões. Naquela palacete ele sentia-se um prisioneiro. Comparava-se então à juriti presa na arapuca do Bentinho, e sua alma ansiava voar livre pela imensidão sem ter uma dona Maria Rosa a dizer-lhe sempre e por tudo que a culpa era do Zeferino.

Algum tempo depois uma notícia trazia um reboliço no palacete. Os empregados comentavam na copa. Dona Maria Rosa, depois de desessete anos de casada, engravidara. O coronel ficou satisfeíssimo com a nova e redobrou de atenções para a esposa. A senhora eternizada desejava ardentemente ter uma filha. E, como estava habituada a ver satisfeitos os mínimos caprichos, julgou que a mamãe

Natureza deveria submeter-se à sua vontade e o seu desejo passou a ser lei para todos. Tal era o seu anseio de possuir uma menina que até lhe arranjou o nome. Seria a Clotildinha. Clotildinha já ia tomando corpo na imaginação da senhora e cada qual na casa a imaginava à sua maneira. Zeferino a via como um diabrete pior do que a bicharada inteira. Hábeis costureiras confeccionavam as peças do enxoval de Clotildinha. O quarto era uma maravilha. Todo côr de rosa com suaves cortinas, lençóis, móveis e bem no centro, como um santuário, um berço riquíssimo de rendas e fitas rosadas com grande cortinado de filó. O bercinho permanecia entreaberto com um edredon de setim como se à espera da menina. Já haviam contratado uma "nurse", como dizia a senhora. Exigira que a ama fosse de nacionalidade inglesa e que só falasse no seu idioma pátrio para que a menina aprendesse a língua inglesa desde o berço. Numa prateleira estava a bela coleção de bonecas de Clotildinha. Na cabeceira do berço preso por laços de fita rosa encontrava-se um medalhão valioso com um anjo da guarda. A parede havia sido pintada com desenhos infantís. Zeferino foi encarregado de ir à joalheria que costumava sortir os Vasconcelos para trazer a encomenda que haviam feito de um chocalho de prata em elegante estojo. O cérebro fantasioso da patroa concebera a idéia de mandar gravar o nome da futura criança, achando com isso que daria sorte. Dona Maria Rosa perguntou-lhe:

— Gravaram o nome da menina?

— Qual menina?

— Então não sabe o nome da menina? — perguntou-lhe irritada.

Zeferino embaraçado respondeu ingenuamente que não sabia.

— Então não sabe que nesta casa vai chegar uma menina e que se chamará Clotildinha?

Desapontado pediu mil desculpas.

Até que chegou o dia em que a senhora foi conduzida ao hospital para o parto. No dia seguinte a cosinheira viu Zeferino passar sorrateiro pela cosinha. Carregava as malas e vestia o seu terno novo de casemira.

— Ué! Aonde vai? Zeferino.

— Vou-me embora prá minha terra...

Na certa vou ser despedido.

— Ué! Mas porquê?

— A patroa esperava a Clotildinha, não é? Por mal dos pecados nasceram dois gêmeos. Ela vai dizer que a culpa é minha.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Apresente sua melhor face...

Rara é a mulher formosa que não tem dois aspectos na face: o que a natureza lhe deu e outro, infinitamente mais bonito, que os seus produtos de beleza criam. As mais lindas de todas são as que escolhem Yardley. Porque o maior de todos os encantos é parecer natural e a habilidade especial de Yardley é fazer que sua beleza pareça uma dádiva do céu.



Yardley

de Londres

No. 3

Vida Nôva, Vigôr e Vitalidade

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social cujo nome é PANSEXOL.

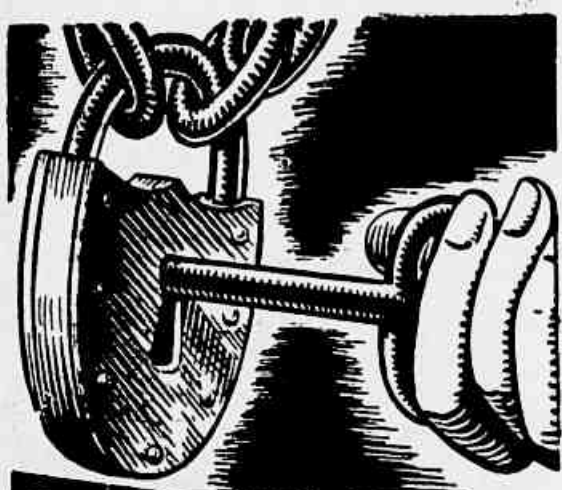
Um tônico estimulante indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral

das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO Remetemos, pelo reembolso postal Cr\$ 25.00 o vidro

Produtos Panvital - Rua da Estrela n.º 6 - RIO DE JANEIRO

VENDE-SE UMA SENHORITA



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Moças e senhoras "chics"



A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Rembolso Postal. A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

**Desperte a Bilis
do seu Fígado!**

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Tipo negrita — lá estava gritando o anúncio em grandes letras. Com o premeditado chamamento á curiosidade de leitor, percorri as suas linhas: — "Moça de 20 anos, bôa aparência, culta e educada, procura cavalheiro de qualquer idade, distinto e rico para com ele casar-se. Exige-se referências. Tratar pelo telefone..." Interessante brincadeira", pensei. E continuei a leitura interrompida do jornal. O anúncio, porém, crescia aos meus olhos, penetrava na minha consciência, insistindo em demorar-se nas minhas cogitações. Já

Conto de MERISE SANTOS

formando uma intrigada corrente de idéias, imaginações e deduções as mais espalhafatosas. "Se fôsse ele nascido da originalidade de uma mulher, não seria agradável conhecê-la? Mas teria acaso uma mulher digna, culta e educada, coragem para aquilo"? O meu raciocínio dizia "não" e a imaginação replicava "talvez". Por causa de muitos "talvez" é que resolvemos um grande número de cousas, em nossa vida. Este "talvez" foi crescendo, se avolu-

mando, avassalando minha razão, minha vontade e provocando afinal a minha ação. Liguei o telefone, indeciso, e, com maior indecisão, saíu minha voz:

— O anúncio? Ah! sim, é daqui mesmo. O senhor está em condições, quer conhecer a senhorita? Deseja comprá-la?

— Sim, não, isto é... E' com a própria que falo?

— Não senhor, sou a mãe dela.

— Ah!... muito prazer, minha senhora. Quando poderei conhecer sua digníssima filha?

— A's quatro da tarde de hoje daremos uma recepção para os candidatos. Será uma reunião de família, cavalheiro. Faço questão de um bom marido para minha filha, pois ela é um mimo de garota. Tão cândida, tão ingenua, tão...

— Minha senhora, poderia saber a razão do anúncio um tanto ou quanto...

— Extravagante, diga!

— Bem, não, assim...

— Venha hoje á tarde, cavalheiro, e tire as conclusões que quizer. Até logo.

— Passe bem.

Que mulher! fala como metralhadora em dia de matar alemão. Positivamente, não gosto dessa intervenção familiar. Mas que espécie de gente é essa? Ah, deve ser a sucursal do hospício, garanto, tem de ser". Apesar dessas considerações, á hora marcada a campainha do apartamento 301 era por mim comprimida. Introduzido numa pequena sala por uma criada espalhafatosamente afetada, depa-ram-se-me dois cavalheiros instalados em poltronas de côres variadas. Os nossos olhares se encontraram e, na-

Mecanica Mirim



Consertos de maquinas em geral,
reparos de motores eletricos ma-
ritimos e terrestres. Construções
de maquinas ou peças sob desenho.



Renato Alves de Abreu

Rua do Senado, 283

Tel. 22-3939

Rio de Janeiro

José M. Lopes

ALFAIATE

ROUPAS SOB MEDIDA

Rua dos Invalidos, 203

Telefone 22-8400

RIO DE JANEIRO

Orf-Léne
NÃO MANCHA
e tinge melhor o
Cabêlo Branco

E' o produto que supera e
que melhor o tinge; em

- 1 Prêto
- 1 ¼ Prêto azulado
- 1 ½ Castanho escuro
- 2 Castanho escuro cinza
- 2 ½ Castanho pouco escuro
- 3 Castanho meio escuro
- 3 ½ Castanho meio escuro cinza
- 4 Castanho natural
- 4 ¼ Castanho bronzeado
- 4 ½ Castanho cinza
- 4 ¾ Castanho dourado
- 5 Castanho claro
- 5 ¼ Castanho claro cinza
- 5 ½ Castanho claro acajú
- 5 ¾ Castanho claro dourado
- 6 Bronzeado escuro
- 6 ¼ Louro escuro
- 6 ½ Bronzeado claro
- 6 ¾ Louro
- 7 Louro-cinza
- 8 Louro-acajú
- 8 ¼ Acajú-fôrte
- 8 ½ Vermelho-fôgo
- 9 Louro-claro
- 9 ¼ Ouro-palha
- 9 ½ Ouro-em-fôgo
- 10 Louro-ouro

PARA ALOURAR, CABELLO
ESCURO, USE: HYDRO-VEVE

PAPEL

De todos os tipos

Fornecedores da

REVISTA DA SEMANA



Representantes:

COMPANHIA

IMPORTADORA

SUECA Ltda.

Av. Rio Branco, 52 - Tel. 23-0632

RIO DE JANEIRO

turalmente, nos detestamos desde logo. Acostumei-me numa das poltronas vagas e, nada tendo a fazer, comecei a inspecionar a sala mobiliada com certo gosto. Um lindo "flamboyant" cobria graciosamente o ambiente. Dois pares de cortinas verde-escuro, deixavam-nos adivinhar dependências da casa. "Para que dependências darão? Acaso o produto anunciado estará nos espreitando"? Virei-me assustado para uma abertura lateral, onde se colocavam livros e teteias. A essa altura nós, os três concorrentes, já nos mediamos sorrateiramente. O que está sentado à direita deve ter uns 50 anos, bem disfarçados pelos cabelos pintados e o semblante esforçado num esgar permanente de mocidade. Vestido com correção. Classifico-o no rol desses cavalheiros a quem qualquer prazer diverte e quando não existe qualquer procuram algum. Ali estava ele ante-gozando o ridículo da cena. O outro, à esquerda, nervosamente aguenta a pôse que se desmanchará a qualquer momento, nestes gestos ridículos dos que não são, mas procuram ser. Dinheiro ele devia ter, a julgar pelos

grandes brilhantes do dedo e da gravata que iluminariam por certo a escuridão dos seus defeitos. Estava compenetrado do papel de candidato. Já adivinhava os seus pensamentos: "Que importa o anúncio? A senhorita quer se casar e nestes tempos de raciocínio não há maridos e os que existem por aí são uns prontos, uns incapazes, uns pelintras que só sabem dividir o "meu com o teu" (dela). É natural, inteligente e justo que ponha um anúncio, certa aliás de suas boas qualidades. A época é das valorizações pessoais, que lhe importa o ridículo do ato? Aqui estamos eu e estes dois. Se a senhorita fôr boa vou fazer força, muita força. O que me intriga é o "vende-se". O título devia ser outro: "Procura-se um marido", "Uma senhorita deseja casar-se". Mas que tenho eu com o título"? E, nessa altura dava uma sacudidela no pescoço como se a gravata o enforcasse. Ia eu continuar minha análise, quando as cortinas foram corridas, aparecendo na sala uma senhora de uns 40 e poucos anos, envolvida, confundida e só vista num longo sorriso que iluminou a sa-

leta e nos trouxe muito ar. Automaticamente, levantámo-nos e os nossos pulmões dilataram-se numa profunda respiração.

— Muito prazer, cavalheiros, em recebê-los em minha casa. Sou madame Dr. Ferreira Pontes Scoltti, conheceram-no de nome? Ah! não? Foi grande cientista o meu finado marido. Pesquisador do Laboratório Universal de Microbiologia, Membro honorário da Ordem dos 100 filósofos, descobridora do micróbio "assarinhaka" que lhe valeu o título de patrono do Instituto dos Amigos das Causas Ocultas, fundador da Academia Real do Bom Viver e...

— Parece que já ouvi falar no seu falecido marido... interrompi, já impaciente. E os dois me agradeceram com uma afirmação.

— Logo vi, cavalheiros. Não podia deixar de ser assim. Os senhores que aparentam ser cultos, distintos e homens de influência na célula social e política do nosso Rio — este Rio tão querido!

— E' carioca?

— Não, não. Mas gosto do Rio tanto que morreria fóra dessa adorável trapalhada que são as filas, os raciocinamentos, a condução. O meu espírito tem o gosto das coisas oficiais, trabalhosas. Que prazer sinto quando permaneço duas horas em pé numa fila e vem o ônibus só com um lugar que é o meu. Saboreio o marfúrio de toda aquela gente que ficou atrás, de olhos compridos, se matando de inveja. Quando vou ao açougue e o seu Manuel, solícito, vem dar-me o bom-dia, servindo-me do melhor filé, o vendeiro que me manda açúcar, açúcar demais... Manteiga e leite á fartura tenho eu, meus senhores, enquanto a fila do Entrepasto começa às 3 da madrugada e termina às 5 da tarde, deixando aquelas criaturas cansadas e tristes. Não é mesmo um encanto o Rio? Experimento uma felicidade sádica, é verdade, mas quem não sente isso hoje com a vida ultra estimulante, egoísta e difícil da Cidade Maravilhosa?

Estávamos atônitos e ninguém sabia responder como se desencadeara tal conversa sobre produtos alimentícios, principalmente.

— Mas, minha senhora, a anunciante está?

— Oh! sim esquecia-me. Ela é um anjo de candura, simplicidade e educação. Adora os romances americanos. Os senhores já leram... "E o vento levou"? Que monumento de folhas, hein? Ela os adora tanto como aos endiabrados cachorrinhos. Os senhores hão de vê-la, admirá-la e adorá-la imediatamente. É um bombonsinho de açúcar, em cristal!

Sorri com os dois, apalermado. Se a profecia se desse, não estaríamos em dificuldade para resolver. Que mulher maçante! Por que não permitia logo a apresentação da senhorita?

— Os senhores vão ter a bondade de encher esta ficha sem omitir qualquer dado e apenas declarar o que fôr verdadeiro, porque a minha polícia secreta é muito ladina... E sorriu prazenteira, distribuindo a cada um de nós uma pequena ficha azul.

"Não estou gostando de tanta complicação". Fui lendo: Nome-residência-telefone-rendimentos mensais. — E'

proprietário? Tem casa de campo? Frequenta cassinos? E a temporada do Municipal? Gosta de viagens de...
Continua na pág. 76.



Não despreze a terrível
PIORRÉIA
De cada 5 pessoas — 4
(também V.S.) estão
ameaçadas

Com o abominável encolhimento das gengivas e o execrável afrouxamento dos dentes, a Piorréia ameaça hoje milhares de pessoas. Se V. S. notar que suas gengivas estão sensíveis... que sangram facilmente ao escovar os dentes... acautele-se — pode ser Piorréia!

Proteja-se imediatamente com o método experimentado Forhan, que consiste em escovar os dentes duas vezes ao dia (fazendo-se ao mesmo tempo massagem nas gengivas) com Forhan's para as gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora num mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para a saúde e vigor das gengivas e beleza e proteção dos dentes, comece hoje mesmo a usar o famoso dentífrico FORHAN'S para as gengivas.

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

"Não espere sofrer de piorréia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorréia."

4FP5

PÍLULAS DE BRISTOL

Vegetais e açucaradas

Combatem suavemente a preguiça intestinal.

CIA. T. JANÉR,

Comércio e Indústria
PAPEL EM GERAL
CELULOSE



Exportação de produtos nacionais
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO
BELO HORIZONTE — RECIFE
Agentes nos Estados



DEZEMBRO

PAULO BARRETO

— Pois, francamente, és o mais formoso mês do ano. Quando chegaste, ainda eu acreditava na iconografia universal e confundia Dezembro com o velho e austero S. Silvestre. De modo que julguei, a princípio, falar ao próprio filho do sol...

— Eu sou Dezembro, o derradeiro mês do ano...

— És belo, és sadio, o galbo do teu corpo respira o divino perfume da alegria. Sorris e eu penso em flôres e em frutos, em rosas desfolhadas e em mangas sumarentas, em granadas ácidas e cheiros inebriantes de magnólias. Parece que tudo vibra de uma vida nova: o sol, as árvores, as estrélas do céu, os olhos das mulheres...

— Parece?

— Não parece, tens razão: é! Como pensar em coisas tristes? Como consentir na melancolia e na incerteza? Ainda agora venho de fora. O sol claro, de uma diversa claridade, ensopava de ouro líquido a cidade inteira. Fulgiam os zimbórios das catedrais, chamejavam as ardósias das casas, chispavam as vidraçarias, e no estendal de luz igual reparei no aspecto das coisas e no aspecto dos humanos. Ah! sim! As coisas inanimadas vivem e sen-

tem, zangam-se ou riem. Há dias em que tôdas as avenidas lembram escravas no eito; outros em que estão como a chorar. E, muitas vezes, seguindo por uma rua, eu encontrei casas de cara triste e casas de fachada enfarada. Hoje não. Hoje tôdas as casas em que reparei riam pelas janelas e pelas portas um comunicativo riso; e nas ruas as árvores pareciam em marcha febril, num préstito imenso cheio de esplendor. Seria da tua passagem, ó ser luminoso?

— Eu sou Dezembro, o mês último do ano...

— E a gente? Certo a população inteira veio para a rua, estava na rua. Sinceramente, não vi nunca as mulheres tão lindas e em tão grande quantidade. As belas, vestidas de roupas leves e brancas, tinham mais brilho, mais viço, como que mais desejo, mais amor. As feias mostravam aquêle sorriso que no meio dia do Paraíso fez esquecer a Adão os mais terríveis compromissos, e, até hoje, prende e alucina os descendentes do Pai Venerável. Talvez fôsse fantasia, talvez, mas era como uma procissão a caminho da ventura, em que o sol se repartia pelas pupilas das sacerdotizas e derretia

sob cada pele, de rosa ou de âmbar, o calor maravilhoso. E, na apoteose de ouro, as crianças impressionaram-me. Nos outros dias não reparo nas crianças. As crianças são como as flôres e os frutos — guardam o mistério do futuro. Não sabemos nunca se elas darão a semente que faz a árvore. Hoje tôdas elas pareciam assegurar o radiante contentamento de viver e eram muitas, rindo, existindo, anunciando, esperando. Seria da tua passagem, suprema luz?

— Eu sou Dezembro, o final do ano...

— Tens, de certo, um filtro mágico. Se nunca vi tanta beleza, tanta alegria, tanto prazer de viver, não vi jamais também atividade igual, tão ruidoso frenesi. Os cafés cheios, os estabelecimentos repletos, os homens nervosos a correr, a trabalhar com delícia, e uma geral preocupação de festa que fazia as casas cheias de brindes, desdobrava nas avenidas e pelas ruas a barra interminável das montras num ofertório de luxos, de riquezas, de brinquedos, de guloseimas, que fazia da cidade a quermesse anunciada de todos os prazeres. Seria da tua passagem, venábulo da alegria?

— Eu sou Dezembro, marco último do ano...

— Sim, já mo disseste várias vezes. És Dezembro, que no calendário romano era o décimo mês e que passou a ser o décimo segundo quando Carlos IX, em 1564, resolveu que o ano começasse em Janeiro.

— Não, mortal ingênuo. Tem um pouco de visão. Eu não sou apenas o mês em que Carlos IX resolveu terminasse o ano. Para a vida e para as aspirações humanas que importam as datas, a anatomia da história escarpando os símbolos? Datas-se eu das Olimpíadas, fôsse contemporâneo das remotas dinastias do Nilo, estivesse no plinto central com os primeiros homens e não tivesse significação alguma — a minha influência seria nula como os esqueletos de sáurios, as múmias crispadas, os partidos mármore da Hellade. Mas, datando de depois do descobrimento da América, como poderia datar de ontem, eu sou nesta última feição a permanente prova da maior aspiração humana, e vivo hoje com a mesma força com que vivi nas cavernas. Nada se teria feito na vida se o homem não conseguisse medir o tempo, dividir o indivisível, andar para trás e para diante no que não tem nem começo, nem meio, nem fim. Contar o tempo é o estimulante, a razão maior da vida. Não é só a certeza de ter caminhado e de ter passado: é a esperança de ir para diante. A divisão astronômica fez-se a fixação dessa aspiração, a matemática marcando palpitações e anhelos, temores e desejos. Vindo do incomensurável até o segundo — o homem teve a crença de que

fez seu o Tempo e ficou com a única religião que não se desmorona: a religião da côrte do tempo, em tôdas as raças e em todos os calendários.

— Vens perigosamente cheio de raciocínio ftil, Dezembro ópimo!...

— Não venho, estou com êsse raciocínio acidentalmente. E por uma razão excelente.

— Qual?

— E' que sempre fui, sou e serei o mês em que não se raciocina, em que os homens, em qualquer latitude, sob o sol ou sob a neve, em qualquer estádio da vida, na miséria ou na opulência, não ajuizam e não julgam, inebriados pela alegria. Ainda há pouco falavas no contentamento das ruas. Deves ter a impressão física da alma dos meses, do ambiente que eles preparam aos mortais. Lembra-te de Março ou de Outubro. São divisões do tempo sem modificações morais. As criaturas labutam, sofrem, divertem-se monacordamente. E' a existência com as suas dôres, com as suas angústias, com as suas infâmias. Ninguém sente a ânsia do futuro no mês de Março ou no mês de Outubro, ou no mês de Setembro. Ninguém é melhor ou pior nesses meses que nos outros. A morte não causa surpresas. O egoísmo não impressiona. Tudo se compõe de mentira, dolo, egoísmo, amargura. Os homens esquecem a capacidade de esperar com alma. E pensam. E raciocinam. E praticam ignomínias. E mentem. E cedem porque mentir é ceder. Apenas chego eu, tudo se transforma. Por que? Porque eu sou o fim de um prazo que a fantasia prendeu aos céus, porque eu indico a terminação da única forma sem fim, porque eu sou a porta ilusória que se abre para um outro trecho da existência, porque eu sou a esperança universal.

— Não me assustes...

— Sim. Já viste alguém pensar na morte em Dezembro? Já acreditaste em desgraças no mês de Dezembro? Os homens trabalham com redobrado esforço, os velhos sorriem e movem-se como se tivessem mergulhado nas fontes que dão juventude, as mulheres anseiam amor, as crianças demonstram o riso dos contentamentos. Não há ninguém triste. E' o momento em que o feroz egoísmo dos homens inconscientemente se une no acorde das esperanças humanas.

— Cristo nasceu em Dezembro...

— O nascimento de Cristo foi mudado várias vezes. Cristo, nascendo em Dezembro, é quase tão moderno como Dezembro fim de ano. O supremo acorde vem apenas de pensar o futuro sempre melhor do que o presente. Ao chegar à porta do ano que vai terminar, imaginando a vida do outro lado diversa, pensam todos no bem, na abundância, no amor, no luxo, nas riquezas, na realização do mun-

do que cada um tem dentro de si. Por isso a humanidade em Dezembro arde de contentamento. Os usurários esquecem a usura, os perdulários gastam mais, os invejosos imaginam-se iguais no futuro aos que em vão invejaram todo o ano; os felizes esperam tempo mais feliz ainda; os miseráveis, os famintos sonham para lá do meu último dia a fartura. Por isso, haja a crise que houver, sejam quais forem os homens, no derradeiro mês do ano tudo é abundância, tudo é desperdício de flôres, de luxos, de comidas. Não há quem não pense em dar. Espera-se tanto que é o único mês dos presentes! Não há quem pretenda fazer economias. Os mendigos comem o pão macio, os remediados arruinam-se em guloseimas e rosas. E todos correm, e todos se agitam na espera ansiosa. Cada face, cada olhar, cada riso é no concêrto formidável da quermesse universal o espelho da esperança, o desejo do Ano Bom...

— Deves no fundo ter medo.

As decepções estão do outro lado...

— Os homens, como Deus os fez, só não odeiam as esperanças. Eu sou o mês do egoísmo lírico, eu sou o marco único da ilusão, eu sou o mês do Sonho, o mês em que se espera. Os meus trinta e um dias são os trinta e um compassos da fanfarra que anuncia a Felicidade unânime. Vem à janela, olhá outra vez a rua. E' a mesma coisa do que foi em Novembro? Não! Tudo arde, e vibra, e clama. Vão todos para uma festa, correm todos iluminados. O próprio céu parece entregar-se à terra num desperdício de azul, o próprio sol retarda no horizonte como à espera, lutando com a noite que também quer ver a grande hora ilusória da mutação. O cheiro da terra, o cheiro do ar, o cheiro de tudo tem o cheiro dos pampanos. O próprio silêncio é uma algazarra de seivas, um transbordamento de juventude. Tudo acorda, tudo gri-

(Continua na pág 73)

PAULO BARRETO



CODYLOSE

Está resfriado? Sofre de bronquite ou asma? A tosse o incomoda, não o deixa dormir? Tome CODYLOSE. Nas TOSSES REBELDES só CODYLOSE.

Pedidos a ARAUJO FREITAS & CIA. — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A RIO DE JANEIRO

A FESTA

(Continuação da pág. 53)

mentos rodopiavam já nos braços um do outro.

— Seja bem aparecido! — saudou chibante o Marcolino, mal o Nobre se chegou de faixa nova, corrente de prata ao peito e calça à boca de sino.

— Olé!...
Só a Santa é que não disse nada à devota. Olhou-a do altar com os seus olhos espantados, e assim se ficou enquanto a Lúcia desfiava o rosário a seus pés.

Entretanto anoitecera, e o arraial abria na escuridão da serra uma clareira luminosa, intensa de vida e de dramas. As músicas desafiavam-se o mais rumorosamente que podiam, os foguetes estoiravam no ar como bombas de dinamite, os pares levantavam ao céu nuvens de pó, havia mocadas aqui e além, e nas barracas comia-se, bebia-se e jogava-se a vermelhinha.

— Vamos até ali... — convidou, implorativo, o Leonel, perdido pela namorada.

— Ali, aonde? — perguntou ela, sem forças para resistir.

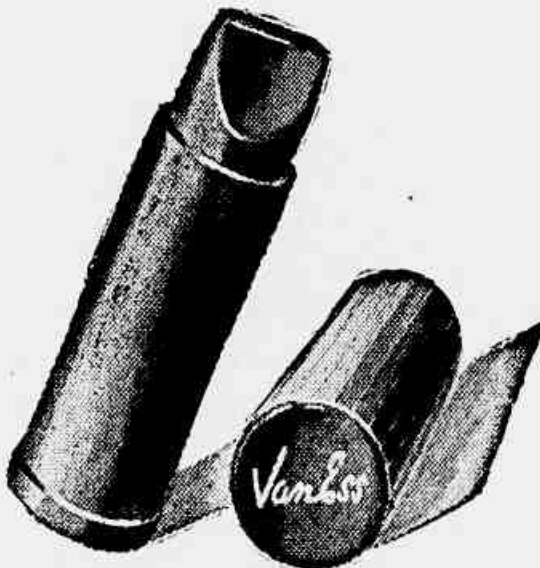


**Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar!**
**Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...**

Uma requintada gama de tonalidades da última moda, realçadas por uma base exclusiva de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

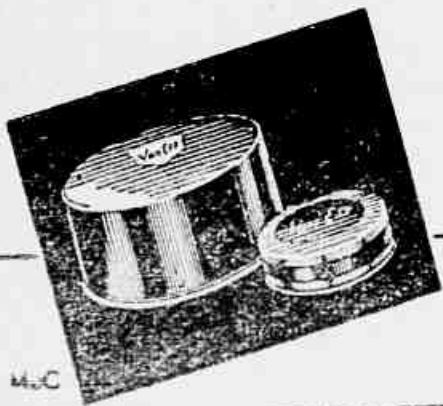
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.



STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIACO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

— Ali adiante...
— Malandro, que mas hás de pagar hoje tôdas! — gritava o Nobre de pau no ar.
— Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...

Ninguém tinha tempo para cuidar dos outros. Cada um tratava de si, do seu corpo, da sua alma, dos seus ódios.

A medida que o arraial crescia, os mais débeis ou os que tinham vindo de mais longe cediam às leis do sono e do cansaço. E no chão liso, arrumados aos cantos ou no aconchêgo de uma sombra mais impenetrável, eram corpos aos centos, adormecidos numa promiscuidade de animais. Crianças ressonavam de boca aberta, velhas mostravam as pernas secas e varicosas, e belos braços moços de raparigas reluziam inertes à luz de um foguete mais luminoso.

— Ó meu Deus da minha alma!... — gemia a Otília.

— Agora já êle sabe quem é covarde!... — exclamava o Nobre.

— Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida e doçura... — orava a Lúcia.

O calor das fragas e da terra, que o sol cozera todo o dia, mantinha a saturnal num mormaço de febre. A insultar, a amar ou a

(Continua na pág. 74)

CREME DENTAL

ATLAS

CAMISAS
GRAVATAS
NOVIDADES

Nelson
ASSEMBLEIA, 78—RIO
Esa. Rua Rodrigo Silva

ARTIGOS
FINOS
PARA HOMENS

FÁBRICA DE ARTEFATOS DE COURO "HELIO"

PASTAS, CARTEIRAS, CINTOS, ETC., PARA HOMENS,
SENHORAS E CRIANÇAS. ESPECIALIDADE EM
ARTIGOS DE CROCODILO, LAGARTO E COBRA

Faz-se também consertos em geral

FONE 43-7448

PREÇOS RAZOÁVEIS

MANOEL JOAQUIM DE FARIA
RUA URUGUAIANA, 154-1.º — RIO DE JANEIRO

A mulher de Paris e de Londres

Paris — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento Okasa, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). Okasa, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento Okasa é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente Okasa e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos Arna Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

Petisqueiras a Portuguesa

AO

A POPULAR CASA DA LAPA

VINHOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS



RESTAURANTE

Dermeval J. Ferreira

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 38
TELEPHONE 22-0763 - RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO

(Continuação da pág. 71)

ta, tudo irradia. E' a vida nova que vai começar. E' a Felicidade que vem aí extenuada de ofertas, incendiando as almas. Dessa energia que é o engano

se abeberam as criaturas para seguir, para ir adiante. Não fôsse o filtro em que destilo os irmãos dos contentamentos, e, ao chegar a mais êste marco que marca a eternidade, os seres recuariam apavorados. Não fôsse o poder da minha ilusão e os velhos vendo a morte mais

CHAPÉUS

JULIMA

a marca que substitue
a propaganda pela
qualidade

próxima, as mulheres tendo a certeza da velhice que desfaz, os homens sentindo a continuação do eterno horror, da eterna luta, da eterna maldade fugiriam enlouquecidos de medo, pediriam aos deuses piedade — matar-se-iam de angústia. E as crianças, diante do eterno quadro de labutas áridas, recusariam em pranto a vida dolorosa. Eu embebedei todos, de polo a polo, com o elixir luminoso, com o "aschich" da coragem, desdobrando em cada cérebro as mi-

ragens das alegrias perfeitas.

— Mentiroso!

— A ilusão é a única verdade — o nervo da vida. Eu estou contente. Cada hora minha, cada dia meu é um triunfo irresistível. E até o meu último instante, empolgante e divino, fazendo delirar as turbas no delírio da Alegria, eu sou o Adonai dos corações, a primavera das almas. E tanto é o meu poder do mês jocundo, de mês delirante, que tu mesmo, na teimosia de explicar e de pensar — tu também esperas como o mundo inteiro, tu também crês no vazio que eu corôo de flôres e sóis.

— Dezembro!

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE.

CALÇADOS FINOS
URUGUAYANA, 68
— FONE 43-5709 —



Cativa a todos os seus clientes
e lhes deseja um Feliz NATAL
— e próspero ANO NOVO —



TONIFIQUE SUA CUTIS COM ANTISARDINA Nº 1

Rugas precoces são produzidas pela perda de elasticidade da pele enfraquecida.

ANTISARDINA é um tônico vivificador das células da epiderme.

ANTISARDINA não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cutis.



Pedidos a

DISTRIBUIDORA ANTISARDINA LTDA.
Cx. Postal, 80 - Curitiba - Paraná

A FESTA

(Continuação da pág. 72)

pedir, as almas tinham a mesma força e o mesmo dom de entrega.

Qualquer coisa porém — a escuridão talvez — fazia com que uma parte rebelde da consciência tirasse a cada ato a paz natural que ele teria ao sol.

— Juro... — prometia frouxamente no fim o Leonel, a dizer que casava.

— Não há dúvida... — concediam os amigos do Nobre, depois da refrega, hesitantes no reconhecimento do seu heroísmo.

— Amem... — ouviu a Lúcia dos seus próprios lábios, como se ouvisse o eco final da oração de um pobre.

A combinação era de se encontrarem depois do fogo, pela madrugada, para comerem novo bocado do farnel que a Lúcia guardava. E realmente mal a última girândola subiu ao ar e morreu em fumo no céu, lá estava cada um no sítio escolhido, sonolento, de olhos vermelhos da poeira, com a sua devoção cumprida no coração vazio.

Acordada pela luz da manhã que rompia calma e diáfana, a serra mostrava os largos horizontes varridos, e tirava às almas a recolhida, confusa exaltação que a noite permitira. As canas do fogo de artifício, que na negrura tinham subido ao céu soberbas e arrebatadoras, jaziam no chão, pisadas e sem glória. Vômitos de vinho, ossos descarnados, excrementos e cascas de melancia, testemunhavam a íntima e triste miséria da vida. Uma dormência lassa quebrava o corpo, a vontade, a fé e a própria esperança. Nas caras sanguíneas dos que tinham palmilhado léguas para chegar ali, havia uma palidez de desilusão, de íntimo e não confessado arrependimento.

— Foi bonito... — disse, contudo, a rapariga, a disfarçar a sua dor.

— Mas gostei mais do ano passado... — gemeu a mãe, com os joelhos em chaga.

— Vamos a ver logo...

Defendiam-se como podiam do seu desalento e da luz crua da realidade. Mas nenhuma ilusão entrava inteira nos seus instintos.

O Nobre dera mas recebera, e duas lombeiradas do Marcolino tiravam-lhe a magia da desforra. Ou tinha uma costela dentro, ou o seu corpo já não era corpo. A Lúcia, de promessa cumprida, e sem pele nos joelhos, da areia grossa do chão, sentia-se quite e desligada da comunhão da Santa, vazia como um fole espremido. A rapariga, essa reduzia tudo à sua honra perdida atrás de uma fraga que nem saberia reconhecer.

Mas iam todos comer, dormir, e arranjar novas forças para prosseguirem pelo dia fora aquela festa a Santa Eufêmia, pela qual tinham suspirado tanto o ano inteiro.

O tributo de 45 milhões!

(Continuação da pág. 51)

é o custo fabuloso de um só avião abastecido e municiado. Se formos estabelecer uma proporção entre a F.E.B. e a F.A.B., na luta na Itália, o valor individual de cada aviador é aumentado consideravelmente, tendo em vista os nossos trinta pilotos contra os quinze mil combatentes do Exército. Parece-nos que foi esse o número de homens da F.E.B., não contando os soldados da retaguarda.

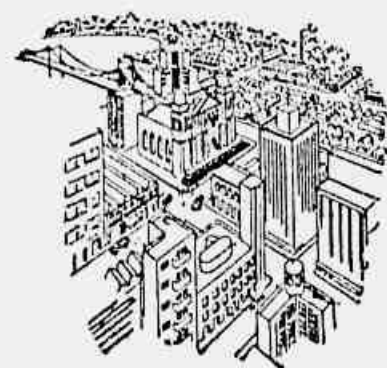
Portanto, quarenta e cinco milhões de brasileiros devem o seu bem-estar presente e a reconquista dos seus direitos de Liberdade a somente nove bravos pilotos da F.A.B., mortos em combate contra o inimigo nazi-fascista. Os que sobreviveram sacrificaram-se, é claro, pela causa das democracias, mas cremos de justiça render o maior dos nossos tributos aos que tombaram no campo da luta.

★

Num bucólico e tranquilo vale dos Apeninos, na Itália, se enfileiraram centenas de cruzeiras brancas e singelas, abrindo seus pequenos braços sobre as sepulturas razas dos nossos soldados que morreram lutando contra os nazistas. É o Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia. É um jardim de heróis onde o nosso pavilhão tremula dia e noite protegendo os filhos do Brasil.

Nos nossos últimos dias na Itália fomos até lá para dizer adeus aos nossos pilotos e aos pracinhas da F.E.B. O capelão abençoou suas sepulturas enquanto um oficial fazia a chamada dos mortos. E a cada nome que ouviamos a imagem do herói se refletia na retina do nosso pensamento e parecia-nos impossível acreditar que nunca mais os veríamos ou sentiríamos sua voz entusiasmada de soldado destemido. Ninguém respondia à chamada dos pilotos. Escutávamos somente o balbuciar do capelão rezando o "re-

50 anos de proteção à Família Brasileira



— Uma cidade de 14.000 casas
poderia ser construída com os seguros
já pagos pela SUL AMERICA
em seus 50 anos de existência

★

Sul America

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA
Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro



CALCIO BABY

INDISPENSÁVEL NA DENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS
Indicado por D^o WITTROCK

Pedidos a ARAUJO FREITAS & CIA. — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A
RIO DE JANEIRO

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.^a Loja

quem" e o farfalhar da Bandeira Nacional, que era agitada pela brisa daquele fim de primavera. Nas cercanias os trigais amadurecidos pareciam um oceano de sol e ouro. A cada ondular do vento eles se curvavam, e tínhamos a impressão de que também prestavam sua homenagem aos nossos irmãos. Depois um clarim pungente cortou os ares como que transmitindo o derradeiro adeus. Lá deixamos o Oldegard, o Medeiros, o Aurélio, o Cordeiro, o Santos, o Dornellas, o Riitmeister e o Waldir. Eles não ficaram sozinhos. Deixámo-los a nossa saudade, o nosso respeito, a nossa gratidão. E eles viverão sempre na nossa vida, onde quer que estejamos.

★

O que assistimos no Campo dos Afonsos, durante a "Semana da Asa", no dia 27 de outubro findo, nada mais foi do que o testemunho da gratidão de quarenta e cinco milhões de brasileiros aos seus nove pilotos mártires da nossa defesa de princípios.

Cerca de quinhentos aviadores, entre pilotos, tripulações terrestres e membros da administração, foram condecorados pela Pátria, em reconhecimento do seu sacrifício, da sua abnegação e do trabalho realizado nos céus e nas bases de aviação, na frente de luta. Mas todo esse punhado de rapazes não se considera um punhado de heróis, os quais se julgam ridicularizados e não gostam que assim os tratemos. Heróis, dizem-nos, são aqueles que foram e não voltaram. Somente a eles devemos tratar assim, e às suas famílias devemos honrar com o título majestoso de "famílias de heróis".

IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA

CASA DA



CALÇADOS
URUGUAYANA, 72-74
Tel. 43-5140

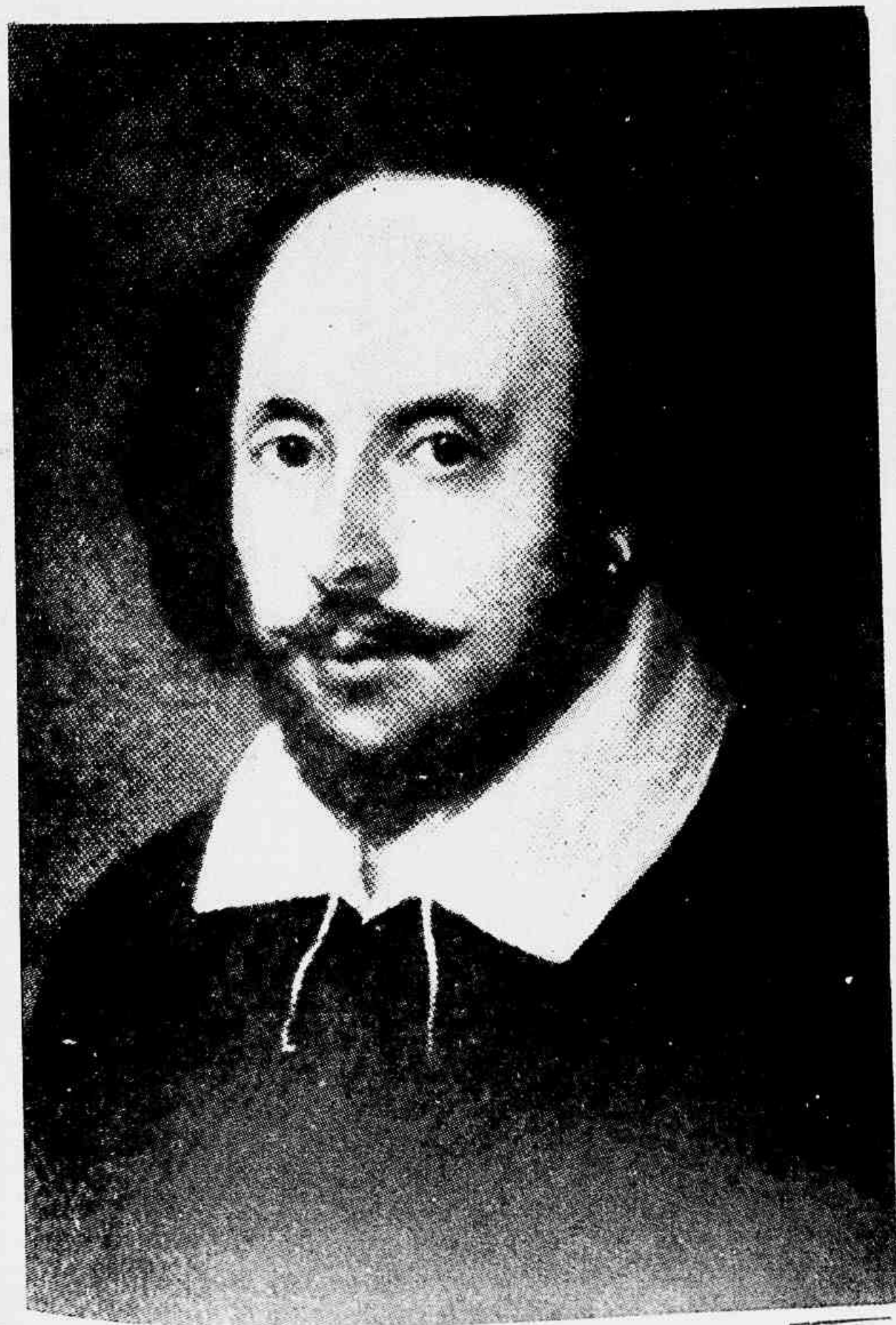
PERSONAGENS POLITICOS DE SHAKESPEARE

Por Sir JOHN SQUIRE

John Palmer, que morreu há alguns meses, estava naturalmente fadado a escrever o livro recentemente publicado ("Political Characters of Shakespeare", ed. Macmillan), sua última obra. Ao deixar a Universidade de Oxford, cinco ou seis anos antes da guerra mundial de 1914-1918, sucedeu a Max Beerbohm como crítico teatral na "Saturday Review". Seus artigos semanais eram vivos e sem ostentação, sagazes e lúcidos, sem o menor sinal de solenidade catedrática. E quando ele abandonou o jornalismo semanal sua experiência de teatro enriqueceu as páginas de vários livros que escreveu a propósito de dramaturgos britânicos e franceses. No intervalo entre as duas guerras, Palmer fez parte da organização da Liga das Nações em Genebra, onde teve a ocasião de encontrar políticos de todas as nações e opiniões de todo gênero. Havia uma história em processo, ou pelo menos parte da história de um período que forneceria, decerto, abundante material a ser utilizado por dramaturgos futuros capazes de participar do interesse outrora demonstrado por Shakespeare a respeito do passado e da ação pública. O resultado das observações inéditas de Palmer é que o seu livro sobre Shakespeare é muito mais "atual" do que o que poderia ser escrito por um simples estudioso que jamais compreendesse, em primeiro lugar, a extraordinária penetração de Shakespeare e, em segundo lugar, a perfeita reprodução histórica de tipos, caracteres ou motivos na vida política das nações.

Juntamente com uma introdução e os capítulos finais, o livro em apreço contém estudos separados acerca de Brutus, Ricardo II, Ricardo III, Henrique V e Coriolano. Podemos dizer que a metade do volume consiste em citações. Palmer cita Keats, por exemplo, num

(Continua na pág. 77)



A Torre Eiffel

CONFECCÕES LTDA.
RUA DO OUVIDOR, 99

Artigos finos
para cavalheiros
de bom gosto.

Novidades
para as
festas de
Natal e
Ano Bom

Completo sor-
timento de
artigos para
viajantes.

A TORRE EIFFEL
RUA OUVIDOR 97-99, RIO

UM CALÇADO DA MODA PARA O MUNDO ELEGANTE

SUA NOTA DE DISTINÇÃO
NOS REVEILLONS

LHE
SERÁ
DADA
POR



R. URUGUAIANA, 52 - RIO

COTTOBLANC

**UM BRANCO ALVO
PARA SAPATOS!**

**APLICAÇÃO FACIL
E ECONOMICA
2 TAMANHOS
SECAGEM
RAPIDA!**

Um produto **COTTOMAR**

VENDE-SE UMA SENHORITA

Continuação da pág. 69

recreio? Quanto pretende dar para os alfinetes da futura esposa? O meu primeiro ímpeto foi rasgar este estúpido interrogatório e sair depois de fazer uma dúzia de desaforos àquela distintíssima senhora. Levantei a vista, naturalmente no rosto estampada a minha cólera, e dei com o mais cativante de todos os sorrisos balzaquianos. Cedí, mas com o propósito de pilheriar disse sim a tudo, mencionei uma soma exagerada de rendimentos e para os alfinetes de minha esposa, mensalmente, dar-lhe-ia vinte mil cruzeiros. Em hipótese alguma seria eu o comprador da senhorita. "Hei de pôr-lhe mil e um defeitos, deixa estar", pensei.

Quando entreguei a ficha, a minha pretensa sogra comparou-a com a dos outros dois e foi para mim que dirigiu um olhar largamente maternal.

— Agora, sim, posso ser sincera. Pretendia dar-lhes uma recepção hoje, porém, não foi possível convencer a Sussie a apresentar-se. Os cavalheiros vão ter paciência comparecendo aqui amanhã à mesma hora.

— Minha senhora, mas...

— Não tem mas, meu senhor, falou rispida para um dos meus concorrentes. Siga o exemplo conformado destes dois cavalheiros e não insista.

Sai, certo de que nunca mais aquela mulher me poria a vista em cima.

do dia seguinte. Despreocupadamente atendo e...

— A senhora? Não... não, muito prazer em ouvi-la. Apenas, agradavelmente surpreendido. Não, minha senhora, não irei. Desinteressei-me do produto. A senhora compreende, detesto negócios muito difíceis e depois eu penso não ter o bastante para comprar tão valiosa senhorita... Que? Nunca! Como ousa falar-me assim? Seu advogado? Mas não lhe devo nada. Ah! a madame quer que eu seja o comprador de sua digníssima filhinha, apenas porque enchi uma papeleta azul e com a sua esperteza deu o fóra nos dois concorrentes? Mas a senhora é muito ingenua! Como poderá obrigar-me a aceitar um produto que não conheço, que nem sequer provei ser bom... Desaforado não, madame, apenas comprador. Muito bem. Vou aí e repetir-lhe-ei tudo isto em plena cara! Até já.

Nunca mais pude voltar à minha casa de solteiro. Comprei a senhorita que tem olhos de mel e alma cândida de criança sem vontade. Vê-la e comprá-la foi negócio de segundos, dentro de tão mesquinha realidade. Quanto aos vinte mil cruzeiros de alfinetes, a pobresinha reduziu para duzentos cruzeiros e cassinos, viagens, Municipal etc., quando minha esperta sogra se recorda de que foi vítima de uma autêntica mentira carioca, suspira, lança-me um olhar de cólera e continua furiosamente tricotando o casquinho do bebê...

Tilinta o telefone às 4.30 da tarde

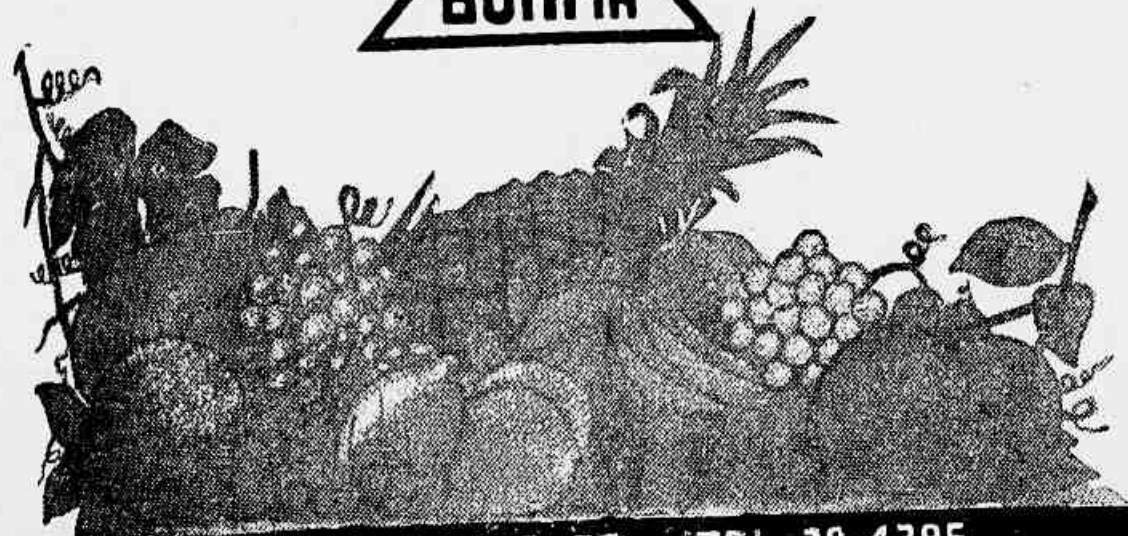
AROMAS e SABORES de FRUTAS PARA FINS ALIMENTICIOS

PRODUCTOS AROMATICOS BURMA LIMITADA

INDUSTRIA



BRASILEIRA



RUA JOSÉ VICENTE, 86 — TEL. 38-4395
RIO DE JANEIRO

CARAMÉLO e PRODUCTOS PARA BENEFICIAMENTO de FUMOS

PERSONAGENS POLITICOS...

(Continuação da pág. 75)

apelo a um amigo: "Qualquer palavra ou trecho de Shakespeare parece sempre uma novidade, mesmo que tenhamos lido a peça umas quarenta vezes". Cada livro que se escreva sobre Shakespeare, com citações soltas dos seus textos, constituirá na realidade uma antologia do príncipe dos dramaturgos ingleses. E qualquer coleção de trechos escolhidos através da sua obra é nova para o leitor, tão inesgotáveis são os seus tesouros ou tão fascinante a sua fabulação.

Os excertos de Palmer são perfeitamente escolhidos e inteligentemente comentados. No tocante às suas conclusões sobre os pontos de vista políticos de Shakespeare... bem, estes poderiam ter sido sintetizados numa só página ou mesmo numa única sentença.

Maurice Hewlett observou que sob as paixões que emergem das obras de Shakespeare existe um mar de gelo. Palmer não vai tão longe. Vê, porém, a atitude permanente de Shakespeare em relação ao homem no seu aspecto político como de "alheamento irônico". Muitas pessoas tentaram provar que Shakespeare era um democrata, ou um anti-democrata, do mesmo modo que se buscou demonstrar o

Perfumes de luxo —TUPAN—



Becco da Candelaria

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE PERFUMES TUPAN, Ltd.

Rua José Vicente, 46 - telefone 38-7540 - Rio

seu catolicismo, o seu ateísmo ou o seu judaísmo. O mais acertado, ao meu ver, é que, quaisquer que tenham sido as suas opiniões, sua convicção a respeito da ignorância e de credulidade das multidões era de tal maneira sólida que não acreditaria decerto na sabedoria do voto. Segundo Palmer, entretanto, se pedissem a Shakespeare um pronunciamento acerca dos sistemas políticos ou administrativos que a humanidade tem conhecido a partir da civilização grega, a sua resposta seria mais ou menos a de Pope:

"Deixemos os insensatos discutir sobre as formas de governo; quem quer que administre melhor será o melhor político".

Os erros peculiares às autoridades, oligarquias ou multidões estavam de tal maneira presentes ao espírito de Shakespeare que (e esta é uma afirmação de Palmer) ele simplesmente não se interessava em afirmar os méritos de qualquer espécie particular de sistema político, interessando-se apenas — e em última análise — pelo homem.

Após numerosas páginas, John Palmer finaliza com um exemplo retirado de uma antiga peça shakespeariana sobre o Rei João. "Aqui" — diz ele — "encontramos talvez uma resposta satisfatória a um gran-

**USEM
PAPEL
COUCHÉ
NACIONAL
KLABIN**

**GENERAL PRINTING INK CORPORATION
DE NEW YORK**

TINTAS PARA IMPRESSÃO
TIPO LITHO OFFSET

Nello Garavini
Distribuidor

Rua do Senado n.º 10 - Tel. 22-4869 - Rio de Janeiro

SEU ESPÊLHO NÃO DESCOBRE O

"Inimigo Invisível"



Você tem um "inimigo invisível". Quase todos nós o temos: a acidez bucal de origem bacteriana que, não sendo neutralizada, pode causar a cárie dos dentes.

A limpeza comum dos dentes não elimina toda a acidez bucal de origem bacteriana. Para isso, você necessita do dentifrício adequado. O Creme Dental Squibb é esse dentifrício adequado, pois contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente especialmente destinado a combater e neutralizar a acidez bucal.

Seu dentista é a maior autoridade para julgar um dentifrício. Consulte-o sobre as qualidades do

**COMBATA O SEU
"INIMIGO INVISÍVEL"
ASSIM:**

1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.

2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a perniciosidade acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma agradável sensação de limpeza e frescor.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

L.001

União Industrial de Pinceis Lda.

Fundada no Brasil em 1925

Fábrica especialista em todas as qualidades de pinceis



Telefone 22-4620

Telegramas UNITRIAL

Códigos:

BENTLEY'S 5th.

PETERSON'S 1st, 2nd, 3rd.

RIBEIRO E MASCOTE

AVENIDA SALVADOR DE SÁ, 181 e 183

RIO DE JANEIRO

de número de perguntas anteriores. O cidadão da Nova Monarquia só tem uma visão política do tempo. Numa larga extensão, ele ignora os aspectos políticos de segundo plano, ou sejam os que serviram de base e inspiração à velha peça. O seu interesse pelo Rei, como vulto político tradicional, é tão leve que não o permite aprofundar-se demasiado. Shakespeare possuía um desprezo genial pelas imposturas grandiloquentes da vida pública. De todos os seus personagens políticos Ricardo de Gloucester é o mais atraente. Shakespeare sentiu-se fascinado por Ricardo porque não se tratava de um mistificador. A sua imparcialidade ou "alheamento" vem, com efeito, de uma espécie de indiferença. Isto serve para explicar, de alguma maneira, o seguinte paradoxo: Shakespeare, que forneceu ao palco uma galeria de personagens políticos sem paralelo em qualquer literatura pela sua veracidade, não possuía um grande interesse pelos negócios públicos. Interessava-se apenas ou principalmente pelas pessoas, mesmo se estas se transformassem em vultos públicos. Daí a sua mestria em pintar magistralmente o retrato de um Rei bem sucedido, um republicano digno, um grande guerreiro ou um altivo fidalgo".

Novidades
PARA AMBOS OS SEXOS E TODAS AS IDADES
Artigos de confiança
E PREÇOS QUE SATISFAZEM



TABORDA DE AZEVEDO COSTA & CIA.

(SUCESSORES)

TELEFONE 22-2380



SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO

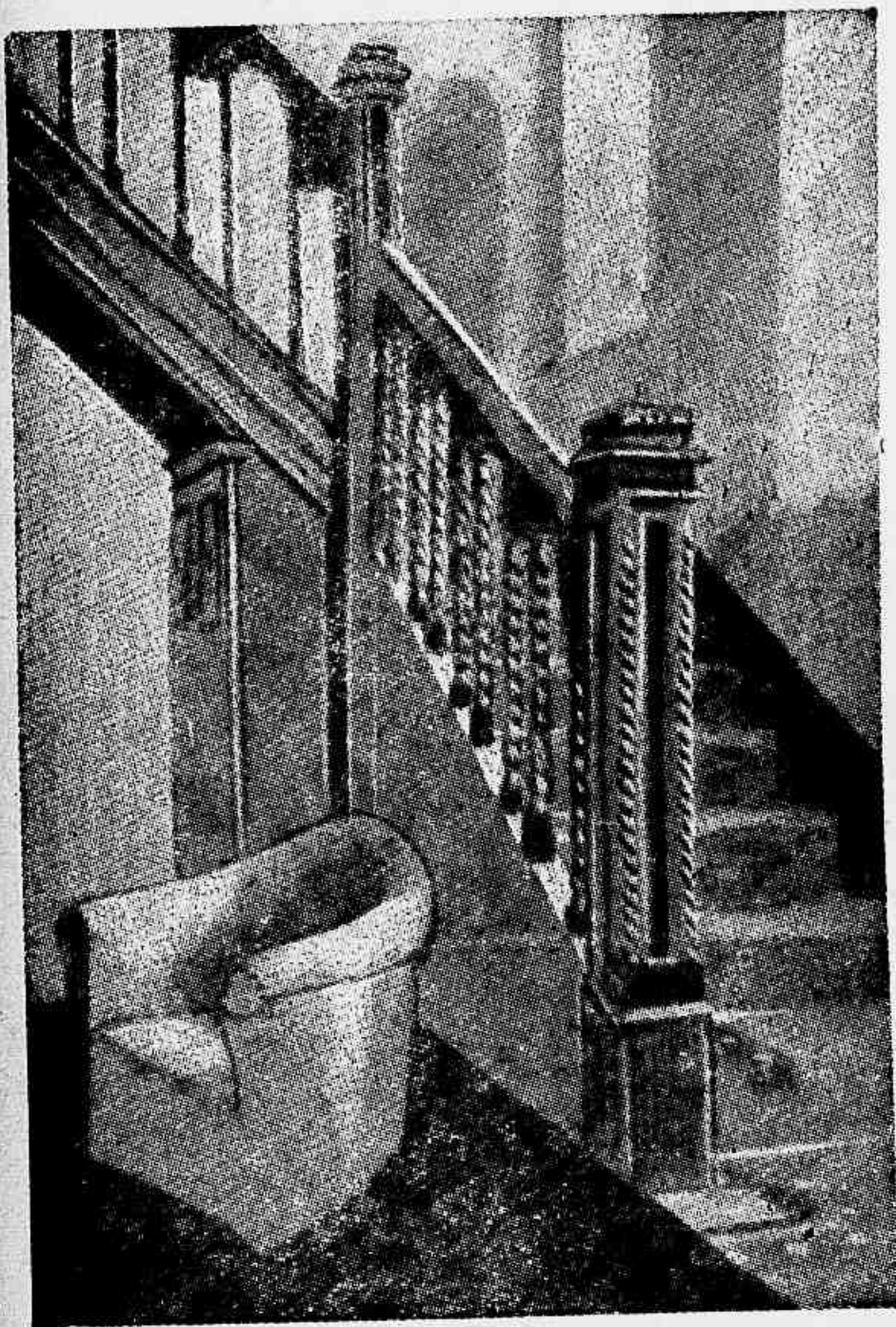
Companhia Nacional

Para Favorecer a Economia

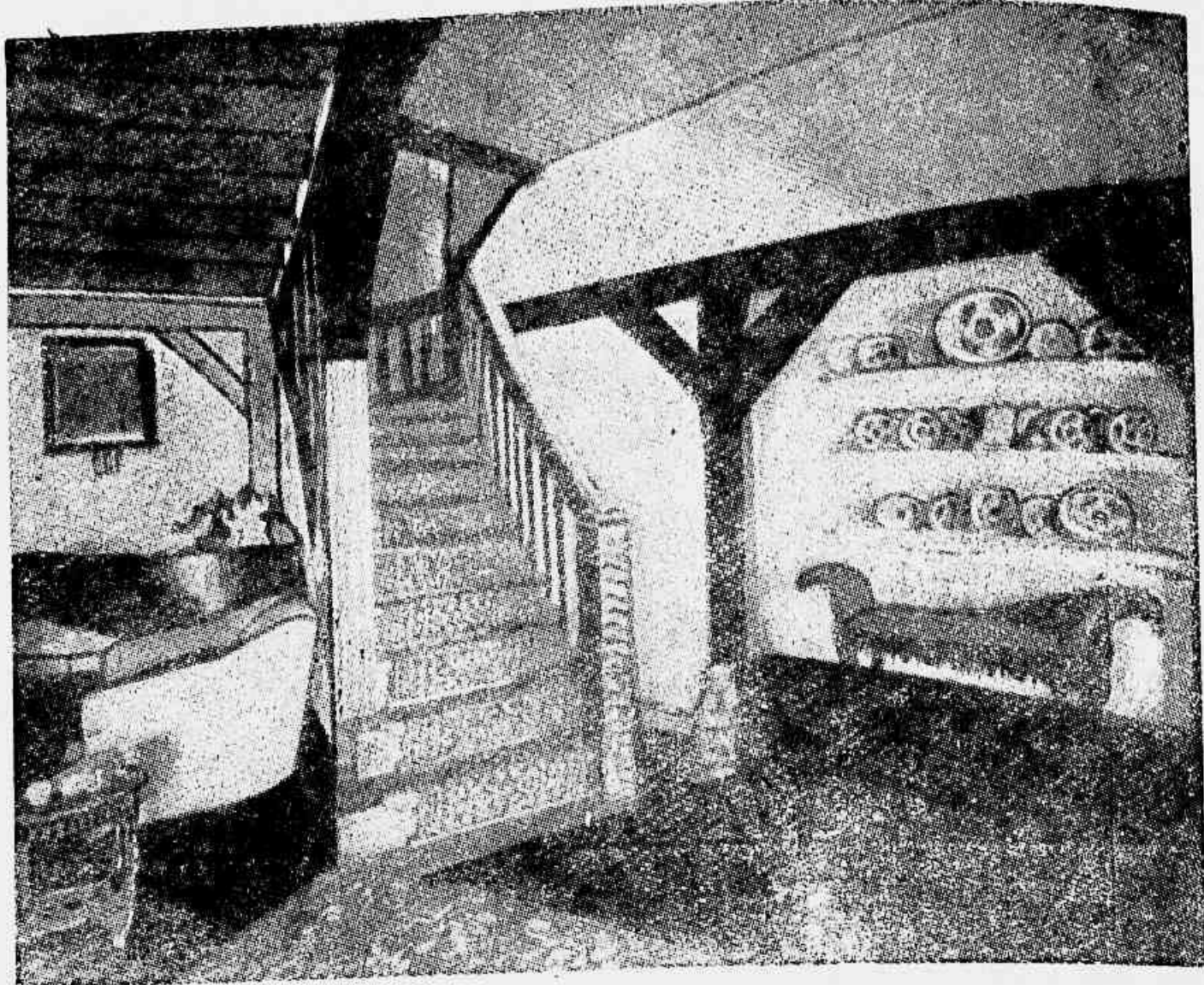
SEDE SOCIAL: RUA DA ALFÂNDEGA, 41 — ESQ. QUITANDA — RIO
INSPETORES E AGENTES EM TODO O BRASIL

Transformando a aspereza da madeira em verdadeiras joias de ornamentação dos lares modernos

A colaboração de B. Gonçalves de Azevedo nas construções do Rio, Petrópolis e Niterói



Estes modelos foram criados de acôrdo com o estilo da construção



Quantas artes se conjugam para ser possível a construção de um prédio? Que formidável legião de homens é necessária! São tantos os setores de trabalho que movimentam pessoas dos mais variados misteres. E' certo que não basta a quantidade. Indispensável se torna que, ao lado da qualidade exista, vigoroso e belo, o sentido expressivo dessa coisa rara que se chama originalidade. E é exatamente a originalidade que realça a organização do sr. B. Gonçalves de Azevedo, com oficinas e escritórios à rua do Rezende 105.

Com efeito o sr. B. Gonçalves de Azevedo, pela sua capacidade de ação, é um dos melhores artistas que possuem. Aplicando-se de coração à sua especialidade, que é carpintaria e marcenaria, procura imprimir às suas criações uma nota sugestiva de originalidade, mercê da qual os trabalhos são sempre utilizados como elemento de embelezamento das construções do Rio e de Petrópolis. Entregando-se à confecção de escadas, fá-las com o máximo bom-gosto, por isso que emprega os mais requintados e modernos processos. Interessante é que as escadas do

sr. B. Gonçalves de Azevedo obedecem aos mais variados estilos, sendo montadas de acôrdo com as linhas arquitetônicas da edificação a que se destinam. E' isto aliás o que explica a preferência com que é distinguido pelos construtores o sr. B. Gonçalves de Azevedo, cuja oficina se desdobra dinamicamente no sentido de atender aos pedidos inúmeros que lhe chegam constantemente. Em Petrópolis a maior parte das residências contam com os trabalhos do sr. B. Gonçalves, cujas escadas constituem uma nota imponente no concerto dos luxuosos conjuntos residenciais da magnífica cidade serrana.

Em Niterói, também, cujas edificações obedecem às linhas da moderna arquitetura, os torneios elegantes das belas escadas do sr. B. Gonçalves lhe conferem aspecto que chama a atenção pelo brilho invulgar que delas irradia.

Esta organização de marcenaria artística e técnica é tida em largo conceito e como colaboradora eficaz das empresas construtoras. Suas obras são utilizadas por inúmeras firmas, destacando-se, entre outras, a conhecida empresa de construções FREIRE & SODRÉ.

O suave milagre!

(Continuação da pag. 39)

lias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras das Judêa Romana, cruzaram um phariseu sombrio, que recolhia a Ephraim, montado na sua mula. Com devota reverencia detiveram o homem da Lei. Encontrára ele por acaso esse Profeta novo da Galiléa, que, como um Deus passeando na terra, semeava milagres? A adunca face do Phariseu escureceu enrugada — e a sua colera retumbou como um tambor orgulhoso:

— Oh escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fóra de Jerusalem? Só Jehovah tem força no seu Templo. De Galiléa surdem os nescios e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enodilhado de cisticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula, e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: *Raccal Raccal* e todos os Anathemas rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconsolação de Obed, porque os seus pados morriam, as suas vinhas secavam — e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus da Galiléa.

Por esse tempo, um Centurião Romano, Publius Septimus, comandava o forte que domina o vale de Cesarêa, até á cidade e ao mar. Publius, homem aspero, veterano da campanha de Tiberio contra os Parthas, enriquecera durante a revolta de Samaria com prezas e saques, possuía minas na Atica, e gosava, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flaccus, Legado Imperial da Syria. Mas uma dôr roía a sua prosperidade

muito poderosa, como um verme rói um fruto muito, suculento. Sua filha unica, para ele mais amada que vida e bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber, dos esculapios e magicos que ele mandára consultar a Sidon e a Tyro. Branca e triste como a lua num cemiterio, sem um queixume, sorrindo palidamente a seu pae, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velario, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tyro, por onde ela navegára da Italia, numa opulenta galera. Ao seu lado, por vezes, um legionario, entre as ameias, apontava vagamente ao alto a flecha, e varava uma grande aguia, voando de aza serena no ceu rutilante. A filha de Septimus seguia um momento a ave, torcendo até bater morta sobre as rochas — depois, com um suspiro, mais triste e mais palida, recomçava a olhar para o mar.

Então Septimus, ouvindo contar, a mercadores de Chorazin, deste Rabbi admiravel, tão potente sobre os Espiritos que sarava os males tenebrosos da alma, destacou tres decurias de soldados para que o procurassem pela Galiléa, e por todas as cidades da Decapola, até á costa e até Ascalon. Os soldados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira — e as suas sandalias ferradas apressadamente se afastaram, resoando sobre as lages de basalto da estrada romana, que desde Cesarêa até ao Lago corta toda, a Tetrarchia de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casaes, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas: e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos

de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho, que eles bebiam dum trago, sentados á sombra dos sycomoros. Assim correram a Baixa Galiléa — e, do Rabbi, só encontraram o sulco luminoso nos corredores. Enfiados com as inuteis marchas, desconfiando que os Judeus negassem o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua colera, atravez da piedosa terra submissa. A entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do Rabbi, rasgando os veus ás virgens: e, á hora em que os cantaros se enchiam nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas Synagogas, e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas *Thebas*, os Santos Armarios de cedro que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hebron arrastaram os Solitarios pelas barbas para fóra das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o Rabbi: — e dois mercadores Phenicios que vinham de Joppé com uma carga de malabato, e a quem nunca chegára o nome de Jesus, pagaram por esse delicto cem drachmas a cada Decurião. Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumêa, que levam as rezes brancas para o Templo, fugiam esparvidos para as serranias, apenas luziam, em alguma volta do caminho, as armas do bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrojavam sobre eles as Más-Sertes, invocando a vingança de Elias. Assim tumultuosamente erraram até Ascalon: não encontraram Jesus: e retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandalias nas areias ardentes.

(Continua na pag. 82)

AOS NOSSOS DISTINTOS
CLIENTES DESEJAMOS
FELIZ NATAL

ENCONTRADA EM TODAS AS

HOMOPATHIA

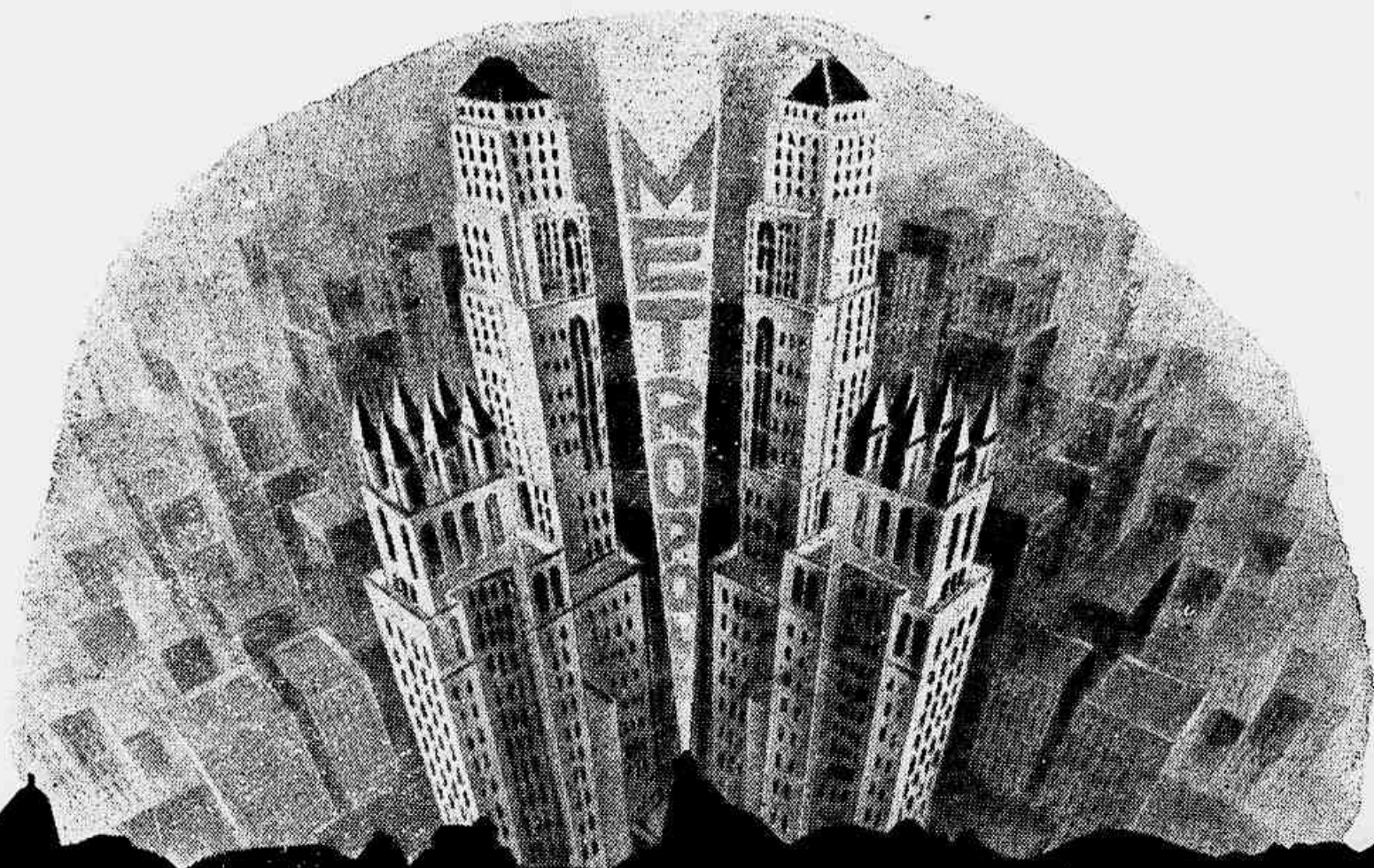
prefira



FARMACIAS DO BRASIL

1858: COELHO BARBOSA — 1945

Rua da Carioca, 32
RIO



METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

METROPOLE — Companhia Nacional de Seguros Gerais

DESEJA AOS SEUS SEGURADOS BÔAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO

1935 - 1945

10 ANOS DE ATIVIDADE!

10 ANOS DE PROGRESSO!

Por ocasião do transcurso do 10.º aniversário da Metrópole, comunicamos aos nossos Segurados e Amigos que adquirimos, no exercício de 1944, imóveis destinados a nossas reservas de valores seguintes:

Nesta Capital:

<i>RUA DA QUITANDA</i>	<i>Cr\$ 4.000.000,00</i>
<i>RUA DA ASSEMBLEIA</i>	<i>Cr\$ 2.300.000,00</i>
<i>RUA 13 DE MAIO.</i>	<i>Cr\$ 3.200.000,00</i>
<i>EM SÃO LUIZ - MARANHÃO. .</i>	<i>Cr\$ 700.000,00</i>

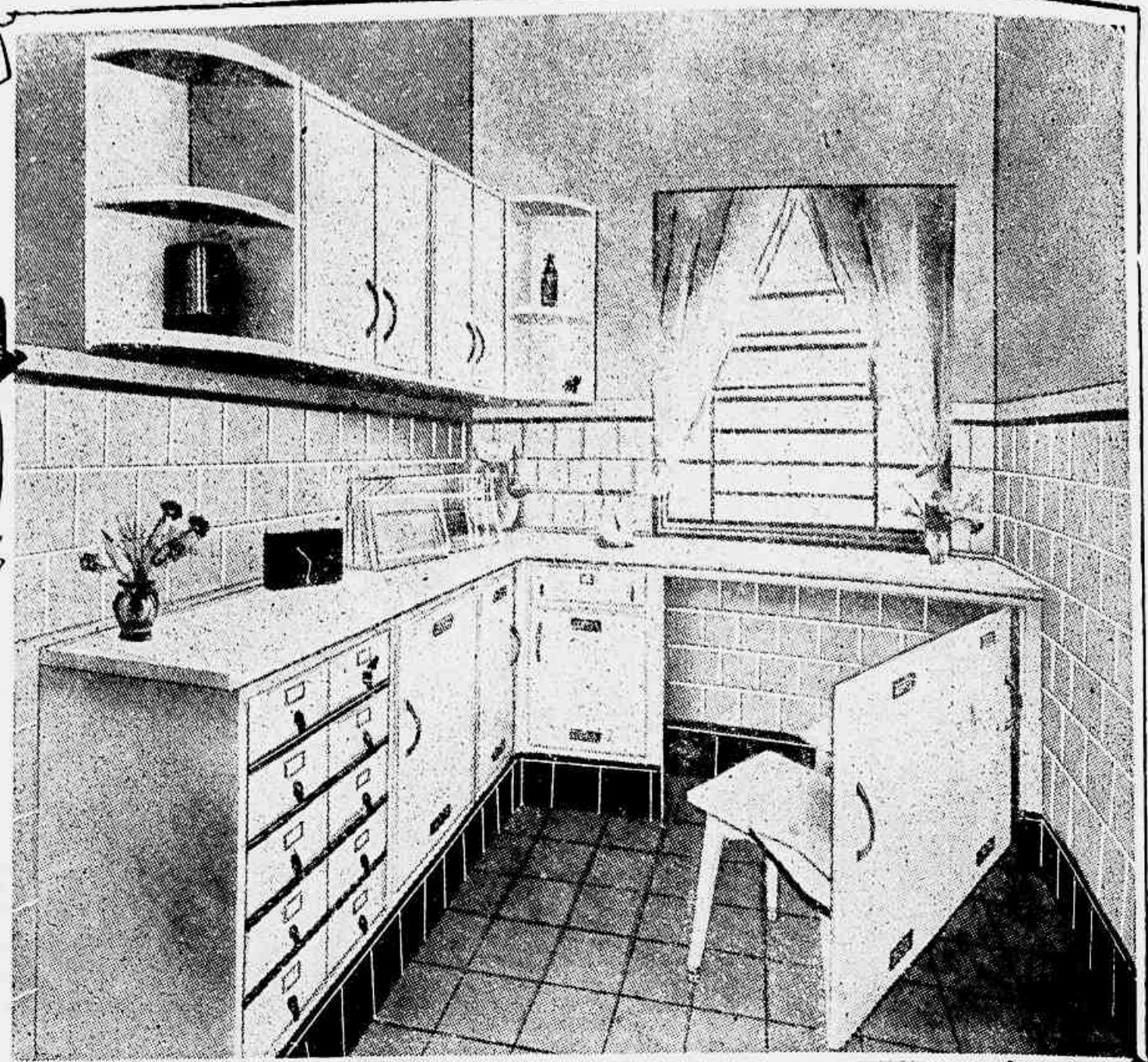
A Metrópole opera nas seguintes carteiras:

**VIDA, INCENDIO, TRANSPORTES (MARITIMOS E TERRESTRES), AUTOMOVEIS,
ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO**

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ: AVENIDA RIO BRANCO, 110 - 1.º Andar

Presidente: DR. F. SOLANO C. CUNHA



São nossos votos que PAPAI NOEL lhe oferte uma
"COZINHA AMERICANA"

Lindos e eficientes conjuntos de móveis de chapa
 com finalidades definidas, lhe são oferecidos por
DAVID & CIA.

Rua 7 de Setembro n.º 111 — Rio de Janeiro.

O suave milagre!

(Conclusão da pag. 80)

Uma madrugada, perto de Cesarêa, marchando num vale, avistaram sobre um outeiro um verde-negro bosque de bureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro portico de um templo. Um velho, de compridas barbas brancas, corado de folhas de buxo, vestido com uma túnica cor de açafrão, segurando uma curta lira de tres cordas, esperava gravemente, sobre os oegraus de mármore, a aparição do sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo Sacerdote. Conhecia ele um novo Profeta que surgira na Galiléa, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a água em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada verdura do vale:

— Oh romanos! pois acreditaes que em Galiléa ou Judéa apareçam profetas consumando milagres? Como pôde um bárbaro alterar a Ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras ocultas, para arrebatam a esportula dos simples... Sem a permissão dos Imortais nem um galho seco pôde tombar da árvore, nem seca folha pôde ser saculada na árvore. Não ha profetas, não ha milagres... Só Apollo Delphico conhece o segredo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram á fortaleza de Cesarêa. E grande foi o desespero de Septimus, porque sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Tyro — e todavia a fama de Jesus, curador dos languidos males, crescia, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hermon e, através dos hortos, reanima e levanta as agucenas pendidas.

Ora entre Enganim e Cesarêa, num casebre desgarrado, sumido na préga dum cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho unico, todo aleijado, passara do magro peito a que eia o ciáara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos

passados, mirrando e gemendo. Também a eia a doerça a engelhára dentro dos tiapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bôlô sobre cacos perdidos num ermo. Até na lampada de barro vermelho, secára ha muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secára a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou me entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, cogando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse Rabbi que apparecera na Galiléa, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundancia maior que a Côrte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. Esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce Rabbi, quantos o dejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judéa como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obedi, tão rico, mandára os seus servos por toda a Galiléa para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a. Então: Septimus, tão soberano, destacára os seus soldados até á costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesarêa. Errando, embleando por tantas estradas, ele topára os servos de Obedi, depois os legionarios de Septimus. E todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rôtas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro tilho, entre a urze e a rocha. A mãe

retomou o seu canto, mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais dabil que o rugar duma aza, pediu á mãe que e lhe trouxesse esse Rabbi, que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguetada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me meia aos caminhos, á procura do Rabbi da Galiléa? Obedi é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areas e colinas, desde Chozazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte, e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mira conosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão róta?

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléa, e curta a piedade dos homens. Tão róta, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta das casaes. Ninguém atenderia o meu recado e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãosinhas que tremiam, a creança murmurou:

— Mãe, eu queria vêr Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

— Aqui estou.

JOIAS ★ RELÓGIOS ★ ARTIGOS FINOS
 PARA PRESENTES
 RUA CARIOCA, 37

JOALHERIA GOMES

CUMPRIMENTA SUA DISTINTA CLIENTELA
 DESEJANDO-LHE BOAS FESTAS E UM FELIZ
 ANO NOVO

MADEIRAS E MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone 42-1427
: RIO DE JANEIRO :

A porta aberta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 42

— Não. Morreu.
— Talvez, então...
— Não foi somente a dor da perda mas as trágicas circunstâncias da morte dele que a perturbaram. Ela acredita que ele não morreu...

— Oh!
Nadel estava tupefato. Sentia que a menina procurava confiar toda a sua terrível história, que estava procurando alguém que a ouvisse em silêncio, que a deixasse "desabafar"...

— Mas como morreu ele?
— Está vendo aquela porta envidraçada?

Ao fundo da sala havia uma porta envidraçada, aberta para o jardim.

— Sim.
— Foi por ali que eles saíram.
— Como?
— Foi por ali que eles saíram... para nunca mais voltar...
— Aonde iam?
— Caçar... Caçar no inverno...
— Mas é costume aqui caçar no inverno?
— Havia uma raposa, uma raposa que estava causando estra-

gos; à noite ela aparecia e vinha matar os cordeiros. Meu tio e meu primo saíram para matá-la. Meu tio Mark e meu primo Ronny.

— Que aconteceu?
— Morreram.

Ela pronunciou aquela palavra com tanta expressão que Nadel comoveu-se.

— Pobre Mrs. Thorpe!

— Quando eles vieram avisar titia de que eles tinham desaparecido, ela ficou incrédula. A princípio achou-se natural. Mas passaram os tempos e ela continua a acreditar que eles voltarão.

— Mas como desapareceram?
— Desapareceram... no pântano.

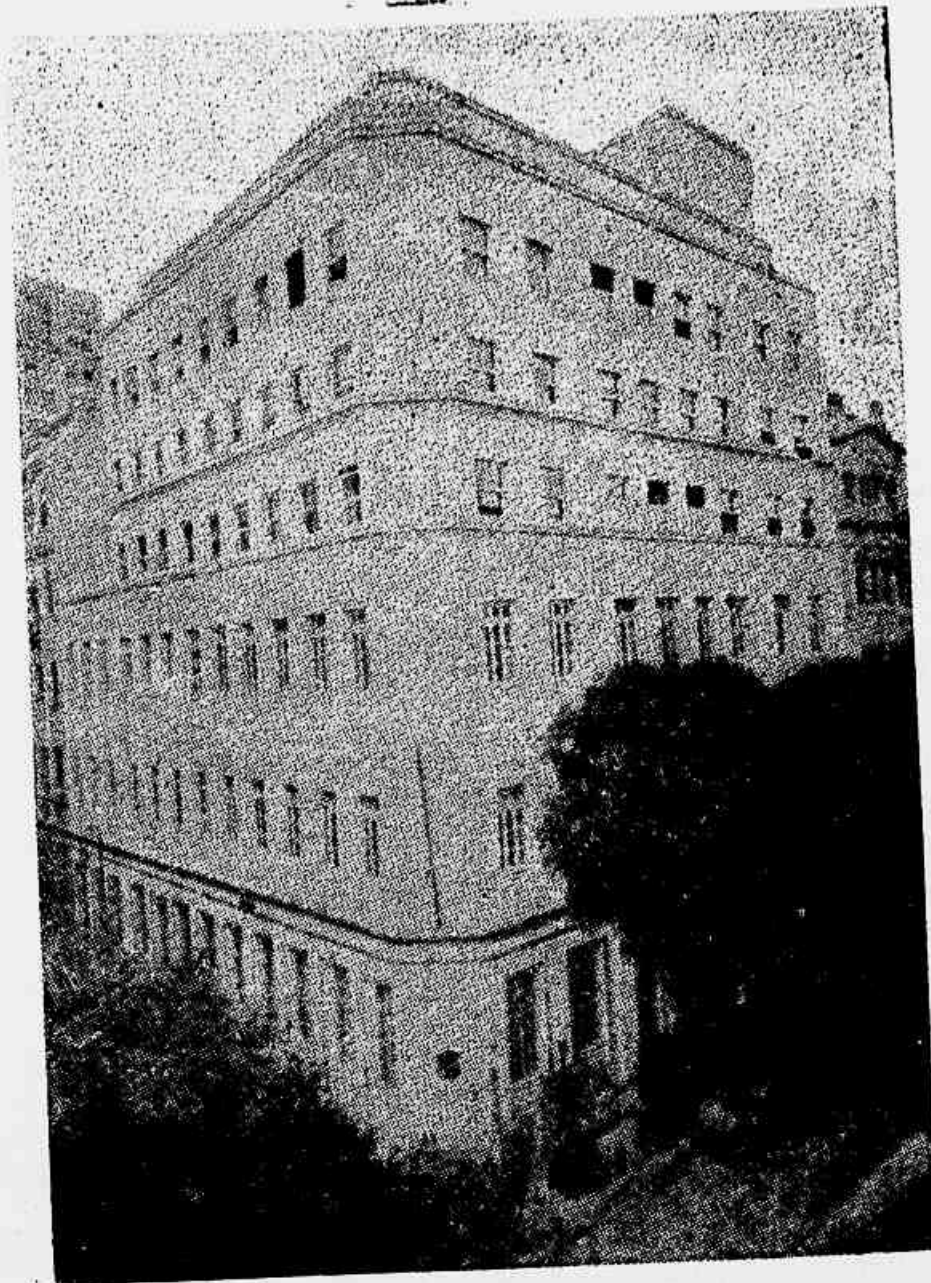
— Há um pântano aqui perto?
— Ah! E' verdade, eu tinha esquecido que o senhor não conhece a cidade. Há um pântano.

— Lá onde foram caçar a raposa?

— Ela os levou para lá, fugindo perseguida. As águas traiçoeiras os tragaram. E eles afundaram naquele pântano, para nunca mais voltar...

— Mas...

— Minha tia — continuou a menina — nunca acreditou que eles tivessem morrido.



Nova sede do Banco do Distrito Federal,
à R. da Assembléia, 72-74 — Rio de Janeiro

Para servir ao Comércio e à Indústria do Brasil

Modelar instituição bancária, o Banco do Distrito Federal S. A., um dos grandes estabelecimentos de crédito do Brasil, com Sucursais, Agências e Correspondentes em todas as principais praças do país, proporciona às forças produtoras nacionais completa e eficiente assistência bancária, prestando ao Comércio e à Indústria uma valiosa cooperação ao seu desenvolvimento.

**Banco do
DISTRITO FEDERAL S/A**

RUA DA ASSEMBLÉIA, 72-74

SUCURSAIS, AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS
NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

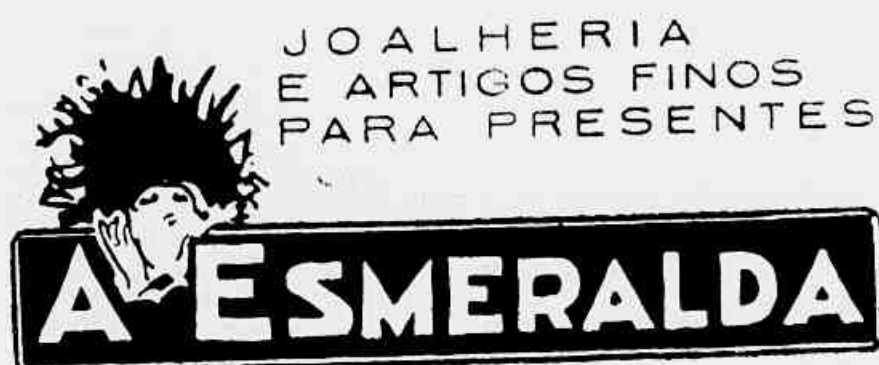


CÊRA SARDINHA

Extermina insetos e dá brilho
permanente com pouco trabalho.

E' um produto da

**EMPRESA INDUSTRIAL
DE TINTA SARDINHA.**



Durante as Festas grande abatimento
 RUA SETE DE SETEMBRO, 155 (ESQ. RAMALHO
 ORTIGÃO) — RIO DE JANEIRO



DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
 Exames de sangue, escarro e fezes. Vacinas autógenas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
 Rua São José, 85, 4.º andar - Salas 405-406
 (Edifício Candelária) — Fone 22-2717

DERMOFLORA

SABONETE antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc. — Produto da FLORA MEDICINAL — Fórmula do DR. MONTEIRO DA SILVA

Licenciado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública

J. MONTEIRO DA SILVA & CIA.

Rua 7 de Setembro, 195 — Rio de Janeiro
 À VENDA EM TÓDAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS

— Mas passaram os tempos...
 — E ela continua a esperá-los. Quando a noite desce ela vem para esta sala e fica a esperá-los...
 — E quer esta porta sempre aberta?
 — Sim. Para eles entrarem.
 — Mesmo quando chove?
 — Se não fôsse terrivelmente triste seria até ridículo. Durante as tempestades de neve ela veste uma grossa capa e vem para esta sala. Fecha a porta de comunicação e abre a do jardim. Espera-os assim. Vê como os móveis estão desbotados pela chuva?

Nadel ia perguntar outra coisa, quando a menina fez um sinal.

— Silêncio. Aí vem ela!

Nadel guardou a pergunta para mais tarde.

— Boa tarde. O senhor é Mr. Nadel, não é verdade? Como vai?

— Bem, obrigado. Trago-lhe os cumprimentos de Jane.

— Como vai sua irmã? Há muito tempo que não a vejo.

— Vai passando muito bem.

— Ela me mandou um cartão quando nasceu o menino. Ele vai bem?

— Otimamente.

Nadel estava constrangido. Não sabia o que dizer...

— Deve estar crescido — disse Mrs. Thorpe.

— De fato, ele está muito crescido.

Houve uma pausa.

Mrs. Thorpe voltou-se para a sobrinha e disse:

— Annie, quer me fazer o favor de dizer a Alice que pode servir o chá. Seu tio e Ronny vão demorar hoje.

A menina lançou-me um olhar significativo e saiu, dizendo:

— Pois não, titia.

CAPILON

Premiado nas exposições internacionais de Roma e São Francisco da Califórnia de 1915

PARA CASPA E QUEDA DO CABELO
LOÇÃO PERFUMADA E FIXADORA

José Dias Quarto

Distribuidores:

RUA BARÃO DE SÃO FELIX, 69 — TELEFONE: 43-6059

Quando ficaram sós, Mrs. Thorpe voltou-se para Nadel:

— Meu marido é um grande caçador...

Nadel engoliu em seco.

— D... deveras?

— Sim. Ele saiu hoje cedo com meu filho, para caçar uma raposa que anda comendo os nossos cordeirinhos.

— Ah...

— A verdade é que Ronny não gosta muito da caça mas, como o pai é doido por ela, ele vai para fazer companhia...

— Ah...

— Eles devem estar de volta na hora do jantar...

— Sim?

— O senhor fica para jantar conosco, não é verdade? Quero que conheça meu marido.

— Bem, eu...

— Fique.

A menina ia entrando.

— Minha filhinha, pode deixar o chá aqui. Quer me fazer outro favor? Peça a Alice que coloque mais um lugar na mesa. Mr. Nadel vai jantar conosco.

— Sim, senhora.

— Muito boazinha, essa minha sobrinha. E' uma pena que os pais tenham morrido. Em todo caso, eu faço o possível para substituí-los. Mas nunca é a mesma coisa, o senhor não acha? Imagine se Ronny não tivesse mãe...

— E'... eu...

Mas ela o interrompeu:

— Alice! Alice! Ouvi passos lá no jardim. Será meu marido?

Nadel sentiu um frio na espinha. A ilusão da mulher era de cortar o coração.

A criada entrou correndo:

— Chegaram, Mrs. Thorpe. Trouxeram uma raposa enorme.

— Pelo amor de Deus, diga que não tragam o bicho para cá. E avise o dr. e a Ronny que quando tiverem mudado de roupa que apareçam na sala, que eu tenho uma visita.

Voltando-se para Nadel disse:

— Eles sempre aparecem aqui ainda de botas enlameadas, para me dar um beijo... Sujam a casa toda...

Nadel estava estupefato. A criada também fingia acreditar naquilo, para não contrariar Mrs. Thorpe? Não se deve contrariar as manias dos... Vozes se elevaram, rindo e conversando, na sala contígua. Vozes de homem. Uma delas disse:

— Podemos entrar?

Mrs. Thorpe levantou-se.

— Já que estão aí, podem. Mas que idéia vir todos enlameados para a sala. Entrem. Quero apresentá-los... Mr. Nadel, meu marido, meu filho Ronny...

Mas quando procuraram Nadel, ele desaparecera pela porta envidraçada. Corria. Queria livrar-se daquele pesadelo.

Mrs. Thorpe voltou-se para o marido, espantada.

— Não sei o que tem esse rapaz. Ele mal disse uma palavra aqui. E além disso saiu correndo. Deve ser meio doido.

Mas a sobrinha, que vinha entrando, explicou:

— Deve ter sido por causa da raposa. Ele me explicou que certa vez quase foi morto por uma raposa numa noite de tempestade, num acampamento, na Floresta Negra.

Annie lia muitos romances de pavor... Sua especialidade era contos tétricos improvisados...



Monte Carlo

RUA DO OUVIDOR, 118 - FONE 22-6050

Para as Festas
 ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES
CAMISAS - GRAVATAS
 NOVIDADES EM ESTOJOS EM
 COURO PARA PRESENTES

Conversa sobre teatro

(Continuação da pág. 41)

leiro pelas suas causas — que são as causas eternas da cultura e da beleza, tanto mais expressivas da superioridade espiritual de um povo, quanto mais defendidas por aqueles que devem ser os sentinelas de sua integridade e os soldados de suas lutas mais dignas.

Acabávamos todos nós de lutar uma luta de vida ou de morte contra tudo que ameaçava destruir o espírito humano naquilo que ele tem ou criou de melhor. Não foi, apenas, nos campos da Itália que a luta se travou: travou-se aqui mesmo, dentro desta nossa pátria tão amesquinhada, sob a vigilância policial do DIP e a ameaça permanente do Tribunal de Segurança — duas forças que reduziram à imobilidade ou a capitulações deprimidas a consciência do brasileiro. O Teatro foi sempre o mais atingido, o mais ferido, na grandeza e na dignidade de suas causas estéticas e humanas. Sofreu as mais ridículas coações de uma censura desorientada, sustentada pela incultura, pela má fé ou pela subserviência dos que a exerciam. Para esmagá-lo, atribuíram-se alguns censores poderes discricionários, que intervínham, até, no estilo do autor, nos vocábulos que correspondiam à sua necessidade de expressão — e não conheço violência maior do que essa intervenção no que há de essencial no processo criador de cada artista.

Gênero literário destinado, por excelência, a ir diretamente à alma, à consciência do espectador, o Teatro ganhou algemas e mordidas que lhe tolhiam o gesto e lhe sufocavam a voz, para que não fôsse despertada ou estimulada no povo essa consciência do belo, que leva à repulsa do que é feio e, conseqüentemente, conduz o homem à luta pelas alvoradas do espírito e à conquista de um sentido de vida onde não caibam desvirtuamentos de papel construtivo da inteligência e do seu direito de ser sempre a última palavra na solução dos problemas sociais e humanos.

Tôda a responsabilidade e tôda a dignidade que há no Teatro foram desconhecidas, desrespeitadas. Não se compreende, portanto, que num momento de desafogo, não reivindicassem os homens de teatro, junto a um Presidente que, enfim, dignava-se escutá-los, pelo menos as liberdades básicas sem as quais não é possível existir espiritualmente um povo. E que em lugar de uma exposição serena e grave de tudo quanto durante tantos anos constituiu barreira ao progresso do Teatro, anulassem o movimento reduzindo as aspirações da classe a um plano que nada solucionava, ainda, mas apenas pede licença para tentar solucionar, ao mesmo tempo que coisa alguma ofereciam de sua experiência como contribuição às soluções que se buscam e que em tal plano ainda não estão achadas.

Estou também à vontade para aludir ao Plano Massot, porquanto faço parte daqueles que o aprovaram, isto é, que deram sua assinatura para que o mesmo fôsse aprovado pelo Governo. Embora com restrições ao item 25 (o item que cogita da censura das peças), cuja essência fascista, anti-democrática, repeli, logo não vi motivo para não apoiar o desejo legítimo de um homem que, ocupando um cargo da expressão que tem o de diretor do Serviço Nacional de Teatro, resolve pedir autorização ao Governo para agir, para organizar comissões de técnicos à altura de resolverem certos problemas do teatro e que, com essa simples atitude de querer consultar aos mais conhecedores, revelava a honestidade de seus propósitos. Tanto mais à vontade quanto, nesse reconhecimento que faço das boas intenções do sr. Massot, demonstradas pelo seu desejo de receber sugestões, vejo ainda a oportunidade perdida nessa Semana do Teatro, quando os seus organizadores po-

deriam ter usado do direito de colaborar que lhes era oferecido, enviando-lhe idéias que com certeza não seriam desprezadas.

Decerto que ainda não era ideal um diretor do Serviço Nacional de Teatro que, por conhecimentos próprios, pouca coisa podia resolver — e dependia de possíveis técnicos para solução dos problemas teatrais. Mas já era alguma coisa a existência desse diretor que não se recusava a escutar e que, na medida de suas forças de não-especializado em teatro, ia tentando, por entendimentos sucessivos com a classe, colocar em bom ritmo as atividades do departamento de cultura que dirigia.

Mas, como tôdas as coisas vazias são transitórias, nada mais existe da Semana do Teatro, a não ser mesmo aquilo que, embora deficiente, representou trabalho, esforço, desejo de construir: o Plano Massot. E dêste a nova direção do Serviço Nacional de Teatro poderá tirar alguma coisa.

III

Ficou de pé, porém, o Teatro, sustentado pelas suas próprias forças. De pé e na expectativa. Cuidará o novo Governo dos problemas teatrais, colocando-os no plano das coisas de cultura, cujas soluções urgem e não

Rosa, entre rosas

DIZEM OS POÉTAS QUE A ROSA É A RAINHA DAS FLÔRES.

SEREIS TAMBÉM A RAINHA ENTRE AS MULHERES, CONSERVANDO A VOSSA CUTIS AVELUDADA, ISENTA DE IMPERFEIÇÕES E INVEJADA DE TODAS,

USANDO

Leite de Amendoas de
MENDEL

DISTRIBUIDOR: LEONCITO AMBRAN

AV. RIO BRANCO, 109-4.º ANDAR-RIO

Banco do Comércio S. A.

SEDE: RUA OUVIDOR, 93-95

TELEFONE 43-8966 ★

End. Telegr. "BANCOCIO"

CAIXA POSTAL 633

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA
DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875

CAPITAL e RESERVAS | Cr\$ 85.828.611,50

Agência Meier: Rua 24 de
Maio, 1355 — Telefone 29-5538
Agência Tijuca: Praça Saenz
Peña, 9 — Telefone 48-4015
Agência S. Cristóvão: Rua S.
Luiz Gonzaga, 45 — Telefone
28-3895

AGÊNCIA URUGUAIANA

RUA URUGUAIANA, 7

Telefone: 22-3812

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

SOCIEDADE ANÔNIMA
ALFANDEGA 50
RIO

Apresenta a seus amigos e clientes
sinceros votos de FELIZ NATAL
e prospero ANO NOVO.

Dezembro 1945

1945

1946

admitem adiamento? Surgirá o diretor do SNT — enfim o diretor do SNT! — aquele que vai tirá-lo da condição de simples órgão burocrático e elevá-lo à categoria que é a sua: a de importante colaborador na luta pelo progresso espiritual do povo? Compreenderá o futuro ministro da Educação o papel que pode desempenhar o Teatro nessa fase que se anuncia de reconstrução cultural e moral?

Eis aí o que só o 2 de dezembro nos poderá responder...

Restam, felizmente, as iniciativas particulares — como garantia da eternidade do Teatro. E, entre essas, muito promissoras se anuncia a Escola que Dulcina idealizou e concretizou em uma organização recém-fundada — escola destinada a oferecer à mocidade a cultura artística que lhe tem sido sempre negada e a formar atores amparados nessa cultura e no sentido profundo que adquirirão do Teatro, graças ao espírito que presidiu e anima à criação de Dulcina: a mística da beleza, fixada através o teatro e defendida pelas mais puras e altas realizações artísticas.

Este o programa de Dulcina. Este o programa que deveria ser o de todos e que, de certo, bem cedo será de muita gente.

Estamos na fase da sementeira — grave, serena, silenciosa, profunda. A colheita virá, profusa e luminosa, porque a germinação nas almas já começou, porque nada do que é plantado com amor deixa de germinar. É uma nova era de trabalho apaixonado, de sacrifícios construtivos e de idealismo ativo que Dulcina inicia dentro do teatro brasileiro. É, enfim, o teatro brasileiro que se emancipa e diz sua palavra puramente brasileira, para formação de artistas novos. Chegou o momento, já tão retardado, de se ter coragem de afirmar a existência de um teatro nosso, de uma maneira nossa de representar — todos os sentimentos humanos e universais transmitidos na pureza de nossa forma de expressão emocional. E é esta, parece-me, a maior reivindicação de nosso teatro: direito de ter côr própria; direito a seus próprios erros, às suas próprias experiências; direito de brotar de essência própria; direito de corrigir seus defeitos, pelo aperfeiçoamento de suas qualidades; direito de lutar pela sua personalidade fugindo ao convencionalismo das coisas impostas ou importadas, pelo fortalecimento dos valores que traz em potencial; direito de buscar sua própria beleza e sua própria verdade na beleza e na verdade que lhe são inatas.

Uma escola como a que Dulcina idealizou, organizou e vai realizar, muito fará nesse sentido. Já traz a marca de absoluta idoneidade artística no nome de sua fundadora. Já traz a promessa de uma geração de artistas bem trabalhados e aperfeiçoados, porque Dulcina não é, apenas, a grande intérprete que todos conhecemos, mas também uma grande criadora, diretora e ensaiadora proficientíssima, de uma admirável, de uma rara visão estética e psicológica, fortalecida por invencível idealismo, por paixão sincera e desprendida pelo teatro.

Tudo, portanto, devemos esperar de sua iniciativa. E só nos resta — a nós que amamos o teatro e por ele e dentro dele lutamos — só nos resta colaborar com ela, dar-lhe o máximo de nosso estímulo, de nosso apoio, para que sua obra caminhe sem obstáculos. Obstáculos que seriam vencidos, está claro, como o têm sido muitos, mas que não deverão existir, menos por ela, individualmente, pelo respeito que o seu valor artístico nos merece, mas pela própria dignidade dos artistas e dos intelectuais brasileiros que não quererão passar à história como sabotadores das melhores tentativas de cultura, ou como indiferentes a obras da expressão da que Dulcina empreende neste momento.

O CASAQUINHO VERDE

(Continuação da pág. 19)

é que — e isto se devia ao tempo, que judia dos seres humanos — os cabelos brancos de Márcia davam-lhe um ar respeitável mas roubavam-lhe muito encanto...

O dr. Carlos entrou num ônibus. Sentou-se e continuou a reviver. Então — e o trocador foi o culpado — ele viu, dentro de sua carteira de notas, no lugar dos retratos queridos, aquele rosto provocante, aquela morena de quinze anos, de cabelos longos e sedosos, de face assestada e quente... Era ela, só ela, a culpada de suas mentiras!

Sim, parecia ridículo, mas fôra há pouco tempo que ele conhecera toda a paixão que a morena de quinze anos tinha por ele! Uma paixão intensa, de palavras vibrantes e frases positivas! Márcia nunca falara assim! Talvez ela sentisse e vibrasse (sim, ela sentia e vibrava!), mas sempre emudecia, fechava-se em si mesma. Só aos poucos o dr. Carlos pudera ver como seu amor era correspondido.

Mas as palavras daquela morena!... Aquelas palavras enchiam-no de orgulho, revelam-no a si mesmo! Aquelas palavras...

"Lembro-me tanto de você! Sabe? Gostaria que você estivesse aqui, a meu lado, neste momento. Queria que você me tomasse nos braços, que unisse os seus lábios aos meus, que eu pudesse sentir bem pertinho de mim, pertinho do meu, como dois irmãos gêmeos, o tic-tac de seu coração! Eu queria um beijo, mas um beijo que falasse mais que todas as palavras, embora fosse silencioso, um beijo puro, um beijo de amor como só podem dar os seres felizes!... Que bom se você pudesse admirar o azul esverdeado da minha camisa de dormir, se pudesse esquentar as mãos frias, segurando o meu braço por sob as mangas verdes do meu casaquinho de dormir!... Mas por que estou pensando nisto?..."

E ao recordar estas palavras parecia, ao dr. Carlos, que a seu lado, no seu ouvido, a moreninha dos quinze anos, do corpo de virgem, dos seios pequeninos, sussurrava, com voz tímida e medrosa, a melhor de todas as confissões: uma confissão de amor!

O dr. Carlos saltou do ônibus. Havia movimento na cidade. A vida o cercava, a vida morava nele! O dr. Carlos olhou para o céu: era muito azul. Uma lua branca, invisível quase, e nuvens alvas, finas como véus de noiva, passeavam em torno da lua. Havia festa em tudo!

O dr. Carlos entrou numa casa de modas femininas. Ser-lhe-ia fácil comprar o casaquinho verde. Ele entraria na loja... Seu ar era respeitável... Pediria como se fosse para uma filha... Talvez pensassem alguma coisa! Ora, não pensariam

nada! Quantas vezes ele fizera compras semelhantes para suas filhas e nunca tivera preocupações! Agora... Márcia sorriria se o soubesse, aos cinquenta anos, encabulado por comprar um casaquinho verde... Tolos escrúpulos!

O dr. Carlos aproximou-se de

uma vendedora. Escolhera, de propósito, uma conhecida. Cumprimentou-a. Explicou-lhe o que desejava: era aniversário de uma sobrinha de quinze anos... Ela, há muito, desejava um desses casacos de dormir... E'... Ele não sabia descrever bem... Só vendo... Fazia compras sem-

pre com a senhora... Queria um desses casaquinhos bonitos com fitas de seda verde. Verde, sim. Um verde delicado, suave, juvenil, próprio para os quinze anos, para uma bonita mocinha...

A vendedora trouxe um casaquinho. O dr. Carlos achou-

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. FERRAZ



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO

BRITO OLIVEIRA & Cia

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93

Tel. 42-7046

RIO DE JANEIRO

**MASSA PARA ROLOS
TINTAS PARA
IMPRESSÃO**

**ARTIGOS
GRÁFICOS**

**ARMES ESTANHADOS A
FOGO E COBREADOS PARA:**

**ENCADERNAÇÃO,
CAIXAS DE PAPELÃO E
FÁBRICA DE CALÇADOS**

★
STOCK PERMANENTE

PARA ENTREGA IMEDIATA

SERRARIA J. VELLOZO DE AMARO A. PEIXOTO & COMP.

MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Escritório

AV. NILO PEÇANHA, 12
4.º andar - salas 408 e 409

Telefones { 42-4751
42-6444

Serraria

LICINIO CARDOSO, 324
e ANA NÉRI, 1023

Telefones { 48 - 8166
28 - 2285

Sucursal

SÃO CLEMENTE, 33

Telefone 26-0647

lindo. Sorriu pensando na moreninha, na moreninha de tranças compridas e lábios finos, na sua moreninha apaixonada... Teve um sorriso triste, saudoso e, depois, vivo, alegre.

Mandou fazer o embrulho. Primeiro, um papel seda e um barbante dourado; por fora, um papel simples e um barbante comum.

Ao sair, a caixeirinha, com um sorriso misterioso, afirmou: "estas blusas são muito boas, têm um tamanho só... Esta, por exemplo, serviria até em sua senhora"...

O dr. Carlos não gostou do comentário. Que o paletozinho crescia, ele já notara. E mesmo o corpo de Márcia ainda era bem formado, relativamente belo para aquele "até"!

O dr. Carlos voltou para casa. Entrou pela porta dos fundos. Subiu cuidadosamente as escadas. Chegou ao quarto de dormir e escondeu, debaixo de sua cama, o embrulho. Desceu para o jantar. Esperou ainda uns vinte minutos por Márcia.

Ela chegou satisfeita. Estivera com os netinhos, o maior andava pelos seis anos e parecia-se muito com o avô.

Márcia mudou a roupa num minuto e voltou sorridente. Carlos beijou-lhe a mão. Sentaram-se. Estavam os dois sozinhos, um defronte ao outro. Conversaram. Márcia sentia-se desconfiada. Interrogava Carlos. Que havia com ele? Estava diferente... Escondia alguma coisa... Que seria?... Carlos desconversava. Não havia nada... Era o mesmo! Ela, sim, parecia-lhe um pouco fatigada, devia deitar-se cedo. Por que ela não ia passar uns tempos com o filho mais moço na fazenda? Ele... Bem, ele não poderia ir sempre, só três vezes por mês até acabar o monumento. Depois...

Não, Márcia não iria só! Não

se afastaria de Carlos, no fim da vida! Sempre estiveram juntos! A menos que ele desejasse umas férias...

Carlos zangou-se. Não gostara da brincadeira.

Levantaram-se e foram dar um passeio. Sairam de braço. Carlos estava esquisito, alegre e ansioso. Pensando na sua moreninha, na surpresa que lhe faria esta noite... Por vezes falava muito. Por outras calava-se e perdia-se na lembrança do casquinho, das longas tranças negras, os lábios finos...

Voltaram mais cedo do que de costume. Carlos dissera-se cansado. Subiram para o escritório. Carlos sentou-se à escrivaninha fingindo estudar plantas. Márcia, na outra secretária, escrevia cartas.

O relógio marcou nove horas. Márcia levantou-se. Ia deitar-se. Estava mesmo cansada. Carlos tinha razão.

Trocaram um beijo. Márcia entrou no quarto.

Carlos ficou só. Minutos depois o telefone tocou. Carlos sorriu e atendeu. Era Coelho, o chofer.

— Pronto, dr. Carlos?

— Sim, Coelho.

— O senhor vai sair? Eu toquei um pouco atrasado, o senhor me desculpe. Não pude ligar às nove, como o senhor mandara.

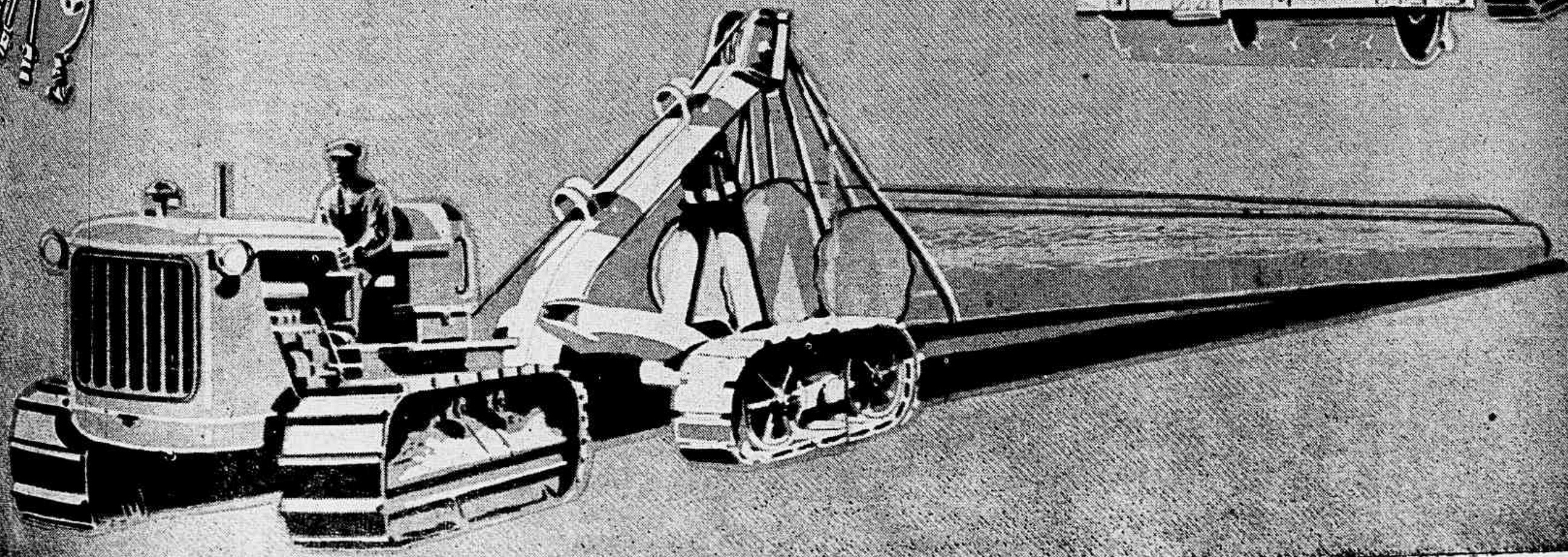
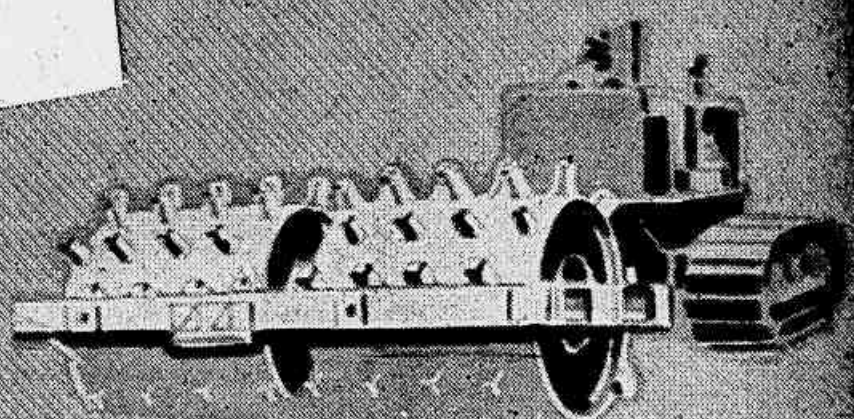
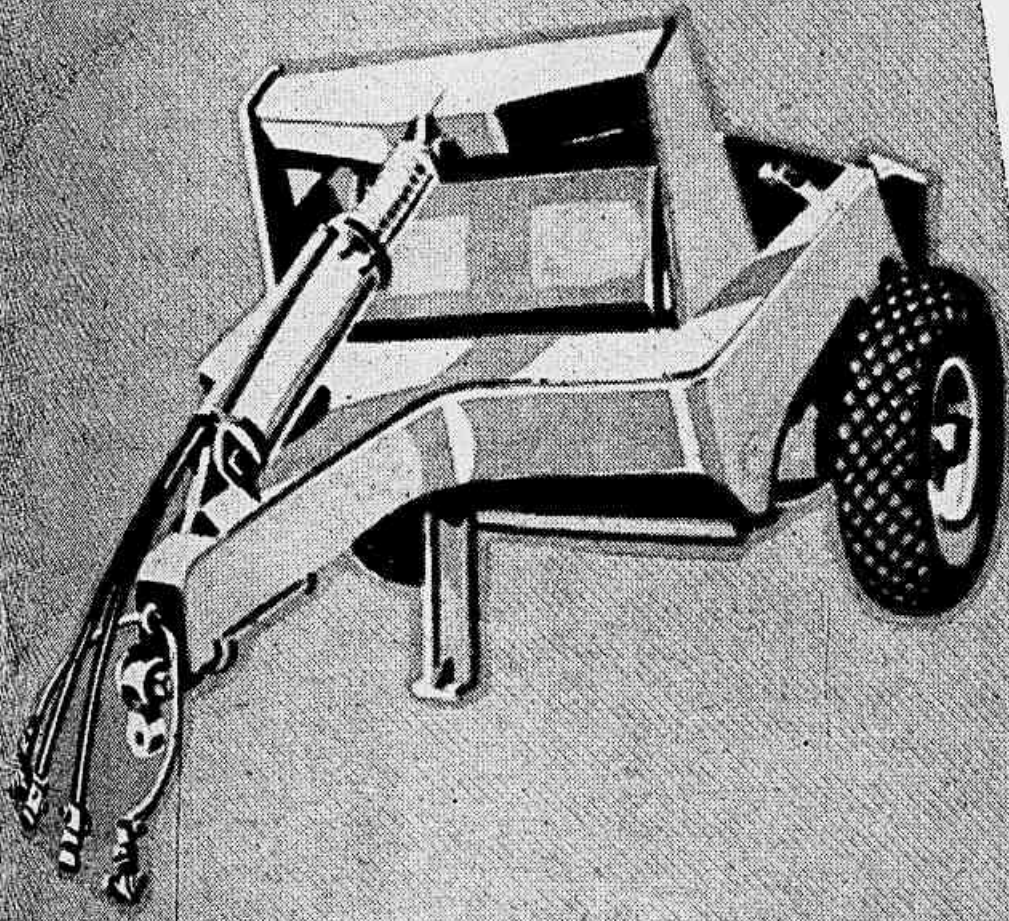
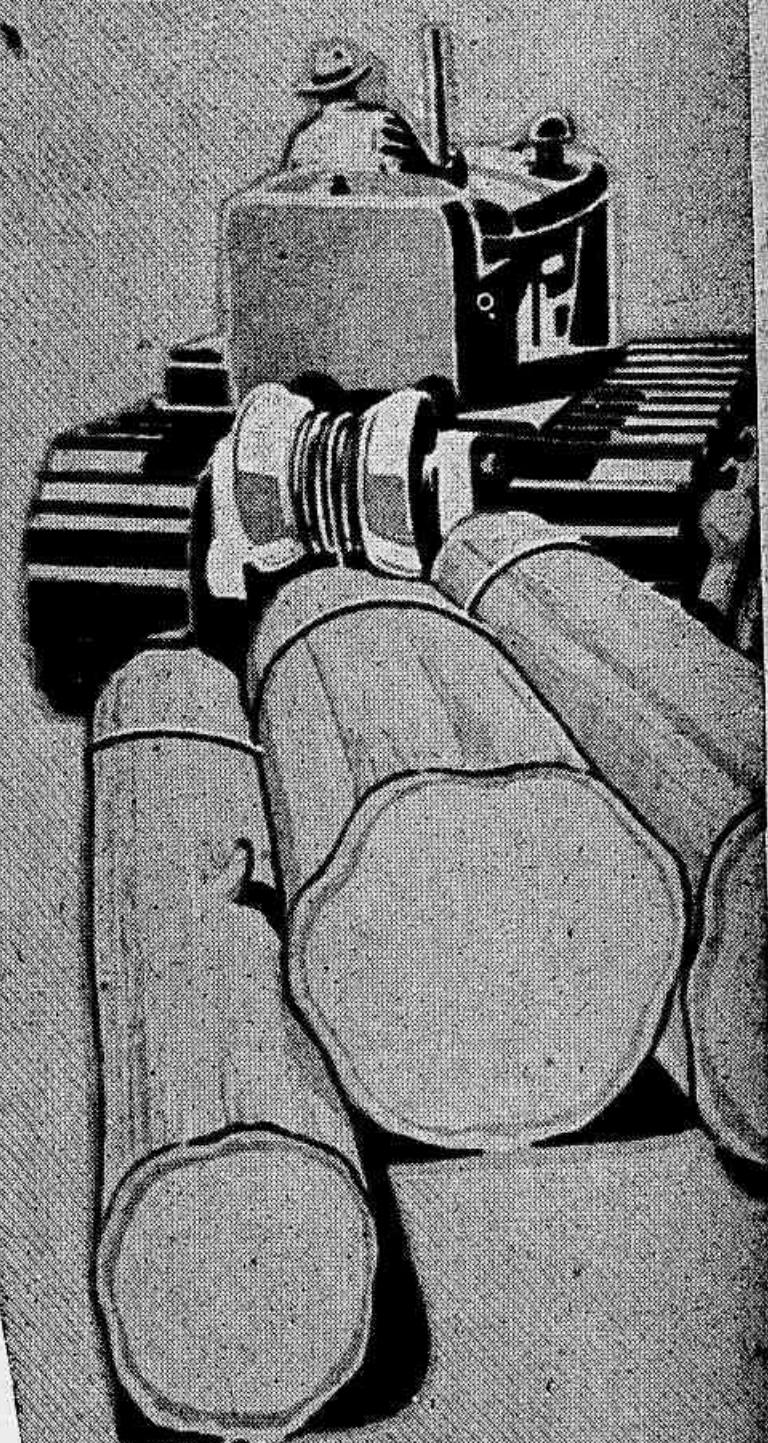
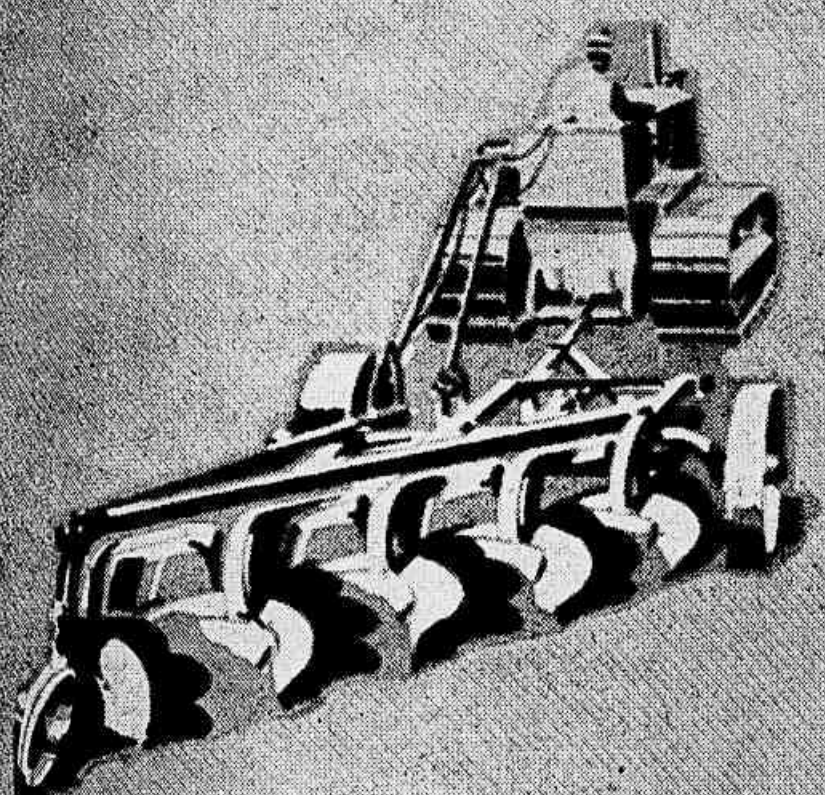
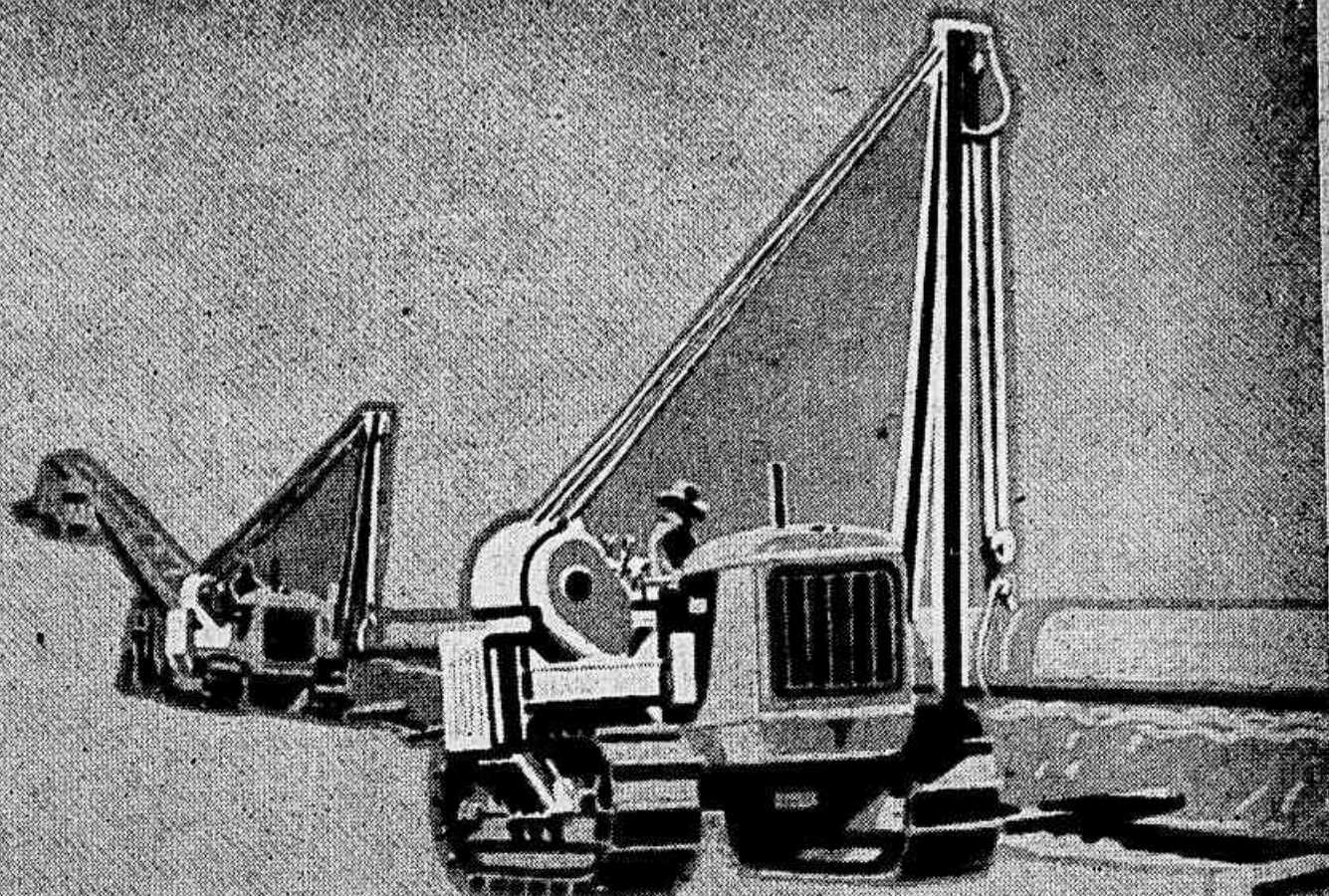
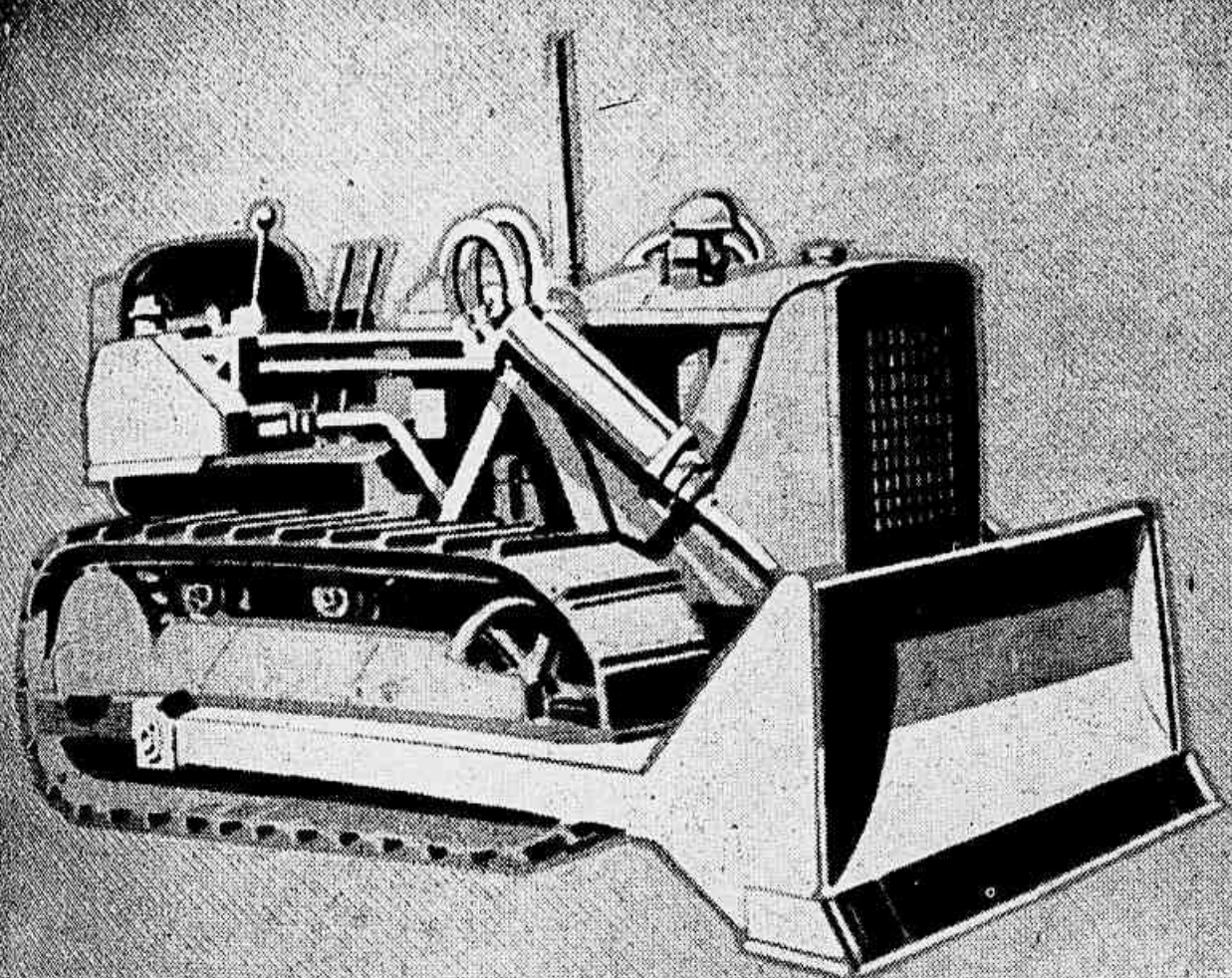
— Não faz mal. Não vou sair de carro. Resolvi agora. Até amanhã.

Desligou e, satisfeito, entrou no quarto. Márcia estava de cama de dormir. Olhou-o fixamente, zangada, irritada. Não o deixou falar. Falou primeiro:

— Não diga que telefonaram chamando-o às pressas!

Carlos ficou estático. Perturbou-se com o olhar de Márcia. Quis evitar cenas.

(Continua na pág. 91)



BOAS FESTAS E PROSPERO 1946

"SOTREQ" S. A. DE TRATORES
E EQUIPAMENTOS
Engenheiros — Importadores
Rio de Janeiro

Caterpillar
REG. U.S. PAT. OFF.

Distribuidores no Distrito Federal e
nos Estados do Rio de Janeiro, Mi-
nas Gerais, Espírito Santo e Goiaz

Rua Camerino, 90
Caixa Postal 20

Telegrama "Sotreq"
Tel. 23-1985

MAQUINAS E EQUIPAMENTOS
PARA CONSTRUÇÃO CIVIL E
AGRICULTURA

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.



COMPANHIA
MINAS



DE SEGUROS
BRASIL

Capital subscrito: Cr\$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas: Cr\$ 13.274.382,00

SEDE: AVENIDA AFONSO PENA,
526-2.º AND. — BELO HORIZONTE

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO:
AVENIDA GRACA ARANHA, 416-8.º
AND. — FONE 22-1844 — REDE
INTERNA — SUCURSAL EM SÃO
PAULO: RUA ALVARES PENTEADO,
153-3.º AND. — TEL. 3-4451

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS

MUNDAY

CASAQUINHO VERDE

(Continuação da pág. 88)

— Foi o Coelho, para saber se eu queria o carro... Que houve, querida?

— Você deve saber, Carlos! Que embrulho é este, Carlos! Que embrulho é este de papel de seda?

E Márcia retirou o embrulho de sob a cama. Ela o abriu e fitava, com raiva, o casaquinho verde, bonito e, acima de tudo, juvenil!

— Carlos, você também deu para estas coisas?... Por isto é que eu precisava deitar cedo! Por isto é que eu precisava ir para a fazenda!

Carlos sorriu. Aproximou-se de Márcia, dizendo alegre:

— Eu queria um beijo, mas um beijo que falasse mais que todas as palavras, embora fôsse silencioso, um beijo puro, um beijo de amor como só podem dar os seres felizes... Que bom se você pudesse admirar o azul esverdeado de minha camisa de dormir, se pudesse esquentar as mãos frias segurando meu braço por sob as mangas verdes de meu casaquinho...

Márcia ouviu calada, surpresa:

— Carlos, você leu meu diário!

— Sim, querida. Você o deixou aberto em sua secretária... Depois de trinta anos, tive vontade... Tive curiosidade... Quebrei minha promessa tão antiga...

— Querido...

Márcia estava atordoada. Lágrimas vieram-lhe aos olhos. Carlos aproximou-se e abraçou-a de leve:

— Eu sei até a data e não esquecerei jamais essa página... Trinta de julho de mil novecen-

tos e treze... Eu estava tão longe de você nesta época...

— Sim... — e Márcia parecia triste.

— Você pensava em mim! Hoje reví você como era então: morena, linda... E quis dar-lhe um casaquinho esverdeado em lugar daquele que não conheci jamais...

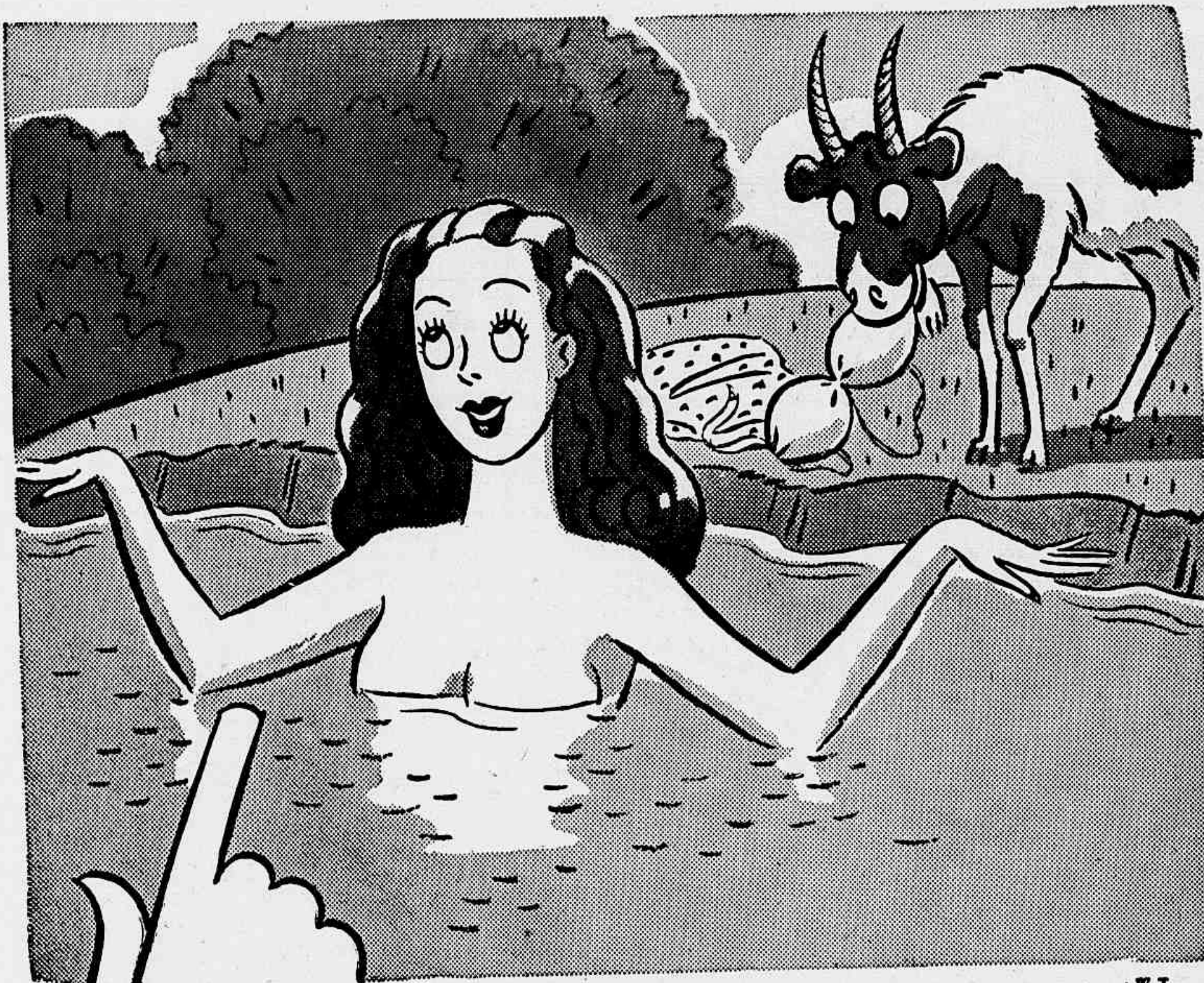
Márcia não sabia o que dizer. Começou a chorar...



De madrugada, Carlos ressonava satisfeito. Márcia, porém, não dormia. Vestida com o ca-

saquinho verde, ela chorava em silêncio. Pobre Carlos! Se ele soubesse... Aquelas páginas... Sim, ele estava longe em 1913... Escrevia sempre para ela... Amava-a... Mas aquelas páginas não foram para ele!... Foram para outro, foram para o rapaz rude e moreno que fazia versos e escrevia romances... Foram para o rapaz que ela conhecera num baile, enquanto Carlos viajava... Foram para ele...

Márcia olhou para o marido. Carlos roncava. Ela procurou dormir...



J.V.T

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Isso mesmo! Não calcula o que perde em sabor e energias! Principalmente se sua mesa carece de algum alimento indispensável! Graças à sua riqueza em malte, Malzbier da Brahma, além de ser uma delícia, é ainda altamente nutritiva. Ligeiramente doce, de baixo teor alcoólico, aí está a cerveja do lar. Prefira-a para redobrar o valor e prazer das refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

A ÁRVORE DO HOSPITAL

(Recordação de minha estada no Hospital "Nossa Senhora de Fátima", de Boa Vista, hoje Território Federal do Rio Branco, em 1942.)

NENÉ MACAGGI

DESTE meu leito de enferma em hospital de terra estranha, melancólica e desconsolada, a ver passar as horas olhando para as paredes brancas ou contando os quadrinhos da toalha de xadrez que cobre a mesa onde estão meu remédios — ah! êstes ingratos remédios que tanto custam a me fortalecer, a me dar novamente aquela indomável e aquêlê sangue vigoroso que eu tinha antes da terça maligna me deitar as

garras! — eu vejo, através de uma fresta da porta, que a Madre Maristela bondosamente deixa entreaberta, uma velha árvore de tronco retorcido.

Não lhe sei o nome e nem procuro sabê-lo. Basta que seja uma árvore para que eu a ame e me sinta feliz em olhá-la.

Nem tem beleza, nem é frondosa. Descolorida, acha-se isolada a um canto, longe das companheiras.

Dará flôres? Dará frutos? Não sei! A coitadinha vive tão só!

Seu único amigo é o sol, que lhe passeia os dedos brutalmente lúbricos sôbre o corpo fran-

zino. E pela calada da noite, quando o silêncio apavora tudo, o luar vem beija-la maternalmente, cobrindo-a tôda de prata!

Não tem ninhos, não lhe vejo nunca um pássaro nos ramos desfolhados! Somente os urubus ali pousam desgraciosamente, sacudindo as feias asas pretas!

Pobre árvore velha que ninguém mais admira!

No entanto, como tuas irmãs, debes ter sido linda, debes ter tido dias gloriosos de domínio e de esplendor!

Deves ter sido invejada e cobijada! E se te não feriram o

corpo e não mutilaram teus braços é porque, na certa, uma destas caridosas Madres te defendeu, apiedada de ti!

Não foste, portanto, sacrificada como milhares de outras árvores que embelezaram e enriqueceram êste Brasil incensurável!

Umás, exaurindo-se, sugadas em vida, hora por hora, dia por dia! Vê... e não te emociones... é o pinheiro que estertora, é o pau-rosa, tão cheiroso, que se lastima, é a imbuia, o jacarandá, o caucho... milhares e milhares espalhadas, sacrificadas pelo Brasil inteiro, porque o Código Florestal não as alcança, não as defende com a humanizadora Lei do Reflorestamento!

O teu Amazonas talvez não precise disso, porque a Natureza prodigiosa dotou-o com a maior reserva florestal do mundo. Mas... e o resto do Brasil? O Sul, o Centro, o Nordeste?

Por que perseguir as árvores? Elas são tão desinteressadas, tão dadas sempre!

Desde que nascem até que morrem são tão amigas do Homem e dos animais! Dão-lhe abrigo, dão-lhe alimento, dão-

**SALVO PELO
DR. DIVO ORCIOLI**



José Caliau

O menor José Caliau, residente à rua Lino Teixeira, 331, sendo portador de uma dupla lesão do coração, viu seus males agravados com o aparecimento de uma insuficiência cardíaca, acarretada pela própria doença, sobrevivendo então cansado, falta de ar, tosse e edema nos membros inferiores, impossibilitando-o de dormir, andar e de se alimentar. Seus sofrimentos vinham se agravando assustadoramente, apesar de estar em tratamento com diversos facultativos desta capital. Em desespero e sem esperanças, procurou o Dr. Divo Orcioli, com consultório à rua Buenos Aires, 250, onde seus sofrimentos desapareceram rapidamente. Desta forma, em seu nome e de sua família, vem publicamente confessar seus eternos agradecimentos a êste grande cardiologista brasileiro.

FÁBRICA Metalúrgica Maja Ltda.

APRESENTA EM SUA FABRICAÇÃO :

FÓSFORO metalúrgico (cobre ou estanho fosforoso)

CUPRO MANGANÊS - BRONZES FOSFOROSOS (16 tipos)

BRONZES DESOXIDADOS (8 tipos) - BRONZES para man-

cais - BRONZES inoxidáveis - BRONZES silícios e mangan-

síferos - VARETA de solda de bronze - VARETA de solda

de alumínio (fundida ou laminada) - METAIS PATENTE

(8 tipos) - DIVERSAS LIGAS DE ALUMÍNIO -

PÓS DESOXIDANTES para solda de bronze e alumínio

AOS INTERESSADOS FORNECEMOS CATÁLOGO

Escritório:

Assembléa, 38 - 3.º - Sala 304

Fones: 22-7626 e 42-6467

Fábrica:

Avenida Suburbana, 4754

Fone: 29-0462

RIO DE JANEIRO

E. H. WOLFF
IMPORTADOR

PRODUTOS QUÍMICOS EM GERAL
PARA INDÚSTRIAS

ACIDOS — ANILINAS

Artigos de superior qualidade
pelos MELHORES PREÇOS

Av. Presidente Vargas, 817

TELEFONES 43-7915 — 23-2618
RIO DE JANEIRO

lhe o seu oxigênio puríssimo, dão-lhe vida com os seus xaropes e essências, dão-lhe a riqueza de seu lenho, protegem-lhe os mananciais que lhes levam a água para os campos e para as cidades, e ainda lhe oferecem flores, frutos e sombra!

Ao contrário do Homem, os outros animais reconhecem essa espontânea e natural bondade e não lhes causam dano. Identificam-se com elas e se amam e multiplicam em seus galhos. Os coatás travessamente jogam pedaços de pau na gente e os japins enchem-nas com oitenta, cem ninhos compridos como sacos, de café, procurando sempre um tronco onde haja casa de cabas afim de defenderem seus filhotes enquanto são pequenos, mas para devorarem-nas quando crescidos...

A própria fauna ictiológica, que enriquece os igarapés e lagos dos sertões amazonenses ou os açudes e lagos das calcinadas regiões nordestinas, deve sua defeza do sol, que as quer matar, à sombra fraternal das árvores!

Queres dois exemplos? Olha aquele açude: secou, as condenadas curimatãs morreram miseravelmente! Foram os vândalos, que destruíram as árvores que o marginavam!

Vê agora ali; volta a vista para aquele **lavrado** sem fim da fronteira do Amazonas com a Venezuela, onde aquele lago enorme está repleto de garças e maguaris sedentos! Sêco, gretado, raros peixes lutando para viver num restinho de lodo pútrido! É que os comboieiros, com preguiça de ir mais longe buscar lenha para, nas fogueiras, prepararem seu **chibé** com carne de frescal tostada, cortaram os caimbeseiros que protegiam a água com a sua sombra! E ainda, para se deliciarem com o espetáculo deslumbrante da queimada, puseram fogo na montanha perto do Arai, carbonizando a floresta e seus infelizes habitantes!

Assassinos conscientes do crime que praticavam!

É bem verdade que foi necessário, nos dias primevos da nossa colonização, o desbaste e consequente desaparecimento das matas, para a edificação de povoados e cidades, sementeiras benfazeja da Civilização! Mas isso já foi há séculos passados! Agora, não! Nosso Brasil não precisa mais de viver do sacrifício ou da ruína do que quer que seja!

Abençoa, querida amiga, a criação do Instituto de Silvicultura da Amazônia, que protegerá tuas irmãs, técnica discipli-

narmente, pugnando assim pelo bem da nossa Pátria!

Mas escurece, minha boa e suave amiga! O sol se vai, a noite chegará depressa, a malvada, me trazendo a desolação e o sofrimento!

Quase não vejo nada, só enxergo tua triste e esguia silhueta!

Tu dormirás... e eu não, roída pela insônia, que me aniquila os nervos e o cérebro!

Mas hei de sarar, minha cara amiga, hei de sarar, se Deus quiser!

E quando, pelos braços destas boas Madres, eu puder dar o meu primeiro passeio no jardim, hei de acariciar-te com as pálidas e enfraquecidas mãos, e hei

CASA BRUNO

PAPELARIA, ARTIGOS DE ESCRITÓRIO, LIVROS COMERCIAIS, FICHAS PARA CONTABILIDADE, ETC.

Largo da Lapa, 34-B

Loja 22-4487
Escritório 22-3089



TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO
PAUTAÇÃO — DOURAÇÃO

Trav. do Mosqueira, 13

Tel. 42-6494

Marca Registrada
FUNDADA EM 1917

de beijar-te amorosamente devagarinho, a velha casca rugosa!

E as Madres me olharão, pasmas!

E então eu, sorrindo satisfeita, lhes hei de explicar que te amo e te sou agradecida, porque foste, durante a minha longa enfer-

midade, a generosa companheira que me consolou com a sua presença física e a sincera amiga com quem reparti, no delírio febril da minha exaltação emotiva, a tortura moral que, fibra por fibra, me ensanguentava a alma!...

Sem armas...

...“ASO” CONQUISTOU OS CONTINENTES!

**Porque “ASO” cumpriu sempre o que prometeu:
- DAR AOS CABELOS BRANCOS A CÔR NATURAL!**

“ASO” também conquistou a simpatia do Brasil, onde já é fabricado há doze anos, o que prova a eficácia dos seus ótimos resultados.

“ASO” é um azeite vegetal perfumado, que se usa apenas em gotas. Em poucas aplicações dá naturalidade e vitalidade aos cabelos, evitando-lhes a queda e eliminando a caspa. Seu preço embora pareça elevado, torna-se extraordinariamente econômico devido à sua grande durabilidade. - Uma caixa de “ASO” pode durar alguns meses.

À venda em todas as farmácias, drogarias e perfumarias.



Peçam prospêtos grátis aos LABORATORIOS ASO
Rua Marquês de São Vicente, 219 - Rio

HOMENAGEM A REVISTA DA SEMANA
Massa para rolos
SERVIÇO ESMERADO DE FUNDAÇÃO
DE ROLOS PARA TIPOGRAFIAS
G. M. LEITE
Rua Evaristo da Veiga n. 111
(FUNDOS)
Telefone 22-2414 — Rio de Janeiro



Ao lado de mamãe Garner, Peggy mostra a Sagramor um de seus retratos mais recentes. Gosta do vestido? Saia rodada, muito ampla... Uma saia que Peggy não pode usar, por enquanto, fora dos estúdios!

CONVERSANDO COM PEGGY ANN GARNER

**CRIANÇAS PRECOCES QUE SABEM GEOGRAFIA...
— COLEÇÃO DE PERFUMES — O ACASO TRAZENDO
O SUCESSO — MAMÃE GARNER "FAN" NÚMERO UM
DE PEGGY — UMA "ESTRÊLA" QUE NÃO SABE
COMER COCKTAIL DE CAMARÃO...**

Reportagem de SAGRAMOR DE SCUVERO

EU não sei se você gosta da amizade das pessoas que vivem apenas nas páginas de um livro ou na tela de uma fita. Eu gosto. Muito. Boa gente, que podemos procurar sempre para aliviar uma mágoa ou esquecer uma dor. Gente sincera, que não conta a outros o quanto nos auxiliou. Amigos verdadeiros, que ouvem e calam. Quando alguma coisa desagradável lhe acontece, seu primeiro impulso é desabafar. Mas é perigoso falar. Ainda se os "amigos" repetissem apenas o que ouvem... Mas não. Aumentam, ampliam, ilustram o que ouviram numa hora má, na ânsia de uma história interessante que distraia uma roda. Mas se você vai a um cinema ou procura um livro tudo muda. Você sai leve, leve, um banho na alma rutila no espírito cansado. E pronto. Os seus amigos mudos, embora sabendo dizer tantas maravilhas, nem sabem quem você é, de onde veio, em que fila se sentou, se era de veludo ou pano barato, sua poltrona ao pé do "abat-jour" ou da lâmpada humilde.

Um dia eu estava em Nova York e não tinha nenhum dos meus velhos amigos. Fernando de Enrie, Verissimo. O corvo de Poe, a narva de Sommeret, a "desespera" de Truett — estavam todos numa velha escama no Brasil. Peggy se não havia um cinema. Ciber se lembrava.

"A Tree Grows in Brooklyn", que o Brasil conheceu com o nome "Laços humanos". A fita era um sucesso, havia longo tempo no cartaz. Vi a carinha triste de uma garota: Peggy Ann Garner no papel de Francie. Entrei. A história, profundamente humana, era de Betty Smith. A menina rouba toda a fita com uma arte simples e sincera. Não representa. Vive. Magnificamente pura e emocionante. E acredito que só a alma infantil, ainda crente e branca, é capaz disso. A platéia do cinema chorou e riu com ela. Havia muita gente ali, uns bem diferentes dos outros. Marinheiros de férias, operários de fábricas, homens velhos com ar de ricos industriais, senhoras cheias de jóias, tipos do povo de cara cansada e pouco romântica. Mas à saída todos estavam com um traço de emoção no rosto. Pareciam mais iguais, mais confundidos.

No dia seguinte comprei o livro de Betty Smith, mas não consegui achar o mesmo encanto que a menina dera à fita. A pequena Francie não tinha a mesma luz quando ria nem a mesma sombra quando chorava ou olhava a arvore que ia ser cortada. Eu e os que assistiram à fita não poderíamos mais esquecer. Os cabelos escorridos, os olhos claros e a alma, a alma tão grande que podia se alar ao lado do pai — "um pobre, pobre, que nada tinha mas era adorado

Que eu Nova York, impressionante, se eu tivesse, não a garota Peggy tem uma vontade de... não sei, mas acho que ela é muito mais cedo do que se imagina, eu sei, é... (fotografia)

como a um rei, porque enchia do ouro bom da alegria as ruas pobres da Brooklyn".

Um dia, bem depois dêsse primeiro quando eu assistira à fita, um jornal contou que Peggy Ann Garner estava em Nova York. Procurei vê-la, falar-lhe, e com auxílio de Beatriz Schafran o consegui. Muita gente em minha terra iria sentir bem querer por essa menina genial.

Vi os mesmos olhos claros. Os cabelos não eram tão escorridos... mamãe Garner é tão vaidosa quanto muitas outras mal orientadas de todo o mundo... Ali estava uma permanente a falsear cachinhos... Mas é infantil, bem infantil, nada preocupada com sua situação de "estrela" e sucesso de bilheteria.

Assim que Beatriz Schafran me apresenta ela diz:

— Brasil? Capital Rio de Janeiro. Um país muito grande e o único da América do Sul onde se fala português. Foi descoberto por um português...

Vai a gente lidar com crianças precoces! Ainda há poucos dias um professor de ciências da Universidade de Columbia fizera um grande esforço para me cumprimentar na minha língua, na linguagem que se fala no Brasil: "Buenos dias! Como le-va?".

Peggy tem 14 anos. Parece mais menina com os vestidos simples e os aventais de organza. Pergunto-lhe:

— Gosta de brincar?

— Muito! Principalmente no

jardim! Tenho um cachorrinho, sabe? Chama-se "Wags". Nós nos divertimos muito! Tenho uma coleção de bonecas! Presentes de "fans"! Algumas tão lindas que nem tenho coragem de tocá-las...

— Gosta de lêr?

— Gosto! Histórias de viagens, contos, lendas, biografias, versos...

— Quem você mais admira? (Eu esperava que citasse um "colega" do cinema... A resposta vem sem demora):

— Eu tenho um ídolo — o Presidente Roosevelt.

— Você coleciona alguma coisa além de bonecas?

— Sim. Perfumes. Adoro perfumes! Você tem algum perfume brasileiro?

Eu não tinha. Mas Beatriz Schafran, que viria ao Brasil antes de mim, anota o endereço da "estrelinha" para mandarlhe alguns.

— Gosta do trabalho do cinema?

— Gosto. Eu me sinto feliz em Hollywood. Quero bem Hollywood. Mas gosto também da minha escola!

— Onde é?

— No estúdio mesmo.

— Dentre suas fitas qual gostou mais?

— "Uma árvore cresce na Brooklyn".

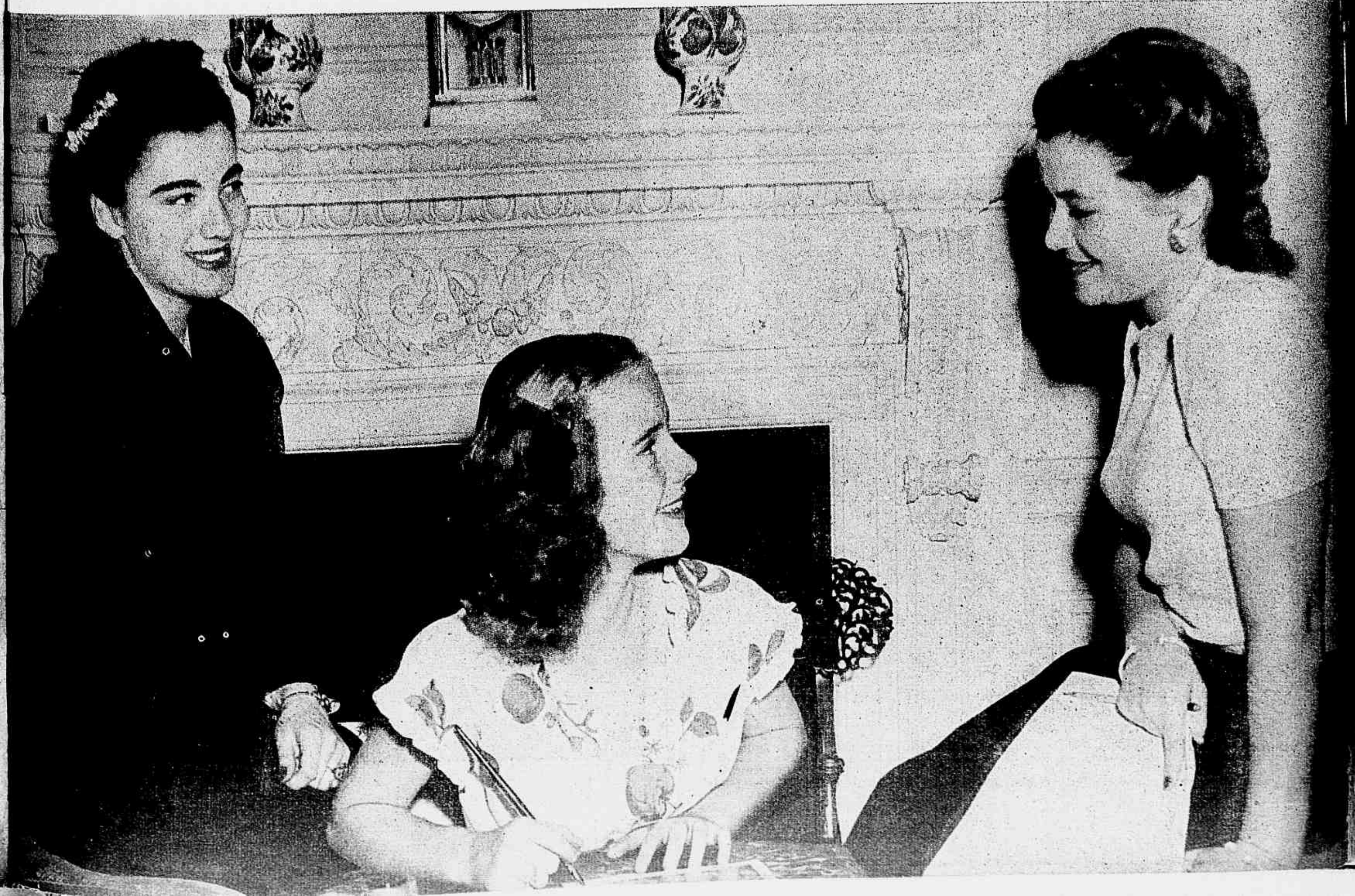
Mamãe Garner relembra "Junior Miss", que a Broadway estreara nesse cinema e que é

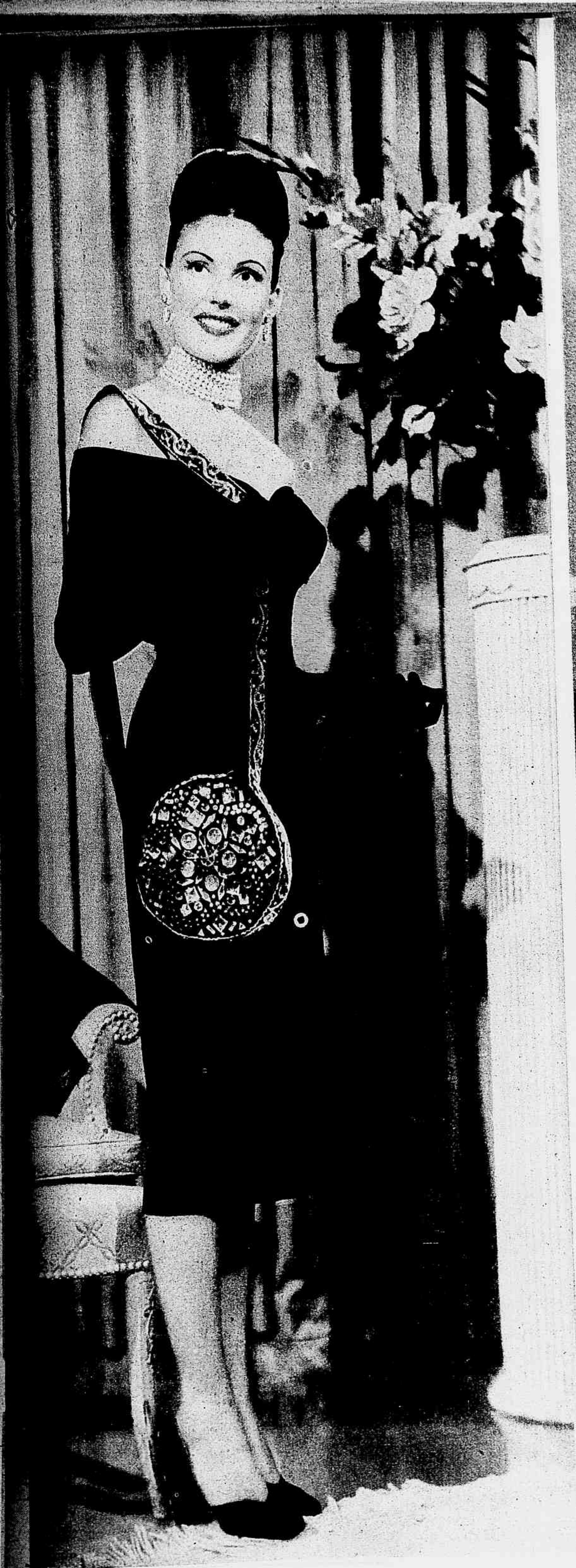
(Continua na pág. 104)



Peggy Ann Garner conversa com Sagamor e uma amiguinha, no "roof" do hotel. Ao fundo, o maravilhoso Central Park, um dos pontos aprazíveis de Nova York, onde a pequena artista prefere dar os seus passeios, pela manhã, antes do exercício.

Um autógrafo? Sim, uma frase amável para os "fans" do Brasil. A pequena Peggy manifesta vontade de conhecer o Rio. Algum dia empreenderá a viagem sonhada. Isso mesmo ela diz enquanto redige a dedicatória, lamentando não poder fazê-la em português...





4 M O D E L O S

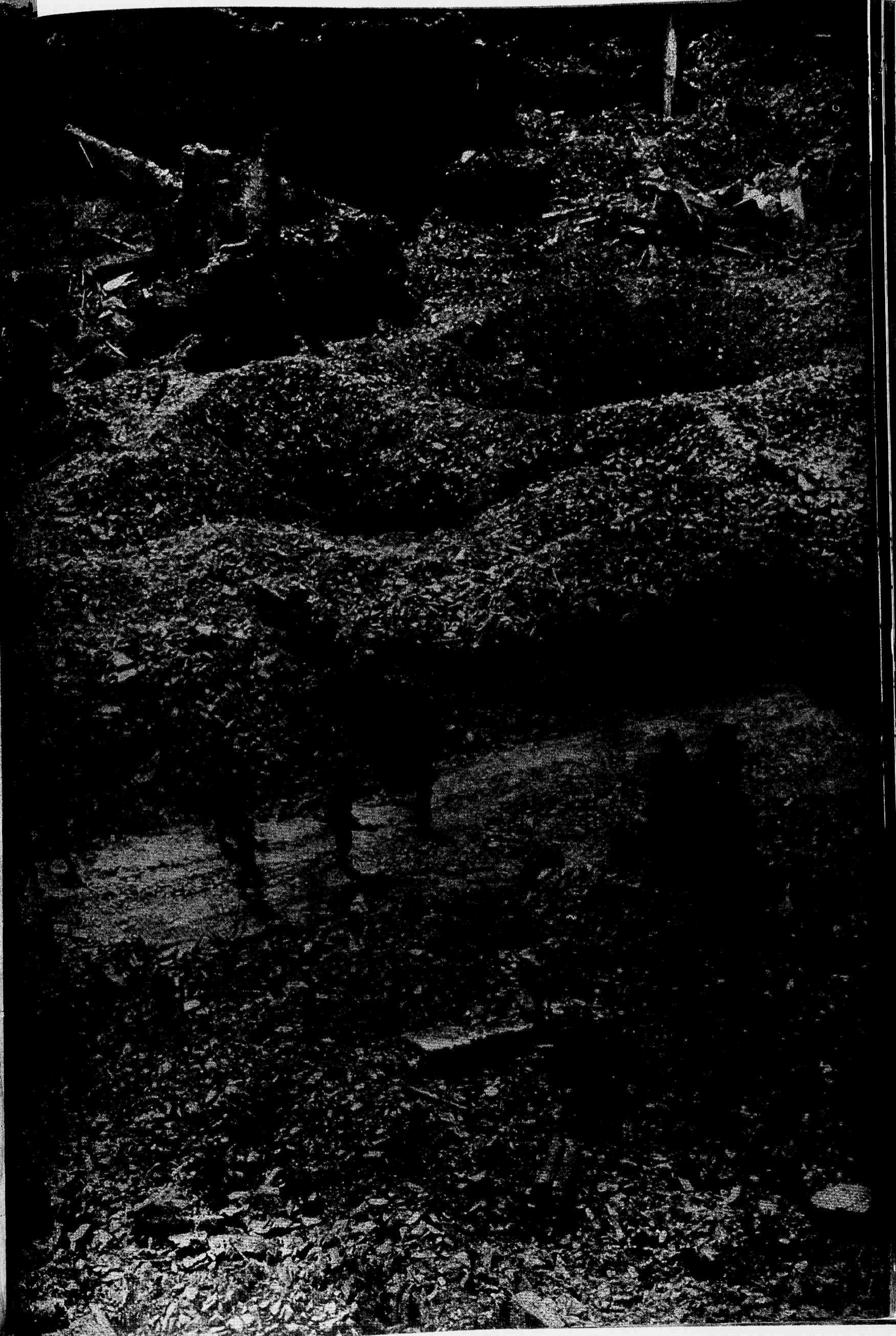
Duas jovens debutantes da Columbia — Alvena Tomin e Zaz Verka — talvez futuramente nomes popularíssimos. Hoje, todavia, são aproveitadas em modelos, e aqui estão apresentando dois figurinos que a leitora poderá aproveitar facilmente. Original a bolsa da primeira, a do decote...



A juvenil Joan Loring, da Warner, outra "estrelinha" em perspectiva, oferece à leitora esse gracioso modelo para interior. Em azul turquesa, com aplicações sobre o linho, no ombro e no colar, resulta de grande efeito. Reparem as sandálias de sola dupla em cortiça.



Novamente Joan Loring, em outro figurino para intimidade. Neste as mangas são compridas, mais próprio, evidentemente, para as noites frias. Mesmo agora, na montanha, durante o veraneio, um modelo assim será muito aproveitado. O talhe é singelo, simples e vistoso.



Por que cantam as águas do mosteiro de Holywell...

(Continuação da pág. 28)

gem para aquela hora maior da tentação.

Caradoc era belo também, e nos seus lábios as palavras nasciam mais ardentes, mais sedutoras, mais deliciosas do que todas as lábias de Satanaz.

Venefrida olhou-o, afinal, e teve um instante de vacilação. Logo, porém, cobrou ânimo e, reunindo as suas forças, fugiu para a sua cela. E naquela noite o seu corpo sofreu como nunca a crueldade do cilício e, quan-

do de manhã as boas freiras foram verificar por que não aparecia a abadessa, encontraram-na desfalecida aos pés da imagem da Virgem. Suas carnes traziam as marcas dos grandes castigos, e pelos seus lindos olhos tinham corrido todas as lágrimas da sua aflição.

Mas, apesar de tanta flagelação e de tanto pranto, Venefrida surgia naquele raiar de dia mais gloriosamente bela do que nunca.

— Milagre! milagre! — exclamaram emocionadas as freiras mais idosas.

— Provação apenas... — co-

mentaram as mais jovens, empalidecendo dentro dos seus hábitos negros...

★

Das juras de amor, Caradoc passou às ameaças e, como um fanático, não arredou mais pé do convento, insistindo em falar à abadessa, que, dentro da sua cela, continuava surda à paixão dos homens. Por aqueles corredores tranquilos do mosteiro soprou então a mais funda angústia sobre todas as almas, fazendo tremer de medo as religiosas, enquanto lá fora osaios do Príncipe se revezavam na vigilância

das portas e das janelas do claustro.

Venefrida ganhara porém uma súbita serenidade e, chamando para perto de si as companheiras, falou-lhes em fugir para Holywell. Sim, lá havia um outro convento, e lá por certo que não a iria tentar o poderoso fidalgo, tão insensatamente apaixonado pela sua beleza. As freiras se entreolharam receiosas. Como poderia ela vencer sozinha as estradas ermas, quase sempre tão perigosas? E como poderia ela fugir dali se todos os caminhos estavam guardados pelos soldados de Caradoc?

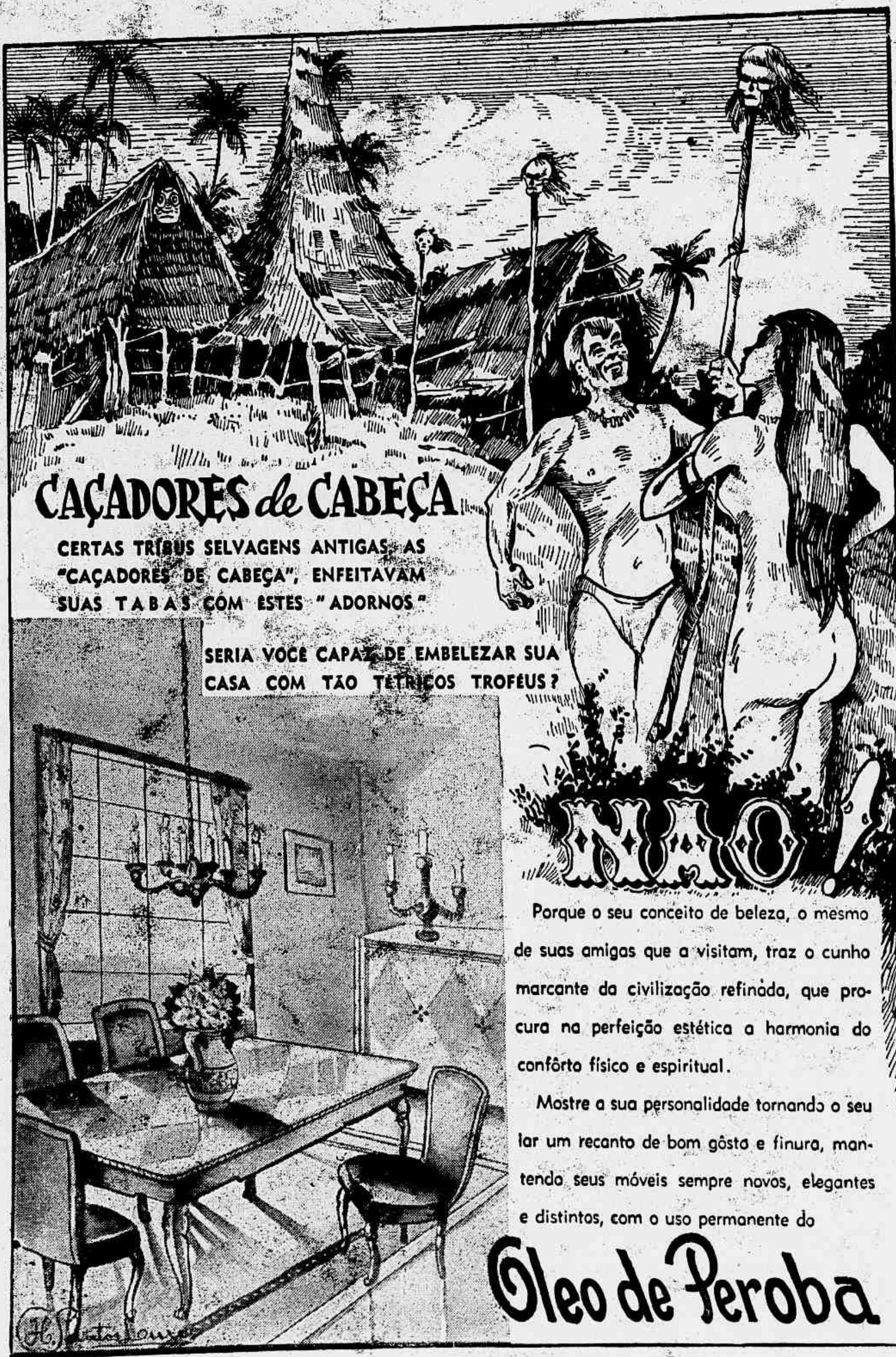
Venefrida sorriu. Que tivessem confiança nela, afirmou. Deus a guardaria nesse transe extremo que impusera a sua virtude. E beijando uma a uma as suas irmãs na fé, mal caiu a noite, ganhou a direção de Holywell.

Uma tempestade furiosa encheu de chofre as trevas de raios e de trovões, ajudando-a a fugir das sentinelas do fidalgo. Por toda parte era a natureza em revolta — as florestas a se torcerem à ventania, os animais e os pássaros escapando acovardados para o fundo das grutas, a enxurrada arrancando as pontes e fazendo tombar as barreiras. Olhos bem abertos dentro da noite, a abadessa seguia avante o seu caminho. E, sem se deter, caindo aqui e levantando acolá, rasgando as carnes nos espinhos e nas pedras, deixando em cada galho mais um farrapo do seu hábito, tremendo de frio e de fome, semi-nua e exausta, chegou ela, afinal, ao mosteiro de Holywell, louvando com os lábios e com o coração o nome de Jesus.

As religiosas quando a viram, correram assustadas. Jamais seus olhos haviam visto mulher mais bela, e muitas caíram de joelhos, julgando ver em Venefrida uma aparição santa. Mas, depois que esta lhes contou em pranto a sua desventura, elas a abraçaram carinhosamente e a levaram para a melhor cela do convento.

Caradoc, quando soube da fuga da abadessa, ficou desvairado; reunindo os seus melhores guerreiros, depachou-os para todos os cantos, em busca do seu

(Continua na pág. 102)



CAÇADORES de CABEÇA

CERTAS TRIBOS SELVAGENS ANTIGAS, AS "CAÇADORES DE CABEÇA", ENFEITAVAM SUAS TABAS COM ESTES "ADORNOS"

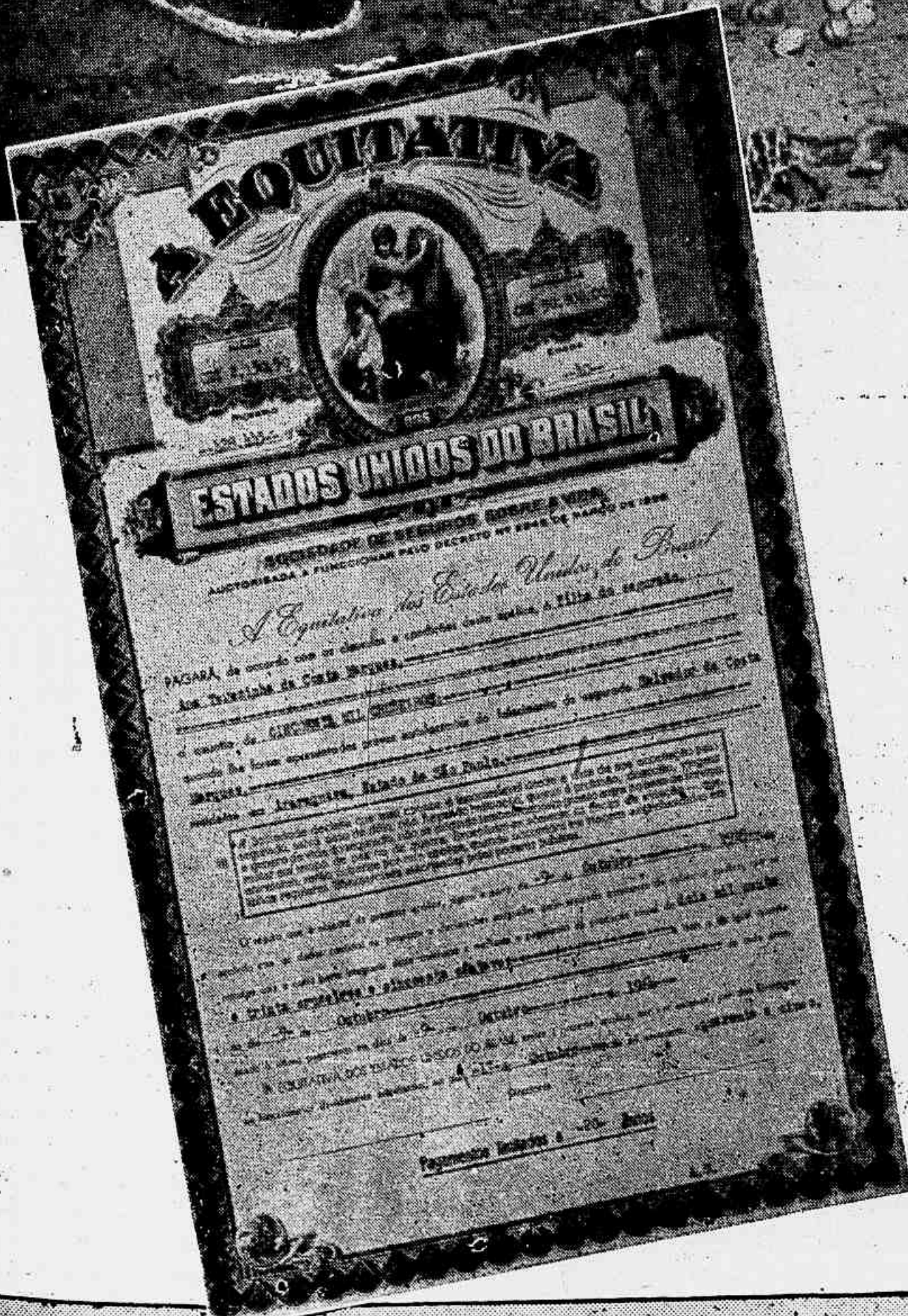
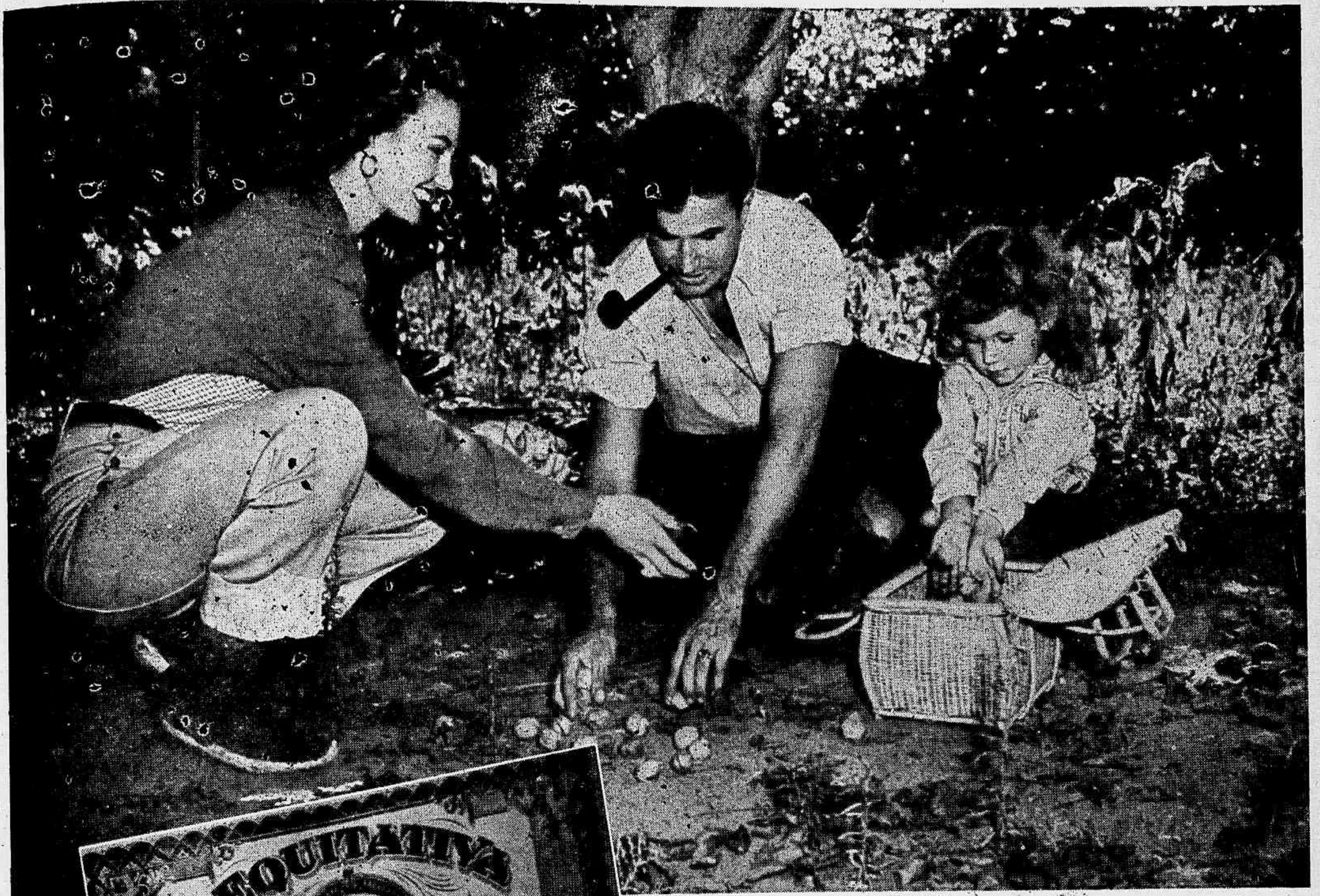
SERIA VOCÊ CAPAZ DE EMBELEZAR SUA CASA COM TÃO TÊTRICOS TROFEUS?

Porque o seu conceito de beleza, o mesmo de suas amigas que a visitam, traz o cunho marcante da civilização refinada, que procura na perfeição estética a harmonia do conforto físico e espiritual.

Mostre a sua personalidade tornando o seu lar um recanto de bom gosto e finura, mantendo seus móveis sempre novos, elegantes e distintos, com o uso permanente do

Oleo de Peroba

ASSEGURE ESSA TRANQUILIDADE...



...AOS QUE LHE SÃO CAROS

Milhares de famílias vivem hoje felizes, porque os seus chefes foram previdentes, instituindo em seu proveito um seguro de vida.

Adquira para a sua família, como presente de Natal, uma apólice de



A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Por que cantam as águas do mosteiro de Holywell..

(Conclusão da pág. 100)

paradeiro. Em todos os sentidos foi então o País de Gales percorrido pelos emissários do poderoso Príncipe, e à porta de todos os conventos bateram eles arrogantemente, querendo saber a qualquer preço onde estava Venefrida.

Um deles voltou, afinal, com a boa nova — a abadessa estava em Holywell.

Para lá partiu Caradoc na mesma hora, atirando como uma flexa pelas estradas afora o seu

cavalo negro de batalha. E, ao cair da tarde, apeou em frente ao silencioso mosteiro, em cujas portas bateu em vão. Desesperado, olhou os altos muros e, sem pensar em mais nada, escalou-os, disposto a tudo. Aos seus olhos surgiu então um grande jardim, em meio do qual uma religiosa colhia cantando uma braçada de rosas. Caradoc nela reconheceu Venefrida e, de um salto, achou-se aos seus pés, chorando de paixão e proclamando as mais loucas e deliciosas promessas de amor. Que não se detivesse ante os escrúpulos do seu voto! Sim, o que valia um voto

— três ou quatro palavras ditas timidamente a um velho bispo — quando ele ali estava jurando-lhe amor eterno, quando Deus a havia feito a mais bela entre todas as mulheres? Que viesse com ele, suplicava entre soluços. Dar-lhe-ia tudo. Até as ilhas britânicas, se isto fôsse do seu agrado...

Venefrida condeou-se dele e carinhosamente tomou a sua cabeça entre as mãos e, boca contra boca, apelou para a sua volta à razão. E ela falava com uma voz tão suave, tão cheia de ternura, e os seus olhos tinham uma tal candura, uma tão gran-

de bondade, que o fidalgo sentiu-se por momentos como um deus. Oh! a ventura daquelas carícias, o roçar gostoso daqueles dedos divinos na sua barba ruiva, o perfume daquele hálito, o azul imaculado daqueles olhos!...

Alucinado, porém, continuou insistindo para que viesse com ele. Acabaria com a religião, com os bispos, com o papa, com Deus se preciso fôsse! Mas que viesse! que viesse! porque sem ela a sua vida não seria mais nada... E, agarrando-a de surpresa, grudou com volúpia os seus lábios quentes nos lábios dela, num longo beijo que tinha o sabor de todos os pecados e o fel de todos os desesperos...

— Vens? — disse ele, afinal, ofegante, a alma embriagada pelo delírio do sacrilégio.

— Não! — respondeu Venefrida, fitando-o de frente, inteiramente serena, numa voz tranquila em que ia todo o perdão de uma santa.

Caradoc compreendeu então que o mundo acabara para ele naquele "não" definitivo. E, enlouquecendo, sacou da sua espada afiada e com um golpe certeiro, bradando uma derradeira blasfêmia, decepou a cabeça da mulher que fascinara.

No chão, a braçada de rosas, que ela momentos antes havia colhido para a Virgem, vestiu-se de rubro, nadando no seu sangue, que aos borbotões começou a alagar a terra...

★

Venefrida é hoje santa, e ante a sua imagem há treze séculos que ardem os círios e ecoam as preces dos crentes. O dia 3 de novembro é a data da sua festa. Uma festa bonita, que leva aos jardins perfumados do mosteiro de Holywell milhares de fiéis.

Diz a lenda que no lugar onde tombou a cabeça da linda religiosa, Deus fez brotar uma fonte cuja água, mesmo nos invernos mais rigorosos, não deixa de correr e de cantar o seu murmúrio alegremente entre os roseirais do convento famoso. Verdade ou mentira, que importa? E até hoje constitui uma das mais deliciosas tradições da Inglaterra beber-se um pouco dessa água, que nasceu do sangue da santa naquela tarde distante, em que o poderoso Príncipe Caradoc preferiu o crime a continuar vivendo sem a mulher dos seus sonhos...



AQUI ESTÃO, portanto, duas fortes razões para a Senhora adotar em sua cozinha, a Gordura de Côco "Brasil". Não fermentando, a Gordura de Côco "Brasil" evita os distúrbios gastro intestinais, tão comuns no nosso clima, razão por que 70 médicos de renome a recomendam. Para fazer pratos mais gostosos, com menos despesa e para defender a sua saúde e a dos seus, use sempre a Gordura de Côco "Brasil". Compre hoje mesmo uma lata da Gordura de Côco "Brasil".

Gordura de Côco? Somente "BRASIL"

Não perca tempo com experiências de produtos novos. Use sempre a pioneira, a já consagrada Gordura de Côco "Brasil".

100% VEGETAL E 100% NACIONAL

O côco — o gostosíssimo côco da Bahia, que tantas aplicações tem na cozinha brasileira — dá também a Gordura de Côco "Brasil", esta grande conquista da indústria nacional. Feita com cuidados especiais em maquinário ultra moderno e com frutos rigorosamente selecionados, a Gordura de Côco "Brasil" é um produto de classe.



GORDURA DE CÔCO "BRASIL"

★ PRODUTO DA REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S.A. ★

PETTINATI - G. C. B. - J

Aconteceu em 1945

(Continuação da pág. 6)

tão fazendo a "blitzkrieg" em marcha a ré. — O ministro João Alberto é nomeado chefe de Polícia do Distrito Federal, em substituição ao sr. Coriolano de Góis. A população regosija-se com a saída do antigo chefe. — 9) Os russos entregam a Transilvânia à Rumania. — Aconteceu em Goiás: um ancião, ao saber que uma pedra que dera à sua netinha era um diamante no valor de cinco milhões de cruzeiros, morreu de emoção. A neta continua viva. E a pedra também. — 11) Continua a guerra... Na Europa os russos avançam, os americanos avançam, Tito avança. Em compensação, os alemães recuam... — Foi efetuado hoje o primeiro desembarque americano em Mindanawa, na Filipinas. Mac Arthur cumpre a sua promessa de regresso. — 13) Morreu Custódio Mesquita, um dos nossos melhores sambistas. Morreu na quaresma. — O sr. Benedito Valadares lança, em São Paulo, a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra à Presidência da

República. — 14) Morreu Francisco Braga. Morreu velho, mas em gôzo de seu grande talento musical. Morreu Francisco Braga, mas ficou o Hino à Bandeira. — O "Deutschland" é afundado. Ficamos sabendo assim que a esquadra alemã ainda possuía um couraçado. — 15) E' encenada pela primeira vez na Suécia "O Guarani", de Carlos Gomes. — Fala-se que Nijinsky foi fuzilado pela Gestapo. — Ingrid Bergman ganha o "Oscar" pela sua atuação em "A Meia-Luz". — No dia 17 violento tufão varre o porto de Vitória; a Miami brasileira fica assim mais semelhante à sua colega americana. — 19) Começou a ofensiva russa contra Praga e Viena. — Os americanos desembarcam nas ilhas Panay e Malanay. Em todos os setores as coisas estão pretas para os amarelos, que começam a içar bandeiras brancas. — 21) Nada menos de onze mil aviões sobrevoaram hoje a Alemanha, fazendo "misérias". — A FAB atacou o Passo de Brenner, inutilizando instalações ferroviárias. — Incendiou-se o prédio onde funcionava a firma

(Continua na pág. 106)

Isto
eles ainda
não têm...

Um projetor
de cinema!

Que presente
instrutivo
para seus filhos!

PROJETORES

8 E 16 m/m MUDOS
16 m/m SONOROS

FILMADORES

8 E 16 m/m

FILMES

EM GERAL

PEÇAM UM CATÁLOGO
DE NOSSA FILMOTECA

VENDAS PELO Credi-MESBLA

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
PORTO ALEGRE

MESBLA

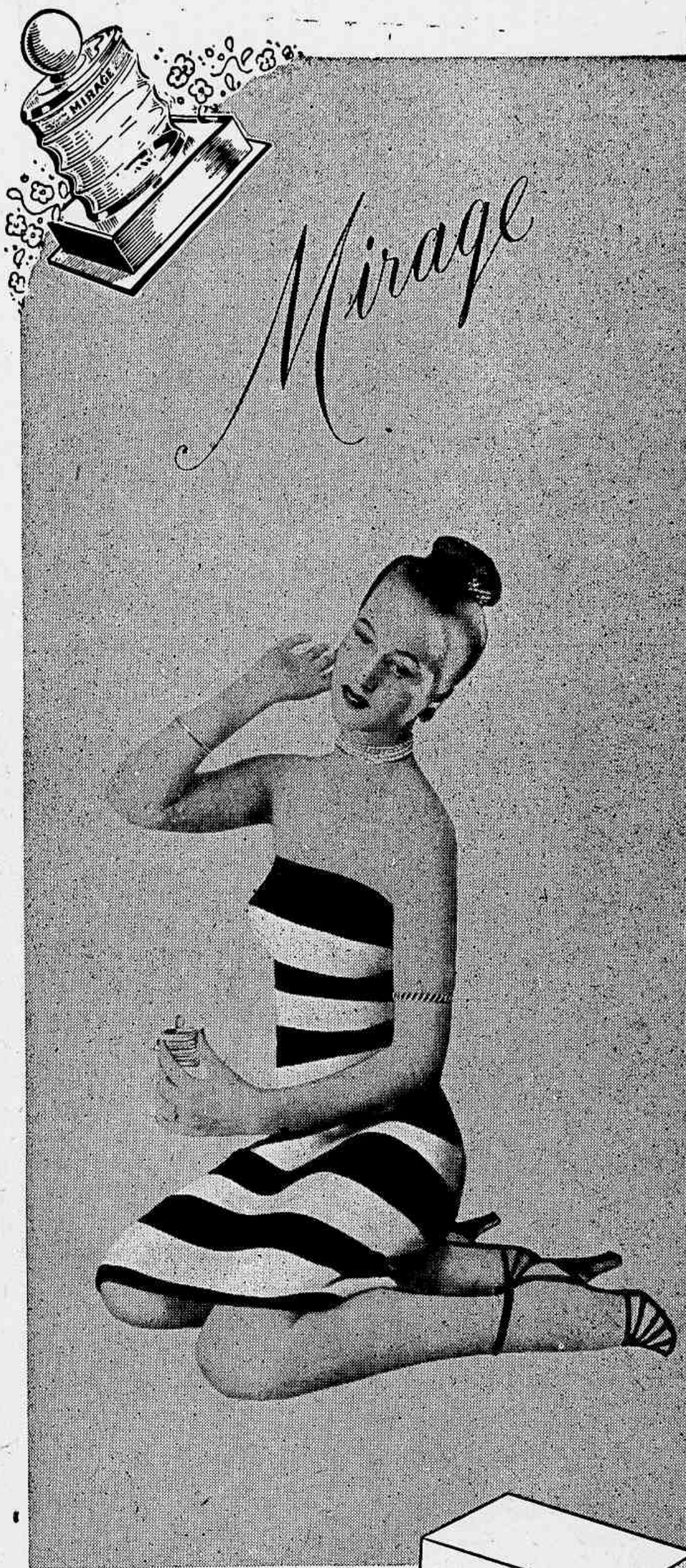
PELOTAS - RECIFE
BELO HORIZONTE
NITERÓI

SECÇÃO CINE-FOTO

Rua do Passeio, 48/56 — Rio



Alugamos filmes
Fazemos projeções
a domicílio,
fornecendo tudo:
Projetor
Filmes e Tela



MIRAGE — lembrança
de coisas divinas
criando um mundo
de sonhos e fascinação...
perfume cáldo com a
magia de seduzir...



ATKINSONS

— Perfumistas reais

Conversando com Peggy Garner

(Continuação da pág. 95)

também interessante. Eu penso igual a Peggy.

A entrevista se dirige então para mamãe Garner, que chegara das compras logo depois da entrevista iniciada e nem tivera tempo de tirar o chapéu. E ela conta:

— Sou a "fan" número um de Peggy. A primeira vez que ela apareceu numa fita eu a assisti 36 vezes.

— E o que sentiu?

— Não saberia dizer. Agradei a Deus o talento de minha filha e me enchi de orgulho...

— E a sua opinião sobre "Uma árvore cresce na Brooklyn"?

Mamãe não responde. Fica

com os olhos rasos d'água e parece constrangida.

— Não se preocupe, senhora Garner. Nós também pertencemos à legião da boa gente que chora diante das coisas bonitas...

A primeira fita de Peggy que a revelou foi "The pied Paper". O papel que a iniciou não foi de Peggy. A garota que o fazia adoeceu e Peggy foi chamada para a substituição.

— Foi o acaso que deu à minha filha um lugar no cinema... Todos gostaram muito de Peggy.

— E o segundo papel?

— Foi interessante. Peggy e eu estávamos bem longe dos estúdios, numa "tourné" vendendo bônus. Enquanto isso o estúdio ia começar a filmagem de "Jane Eyre". Os diretores, Or-

son Wells e miss Fontaine, todos estavam a procura de uma criança para o papel. E diariamente entrevistavam centenas de candidatos. Nas vésperas de filmagem não tinham ainda encontrado a garota para fazer Jane Eyre criança. Alguém, então, se lembrou de Peggy. Miss Fontaine e Orson, na sala de projeção do estúdio, assistiram de novo a "The pied Paper". E imediatamente telegrafaram para todos os lugares onde Peggy poderia estar. Encontraram-na finalmente em Delaware, num posto de exército onde estava meu marido tenente William H. Garner, no Fort Dupont. O telegrama dizia volta urgente. Como foi difícil essa volta!

— Por que?

— Peggy nos seus 14 anos de vida já percorreu todos os Estados Unidos quatro vezes. Mas essa viagem foi inesquecível. Só conseguimos passagem num trem de tropas. E durante um dia e meio de viagem não conseguimos alimento no trem. Só suco de tomate. O trem estava superlotado e o restaurante não estava preparado para isso... Finalmente um soldado sacrificou sua ração em favor de Peggy. Chegamos aos estúdios e Peggy fez o papel.

— Quer trabalhar sempre em cinema?

Peggy responde:

— Sim, mas eu gosto muito do palco. Nele fiz minha primeira experiência profissional.

Peggy nasceu a 3 de fevereiro em Canton, Ohio. Seu pai é advogado e ela viveu muito tempo em Washington quando o pai era consultante legal da embaixada inglesa.

— Qual foi o fato mais importante de sua vida?

Ela não escolhe nenhum dos seus sucessos. Diz, sincera:

— Foi a visita que fiz a papai no Fort Dupont. Há muito tempo não o via. E ele me apresentou a mr. Walter Bacon, governador do Estado de Delaware.

Peggy trabalhou como modelo do famoso John Powers, em New York. O diretor que descobriu Peggy para Hollywood foi John Farrow, que deu-lhe um papel em "Little Miss".

Peggy não gosta de ser tratada como "estrêla". As crianças da escola e os íntimos chamam-na "Blondie", e ela gosta desse apelido. Vai ao cinema duas vezes por semana e gosta de estudar gramática inglesa, história, geografia e matemática. Mora perto do estúdio, num arrabalde de Beverly Hills, em Wilshire Boulevard. Mrs. S. Craig, a vovó, é "fan" ardorosa de Peggy.

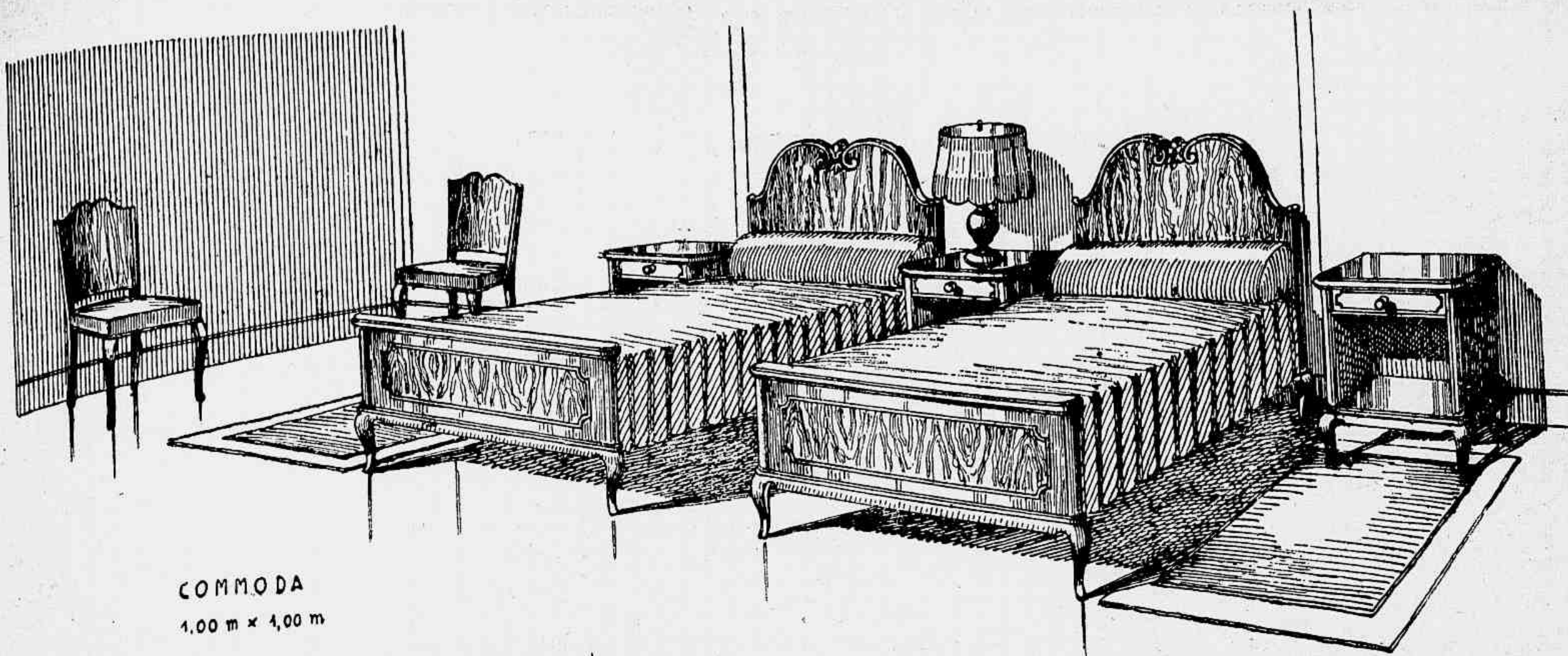
Estamos quase na hora do almoço. O fotógrafo bate as chapas; descemos com Peggy até o restaurante do hotel. O primeiro prato é um complicadíssimo "cocktail" de camarão cheio de tórreres. Peggy toma o garfo, tenta prender um camarão — e pronto! Esborrifa tudo de suco de tomate, desmorona a tórre — e mamãe resolve virar o "cocktail" num prato... E enquanto isso ela dá autógrafos para uma turma de garotos que fazem fila... e os dedos sujos de suco de tomate borram-se também de tinta... Ah! as "estrêlas"...

*Para um paladar exigente...
um cigarro diferente!*

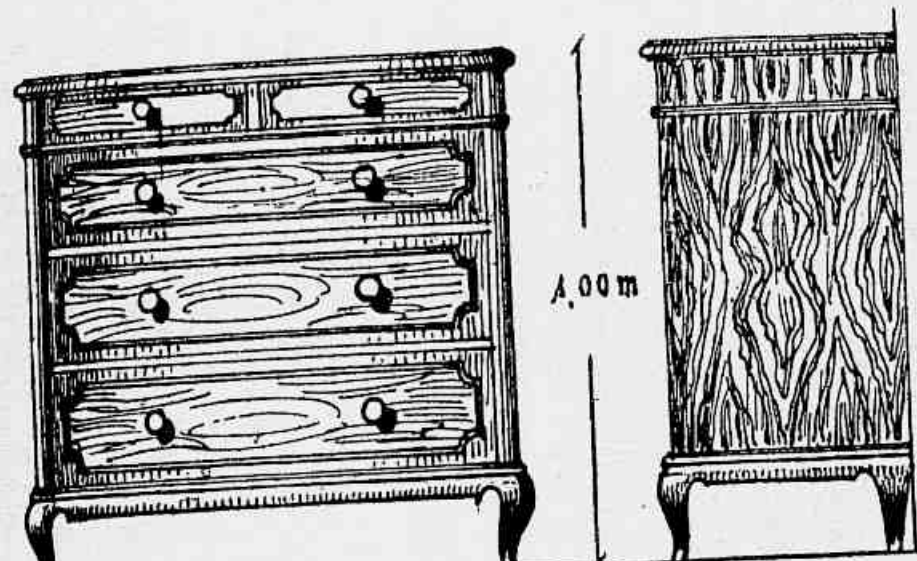
CIGARROS

Lincoln

LISOS ou *Ponta*



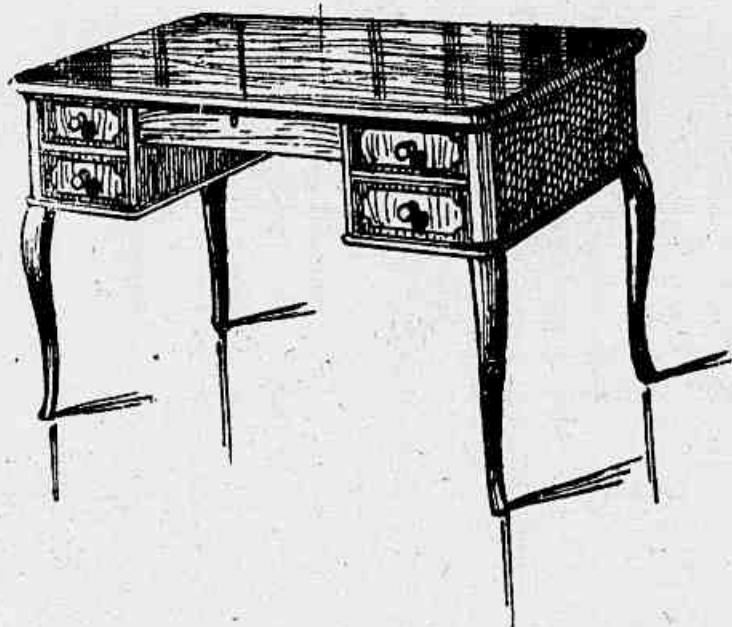
COMMODA
1,00 m x 1,00 m



1,00 m

0,30 m

ESCREVANINHA
1,20 m x 0,75 m



DORMITORIO AMERICANO PARA CASAL

Reproduzimos hoje nesta página o modelo de um quarto de dormir para casal, que constitui a última palavra em técnica e arte mobiliárias. De uma simplicidade absoluta, êsse dormitório de casal não apresenta grandes móveis, nem as suas peças se revestem de um luxo aparatoso e incômodo. O guarda-vestido e o guarda-casaca são embutidos, como convém hoje a todos os que lutam com a exiguidade de espaço observada nas modernas residências urbanas. A cômoda, cujas dimensões estão demarcadas no clichê, é um móvel pequeno mas sumamente útil e eficiente. As três mesinhas de cabeceira, totalmente abertas, permitem maior aproveitamento do precioso espaço. Completam o mobiliário as duas camas estreitas e uma mesa de quatro gavetas.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

IMPECÁVEL EXATIDÃO NO
AVIAR O RECEITUÁRIO DOS
SRS. MÉDICOS OCULISTAS

OTICA CENTRAL

ESPECIALIZADA
Rua Ramalho Ortigão, 9

ADAPTAÇÃO METICULOSA
PREÇOS MODICOS
TEL. 22-3629

ACONTECEU EM 1945

(Continuação da pág. 103)

Dias Garcia & Cia., à rua Barão de Teffé. As chamas ameaçaram um pavilhão da Pro-Matre, não havendo entretanto ví-

timas entre as parturientes. — 22) Paraquedistas aliados descem além do Reno. — 23) Trem a terra em Cabo Frio. — 25) Divorciou-se do ator Vic Oliver a sra. Sarah Oliver, filha do primeiro ministro inglês Winston

Churchill. — 26) A aviação alemã solta o seu canto de cisne sobre Londres. — 27) Os Aliados tomam as usinas Krupp. — Morre Lloyd George, um dos principais cabeças do Tratado de Versailles e, portanto, avô ideológico de Hitler. — 29) Os chineses lançam violenta ofensiva. — Entram os Aliados na Westphalia. — Telegramas de Santa Cruz de Graciosa, em Portugal, dão conta de que naquele município a água está racionada, mas o vinho ainda continua a existir em grande cópia no mercado. P'ra que tanta água? — 30) Os russos ocupam Dantzig em sua violenta ofensiva na frente da Polônia. — De Curitiba informam que grassa violenta epidemia de suicídios naquela cidade. Velhos, moços, mulheres e homens, atacados de estranha psicose, são levados ao auto-extermínio sem qualquer motivo aparente. E assim termina o mês de março do ano da graça de 1945.

ABRIL

1) — A Rádio de Berlim continua hoje a transmitir vitórias. A folhinha marca a data de 1.º de abril. — 2) Na maior operação anfíbia até agora realizada no Pacífico, os americanos invadem Okinawa. — O major-brigadeiro Eduardo Gomes deixa o cargo de diretor de Rotas Aéreas, para se dedicar à campanha eleitoral. — 3) Declara-se em Porto Alegre a greve dos trabalhadores de transportes. — 5) Foi denunciado o pacto russo-japonês de neutralidade. — As tropas soviéticas entram em Viena. — Nijinsky é encontrado vivo na cidade das valsas. — Hoje é o oitavo dia consecutivo em que não caem bombas-voadoras em Londres. — Tito conquista Serajevo, berço da guerra de 14-18. — 7) Morreu Horthy, ex-regente da Hungria. Que os outros de sua clan saibam seguir também este exemplo, é o desejo de todos. — Foi afundado o super-couraçado japonês "Ya-

Este pesadelo não tem fim?

Pratos e panelas não dão sossego à dona de casa... Que trabalho enjoado! Ainda bem que, agora, as coisas melhoraram. Também na pia o Sabão Minerva está fazendo maravilhas, eliminando a gordura, removendo a fuligem e deixando as louças e panelas, num instante, clareadas e limpinhas! No tanque ou na pia Minerva é sempre o mesmo sabão de confiança, que não

empedra, nem esfarela, e custa pouco porque rende m-u-i-t-o mais! Ao comprar Sabão Minerva, procure no carimbo o retrato de Dona Minervina — a Lavadeira Feliz!



DONA MINERVINA
AFIRMA:

Lava mais!

O Sabão Minerva lava três dúzias de roupa enquanto outras lavam apenas duas.

Elimina os germes!

Indicado especialmente, portanto, para asroupinha do bebê!

Rende até o fim!

Porque não empedra nem esfarela e é o mesmo sabão de confiança até o último pedacinho!



Sabão **MINERVA** sai barato porque protege o que lhe é caro!

MATERNIDADE Arnaldo de Moraes



PARTOS, GINECOLOGIA E
CIRURGIA DE SENHORAS
TELEFONE 27-0110

Casa de saúde especializada para partos, ginecologia e cirurgia de senhoras. Tratamento de tumores pelo Radium e Radioterapia profunda. Serviço de assistência ao parto com internação e assistência médica por Cr\$ 1.500,00 mediante inscrição e exame obrigatórios com um mês de antecedência e sinal de Cr\$ 500,00. Assistência prenatal sob a orientação do Professor Arnaldo de Moraes. Raios X diagnóstico permanente. Anestesia pelos gases. Médico permanente para atender aos casos de urgência.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

moto", a maior unidade da frota do Mikado. Estão se acabando os brinquedos de guerra do Filho do Sol. — No dia 12 o mundo é abalado pela notícia mais dolorosa deste ano: morreu, em sua casa de Warm Spring, o Presidente Franklin Delano Roosevelt, o campeão da Democracia. Toda a América está de luto. Todo o mundo está chorando a morte do mais querido filho da América. — Dia 13) Viena é completamente libertada pelas tropas soviéticas. — As tropas aliadas lograram hoje uma brilhante "canoa": estão nas garras dos exércitos das Nações Unidas os srs. von Papen, Alfred Krupp e o príncipe Augusto Guilherme, filho do ex-Kaiser Guilherme II. A viúva do Kaiser também foi prês. Que pena haver morrido Guilherme II sem ver sua família na cadeia. — Dia 16) Os americanos entraram em Nuremberg, onde funcionavam vários departamentos do Governo Nazista. — Os pracinhas dão outra surra tremenda nos super-arianos de Hitler, tomando de assalto a localidade de Montese. — Dia 18) O povo brasileiro está de parabens: o governo federal decretou anistia geral para os presos políticos. Na escadaria do Teatro Municipal há um grande comício de regosijo. — 20) Os russos iniciam uma grande ofensiva contra a cidade de Berlim. — 21) Os brasileiros tomam Montalto, e os Aliados entram em Bologna. Está praticamente perdida para os alemães a batalha da Itália. — 22) Anuncia-se que os russos já estão lutando nos subúrbios de Berlim. A capital alemã está transformada numa poderosa fortaleza. Declaram os nazistas que lutarão ali até o último homem e o derradeiro cartucho. — 23) apesar da feroz resistência nazista, a cavalaria cossaca atinge o centro de Berlim. Os combates nos subúrbios se processam de casa em casa. Berlim é um oceano de fogo e aço. — No dia 24 os russos tomam o aeródromo militar de Tempelhof, na capital do Reich, situado em frente ao grande campo de manobras de Guilherme II. — Os americanos tomam Berchtesgaden, o quartel-general de Adolf Hitler, a que os alemães chamavam o "Ninho da Águia". A "águia" levantou vôo com medo dos caçadores. O ninho estava vazio. — E' libertado pelos russos o ex-premier francês Edouard Herriot, que estava prisioneiro em um campo de concentração na Alemanha. — No dia 27 Turim cai em poder dos patriotas italianos. — 28) As tropas aliadas entram em Turim. — Instala-se a conferência das Nações Unidas em San Francisco. A Espanha queria tomar parte na mesma. Esse Franco é engraçado mesmo. — 29) Os patriotas italianos entraram em Milão. Entraram com o diabo no corpo. Pegaram Mussolini, Clara Petacci e mais quinze camisas negras e enforcaram todos na mar- quise de uma bomba de gasolina. — 30) Os russos continuam a investir sobre o centro de Berlim. Correm rumores da morte de Hitler. — E' entregue ao ministro da Justiça o ante-projeto da lei eleitoral.

MAIO

1) A política interna brasileira está fervendo. O jornalista Macedo Soares foi agredido hoje em uma confeitaria da Cidade. Há várias versões sobre os motivos da agressão. — Berlim caiu em poder dos russos. Os cossacos estão passeando os seus cavalos sobre o asfalto esburacado da Unter Der Linder e Wilhelmstrass. — A Inglaterra •

os Estado Unidos repelem a proposta de rendição incondicional da Alemanha que não incluía a a Rússia. — A F. E. B. aprisiona toda uma divisão nazista com armas e bagagens e generais também. — 2) Cessa a luta na Itália. — Os boatos de paz começam a correr. — No dia 6 à noite corre a notícia veiculada por uma agência estrangeira: a Alemanha rendeu-se. O povo sai para a rua, num verdadeiro delírio. A Galeria Cruzeiro está cheia. Nunca se bebeu tanta cerveja no Rio. A cachaça está proibida. — No dia 7 pela manhã a notícia da Vitória é desmentida. — 8) Agora é verdade: A Alemanha rendeu-se. O povo delira. Terminou neste dia histórico a maior tragédia da História. O mundo civilizado venceu

a barbárie nazista. O acontecimento enche o dia, enche a semana. Não é necessário que aconteça mais nada este mês. — Apesar disto, no dia 15 chega a notícia da capitulação nipônica em Okinawa. — Dia 17) Morre em São Paulo o sr. Armando de Sales Oliveira. — Moscou está exigindo a punição dos chefes da célebre Divisão Azul Espanhola como criminosos de guerra. — Goering foi prês. Prês com os seus cem quilos e as suas quinhentas medalhas. — Começam a cair no dia 22 sobre o território dos Estados Unidos bombas japonesas, transportadas em balões sem piloto. — São expulsos do Scala de Milão os tenores Gigli e Tito Schipa, que colaboraram com os nazistas. — 24) Suicidou-se Heinrich Himmler, o

Perfume

NARCISO AZUL

de
GALLY



Eterniza os momentos sublimes
com as mais doces recordações!

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete
- Taleo

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

F. JOHNSON & CIA. PAPEL

NACIONAL E ESTRANGEIRO

Rua Moncorvo Filho, 48 -- Rio de Janeiro
Telefones 23-0607 — 23-0755

chefe da Gestapo, que se encontrava preso. Já foi tarde... — O povo, indignado com os atrasos da Cantareira, quebra a barca "Gragoatá" no meio da baía. — Sérios conflitos são verificados na Síria. — No dia 28 as tropas inglesas abrem fogo contra manifestantes civis nas ruas de Damasco. — 30) Yokohama é pesadamente bombardeada pela aviação americana. A guerra aérea se desenvolve agora sobre o próprio território metropolitano do Japão.

JUNHO

1) Parece que o tal "mundo melhor" ainda não começou: as notícias de hoje informam que os franceses, ingleses e árabes estão empenhados num grosso "toró" lá pelos lados da Síria. Em Damasco as tropas coloniais abriram fogo contra um "meeting" político. — Também no Brasil os ânimos fervem: entraram hoje em greve os estudantes do curso secundário de todos os colégios do Rio. Quem diria? Eles eram tão bonzinhos. Quem diria que são os mesmos que desfilavam pela Avenida no "Dia da Raça"? Agora eles são

grevistas. Sim, senhor; uns bolcheviques! — No dia 7 as coisas continuam mais ou menos na mesma. Na Síria os ingleses insistem em não ceder. No Brasil termina a greve dos estudantes. — No dia 8 corre uma notícia sensacional: Gandhi foi pôsto em liberdade. Ninguém sabia que ele estava preso. Ninguém sabia nem mesmo que ele estava vivo. Mas está. — 9) Hitler morreu, dizem os jornais e agências telegráficas. — Começaram os japoneses a usar os terríveis "Kamikases" contra a esquadra americana. Trata-se de aviões suicidas, que se desprendem de um avião maior e chocam-se contra os navios, explodindo. — No dia 15 Joakin von Ribbentrop é preso por um tenente inglês, quando se encontrava em uma pensão barata de Hamburgo, em companhia de uma bela senhora. Dizem as notícias que o barão foi encontrado em trajes paradisíacos, mas não esclarecem nada a respeito da "toilette" de sua companheira. — Os jornais ressuscitaram Hitler, dizendo que ele chegara à Irlanda disfarçado em mulher. Que gracinha! — Registrou-se hoje em Rouen um caso de

Dr. Jardel Cruz

Consultor Jurídico das Indústrias de Calçados GANDHI

Advogado

Rua Primeiro de Março, 7 — 9.º andar — Sala 901

(Entrada pela Travessa dos Barbeiros, 6)

Expediente: das 9 às 18 horas. Sábados, das 9 às 12 horas

Tel.: 23-2857

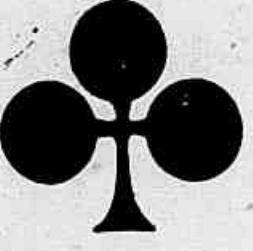
"amok". Um infeliz atacado da doença malaia matou 14 pessoas nas ruas da cidade. Infeliz? Infeliz foi quem ele encontrou pela frente. — 16) Começou a campanha política. O Brigadeiro Eduardo Gomes fala no estádio do Pacaembu, em São Paulo, perante grande multidão. — O povo belga exige a abdicação de Leopoldo III. — 20) Foi assinada a "lei anti-trust"; todos a chamam "Lei Malaia", mas ninguém sabe por que. — Foi condenado à morte o jornalista Marcel Deat, cúmplice de Laval e vergonha da imprensa de todo o mundo. — Suicidou-se no Sudão o macróbio Heir Ala, de 130 anos de idade. Suicidou-se por inanição, após uma semana de jejum voluntário. — 24) O Vasco da Gama conquista o título de campeão do Torneio Municipal. — Após uma semana sem grandes novidades, durante a qual Hitler morreu mais de trinta e cinco vezes, um telegrama avisa que as relações comerciais entre a França e Espanha de

Franco estão suspensas. Está aí uma notícia que já veio tarde. — 27) Realizou-se na escadaria do Teatro Municipal um comício contra a "Lei Malaia". Maurício de Lacerda fez sua "entrée" como orador de praça pública. — 29) Realizou-se a convenção do P. S. D. no Teatro Municipal. O P. S. D. apoia a candidatura Dutra à Presidência da República. — Telegrafemas de Lisboa informam que a seca em Portugal está de amargar. Felizmente a água ali não faz grande falta, pois o vinho abunda.

JULHO

1) Hitler tornou a morrer hoje. — De Londres chega um telegrama com uma declaração de sir Herbert Agrar, dizendo que se a guerra durasse mais seis meses os alemães conseguiriam desintegrar o átomo e destruir o mundo. Esse negócio de áto-

(Continua na pág. 110)



PAPEIS EM GERAL
LIVROS EM BRANCO
MATERIAIS DE
ESCRITORIO
ETC.





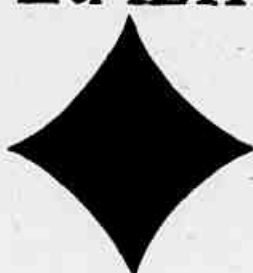
PAPEIS EM CAIXA
E ENVELOPES
BROCHURAS
ALMAÇOS
ETC.

PRODUTOS

COPAG

REPRESENTAM QUALIDADE

BARALHOS



COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRAFICAS

ÉGLE

O CIGARRO
DA ELITE



PRODUTO
SUDAN
S/A

3

CRUZEIROS

TIPO
AMERICANO

De musica

Os grandes empreendimentos do prof. Guilherme Fontainha --- Ciclo de Bach

Na severidade impenitente dessa coisa misteriosa a que chamamos Destino, ora cruel e frio como o punhal de um tirano, ora sereno e justo como um magistrado, ora carinhoso e magnânimo como um pai abnegado, apresenta-se-nos, ainda, com uma feição a que poderíamos chamar irônica quando determina o ciclo de existência de alguns, como todos nós, sujeitos aos seus caprichos ou à sua infinita sabedoria.

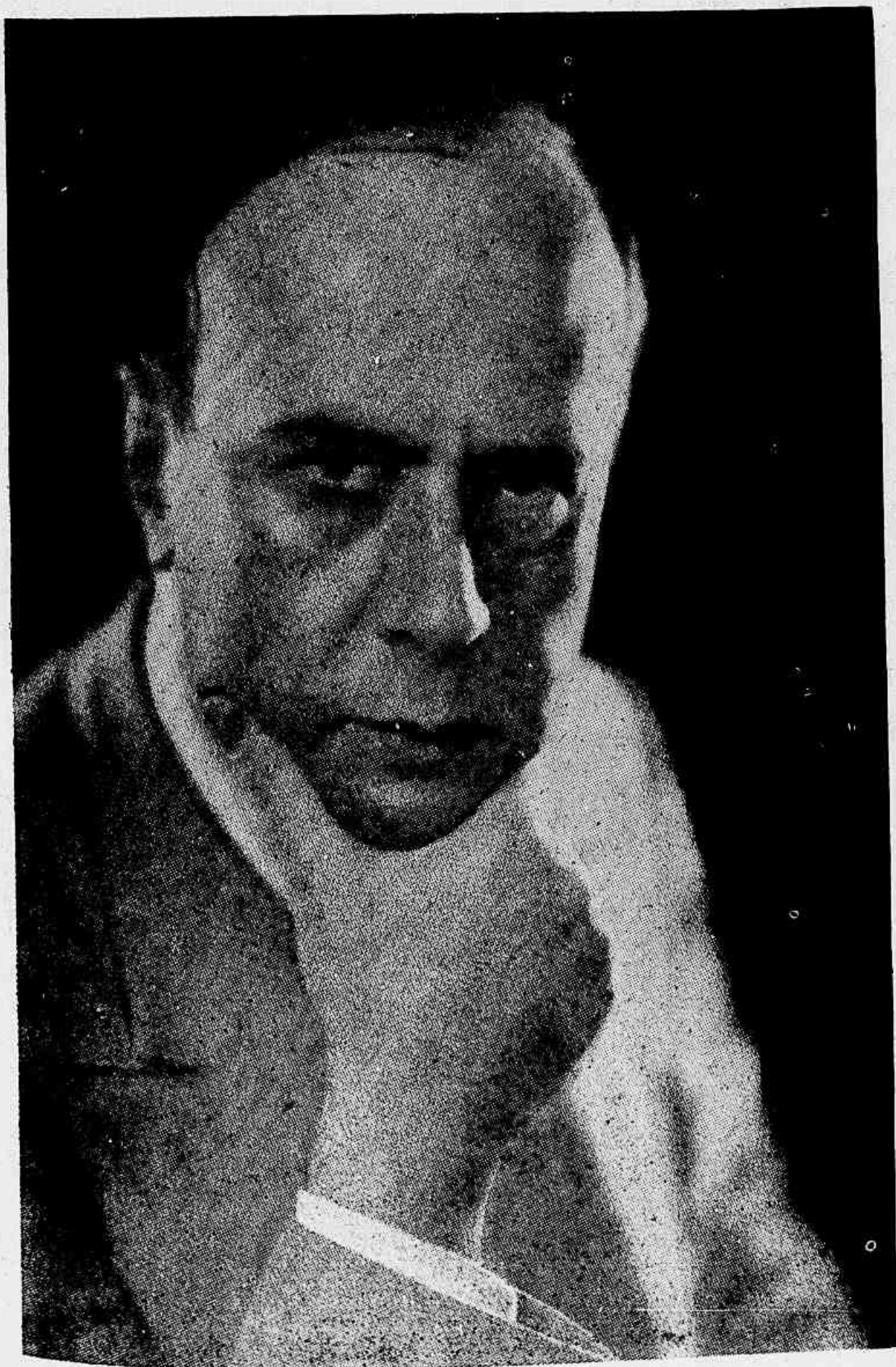
E o Destino providente que, na sua mão possante, brinca com frágil criatura ou com poderosa nação, foi buscar...

Mergulhem-nos, por um instante, no tempo que passou.

Um concerto realiza-se. Em meio o silêncio reinante, quebrado, unicamente, no interior de cada um, pelo borborinho irreprimível das emoções subjetivas, um jovem senta-se ao piano. Seus dedos mergulham nas teclas que não se limitam, apenas, a dar sons, mas parecem viver também, vibrando numa afinidade estreita com as falanges e o coração do executante. E a música ondula pela sala, colhendo, em cada matiz, em cada acorde, um mundo de sensações admirativas. E' o concerto italiano de Bach interpretado por alguém que soube compreender a alma bachiana.

Os aplausos estrugem pela sala, glorificando aquele jovem que acaba de vencer 84 concorrentes.

Meus olhos percorrem a lista dos candidatos, fixando-se no nome



GUILHERME FONTAINHA

daquele a quem a gigantesca figura de Bach deu a glória. E leio: Guilherme Fontainha.

Passam-se os anos. Estamos agora em 1945, êsse 1945 turbulento que tantas ocasiões tem oferecido à expansão da alma brasileira, tão imaginativa. E o Destino foi buscar aquele jovem que nesses anos abandonara a carreira brilhante de "virtuoso" pela construtiva e dignificadora missão de professor, para glorificar o nome de J. S. Bach. E' o que estamos vendo. G. Fontainha, levando, por intermédio de suas alunas, a todos os corações, a mensagem da música bachiana, mas não do Bach escolástico, martelado nos conservatórios, mas sim do Bach todo sutileza, todo sonoridade, todo alma. Para o mundo é um grande empreendedor, um homem de energia inquebrantável, que sabe fazer triunfar aquilo que idealiza; mas para nós, suas discípulas, é muito mais, é o mestre. Do quadro sublime que essa palavra revela, nossos lábios fizeram apenas a moldura; o colorido terno, espiritual, o esplendor e suavidade de suas meias tintas foram expressados pelo coração.

Maria da Glória



Orgulho de mulher *Bonita!*



UMA cutis fresca e delicada é, para a mulher bonita, motivo de orgulho. Nem a maquiagem mais perfeita consegue ocultar os cravos e espinhas. Procure conservar a sua beleza. Use Rugol e verá desaparecer as manchas e as impurezas. Rugol, penetrando profundamente na epiderme, rejuvenesce os tecidos e impede a formação de rugas e pés de galinha. Contrae os poros, elimina as sardas e manchas e dá à cutis uma alvura e um avelludado admiráveis.

● Diariamente, ao deitar-se, faça uma massagem branda com Rugol, durante 3 ou 4 minutos. Removidas as impurezas e a pintura, retire o excesso de creme com um pano seco e macio. Pela manhã lave o rosto com água morna e a seguir com água fria. Passe uma leve camada de Rugol e applique, depois, o pó de arroz.

Creme **RUGOL**

Productos dos Laboratorios ALVIM & FREITAS — São Paulo

Aconteceu em 1945

(Continuação da pág. 108)

mo e desintegração nuclear até tem gosto de palavras cabalísticas. — 3) A Grécia declara guerra ao Japão. — Três aviadores americanos, descendo nas florestas da Nova Guiné, descobriram ali uma tribo desconhecida, cuja rainha possuía um harém de quinze homens. Que bruta capacidade! — Foi encontrado o corpo de Goebels nos escombros da Chancelaria do Reich. — Os russos abandonaram a Polônia. — 5) Foi reconhecido pelos Estados Unidos e Inglaterra o governo polonês. Desaparece assim o governo do exílio. 10) — Chega à Argentina, entregando-se às autoridades, o submarino nazista U-530. Dizem que Hitler viajou nesse submersível. Que diabo! Será que o homem voltou do túmulo? — O bispo de Maura foi excomungado hoje. — 11) Chega ao Rio o general Mascarenhas de Moraes. — 15) Realizado no Pacaembu um grande comício, durante o qual Luiz Carlos Prestes fala ao povo. — Chegam a Potsdam Truman e Churchill, para a conferência dos "Três Grandes", que agora são dois.

— 16) Registra-se hoje o primeiro ataque naval a Tóquio. — Chega ao Rio o 1.º Grupo de Aviação de Caça, que lutou na Itália. — Chega também ao Rio o general Clark. — 18) Chegam os soldados do Primeiro Escalão da FEB. Nunca nas ruas do Rio se reuniu tamanha multidão. O povo sauda num delírio os seus gloriosos irmãos. — 23) Começou hoje o julgamento de Pétain. — 27) O Japão recusa um ultimatum dos Estados Unidos. — Clement Atlee sucede a Churchill no cargo de primeiro ministro inglês e assume o seu lugar na conferência de Potsdam. Os "Três Grandes" agora são um. — 28) Um avião chocou-se contra o Empire Building, incendiando dois andares. — 31) Foi preso hoje Pierre Laval, o judas.

AGOSTO

1) Laval chega a Paris. As autoridades não noticiam a sua chegada, com medo das manifestações populares. Como se sabe, ele é muito querido na França. — Grassa no Rio uma epidemia de gripe benigna. — 2) Morre Mascagni, autor de "Cavaleria Rusticana". — 3) Hitler torna a morrer. — 4)



PAPELARIA BRASIL

J. L. COSTA & CIA. LTDA.

FÔNIOS
43-8545 • 43-1769

ENDEREÇO TELEG.
"P A P E S I L"

Artigos para Escritório, Desenho e Engenharia, Livros para Contabilidade, Papel para Impressão Assentado, Apergaminhado e Couché. Papel para Embrulho, para Capas e de Fantasia para Encadernação, Cartolina branca e de cores, Tipografia, Encadernação, Pautação e Riscção.

(OFICINAS PRÓPRIAS)

Depósito e Secção de Expedição:

RUA BUENOS AIRES, 189/191

Rio de Janeiro

Fônio 43-6966

Nasce em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, um leitão com cara de mico e um olho só no meio da testa. Com certeza a porca mãe se assustara com a aparição de um "caopora" durante o período pre-natal. — 6) Recrudesce o surto de gripe no Rio. — Mas ninguém pode pensar na gripe. Aconteceu hoje uma coisa que divide em dois períodos a História: arreventou sobre Hiroshima, no Japão, a primeira bomba atômica. O Homem atingiu o interior do núcleo atômico, conseguiu desequilibrar a energia dos neutrons. De hoje em diante a relativida-

de vai ser a bíblia, e o gênesis se reduzirá à fórmula da relação entre a energia e a massa. — Os jornais adiantam que Hiroshima foi totalmente destruída pela bomba atômica. — A bomba atômica ocupa todos os noticiários, até o dia 10, quando aparece nos jornais a declaração de guerra da Rússia ao Japão. Com estas duas bombas Hirohito deve estar bem triste. — O general Gaspar Dutra desincompatibiliza-se do cargo de ministro da Guerra. A pasta é entregue ao general Góis Monteiro. — Cai sobre Nagasaki a segunda bomba atômica. — Como resultado disto, o Japão se rende incondicionalmente no dia 14. — Na mesma data Pétain é condenado à morte, mas De Gaulle comuta a pena para prisão perpétua. — 20) Realiza-se no Rio um comício "queremista". — 22) Chega ao Rio, a bordo do navio "Mariposa", o Segundo Escalão da FEB. — 23) Passa pelo Rio o navio espanhol "Cabo de Buena Esperanza", conduzindo vários falangistas, entre os quais Jacinto Benavente, que está calvo e acabado.

SETEMBRO

Até o dia 3 nada de mais. Mas nesta data Hirohito, diante do cemitério imperial, comunica aos seus ancestrais a rendição; com cara de menino mostra aos pais as mãos sujas. Que vergonha, Hirohito, que vergonha! — 4) — Foi condecorado com a Legião de Honra, pela França, o dr. Alexandre Fleming. Talvez muitos não lhe conheçam o nome. Mas todos conhecem a sua descoberta: a penicilina. — 8) Os jornais anunciam que Lana Turner vai se casar com Turhan Bey. — 10) Notícias mais agradáveis adiantam que Quisling foi condenado à morte. — Tojo tentou suicidar-se. Ainda não morreu, mas restam esperanças de que ele "bata as botas" antes do fim da semana. — 13) Foi inaugurada no Ministério da Educação a Exposição de Arte Francesa. Há coisas admiráveis. Picassos, Pizarros e trabalhos de tapeçaria dos maiores mestres de França. Valeu a pena a viagem dos quadros e tapeçarias até ao Brasil. — 14) Foi lançada a candidatura Mario Rolim Telles à Presidência da República,

GRANDE FABRICA DE BRINQUEDOS DE MADEIRA

CASA PINHEIRO



O MAIOR EMPORIO e o mais bem sortido da AMERICA DO SUL

BRINQUEDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS NAS SUAS ORIGINAIS E ÚLTIMAS NOVIDADES

Venda por atacado

A. J. GONÇALVES D'OLIVEIRA & C. IA



113, RUA DA ALFANDEGA, 115 — FONES: 23-2451 E 43-9072 — RIO DE JANEIRO.

BANCO BRASILEIRO DE CREDITOSA.

CAPITAL CR\$ 10.000.000,00

49 ALFANDEGA 49

DEPOSITOS
DESCONTOS
COBRANÇAS
CAUÇÕES

CAIXA POSTAL 1615 — End. Tel. "BANCREDITO"
FONE 23-0064 — RIO DE JANEIRO

PARA QUE SUA EPIDERME MANTENHA
TODO O ENCANTO DOS 20 ANOS...

CRISTAIS PARA O ANHO E TALCO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE

pelo Partido Agrário Nacional. — Einstein, falando à imprensa, adverte o mundo sobre os perigos da bomba atômica. — O Brasil reconhece o governo da Polônia. — 16) Chegam ao Rio, em perfeito estado, os submarinos U-530 e U-977, aprisionados na Argentina. No mesmo dia chega em péssimo estado, de volta de Paquetá, a barca "Quintá", adernando no Cais Pharoux. — 17) Chega o Terceiro Escalão da FEB, vivamente aclamado pela população do Rio. — 18) Em Buenos Aires realiza-se uma marcha democrática. Esperam-se graves acontecimentos políticos no Prata. — 20) Explodiu uma bomba atômica na Academia Brasileira de Letras: foi eleito para a vaga de Alcides Maya o escritor Vianna Moog. — Morreu o general Tasso Fragoso, uma das maiores figuras do Exército. — 22) A população do Rio não pode comprar nada esta tarde. Hoje é sábado e começou a "semana inglesa" para o comércio da Capital. — 25) Fracassou o movimento anti-peronista na Argentina. Foram presos os generais Rawson e Cavallo Martín. — 26) Decretado o estado de sítio para toda a Argentina. — 27) Continua grave a situação em Buenos Aires. "Crítica" foi fechada pela polícia. — E termina o mês. A guerra acabou de terminar com o aniquilamento do Japão. Os bombardeios cessaram. Vamos pensar na campanha eleitoral?

OUTUBRO

2) Foi demitido pelo general Eisenhower o general Patton. — Enquanto isto, em Colorado está sendo exibida uma galinha sem cabeça, que vive como qualquer outro animal. — Toma posse do cargo de escrivão criminal a primeira mulher que exerce essa função no Brasil: é a sra. Isabel Mendonça Manes, que trabalha no fôro do Rio. — 3) Outro comício "queremista" no largo da Carioca. — Começou o julgamento de Pierre Laval. — Peregrino Junior foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. — Aproveitando esta confusão, a Light aumenta as passagens dos bondes. E o tostão, coitadinho? — 6) Cinco escolas da Universidade de Buenos Aires foram ocupadas pela polícia. — Laval foi expulso do tribunal, por haver desacatado os magistrados. — Foram ocupadas pela polícia argentina outras universidades do litoral e a de Córdoba. — 8) E' tensa a situação na Palestina. — Em Rosário, Argentina, verificam-se sé-

rios distúrbios. Parece que foi adiada a inauguração do tal "mundo melhor". — 9) Laval foi condenado à morte. — Pessoa autorizada declara, em entrevista à imprensa, que há um "deficit" de 30 mil casas em São Paulo! O caso do Rio não é ventilado na entrevista. — 12) Novas notícias da Argentina: Peron foi prêso, o gabinete Farrel

demitiu-se. — Os indonésios estão em guerra com os holandeses. — 15) Laval foi fuzilado. Boa nova. — Em compensação Peron voltou ao poder. — 18) Foi deposto o presidente Medina, da Venezuela. — 23) Na China também começou de novo o "toró": comunistas e centralistas se pegaram. — 24) Quisling foi executado. — Acabaram-se os bondes expressos. — 25) Chega ao Rio o "Lionel Marnier", o maior hidro-avião do mundo, glória e honra da indústria aeronáutica francesa. — Fleming ganha o "Prêmio Nobel da Medicina". — 27) — Foi concedido pelo Supremo Tribunal Eleitoral o registro do Partido Comunista do Brasil. A campanha eleitoral continua a desenvolver-se num ambiente de calma. — Incendiou-se o navio

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

brasileiro "Torneloid", próximo ao Rio de Janeiro. — Um vagão de dinamite explode em Itabirito, nas proximidades de Belo Horizonte, ocasionando várias mortes e muitos feridos. — 30) chegam ao Rio 52 espôsas de nossos "pracinhas", que se casaram na Itália. Prisioneiras de guerra de Cupido. Material apreendido ao inimigo. Os jornais estampam fotografias dos bravos soldados abraçando suas espôsas européias. — 29 e 30) Na noite de 29 para 30 sucede-

CONTINUA NA PÁG. 115

PARA O SPORT



ETERNA

O RELÓGIO DE PRECISÃO PROTEGIDA

TUDO O QUE
SE PÓDE DESEJAR
DE UM RELÓGIO:

CORDA AUTOMÁTICA.

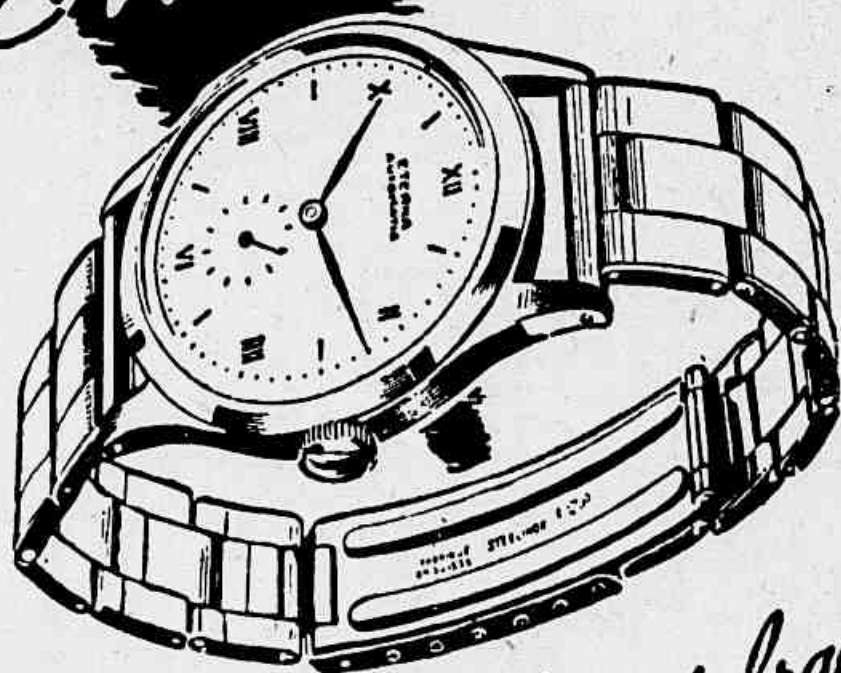
CAIXA IMPERMEÁVEL

ANTIMAGNÉTICO

AMORTECEDOR DE CHOQUE

MÁXIMA PRECISÃO.

ETERNA
automatico



a corda é dada pelos movimentos naturais do braço

REVENDEDORES

RIO - Casa Masson e Meister & Cia.

SÃO PAULO - Casa Oinegue - PORTO ALEGRE - Casa Masson
e nas melhores joalherias das principais cidades do Brasil

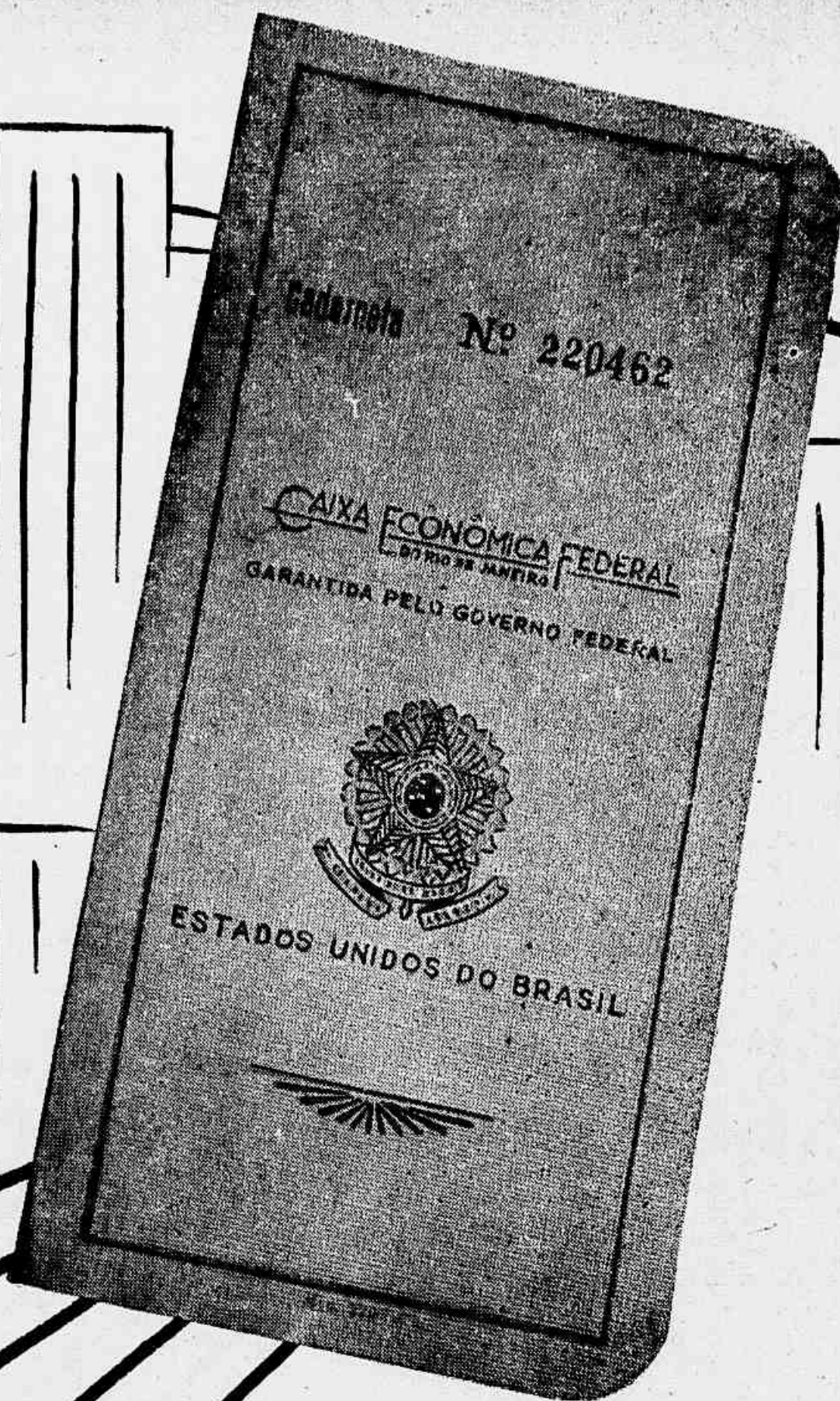
Seus planos para

Somente um caminho o levará à realização dos seus planos para o AMANHÃ. Guardando pouco hoje, a seguir um pouco mais, guardando sempre que possa, V. estará levantando o edifício da sua independência, criando para si e para os seus tranquilidade de espírito e confiança no porvir.

A Caixa Econômica vai ao seu encontro. Em cada bairro há uma agência, para a sua comodidade.



o futuro...



NESTE NATAL, abra para si uma Caderneta de Economia. Presenteie, com outra, sua esposa. E aproveite o ensejo para propiciar ao seu filho o início de uma pecúnia, incutindo-lhe no ânimo o hábito salutar da poupança. Abra, também para ele, uma Caderneta, como presente de Papai Noel. E' o melhor que lhe poderá dar!

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

A CASA MESQUITA deseja aos seus amigos e clientes
Bôas Festas e um Feliz Ano Novo

Casa Mesquita

Especialista em

FUNDAS
ELASTICAS

FUNDAS DE
MOLAS

MEIAS
ELASTICAS

MEMBROS
ARTIFICIAIS

CINTAS
ABDOMINAIS

CADEIRAS COM
RODAS PNEU-
MATICAS PARA
DOENTES.

USO DOMICILIAR
E URBANO.



18 - RUA VISCONDE DO RIO BRANCO

TEL. 42-2970



Assistência técnica do ilustre cirurgião ortopedista
doutor **Vivaldo Lima Filho**, chefe do Serviço de
Ortopedia e Traumatologia do Hospital da Cruz Ver-
melha Brasileira; membro do Colégio Brasileiro de
Cirurgiões; ortopedista do Hospital de Pronto Socorro,
da Assistência Municipal.

Aconteceu em 1945

(Continuação da pág. 111)

ram no Rio de Janeiro acontecimentos decisivos para a vida da nacionalidade: o sr. Getúlio Vargas, nomeando para a Chefatura de Polícia do Distrito Federal o seu irmão Benjamin Vargas, fez com que as forças armadas do país fôsem levadas à revolta. O chefe do Executivo foi deposto, e o sr. José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, ocupou o governo. O novo governo afirma que garantirá eleições lisas e honestas a 2 de dezembro próximo.

NOVEMBRO

Entrou o mês de novembro com grandes acontecimentos. O Brasil inteiro vive ainda das notícias dos últimos dias de outubro. O novo regime provisório instalado no país vai se enraizando por todo o território, sem sangue e sem violência. Todos os interventores foram substi-

tuidos. Nomeado para o governo de Minas o sr. Ovidio de Abreu, o povo realizou vários "meetings" de protesto, o que levou o Presidente José Linhares a revogar a decisão anterior, colocando no Palácio da Liberdade o desembargador Nizio Batista, Presidente da Corte de Apelação daquele Estado. — Apesar dos acontecimentos políticos, o "caso da mala" é o prato do dia dos sensacionalistas. Antonio Soares Bento, autor do esquartejamento de Irene Romero Cid de Freitas, continua preso e o processo corre. Esse crime enche a primeira quinzena de novembro. — O resto do mês é cheio pela vitória do Vasco no Campeonato Carioca de Futebol, coisa que não acontecia há muito tempo. A vitória foi coroada por um milhão de foguetes e por um "Préstito da Vitória", que percorreu a avenida Rio Branco. As figuras simbólicas do desenhista Molas apareceram em carne e osso. E nin-

guém viu o préstito. Todos viram porém "Miss Campeonato", representada por uma loura muito boa, vestida com um "maillot" sintético, reduzido à expressão mais simples. — No fim do mês Gabriela Mistral ganhou o "Prêmio Nobel de Literatura e desceu de Petrópolis, embarcando para a Suécia afim de entrar na posse do dinheiro. — Encerrou-se brilhantemente o mês com o desfile da Marinha de Guerra do Brasil. Desfilaram os navios e os marujos que participaram da Batalha do Atlântico.

ÚLTIMA HORA

Agora dezembro: no dia primeiro ninguém fez nada, a não ser esperar. No dia 2 todos fizeram muitas coisas. Eram quatro candidatos e eram sete milhões de eleitores. E todos foram votar nos seus candidatos, cheios de esperanças no futuro do Brasil. Votaram em Eduardo

Gomes, votaram em Dutra, votaram em Fiuza, houve mesmo quem votasse em Rolim Teles. Todos votaram com alma, no fundo do gabinete indevassável, certos de que estavam salvando o Brasil. Todos meteram o seu bedelho no governo, todos tentaram pôr no Catete o seu candidato. Depois veio a apuração: surpresa para uns, decepção para outros, alegria para terceiros. Se o candidato de alguns não foi eleito, a culpa não foi deles. Os votos ficaram na urna, atestando a sua vontade. E aí vem o novo Presidente. Vem com Câmara e Senado, levado ao Catete pelo voto popular. Ninguém pode reclamar.

E assim termina o ano da graça de 1945, mais um ano que passa. A noite de São Silvestre está aí, e o dia 1 de janeiro abrirá uma nova folhinha de esperanças fagueiras. Esperemos por ele, por esse 1946 tão esperado, o ano depois da Vitória, o ano do "mundo melhor".

UM BELO PRESENTE

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

A' venda antes do Natal

Nestes dias tumultuosos

(Continuação da pág. 17)

nosso encontro e velhos amigos aparecem. Entre eles está o sargento Itagiba de Queiroz, da 3.^a Companhia do Regimento Sampaio, com quem nos encontramos à porta do H. C. E., numa visita que fizemos aos feridos da F. E. B. O rapaz estava ferido na axila direita e ainda não se encontrava restabelecido.

Foi ele que nos contou a história sinistra do dia 29 de novembro, quando as forças brasileiras investiram contra Monte Castelo. A sua Companhia não teve tempo para recuar, e ficou presa na encosta de uma colina, em campo aberto de macega rala, batida pelo fogo da infantaria inimiga. Só à noite, graças ao heroísmo do capitão, conseguiram os soldados abrir passagem através do severo fogo de barragem da artilharia tedesca. O sargento Itagiba terminou a sua explanação com uma frase que até hoje se prende em nossa memória: "No dia 29 de novembro a coisa foi feia em Monte Castelo para a 3.^a do Sampaio".

OS ENFERMOS

Também nos lembramos ainda das cenas dolorosas a que assistimos no Hospital de São Sebastião, onde estão asilados nada menos de quatrocentos tuberculosos.

Foi ali que tivemos ocasião de conhecer a luta titânica dos médicos contra a tuberculose assassina, que cada dia avança com mais celeridade contra a população do Rio.



**A FOGO PARA
TODOS OS FINS
FUNDIÇÃO
INDIGÊNA**

Tel - 43-0387

Realizava-se então a "Semana Anti-Tuberculosa", e o dr. Alair Guterres da Silveira nos mostrou o sanatório, e nos explicou como se combate a tuberculose no Rio e como se deveria combatê-la. Foi ele que nos forneceu dados estatísticos alarmantes, foi ele que nos esclareceu sobre o perigo do contágio. Falou do perigo das habitações coletivas, onde um doente pode espalhar a morte entre toda uma centena de homens. Aquêl soldado denodado do exército da saúde, nos encheu de coragem e de entusiasmo, mostrando-nos o aparelhamento moderno e perfeito do Hospital. Mas, em frente mesmo ao sanatório, um cortiço infecto e em ruínas, habitado promiscuamente por uma multidão heterogênea, fez com que o nosso sorriso desaparecesse. E voltamos abalados para a redação.

RUAS DA CIDADE

Muito temos visto e escrito durante este ano de trabalho e peregrinação. Em nossa faina errante de reporters, enveredamos por muitas ruas, subimos por muitas ladeiras. Eram lisas e alegres as avenidas ajardinadas onde fomos procurar os intelectuais da elite. Eram tristes e escuras as ladeiras do morro onde encontramos muito material para o nosso trabalho.

Foi assim que apresentamos aos nossos leitores os aspectos desconhecidos do Rio, ruas típicas e exóticas que, vistas assim em fotografia, não poderiam faser supor vias públicas da Cidade Maravilhosa.

Foi ainda na rua que encontramos o farto e desolador material para a nossa última reportagem em torno da infância abandonada do Rio, meninos sem mãe e sem lar, que vivem atirados à rua, como os gatos boêmios dos bairros pobres.

Este é o fim do ano. Mais um ano de trabalho intenso. Um ano que passa sobre o calendário tumultuoso de nosso século. Dêle o que ficou foram as folhas esparsas que estão indo para a cesta. E por baixo poeira, poeira, poeira...

Agora, como um eco, a voz do secretário da redação:

— Caramba, meu velho! Ao menos para comemorar o Natal, é preciso limpar essa mesa.

Ja vai tarde

(Continuação da pág. 9)

quando a velhice nos bate à porta do coração cansado ou nos sacode os músculos com a primeira crise de artrismo. A gente envelhece sem reparar. Um dia, vê, envelheceu. E fica insistindo, insistindo na mocidade. Disfarçando o recalque. Mas definitivamente velho.

Aos quinze anos, um velho é um homem de trinta. Aos trinta, vê-se o velho no quarentão. E por aí adiante. O otogenário vê no ancião que festejou um século o velho de verdade. E dorme na ilusão dos vinte anos que leva, sobre ele, de vantagem. E' a lei das compensações.

— Mundo bem dividido!

Tenho um amigo que se compenetrava da velhice aos vinte e oito. Foi a um baile, tirou uma garota de quatorze para dançar e ela rejeitou com delicadeza. Daí a instantes a ouviu dizer, baixinho, para a companheira:

— Não vê que eu ia dançar com um velho? Ele tem o dôbro da minha idade... O dôbro!

O dôbro para ela era a velhice. E nunca mais o meu amigo tirou garotas de quatorze

SOFRE DO FÍGADO?

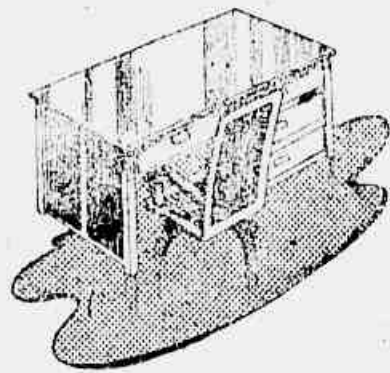
TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

**GRUPOS ESTOFADOS
MÓVEIS PARA REPARTIÇÕES**

★
**MÓVEIS PARA ESCRITÓRIOS
APRECIÁVEL ESTOQUE**



AFFONSO COSTA & Cia.

87 - Rua Senhor dos Passos - 87

★ TELEFONE 43-1209 ★

anos para dançar. Passou a escolher pequenas... além dos trinta. Milagrosamente, viu-se remojado. Talvez o segredo da felicidade no amor esteja nessa habilidade. Um homem de trinta é uma criança para a mulher de quarenta. (Com vistas aos cavalheiros quarentões que insistem em fazer o don Juan.)

★

Tenho um programa de rádio que resiste há doze anos. Aparentemente, doze anos é de ontem. Para quem o faz é. No entanto fui apresentado agora a uma distinta senhora, mãe de dois filhos, que me recebeu com o seu mais amável sorriso:

— Oh, que prazer! Sabe que eu o escuto desde menininha, assim?

Estremeci. Desde menina! Casada e mãe de duas robustas crianças!

Claro que não lhe perguntei a idade, mas tive a impressão exata de estar falando, pelo rádio, não há doze mas há cinquenta anos. Só não acertei que espécie de cálculos faz a distinta senhora, que no ano de 1933 era menininha assim e hoje está a caminho de ser sogra.

Mistérios insondáveis!

Mas também quantas coisas enormes aconteceram neste curto espaço de tempo de doze anos, minha senhora! Quantas!

★

Eis por que considero clamorosamente injusta a frase da gíria em relação a 1945. Já vai tarde... — por que? Só porque vamos nós todos envelhecer mais? Caminhar para diante — e para baixo?

Sim, a humanidade envelhece agora com uma vertiginosidade assustadora. Não sei se sempre foi assim. A bomba atômica deve ter a culpa dessa decrepitude antecipada. A bomba atômica e a falta de carne, pão e leite. Há rapazes de vinte risonhas primaveras arrastando o esqueleto. O homem é o eterno insatisfeito. Queria a guerra acabada e está trabalhando outra. Reclamava eleições e não vejo muita gente satisfeita. Espera 1946 com uma certeza ingênua de dias melhores... Coitado!

E no entanto as filas continuam. Nada baixou de preço no "após-guerra" que vai a caminho de um ano. A vida continuará no mesmo diapasão. De fato, se "esta sopa não acabar", acabo eu aderindo como todos. Pelo menos aderindo à frase fatal:

— Meu ilustre e caríssimo 1945, tenha paciência, dê o fora. Parece que você já vai mesmo tarde, muito tarde... Dê lugar ao outro, que talvez seja ainda pior, e nós então teremos saudades de você, meu negro!

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe **FERRO ARSYLOSE**, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só **FERRO ARSYLOSE**.

Pedidos a **ARAUJO FREITAS & CIA.** — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A
RIO DE JANEIRO

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

BRONZISOL

ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO

NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

A blusa é sempre graciosa. Esta que nos oferece Jeanne Crain, da Warner, vale pelo requinte do talhe; as rendas na gola e nas mangas, o laço simples no peito. O decote, discreto e bem contornado, empresta um maior efeito ao modelo.

BLUSA

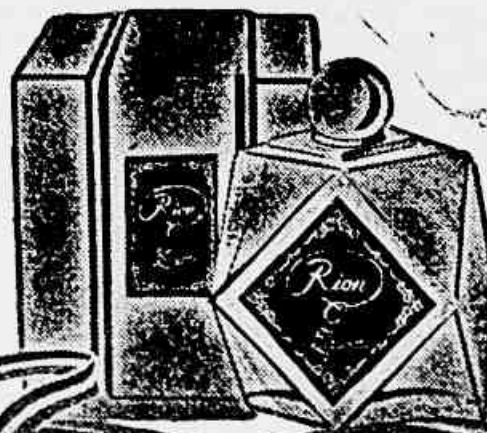


UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Ricco



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBU**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA CÔR NATURAL ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO



Uma silhueta mais ou menos vitoriana, porém moderna como o "amanhã" e muito próprio para uma "soirée", a que está oferecendo Martha Holliday, da RKO, neste modelo. Agora que se ultimam os preparativos para o seu "réveillon", bem poderá você, leitora amiga, utilizar o figurino da jovial "estrela" de Hollywood.

PARA O BAILE



LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

UMA DOSE DE ALEGRIA



Não passe pela vida sem viver! Use as "Pílulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puríssimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagradáveis, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.
Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID
O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

ORÇINA DE 1.ª ORDEM
AVANÇE RECHTAS ME-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joaalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



TUDO ISTO

foi feito pelo público!

DURANTE mais de dezoito anos os cidadãos do Hemisfério Ocidental vêm contribuindo significativamente à vasta expansão da Pan American World Airways. Ao crescimento do comércio inter-americano, ao desenvolvimento dos seus mercados mundiais e ao desejo geral de viajar e adquirir cultura devemos, em grande parte, os nossos êxitos. A isso se soma a formidável tarefa realizada em conjunto pelas nações americanas, partilhando dos recursos de que dispunham, para alcançar a vitória final.

Durante os anos de guerra, tão difíceis para os serviços de transporte, o público nos ajudou, compreendendo que de nosso pessoal e aparelhamento se exigiam sacrifícios cada vez maiores e que de mês a mês o espaço disponível se tornava mais limitado. Suas necessidades e desejos de hoje – suas esperanças e aspirações para amanhã – continuam a ser os fatores principais dos "Planos de Paz" da Pan American... que incluem equipamento, rotas e tarifas destinadas a fazer com que na verdade "o mundo todo seja seu vizinho".

10 045-PAB-5

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

UM NUMERO PARA CADA PALADAR

